UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

MÔNICA ROLIM ZARATTINI

O Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco
e a legitimação da fotografia contemporânea

SÃO PAULO

2019

MÔNICA ROLIM ZARATTINI

**O Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco
e a legitimação da fotografia contemporânea**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Interunidades em Estética e História da Arte da
Universidade de São Paulo para obtenção de título de
Doutora.**

Área de concentração: Teoria e Crítica de Arte

Orientadora: Profa. Dra. Katia Canton Monteiro

São Paulo

2019

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Biblioteca Lourival Gomes Machado
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Zarattini, Mônica Rolim.

O Festival Internacional de Fotografia - Paraty em Foco e a legitimação da fotografia contemporânea / Mônica Rolim Zarattini ; orientadora Katia Canton Monteiro. -- São Paulo, 2019.

417 f. : il.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte) -- Universidade de São Paulo, 2019.

1. Fotografia Artística – Século 21. 2. História da Fotografia. 3. Semiologia da Imagem. 4. Festival Internacional de Fotografia Paraty Em Foco. I. Canton, Katia. II. Título.

CDD 770.9

Capa: Fotografia de Rinko Kawauchi

Nome: ZARATTINI, Mônica Rolim.

Título: Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco e a legitimação da fotografia contemporânea.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades
em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de Doutora.

Aprovada em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este estudo à minha mãe, Alceste Rolim de Moura, ao meu pai, Ricardo Zarattini, *in memoriam*, às minhas filhas Luna e Isabella, e ao meu querido marido, Zito Brandão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Katia Canton Monteiro, que acompanhou o percurso desta pesquisa e aos professores que compõem a banca de defesa – Profa. Dra. Dária Jaremtcuk, Profa. Dra. Carmem Aranha, Prof. Dr. Ronaldo Entler, Profa. Dra. Denise Camargo – e, em especial, ao Prof. Dr. Ricardo Fabbri, que elaborou apontamentos para esta investigação desde a banca de qualificação.

Agradecimentos não podem faltar aos 30 entrevistados nesta pesquisa pois, sem eles, eu não poderia ter levantado parte da história do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Agradeço terem cedido parte preciosa de seu tempo.

Um agradecimento especial aos diretores do Festival, Iatã Cannabrava, Giancarlo Mecarelli e Luiz Marinho que, gentilmente, abriram os acervos do festival com documentos, cartas, catálogos, fotografias e planilhas. Agradeço aos fotógrafos que cederam suas imagens de cobertura dos festivais e, de antemão, peço perdão se alguma fotografia não estiver devidamente creditada, embora todos os esforços tenham sido praticados.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa de estudos por dois anos.

Aos meus parentes e amigos, pela paciência, compreensão, apoio e carinho.

“O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha. Inelutável porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha.”

DIDI-HUBERMAN, 1998.

RESUMO

ZARATTINI, M. R. – **O Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco e a legitimação da fotografia contemporânea**. 2019. 417f. Tese (Doutorado em Estética e História da Arte) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A presente pesquisa tem como objetivo estudar a história do “Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco” e sua relação com o processo de legitimação da fotografia contemporânea. O festival existe há 15 anos e este trabalho escolheu como *corpus* suas primeiras onze edições, do ano de 2005 a 2015. Para tanto, realizou-se o levantamento dos conceitos e das reflexões teóricas elaborados por pensadores como Jamenson, Fabbrini, Huyssen, Dubois, Fernandes, Rouillè, Flusser, Baudrillard, Fried, Bügner, Fontcuberta, Poivert, Rancière, Cauquellin, Entler e Canton, entre outros, que formaram a base para a diagnóstico da fotografia atual, a qual embrenhou-se no campo das artes de tal forma que reconfigurou seu estatuto. Um breve panorama da passagem do modernismo ao pós-modernismo no mundo e o destaque sobre os movimentos em torno da fotografia nas últimas quatro décadas do século XX no Brasil, permitiram inserir o Festival Paraty em Foco no contexto histórico. Por intermédio de entrevistas com os protagonistas dos festivais (diretores, curadores, entrevistadores, professores etc.) e do exame de fontes como catálogos dos festivais e reportagens de jornais, revistas e mídias eletrônicas foi possível resgatar parte da memória dos primeiros onze anos do evento. A fim de comprovar a hipótese de que o festival participou do processo de legitimação da fotografia contemporânea, a pesquisa traz uma seleção de 24 fotografias de artistas convidados para as onze edições. Ao analisar esse conjunto de imagens agrupando os percursos criativos e a poética que cada artista adotou, verificou-se que as onze edições do festival se destacaram no sistema de artes ao agenciar a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia brasileira. As apostas curatoriais do festival foram ao encontro das práticas e narrativas pós-modernas com a predominância da “fotografia expandida”, da “imagem pensativa” e da chamada “imagem-enigma”, conceitos trabalhados nesta tese. O período estudado foi composto de três fases e o modelo empregado pelo festival cumpriu um papel, mas começou a dar sinais de esgotamento na 11ª edição.

Palavras-chave: Paraty em Foco. Fotografia contemporânea. Fotografia expandida. Imagem pensativa. Imagem-enigma.

ABSTRACT

ZARATTINI, M. R. – **The International Festival of Photography – Paraty em Foco and the legitimization of contemporary photography.** 2019. 417f. Dissertation (Doctorate in Aesthetics and Art History) – Post graduation Program in Aesthetics and Art History, São Paulo University (USP-SP), São Paulo, 2019.

This research aims to study the history of the "International Festival of Photography – Paraty em Foco" and its relation with the process of legitimization of contemporary photography. The Festival has existed for 15 years and this work has chosen as *corpus* its first eleven editions, from 2005 to 2015. To this end, a survey was conducted to evaluate the concepts and theoretical reflections developed by thinkers such as Jamenson, Fabbrini, Huyssen, Dubois, Fernandes, Rouillè, Flusser, Baudrillard, Fried, Bügner, Fontcuberta, Poivert, Rancière, Cauquellin, Entler and Canton, among others, that formed the basis for the diagnosis of today's photography, which immersed itself in the field of Arts in such a way that has reconfigured its status. A brief overview of the transition from Modernism to Postmodernism in the world and the emphasis on movements around the photography in the last four decades of the 20th century in Brazil have allowed to insert the Paraty em Foco Festival in the historical context. Through interviews with the protagonists of the Festivals (directors, curators, interviewers, teachers etc.) and the examination of sources such as catalogs, articles from newspapers, magazines and electronic media it was possible to recover part of the memory of the first eleven years of the event. In order to prove the hypothesis that the Festival participated in the process of legitimization of contemporary photography, the research brings a selection of 24 photographs of artists that were invited to the eleven editions. When examining this set of images by grouping creative and poetic journeys that each artist has adopted, it was found that the eleven editions of the Festival have excelled in the art system when managing the notion of what is contemporary in the field of Brazilian photography. The festival's curatorial bets have met the postmodern practices and narratives with the predominance of the "expanded photography", "pensive image" and the so-called "puzzle-picture", concepts discussed in this thesis. The survey has indicated some poetic journeys undertaken in the set of selected images. It was found that the studied period was composed of three phases and that the model adopted by the Festival has fulfilled a role; however, it began to show signs of exhaustion in the 11th Edition.

Key words: Paraty em Foco. Contemporary photography. Expanded photography. Pensive image. Puzzle-picture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Revista Time Magazine, abril de 2011. Festival Paraty em Foco como um dos dez principais do mundo. Fonte: Acervo PEF.....	31
Figura 2: NYTimes, 6 abr. 2012, indica os 45 melhores lugares no mundo para se conhecer e cita Paraty e o Festival Paraty em Foco como atração. Fonte: Acervo PEF.	32
Figura 3: Serigrafias de Andy Warhol com imagens de Marilyn Monroe. Fonte: El País	47
Figura 4: Obra tridimensional do artista Robert Rauschenberg. Fonte: site do MoMa.....	48
Figura 5: Autorretrato, 1991, de Chuck Close. Óleo sobre tela. Fonte: MoMA.	50
Figura 6: “A Fonte” foi o título dado ao urinol assinado e datado por Duchamp como “R.Mutt, 1917” e imortalizado pela fotografia feita por Alfred Stieglitz em seu estúdio. Fonte: MoMa.	51
Figura 7: Com “Your body is a battleground”, Barbara Kruger coloca na ordem do dia a legalização do aborto. Fonte: Fabbrini, 2002.....	53
Figura 8: “One and three chairs”, 1965, de Joseph Kossuth. Fonte: MoMa.	55
Figura 9: Dennis Oppenheim ao sol, “Reading Position for Second Degree Burn, 1970. Fonte: Site do artista.	55
Figura 10: “Memphis”, 1971, fotografia do livro William Eggleston, 1976. Fonte: COTTON (2013, p.11).	56
Figura 11: “Tipologia de casas”, 1959-1974, de Bernd & Hilla Becher. Fonte: MoMa.	58
Figura 12: Ao fundo, à direita, Bathroom (Beaus Rivage), de 1997, de Thomas Demand, em exposição no MoMa, maio 2015. Fonte: MoMa.....	59
Figura 13: Fotografia The Storyteller (O contador de histórias), de Jeff Wall, feita em Vancouver, 1986. Silver dye bleach transparency in light box, Image: 229 x 437 cm. Fonte: The Met.	61
Figura 14: À esquerda, uma referência ao quadro “Pequeno baco doente”, do pintor barroco Caravaggio, datado entre 1593 e 1594, à direita, Cindy cria um transexual, inquietação na discussão do “feminino”. Fonte: The Broad.	62
Figura 15: À esquerda, “Nan um mês após o espancamento”, em 1984, quando levou uma surra de seu namorado e à direita, “Gilles e Gostcho se abraçando em Paris”, em 1992, casal homossexual que enfrentou o drama da AIDS. Fonte: SOUZA (2012, p.11).	63
Figura 16: “Untitled Cowboy”, 1989, chromogenic print, 127 x 177.8cm, fotografia de Richard Prince. Fonte: The Met.....	63
Figura 17: “Identidade Ignorada”, fotografia p&b, 18cm x 24cm, de 1973. Coleção do artista Carlos Zilio. Fonte: site do artista.....	67
Figura 18: Fotografias da série “Para um jovem de brilhante futuro”, p&b, 18 x 24cm, 1974. Coleção do artista Carlos Zilio. Fonte: site do artista.....	68
Figura 19: “Para um jovem de Brilhante Futuro”, 1973, maleta executiva, prego e papel 36 x 36,7 x 40,5 cm, pertencente à Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM RJ. Foto de Sérgio Guerini. Fonte: MAM-RJ.	68
Figura 20: Da coleção da artista Anna Maria Maiolino, fotografias da série Fotopoemação, 1974. Fonte: site da artista.	69
Figura 21: “Corpobra”, 1970, fotografia, palha, madeira e acrílico, 200 x 48 x 48,5cm pertencente à Coleção Gilberto Chateaubriand MAM RJ. Fotos de Romulo Fialdini e Valentino Fialdini. Fonte: MAM-RJ.	70
Figura 22: Foto de George Love com uma “mulher em uma lupa. Simboliza o intuito de mostrar a mulher brasileira da maneira como ela era. Edição n. 10, jan. 1967. Fonte: site RiscaFaca.....	71
Figura 23: Reportagem com fotos de um parto feita por Claudia Andujar. Edição n. 10, jan. 1967. Fonte: site RiscaFaca.	71

Figura 24: Foto de Claudia Andujar, série Casa, sem título, 1974, exposta em Inhotim, nov. 2015. Fonte: Inhotim.	72
Figura 25: Fotografias de Luiz Humberto. Fonte: Olhavê.	73
Figura 26: Foto de Evandro Teixeira da Passeata dos Cem Mil. Fotografia censurada e não publicada. Manifestação contra a ditadura, organizada pelo movimento estudantil, 26 jun. 1968, Rio de Janeiro. Contou com a participação de artistas, intelectuais e de outros setores da sociedade brasileira. Fonte: Acervo PEF.	74
Figura 27: Capa do Jornal do Brasil, 22 jun. 1968. Fotografia de Evandro Teixeira das manifestações estudantis na chamada “sexta sangrenta”. Fonte: Arquivo Jornal do Brasil. ..	74
Figura 28: I Semana Nacional de Fotografia, Rio de Janeiro-RJ, 1982. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	80
Figura 29: III Semana Nacional de Fotografia. Fortaleza-CE, 1984. Oficina de publicidade, com Chico Albuquerque. Foto de Décio Daniel. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	80
Figura 30: III Semana Nacional de Fotografia. Fortaleza-CE, 1984. Ricardo Malta, Antonio Augusto Fontes, Walter Firmo e Luís Humberto. Foto de Décio Daniel. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	80
Figura 31: IV Semana Nacional de Fotografia. Belém-PA, 1985. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	81
Figura 32: IV Semana Nacional de Fotografia. Belém-PA, 1985. Elza Lima e João Urban presentes. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	81
Figura 33: VI Semana Nacional de Fotografia. Ouro Preto-MG, 1987. À frente, Walter Firmo. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	81
Figura 34: VIII Semana Nacional de Fotografia. Campinas-SP, 1989. Lançamento de livros, com Rosary Esteves, Joaquim Paiva, e Boris Kossoy. Fonte: Acervo Angela Magalhães.	82
Figura 35: Nas duas fotografias do centro: uma das curadoras, Rosely Nakagawa, agachada e vista geral da exposição “Fotografia Brasileira Contemporânea anos 50 a 90”. Fonte: Acervo NAFOTO.	85
Figura 36: Exposição “En nombre del padre”, de Graciela Iturbide. 54 fotografias na Galeria Fotóptica, Pinheiros, São Paulo, 3 a 30 maio 1993. Fonte: Acervo NAFOTO.	86
Figura 37: Uma das fotografias de Keiichi Tahara do ensaio que realizou em Paris pelas janelas. Fonte: Acervo NAFOTO.	86
Figura 38: Fotografias da Retrospectiva Josef Koudelka. Masp, 15 maio a 3 junho 1995. Fonte: Acervo NAFOTO.	87
Figura 39: Señora Montes, de Martín Chambi. Casa Montes, Cuzco, 1924, pertencente ao MoMa. Fonte: MoMa.	88
Figura 40: Fotografias de Luis González Palma. Fonte: Acervo NAFOTO.	89
Figura 41: Fotografia de Flor Garduño, exposição “Testigos del Tiempo”. Memorial da América Latina, 20 maio a 6 jun. 1999. Fonte: site da artista.	90
Figura 42: Uma das dezoito fotografias expostas na exposição “Fotofagia”. Série Arturos. Espaço Imagem e Forma, São Paulo, 3 maio a 1 junho 2001. Fonte: Acervo NAFOTO.	91
Figura 43: “Fotocolagens/Imagens do Brasil”, 23 colagens, um políptico e duas gravuras exibidos no Instituto Moreira Salles. Fonte: Acervo NAFOTO.	92
Figura 44: Pierre Devin e Jean Marquis na primeira fotografia e German Lorca, Walter Firmo e Thomaz Farkas, encontros em 2001. Fonte: Acervo NAFOTO.	92
Figura 45: “Mujer com bandera”. Tina Modotti, 1928. Fonte: site MoMa.	93
Figura 46: Fotografia da exposição “Prata Sobre Pele Sobre Prata”, Gal Oppido. Fonte: Galeria Lume.	94
Figura 47: “Banhista em Outeiro”, Luiz Braga. Exposição Labirinto e Identidades. Fonte: site do artista.	95
Figura 48: Fotografias de Elliott expostas na Leica Gallery, São Paulo. Fonte: Magnum. ...	95

Figura 49: Fotografia de Bernard Plossu, Polônia, 1989. Fonte: Acervo NAFOTO.....	96
Figura 50: “Mãe migrante”, Califórnia-EUA, 1936. Fonte: site do MoMA.	97
Figura 51: Fotografias de Carlos Moreira, Exposição Conjunto Cultural da Caixa Paulista, 2007. Fonte: Acervo NAFOTO.	97
Figura 52: Retrato de Fernanda Montenegro, de Marcio Scavone. Fonte: Acervo do Artista.	102
Figura 53: Fotografia da fábrica de pneus Goodyear, 1989, de Cristiano Mascaro, comprada por Pio Figueiroa. Fonte: Acervo do Artista.....	103
Figura 54: Fotografia “Black and White”, 1990, de Klaus Mitteldorf. Fonte: Acervo do artista.	103
Figura 55: Fotografia de Cia de Foto, “Rua 25 de Março”, de 2008, integra a Coleção Pirelli-Masp (112x170 cm). Fonte: Coleção Pirelli-Masp.....	104
Figura 56: Escultor de areia na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 1940, de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo IMS.....	104
Figura 57: Fotografia de Thelma Vilas Boas. Fonte: Acervo da artista.	105
Figura 58: Leilão de Fotografias, Mecarelli segura a fotografia. Ao fundo, de boné, Pisco del Gaiso. Fonte: Acervo PEF.	105
Figura 59: Vista geral do leilão com o público de 80 pessoas, aproximadamente. Fonte: Acervo PEF.	106
Figura 60: Palestra de Cristiano Mascaro sobre ética na fotografia. Fonte: Acervo PEF. ...	107
Figura 61: O fotógrafo cubano, Jorge Luiz Álvarez Pupo, ao microfone, com Iatã Cannabrava no palco. Fotografia de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.....	110
Figura 62: Fotografia do catálogo da exposição “Invoke Ogoun”, de Jorge Luis Álvares Pupo. Fonte: Pinacoteca do Estado de São Paulo.	110
Figura 63: Bilhete de Thomaz Farkas para Iatã. Fonte: Acervo PEF.....	111
Figura 64: Foto de Lucia Chiriboga da série “Do fundo da memória, venho”, 1983, prata sobre gelatina, 40 x 50 cm. Fonte: Chiriboga, 2004.....	113
Figura 65: Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti entrevistaram Lucia Chiriboga, fotografia de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.....	114
Figura 66: Vista geral do público que assistia aos encontros e entrevistas, fotografias de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.....	114
Figura 67: Marcelo Brodsky interferiu em cima de uma fotografia antiga da turma de formatura de seu irmão, em que muitos já não estavam mais vivos. Fonte: Blog Entretempos, jornal Folha de S. Paulo.....	116
Figura 68: Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti entrevistaram Otto Stupakoff. Fotografia de Tomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.....	117
Figura 69: Fotografia de Otto Stupakoff, coleção Instituto Moreira Sales. Fonte: IMS	117
Figura 70: Entrevista com a dupla Cristiano Mascaro e Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.	118
Figura 71: Da esquerda para a direita, convidados na primeira fila da plateia na Casa da Cultura: Cristiano Mascaro, Thomaz Farkas, Dom João de Orleans e Bragança e Otto Stupakoff. Fonte: Acervo PEF.....	119
Figura 72: Fotografia da série Caldeirão do Diabo, de André Cypriano, um dos ensaios apresentados. Fonte: site Galeria Zoom.....	120
Figura 73: Exposição Caldeirão do Diabo, de André Cypriano. Fonte: Acervo PEF.	120
Figura 74: Relatório de atividades da segunda edição produzido pelos organizadores do festival. Fonte: Acervo PEF.....	121
Figura 75: Capa do Catálogo do 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm. Fonte: Reprodução: Mônica Zarattini.....	124

Figura 76: Fotografia de Thomas Hoepker, da Agência Magnum, do ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro, feita a partir do Distrito de Brooklin. Ver depoimento do fotógrafo. Fonte: Magnum.	127
Figura 77: Imagem de Christopher Anderson sobre a viagem para o Haiti. Fonte: Magnum.	128
Figura 78: Fotografia de Leo Divendal “Vézelay ou a arquitetura do inverno”, 2005-2007 Fonte: nrc.nl.....	129
Figura 79: fotografia de Cassio Vasconcellos, série Noturnos São Paulo, de 1998-2002. Fonte: VASCONCELLOS, 2002, p.85.	129
Figura 80: O navio de Cássio, “Kakrow II”, de 1989. Fonte: site do artista.	130
Figura 81: O Navio de Leo, “O Mar de Mármara N. 9”, 2000. Fonte: site do artista.	131
Figura 82:: Walter Carvalho falando durante entrevista. Foto: Carol Vergotti. Fonte: Acervo PEF.....	132
Figura 83: Walter Carvalho, Walter Firmo e Arlindo Machado durante entrevista. Fonte: Acervo PEF.....	132
Figura 84: Iatã Cannabrava no Leilão de Fotografia no momento em que a fotografia de Eustáquio Neves ia para o arremate. Fonte: Acervo PEF.	134
Figura 85: <i>Workshops</i> “Descondicionamento do Olhar”, por Claudio Feijó. Fonte: Acervo Claudio Feijó.....	136
Figura 86: <i>Workshops</i> “Descondicionamento do Olhar”, por Claudio Feijó. Fonte: Acervo Claudio Feijó.....	137
Figura 87: Fotografia do grupo Cidade Invertida em aula no 3ºPEF. Fonte: Acervo Cidade Invertida.	138
Figura 88: Fotografia do grupo Cidade Invertida em aulas no 3ºPEF. Fonte: Acervo Cidade Invertida.	138
Figura 89: Foto de Eustáquio fez parte de sua exposição na Galeria Zoom, de 26 out. a 16 dez. 2007. Fonte: Catálogo 3º PEF.	140
Figura 90: Capa do Catálogo do 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm. Fonte: Reprodução: Mônica Zarattini.	142
Figura 91: Convidados internacionais do 4º PEF: Bruce Gilden, Jay Colton, Machiel Botman e Ralph Gibson, à direita. Fonte: fotografia de Felipe Camarneiro.	145
Figura 92: Fotografia de Bruce Gilden da série “NYC”. Fonte: site do artista.	146
Figura 93: Fotografia do livro “rainchild”, de Machiel Botman, ver livro completo. Fonte: site do artista.	147
Figura 94: Imagem da Coleção Expedição Coração do Brasil de Orlando Azevedo: Fonte: site do artista.	148
Figura 95: Imagem do catálogo com texto curto sobre o trabalho de Luiz Braga. Fonte: Acervo PEF.	149
Figura 96: Uma das imagens que estiveram na mostra “Tutto Cito”, de Francesco Cito na Galeria Zoom. Fonte: site da Galeria Zoom.....	151
Figura 97: Imagens dos catálogos de programação do 4º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco O maior em tamanho: 10 x 21 cm. Fonte: Reprodução: Mônica Zarattin	153
Figura 98: Fotografias de Loretta Lux “O baterista”, de 2004; “Hidden Rooms I, de 2001; “Portait of Antonia”, de 2007. Fonte: site da artista.	160
Figura 99: “The Waiting Girl”, fotografia de Loretta Lux, 2006. Fonte: site da artista.	160
Figura 100: Fotografias do livre de Sanguinetti “On the six day” Fonte: site Magnum.....	162
Figura 101: Fotografias do livre de Sanguinetti “The Adventures of Guille and Belinda and The Enigmatic Meaning of Their Dreams” Fonte: site Magnum.....	163
Figura 102: Fotografia montada por Alexandre Sequeira com fotos feitas pelos adolescentes Tayna e Jefferson. Fonte: site do artista.	164

Figura 103: Fotografias de Rodrigo Braga da sua série “Fantasia da Compensação”, de 2004. Fonte: site do artista.	164
Figura 104: Fotografias do livro Antropologia da Face Gloriosa, de Arthur Omar. Fonte: OMAR, 1997.	166
Figura 105: O artista visual Arthur Omar durante palestra no 5º PEF. Fonte: foto Julia Morais/ Acervo Isabel Amado.	166
Figura 106: Fotografias do Leilão do 5º PEF. Thomaz Farkas na plateia, em seguida sua fotografia sendo leiloadada e arrematada por R\$ 7.300,00. Por fim, a fotografia do pernambucano Gustavo Bettini, arrematada por R\$ 1.000,00. Fonte: Fotos Julia Moraes/Acervo Isabel Amado.	170
Figura 107: Capa do Catálogo da Rede e relação dos membros e coordenadores. Fonte: Acervo PEF.	172
Figura 108: Reprodução de uma das páginas do relatório de atividades do 5º PEF. Fonte: Acervo PEF.	173
Figura 109: Catálogo do 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini.	176
Figura 110: Instalação de George Rousse vista de dois pontos. Fonte: Fotos Galeria Experiência.	178
Figura 111: Fotografias de João Castilho que fazem parte do livro Paisagem Submersa. Fonte: site do artista.	180
Figura 112: Uma das fotografias de Francilins do ensaio “Vi Elas”, trabalho realizado na área de prostituição no centro de Belo Horizonte/MG, com o qual ganhou o Prêmio Conrado Wessel de Fotografia. Fonte: Acervo PEF.	181
Figura 113: Fotografias de Alejandro Chaskielberg no Japão e no Quênia. Fonte: site do artista.	182
Figura 114: Imagem da série “Nocturama”, de Alejandro Chaskielberg. Fonte: site do artista.	183
Figura 115: À esquerda, cena da Bárbara Wagner, na favela de Brasília Teimosa em Recife/PE; à direita, baile funk nos subúrbios do Rio de Janeiro/RJ, roupas coladas nas fotografias das Meninas, de Mari Stokcler. Fonte: livro das artistas.	183
Figura 116: Fotografias da série “Apreensões”, de Bob Wolfenson. Fonte: site do artista.	185
Figura 117: Exposição Apreensões ficou em 2011 na Galeria Milan e no Centro Maria Antonia. Fonte: site do artista.	185
Figura 118: O cineasta Silvio Tendler pelas ruas de Paraty e a Tenda da Matriz onde ocorreu a projeção do seu filme “Caçadores da Alma”. Fonte: Acervo PEF.	187
Figura 119: Projeto expográfico da Exposição “Esquecidos”, de Cris Bierrenbach. Fonte: Acervo Isabel Amado.	187
Figura 120: Projeto expográfico da Exposição “Esquecidos”, de Cris Bierrenbach. Fonte: Acervo Isabel Amado.	188
Figura 121: Persona, máscaras por Marlene Bergamo. Fonte: Acervo PEF.	189
Figura 122: Imagem da lona 15METERSexibition. Fonte: Acervo PEF.	190
Figura 123: Catálogo do 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini.	193
Figura 124: Uma das fotografias da série “The Illuminate” de Evan Baden feita entre 2006 e 2007. Fonte: site do artista.	195
Figura 125: Uma das fotografias mostradas por Evan da sua série “Technically Intimate”. Fonte: site do artista.	195
Figura 126: Fotografia do livro “The hyena & other man”, de 2007. Fonte: The Guardian.	197
Figura 127: Fotografias da série Nollywood de Pieter Hugo. Fonte: MAKHUBU, 2013. ..	198

Figura 128: Fotografias do Coletivo Versus Photo. Fonte: Revista Ojos Rojos, nº 21.	200
Figura 129: Imagem do projeto “Suns from Sunsets from Flickr”, 2006. Fonte: site da artista.	201
Figura 130: À esquerda imagem do vídeo de Claudia Jaguaribe; à direita fotografia de Caio Reisewitz. Fonte: site Claudia Jaguaribe e GONZALEZ, 2008.....	203
Figura 131: Imagem do vídeo da artista Roberta Carvalho na Amazônia. Fonte: CARVALHO, 2012.	204
Figura 132: Fotografia “Morandi/Jarras e Garrafas”, de German Lorca. Fonte: Catálogo Leilão PEF.....	205
Figura 133: Catálogo do 7º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini.	208
Figura 134: Os cubos iluminados tomaram conta do centro histórico, iluminados a noite e apagados de dia. Da esquerda para a direita, cubos com fotografias de Cristiano Mascaro, Luciano Candisani, Marcos López e Renan Cepeda. Fonte: Fotos Pangeia de Dois e Carol Moraes/ Acervo PEF.	210
Figura 135: Imagens de Marcos López expostas na parede lateral da Tenda da Matriz. Fonte: Foto Carol de Moraes/ Acervo PEF.	211
Figura 136: Coletivos Nitro + Alicate afixaram fotografias de moradores de Paraty nos barcos. Fonte: Carol Moraes/Acervo PEF.....	211
Figura 137: Dois containers ficaram na praça, um abrigando a exposição de Ana Lucia Mariz e o outro o projeto “Uma Casa Portuguesa com Certeza”. Fonte: reprodução Catálogo 8º PEF (2012, p.47 e 49).	213
Figura 138: Fotografia de Marcos López, “Il piccolo vapore”, 2007, série Sub Realismo Criollo. Fonte: site do artista.	214
Figura 139: Fotografias de Marcos López da série Pop Latino. Acima, “La Terrazza” e abaixo “Suíte Bolivariana”, 2009. Buenos Aires. Fonte: site do artista.....	216
Figura 140: <i>Workshop</i> ministrado por Marcos López. Fonte: Fotos Carol Moraes/Acervo PEF.....	217
Figura 141: Fotografia do portfólio de Martin Parr na Agência Magnum. Fonte: Magnum.	218
Figura 142: Triângulos com imagens de Martin Parr na Praia do Pontal, de dia e à noite. Fonte: site do artista e foto de Pangeia de Dois/Acervo PEF.....	219
Figura 143: Fotografia da série Babel Tales, de Peter Funch. Fonte: Acervo PEF.	220
Figura 144: Visitantes do festival posam para fotos em frente a fotografia “Memory lane”, de Peter Funch, afixadas nas paredes da Casa da Cultura. Fonte: Catálogo 8º PEF (2012, p.43).	221
Figura 145: Imagens da exposição das obras do leilão. Fonte: Acervo Bel Amado.....	224
Figura 146: Catálogo do 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini.	227
Figura 147: Triângulos na Praia do Pontal com retratos de Jorge Fuembena. Fonte: Acervo PEF.....	229
Figura 148: Vistas do grande cubo por fora e por dentro. Fonte: Acervo PEF.	230
Figura 149: Imagens do livro “The Afronauts”, de Cristina de Middel. Fonte: site do projeto da artista.	231
Figura 150: Exposição The Afronauts, de Cristina de Middel, no Largo de Santa Rita. Fonte: Acervo PEF.	232
Figura 151: Retratos de lutadoras em suas residências, por Lourdes Grobet. Fonte: site da artista.	233
Figura 152: Algumas das fotografias contidas no livro de Stephen Ferry (2012). Fonte: site do artista.	235

Figura 153: Livraria Madalena na Casa Paraty em Foco. Fonte: Foto de Talíta Virgínia/Acervo PEF.	237
Figura 154: Performance “Abaixo a curadoria”, organizada por Claudio Feijó na Praça da Matriz. Fonte: Acervo Claudio Feijó.	238
Figura 155: Catálogo do 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini	241
Figura 156: Exposição de fotografias selecionadas pela convocatória. Fonte: Sara De Santis/Acervo PEF.....	242
Figura 157: Visitantes da exposição de Rinko na Praça da Matriz. Fonte: Sara De Santis/Acervo PEF.....	243
Figura 158: Fotografias da série Illuminance, de Rinko Kawauchi. Fonte: site da artista.	244
Figura 159: Fotografia de Javier Hinojosa da exposição “Guardianes del México Antiguo”. Fonte: site do artista.	245
Figura 160: O curador Agnaldo Farias entrevista Sofia Borges. Fonte: Sara De Santis/Acervo PEF.....	246
Figura 161: Fotografia de Sofia Borges, O Absoluto, 2016, fotografia, 150 x 230 cm. Fonte: site da artista.	247
Figura 162: Fotografia de Rogério Reis do livro “Ninguém é de ninguém”. Fonte: REIS, 2015.	248
Figura 163: As referências do artista Rogério Reis; à esquerda, obra do húngaro László Moholy-Nagy e à direita, do norte-americano John Baldessari. Fonte: Moholy-Nagy Foundation e MoMa.	248
Figura 164: Exposição “Ninguém é de Ninguém” com os triângulos iluminados com as fotografias de Rogério Reis no Largo de Santa Rita. Fonte: Sara De Santis/Acervo PEF.	249
Figura 165: Imagem da série Natureza das Coisas de 2013, de Pedro Motta. Fonte: site Galeria Silvia Cintra.	250
Figura 166: Imagens de Rodrigo Braga: Comunhão I, de 2006, Desejo eremita III, de 2009 e Ilha-lago de 2009. Fonte: site do artista.....	251
Figura 167: Imagem de um frame do vídeo na estação Sindorim, em Seul. Fonte: Reprodução Mônica Zarattini.....	252
Figura 168: Fotografia de Sofia Borges na entrada da Tenda da Matriz. Fonte: Sara De Santis/ Acervo PEF.....	253
Figura 169: : Capa do Catálogo do 10º PEF, tamanho 30 x 40 cm. Fonte: Acervo PEF.	258
Figura 170: Fotografias de Antoine D’Agata. Fonte: D’AGATA, 2013, p.436-437.	260
Figura 171: Fotografias de Antoine D’Agata. Fonte: D’AGATA, 2013, p.170 e 493.	261
Figura 172: Fila dos visitantes antes da entrada para palestras do 11º PEF, na Tenda da Matriz. Fonte: Foto Talita Virgínia/ Acervo PEF.....	262
Figura 173: Páginas do livro “Ramadan in Yemen”, editado por Max Pam, em 2011. Fonte: site do artista.....	263
Figura 174: Páginas do livro “Autobiographies”, editado em 2016 por Max Pam. Fonte: site do artista.	264
Figura 175: Claudia Jaguaribe entrevistou Max Pam na Tenda da Matriz. Fonte: Foto Talita Virgínia/Acervo PEF.	265
Figura 176: Mata Rosas durante a palestra no 11º PEF quando mostrou um selfie de uma mulher com uma metralhadora dourada. Fonte: ZUM, 2015.....	266
Figura 177: Imagem de Arno em um lago que mais parece uma rocha. Fonte: site do artista.	267
Figura 178: Arno também intervém com seu corpo em espaços urbanos e na natureza. Fonte: site do artista.....	268

Figura 179: Imagens de Arno Minkkinen não pertencem à esfera do real. Fonte: site do artista.	268
Figura 180: À esquerda fotografia de Alberto Ferreira; à direita, de Marcel Giró. Fonte: Catálogo Leilão 2015.	269
Figura 181: Estação de Trabalho Paraty em Foco, local onde se produzia o resultado dos trabalhos das oficinas. Fonte: Fotos Talita Virgínia/ Acervo PEF.....	270
Figura 182: A estrutura metálica ganhou o nome de Labirinto e lá foram expostas as fotografias selecionadas pela Convocatória. Fonte: Sara De Santis/Acervo PEF.....	271
Figura 183: Da série Saturno, de Edu Monteiro. Fonte: site do artista.....	272
Figura 184: Imagem do artigo de Paula Sachetta sobre a exposição de Mecarelli. Fonte: Reprodução Catálogo 11º PEF, 2015, p.57.....	273
Figura 185; Catálogo do 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, 30 x 40 cm. Fonte: Reprodução de Mônica Zarattini.....	278

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	29
2. METODOLOGIA ADOTADA	37
3. DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO – A IMAGEM PENSATIVA	43
3.1 A saída para a fotografia contemporânea.....	46
3.2 A passagem do modernismo para o pós-modernismo	51
3.3 Artistas que usaram a fotografia para suas narrativas.....	55
3.4 A cor ganha força na fotografia contemporânea.....	56
3.5 Novas práticas – Três focos de influência	56
3.6 Tendências para as poéticas contemporâneas	64
4. BREVE PANORAMA DA FOTOGRAFIA BRASILEIRA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX	65
4.1 Ditadura Militar, décadas de 1960 e 1970	66
4.2 Década de 1980.....	76
4.3 Década de 1990.....	82
5. AS ONZE PRIMEIRAS EDIÇÕES DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA – PARATY EM FOCO	99
5.1 - 1º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (10 a 13 de novembro de 2005)....	100
5.2 - 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (20 a 24 de setembro de 2006)	108
5.3 - 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (24 a 28 de outubro de 2007)	124
5.4 - 4º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco - (10 a 14 de setembro de 2008)...142	
5.5 - 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (23 a 27 de setembro de 2009)	154
5.6 - 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (15 a 20 de setembro de 2010)	176
5.7 - 7º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (21 a 25 de setembro de 2011)	193
5.8 - 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (26 a 30 setembro de 2012).....	208
5.9 - 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (18 a 22 de setembro de 2013)	227
5.10 - 10º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (24 a 28 de setembro de 2014) .	241
5.11 - 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (23 a 27 de setembro de 2015) .	258
5.12 - As fases do festival e a configuração de um modelo.....	278
6. IMAGENS SELECIONADAS	281
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	295
REFERÊNCIAS.....	313
TABELAS.....	329
Tabela I – Atividades do Festival	329
Tabela II – Artistas convidados	331

Tabela III – Artistas convidados para o Mês Internacional da Fotografia.....	337
ANEXOS	345
Anexo I - Biografia dos 30 entrevistados para esta pesquisa.....	345
Anexo II – Levantamento dos 17 anos de atividades de fotografia da FUNARTE.....	363

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa estudar a história do “Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco” e suas relações com a fotografia contemporânea. A primeira edição do festival aconteceu em 2005 e hoje caminha para sua 15ª edição. Para esta investigação, foi escolhido como objeto de estudo um *corpus* com as onze primeiras edições do festival, de 2005 a 2015. Por intermédio de um “estudo de caso” clarifica-se na atualidade um formato de encontro que desperta interesse em torno da fotografia e que serviu e tem servido de inspiração para muitos outros eventos Brasil afora. O que caracteriza um festival de fotografia? Não há uma definição consensual, uma vez que, na atualidade, no Brasil, existem festivais espalhados por todas as regiões e que assumem formatos parecidos com o deste objeto de estudo e outros que desenvolvem modelos diferenciados. No caso do Paraty em Foco, constata-se que em um período de 5 dias, em uma cidade histórica, localizada no eixo Rio – São Paulo, palestras, entrevistas, debates, *workshops*, exposições, projeções, leituras de portfólio, lançamento de livros, convocatórias para novos talentos e leilões de fotografia dividem intensamente a programação. Não se pode dizer que o Paraty em Foco tenha sido o primeiro festival do milênio a se realizar no Brasil pois, antes dele, houve outros (que não levaram no nome a palavra “festival”) como, por exemplo, o “FotoRio”, evento bienal desde 2003 ou o “A Gosto da Fotografia”, organizado em Salvador/BA, o qual se manteve por seis edições, sendo a primeira em 2004 ou ainda o “Colóquio de Fotografia e Imagem de Belém”, realizado desde 2002, ou também o “Canela Foto *Workshops*”, que realizou dez edições desde 2002, no Rio Grande do Sul. Ao voltar algumas décadas no tempo, detecta-se o interesse de grupos em torno da fotografia, encontros com moldes diferentes daqueles que se realizaram, como as Semanas Nacionais de Fotografia, na década de 1980, e o Mês Internacional da Fotografia, na década de 1990. Ou também outras configurações mais antigas como os movimentos fotoclubistas da década de 1950 que, por meio de reuniões, discussões, saídas a campo e exposições promoveram o melhor e mais rico da fotografia modernista brasileira.

O objetivo principal da pesquisa é investigar como um festival de fotografia agencia a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia no início do século XXI. O que é considerada a boa fotografia? Quem são hoje os fotógrafos e artistas que trabalham com fotografia e quais são os que mais se destacam? É possível estabelecer movimentos dentro da pluralidade contemporânea? Atualmente, qual é o estatuto da imagem em meio a tantas telas que nos cercam por todos os lados? Quais as mudanças ocorridas no mundo da arte durante a

transição do moderno ao contemporâneo que possa assinalar o que seria considerada a “fotografia contemporânea” no Brasil e no mundo? Que tipo de imagem faz parte dessa mudança de visão? Ou é “mais do que um procedimento, uma técnica, uma tendência estilística, a fotografia contemporânea é uma postura”, como afirma Entler (2009)?¹

Para abordagem de um tema tão amplo, foi necessário estabelecer um recorte plausível para o estudo. Pensei que um “estudo de caso” pode dar conta da problemática de maneira mais clara, então, escolhi o Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Certifiquei-me de que, desde o início do novo milênio, ele é o maior festival de fotografia que existe no Brasil em termos de público participante e também o que mais repercutiu no exterior, como veremos no decorrer da investigação. Não há dados oficiais sobre o número exato do público participante das onze edições do festival. No catálogo “Relatório de Atividades”, produzido pela organização do Paraty em Foco, em 2013, após a nona edição, há uma informação:

O Paraty em Foco abrigou participantes de diversos países e das mais diferentes regiões do Brasil. Durante os 5 dias de realização do evento, mais de 5 mil pessoas estiveram em Paraty para acompanhar a programação. Somando a este público a população local – que pode acessar as exposições gratuitamente durante o Festival e, em alguns casos, por um período mais extensor – este público chega a mais de 10 mil pessoas. (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 9º PEF, 2013).

Do meu ponto de vista, após ter entrevistado trinta pessoas e abordado esse tema com a maioria delas, o ápice de público visitante e participante foi de, no máximo, cerca 5 mil pessoas. O Relatório de Atividades pode ter exagerado um pouco nos números, uma vez que sua finalidade era de atrair patrocinadores. Cinco mil já é um número muito significativo em termos de encontro sobre fotografia no Brasil no início deste século. Essa reflexão também pode ser feita a partir de um paralelo com um outro evento que ocorre na cidade de Paraty, a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty)², notadamente muito maior que o festival em estudo.

Os veículos de imprensa norte-americanos Times Magazine e New York Times (Figuras 1 e 2) citam o festival, em 2011, entre os dez maiores eventos de fotografia do mundo e, em 2012, como a indicação de uma das 45 melhores atrações turísticas e culturais

¹ Ver texto escrito por Ronaldo Entler para o catálogo da exposição *A invenção de um mundo*. Coleção da Maison Européenne de La Photographie/Paris, realizada em 2009, no Itaú Cultural.

² Ver site da FLIP que realiza sua 17ª edição, de 10 a 14 de julho de 2019. O relatório da 16ª edição, em 2018, aponta que a “FLIP tem público de 26,4 mil pessoas de acordo com FGV”. A edição de 2013, “entre 20 e 25 mil pessoas”. Disponível em: <<http://flip.org.br>>. Acesso em: 3 jan. 2019.

no mundo. Nesses anos, o festival atingiu seu maior público em termos numéricos. Como veremos no decorrer da pesquisa, destacados artistas nacionais e internacionais passaram pelo evento, o que lhe confere a devida importância.

Figura 1: Revista Time Magazine, abril de 2011. Festival Paraty em Foco como um dos dez principais do mundo. **Fonte:** Acervo PEF.

Figura 2: NYTimes, 6 abr. 2012, indica os 45 melhores lugares no mundo para se conhecer e cita Paraty e o Festival Paraty em Foco como atração. Fonte: Acervo PEF.

No início desta pesquisa, em 2015, quando ingressei no PGEHA (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e Histórias da Arte da Universidade de São Paulo), o Festival Paraty em Foco já tinha completado dez anos e estava em sua décima primeira edição. Naquele ano, um dos principais diretores do festival, Iatã Cannabrava, rompeu relações com os organizadores e abandonou o festival pela segunda vez e, ao que parece, definitivamente. Aparentemente, um ciclo curatorial bem demarcado foi interrompido. Nesse sentido, a partir desse marco, foi escolhida para a pesquisa a análise das onze primeiras edições.

A primeira e mais forte indagação consistiu em querer saber o quanto um festival de fotografia poderia ou não participar do processo de legitimação da fotografia brasileira. Segundo Anne Cauquelin em seu livro *Arte Contemporânea: uma introdução*, o processo de legitimação na arte contemporânea não se constitui da mesma maneira como se dava na era moderna, em que os críticos de arte tinham um papel de grande. Basta lembrar, por exemplo, da carreira do artista norte-americano Jackson Pollock, impulsionada pelos comentários positivos do crítico e teórico Clement Greenberg (GREENBERG, 2013, p.9). Para Cauquelin (2005), atualmente, a crítica não é mais a única interlocutora que assegura a relação entre a

obra e o público, como no modernismo, pois há uma rede no mundo da arte contemporânea, na qual muitos agentes se encarregam disso.

Os produtores de que acabamos de falar buscam e difundem suas informações por meio de uma rede onde se encontram misturados a imprensa especializada (assessores de imprensa, agências, jornalistas-críticos de arte, ligados às galerias ou aos museus), os experts e os organizadores de exposição (espécie de cenógrafos para a apresentação das obras) e os viajantes-comerciantes de informações, ou os corretores, que, por sua vez, transportam as obras. Notar-se-á que a crítica, até bem pouco tempo uma figura influente no mecanismo da arte moderna, não é a única a assegurar a articulação entre obra e público, mas se vê seguida – e se dispersa – por uma profusão de profissionais da publicidade e tem dificuldade de manter um status particular. (CAUQUELIN, 2005, p.71).

Nesse sentido, ainda de acordo com o pensamento de Cauquelin (2005), um festival de fotografia está dentro dessa engrenagem mais ampla, dentro do sistema de artes que estivesse composto por museus, centros culturais, feiras de artes, prêmios, mídias especializadas em fotografia, assim como, jornalistas e críticos que escrevem na imprensa diária e semanal. Isso instigou a pesquisa em direção à busca de qual linguagem fotográfica vigorou no período, quais diálogos se estabeleceram entre fotografia e artes plásticas, qual destaque a fotografia teve na cena artística brasileira e internacional, como os processos tradicionais da essência da fotografia caminharam rumo às mais híbridas fusões de linguagens e como artistas visuais se valeram da fotografia. Um estudo de caso possibilita um recorte, e neste procurei uma espécie de “raio-x”, que olha para parcela de artistas que se destacaram no início do século XXI e do novo milênio.

O Capítulo 2 – “Metodologia adotada” explica os métodos escolhidos para a pesquisa do objeto em estudo, a justificativa de tal adoção, a minha hipótese e também os objetivos principais. Na instância metodológica, lancei mão da realização de entrevistas com trinta participantes das onze edições (idealizadores, diretores, curadores, entrevistadores, produtores e professores), além de consultar catálogos e reportagens nas mais diversas mídias. Há uma lacuna na literatura acadêmica sobre o assunto “festival de fotografia”, portanto, não houve possibilidade de consultar referências em livros ou artigos acadêmicos.

O Capítulo 3 – “Do moderno ao contemporâneo – a imagem pensativa” pertence à instância epistemológica, na qual examino os conceitos teóricos elaborados por pensadores que se debruçaram na reflexão sobre as mudanças culturais na passagem da arte moderna para a arte contemporânea. Para averiguar e explorar o estudo do Festival Paraty em Foco, tratando-se dos processos criativos dos artistas, foi preciso reunir uma teoria que pudesse apontar e salientar como tais práticas se diferenciam das da era moderna e quais tangenciam a

fotografia atual. Vimos os anos 1960 fervorem por práticas híbridas, *body art*, uso de xerox, *performances*, *land art*, serigrafias, instalações, *happenings*, tudo misturado à fotografia que já não tinha mais para si os conceitos de originalidade, autenticidade, autoria e singularidade como postulados. Sem o levantamento de uma sólida teoria e a compreensão da mudança histórica ocorrida na passagem do moderno ao pós-moderno, a pesquisa não poderia analisar os artistas e as obras que se destacaram no Festival Paraty em Foco. Os conceitos e as reflexões elaboradas por pensadores como Frederico Jamenson, Roberto Fabbrini, Hans Belting, Andreas Huyssen, Philippe Dubois, Rubens Fernandes, André Rouillè, Vilèm Flusser, Jean Baudrillard, Michael Fried, Peter Büguer, Joan Fontcuberta, Jacques Rancière, Anne Cauquellin, Katia Canton, entre outros, formaram a base para a análise da fotografia atual que se embrenhou no campo das artes de tal forma que reconfigurou seu estatuto, desprendeuse do instante decisivo da fotografia humanista, da fotografia direta atrelada à literalidade e, até mesmo, da fotografia abstrata.

E como todas as mudanças sempre levam algum tempo para chegar ao território brasileiro, principalmente por ter sido palco de uma ditadura militar, regime que restringiu as liberdades, acabou com a democracia e instaurou a censura, julguei necessário desenvolver um breve relato histórico dos principais movimentos anteriores ao surgimento do festival em questão. No Capítulo 4 – “Breve panorama da fotografia brasileira nas últimas décadas do século XX”, tive como objetivo apontar os maiores e mais expressivos movimentos em torno da fotografia brasileira nas últimas décadas desse século, as quais, no meu entender, prepararam o solo por onde germinou o Festival Paraty em Foco, em 2005, no formato e na maneira em que foi concebido. Tudo indica que, nas décadas de 1960 e 1970, alguns artistas brasileiros lançaram mão da fotografia na fatura de suas obras, mas não se pode dizer que eles se organizaram em grupos. O que vimos foram ações isoladas e muitas de resistência. No campo da fotografia mais documental e jornalística, o Brasil contou com a presença de alguns fotógrafos estrangeiros e outros brasileiros que atuaram na Revista Realidade e, com olhares muito apurados, criaram imagens que se opunham à censura da ditadura. Na década de 1980, as Semanas Nacionais de Fotografia, organizadas pela Funarte,³ dominaram o cenário. Foram oito encontros verificados em todo o país e assistiu-se ao surgimento de agências independentes de fotojornalistas, não ligadas aos veículos de comunicação da grande

³ “A Fundação Nacional de Artes – Funarte – é o órgão responsável, no âmbito do Governo Federal, pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes visuais, à música, ao teatro, à dança e ao circo. Os principais objetivos da instituição, vinculada ao Ministério da Cultura, são o incentivo à produção e à capacitação de artistas, o desenvolvimento da pesquisa, a preservação da memória e a formação de público para as artes no Brasil.” Ver histórico e missão da FUNARTE no site do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/a-funarte>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

imprensa. Na década de 1990, os eventos que mais se destacaram e mobilizaram muitos fotógrafos no sentido até de reconhecimento e união, no pós anos de repressão, foram as oito edições do “Mês Internacional de Fotografia”, evento organizado pelo grupo NAFOTO⁴ e as três edições da “Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba”, organizadas pelo fotógrafo Orlando Azevedo.⁵ Ao que parece, três ciclos se cumpriram nas últimas décadas do século XX: os anos 1960/70 foram marcados por movimentos de resistência; a década de 1980, por um mapeamento dos fotógrafos e suas produções, em nível nacional, e na década de 1990, nossa fotografia atinge um patamar internacional com a vinda de importantes fotógrafos para o Brasil, além do reconhecimento da nossa produção no exterior, mediante as atividades do grupo NAFOTO.

O Capítulo 5 – “As onze primeiras edições do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco” é resultado das entrevistas com os protagonistas do festival acrescido das informações e levantamentos obtidos. A busca foi pela reconstrução de parcela do histórico e detalhamento de parte da programação de cada uma das edições, bem como a evolução do festival e os caminhos curatoriais trilhados. Seria impossível analisar a totalidade das obras dos artistas que se envolveram nos festivais. Acredito que as entrevistas puderam somar a este capítulo um pouco da atmosfera de cada edição. Nesse sentido, a fim de facilitar a observação sobre esses 11 anos, foi construída a Tabela I – Atividades do Festival, que identifica o progresso do festival, e a Tabela II – Artistas Convidados, em que se encontram todos os convidados, brasileiros e estrangeiros atuantes nos Encontros e Entrevistas. Neste capítulo, serão abordados pontos polêmicos que surgiram ao longo da pesquisa como a discussão em torno da autoria da fotografia e também a formatação do “modelo” festival. Considerei que as onze edições foram divididas em três fases ao longo de sua história.

O Capítulo 6 – “Imagens selecionadas”, é composto de uma das possíveis combinações com fotografias que se destacaram no período estudado do Festival Paraty em Foco, um conjunto de 24 imagens. Do meu ponto de vista, elas estão em consonância com a teoria estudada no Capítulo 3 e com os levantamentos históricos feitos no Capítulo 5. Um pequeno texto introdutório abre este capítulo formado somente por imagens acompanhadas com o nome do autor e a edição do festival da qual participou. Acredito que o olhar para um

⁴ O grupo NAFOTO (Núcleo de Amigos da Fotografia) foi fundado em 9 de abril de 1991, por Nair Benedicto, Rubens Fernandes, Fausto Chermont, Eduardo Castanho, Marcos Santilli, Stefânia Bril, Fausto Chermont, Juvenal Pereira, Isabel Amado e Eduardo Simões.

⁵ Orlando Azevedo fez a curadoria das três edições da Bienal Internacional de Fotografia da Cidade de Curitiba, a saber, 1996, 1998 e 2000. Segundo Fernandes (2003), a Bienal “encerrou melancolicamente sua trajetória devido aos desacertos políticos partidários” (p.174). Ver também artigo de Camera (2011) sobre a história das três Bienais.

conjunto de imagens, em uma espécie de edição, ou seleção, levará o leitor desta investigação rumo à reflexão em torno da minha hipótese.

Nas Considerações Finais, no sentido de demonstrar a hipótese e a fim de investigar a fotografia contemporânea no Brasil e no exterior, estão articulados os argumentos e comentários a partir da análise formal do conjunto de 24 fotografias e o cruzamento dos dados com a teoria e o conjunto dos conceitos motivadores.

2. METODOLOGIA ADOTADA

Para efetivamente traçar a história das onze primeiras edições do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, e dar conta da problemática que envolve a fotografia contemporânea trazida à tona por este festival em um pouco mais que uma década, lancei mão de algumas fontes primárias como, por exemplo, os catálogos impressos, o site do festival, e entrevistas. Estas foram realizadas por mim com os protagonistas que atuaram diretamente no festival como idealizadores do evento, curadores das exposições, produtores culturais, entrevistadores dos artistas-fotógrafos participantes, membros do Conselho Curador, produtores dos leilões e professores dos *workshops*. As entrevistas resgataram a memória de fatos que puderam reconstituir parte da história do festival. Os entrevistados também contribuíram com reflexões teóricas acerca da arte e da fotografia contemporânea quando expressaram opiniões e análises sobre a obra dos artistas selecionados para cada edição do festival. Acredito que, por meio da entrevista, como aponta Abramo (1979), é possível elucidar o fenômeno estudado:

A entrevista é, do ponto de vista sociológico, uma interação entre dois indivíduos (sujeito observador e informante), em que o primeiro tenta obter do segundo, por meio de estímulos verbais parciais, respostas verbais que, uma vez sistematizadas, poderão reconstituir: a) um fenômeno observado pelo informante; b) um fenômeno do qual o informante participa ou participou; c) o fenômeno-informante. (ABRAMO, 1979, p.81).

O primeiro festival, realizado em 2005, não produziu um documento escrito como um catálogo ou um folheto. Poucas informações sobre a primeira edição constam do site do Paraty em Foco (<https://www.pefparatyemfoco.com.br>). Elas estão localizadas em uma aba denominada “Histórico”, em que se pode consultar a programação de todas edições, até os dias de hoje. Foram impressos catálogos e programações somente a partir do segundo festival, em 2006. Porém, no site há algumas informações que contradizem as contidas nos catálogos escritos e que puderam ser esclarecidas durante as entrevistas com os protagonistas do festival realizadas exclusivamente para esta investigação.

A lista dos entrevistados teve início com o idealizador e fundador do festival, Giancarlo Mecarelli e seus parceiros Iatã Cannabrava, Pisco del Gaiso, Luiz Marinho e Marcelo Greco que atuaram diretamente na direção e organização do festival. Pio Figueiroa, Cristiano Mascaro, Marcio Scavone e Thelma Vilas Boas também colaboraram para trazer à tona a primeira edição do Festival Paraty em Foco, na qual estiveram presentes, foram diretamente participantes e puderam auxiliar com lembranças e reconstituição de memórias. O catalão Claudi Carreras teve papel de destaque como curador das exposições a partir da 8ª

edição quando o festival teve sua maior projeção nacional e internacional. Isabel Amado também foi responsável pela curadoria de exposições das 6ª e 7ª edições, mas, principalmente, foi a organizadora de sete leilões, os quais se tornaram característica do festival. Procurei também entrevistar pessoas que participaram diretamente da produção executiva como Talita Virgínia, Helena Huschel e Mariza Cermelli. Alguns convidados do festival que atuaram como entrevistadores durante o evento também foram alvo de indagações, pois tiveram repetidas e frequentes participações. São eles: Eduardo Muylaert, Juan Esteves, Simonetta Persichetti, Rubens Fernandes Junior, Eder Chiodetto e Sérgio Branco. Os fotógrafos, Claudia Jaguaribe e Claudio Edinger, também se destacaram nos papéis de membros do Conselho Curador, de entrevistadores, expositores e professores de *workshops* e por isso também foram questionados. No caso de Jaguaribe, ela foi sócia na Editora Madalena que nasceu a partir do festival. Os professores Claudio Feijó e Ricardo Hantzschel, que ministraram *workshops* considerados de sucesso, pois foram repetidos em várias edições, também foram interrogados. As professoras Nadja Peregrino e Angela Magalhães, responsáveis pela organização das “Semanas de Fotografia da Funarte”, na década de 1980, e a fotógrafa Nair Benedicto, membro do NaFoto e uma das responsáveis pela organização dos oito encontros, que levaram o nome de “Mês Internacional da Fotografia” também foram ouvidas. Elas reconstruíram a memória de dois movimentos fundamentais das décadas de 1980 e 1990 que, de uma certa maneira, contribuíram para o amadurecimento da fotografia contemporânea refletida nas onze primeiras edições do Festival Paraty em Foco.

Foram entrevistadas 30 pessoas que somaram 30 horas, 30 minutos e dois segundos de material de áudio. O Anexo I traz, em ordem alfabética, uma breve biografia dos entrevistados nesta pesquisa, com a data e o tempo de entrevista gravada. Foi elaborada a Tabela I – Atividades do Festival com o número e o tipo de atividade desenvolvida em cada edição do festival, a fim de obter uma visualização do crescimento de um ano para o outro. Esta tabela traz os dados da 1ª até a 11ª edição conforme o número de: 1) encontros/entrevistas; 2) *workshops*; 3) exposições; 4) projeções de fotografias e vídeos; 5) leilões; 6) lançamentos de livros; 7) leituras de portfólios, 8) convocatórias e público estimado. Aconteceram também outras atividades paralelas, fora da programação, mas as categorizadas aqui foram a espinha dorsal do modelo de festival do Paraty em Foco.

Como fontes secundárias foram utilizadas reportagens de jornais diários (*Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, principalmente), revistas semanais e revistas especializadas como, por exemplo, a *Fotografe Melhor*. Vale dizer que esta revista foi

parceira do festival, portanto, é primordial um olhar crítico sempre presente diante das informações obtidas ali.

As fontes de pesquisas escolhidas tiveram como base o pensamento de Bordieu (1999), em que as técnicas de investigação não podem ser consideradas “neutras”.⁶ Esta metodologia permitiu a sistematização da análise descritiva na qual os dados foram organizados e interpretados na fase final. Com a opção de um “estudo de caso” – um *corpus* com as onze primeiras edições do festival em questão, – foi possível a discussão e a interpretação dos dados históricos e sua relação com a teoria e os conceitos estudados, possibilitando que a investigação caminhasse para a comprovação total ou parcial da hipótese, ou mesmo, sua negação. Neste caso, acredito ter conseguido comprovar a hipótese.

Mecanismos intuitivos, indutivos e dedutivos provenientes da minha experiência como fotógrafa e editora de fotografia por mais de 26 anos somente no jornal *O Estado de S. Paulo*, assim como a observação de algumas edições dos festivais em que estive presente, levaram-me à formulação da seguinte hipótese: *as onze edições do Festival Internacional Paraty em Foco se destacaram no sistema de artes ao agenciar a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia brasileira, uma vez que as apostas curatoriais foram ao encontro das práticas e narrativas pós-modernas com a predominância da ‘fotografia expandida’, da ‘imagem pensativa’ e da chamada ‘imagem-enigma’, conceitos trabalhados nesta pesquisa.*

Além das *fontes*, podem-se apontar *mecanismos* usualmente utilizados pelo pesquisador para formulação de hipóteses. Esses *mecanismos* podem ser divididos em três níveis: intuitivos, indutivos e dedutivos. Os mecanismos *intuitivos* são acionados pelas qualidades pessoais do pesquisador, e estão referidos à sua sensibilidade, à sua capacidade de percepção: o uso da imaginação, devidamente polida pelo conhecimento e pelo adestramento, é o melhor meio de formular hipóteses. Os mecanismos *indutivos* são os empregados pelo pesquisador quando reúne dados empíricos – frutos, quer da observação casual, quer da observação sistemática, e quando, pelo exame desses dados assim reunidos, percebe certas regularidades, ou certas discrepâncias, que ele supõe sejam verídicas, podendo assim, formular suas hipóteses. Os mecanismos *dedutivos* são os que lhe permitem formular a hipótese a partir do corpo teórico da ciência, diretamente, ou indiretamente, através da prévia proposição de um problema de pesquisa. (ABRAMO, 1979, p.73).

⁶ “A ilusão de que as operações ‘axiologicamente neutras’ são também ‘epistemologicamente neutras’ limita a crítica de um trabalho sociológico, o próprio ou o dos outros, ao exame, sempre fácil e muitas vezes estéril, de seus pressupostos ideológicos e de valores últimos” (BOURDIEU, 1999, p.54).

O método dialético, a meu ver, foi o mais apropriado para interpretação dos dados da pesquisa:

O método dialético realiza o processo de abstração e de generalização sempre num campo histórico, buscando as relações estruturais do fenômeno no todo social por meio do princípio da contradição (nível de funcionamento do tipo social histórico). (LOPES, 2001, p.152).

A pesquisa conta com parte da memória de cada edição e a explicitação de parte principal da programação realizada pelos artistas participantes. Porém, não seria possível analisar e comentar as atividades em sua totalidade, em cada edição. Traz ainda a análise de obras que tangenciem as novas poéticas contemporâneas, identificadas no Capítulo 3, obtidas a partir do quadro de referência teórica dos quais fazem parte pensadores como Frederico Jamenson, Roberto Fabbrini, Hans Belting, Andreas Huyssen, Philippe Dubois, Rubens Fernandes, André Rouillè, Vilém Flusser, Jean Baudrillard, Michael Fried, Peter Bügner, Joan Fontcuberta, Anne Cauquelin, Katia Canton, Ronaldo Entler, Susan Sontag, Paul Virilio e Jacques Rancière, entre outros. Esses pensadores trouxeram os conceitos e reflexões que possibilitaram inserir o problema deste trabalho em uma determinada orientação teórica: acredito que pude sistematizar algumas pistas para desvendar qual é a fotografia legitimada na contemporaneidade, quais são as estratégias, linguagens e os procedimentos escolhidos para a criação de obras apoiada nessa vertente teórica. Procurei entender como se deu a transição da fotografia moderna para a contemporânea e como isso reverberou nas escolhas curatoriais das onze edições dos festivais Paraty em Foco. Entender o processo histórico do mundo da arte na virada do milênio e as diferenças entre as estéticas do modernismo para o pós-modernismo é essencial para o desenvolvimento desta análise.

Creio também que a hipótese norteou a pesquisa e a aproximou da problemática acerca da fotografia contemporânea. O conhecimento teórico e empírico sobre o tema ajudou a iluminar este estudo. Penso que o fim de um processo é sempre o começo de outro e os fenômenos sociais, dentro deles, a arte, estão ligados entre si, dentro de um fluxo. “A obra de arte é uma visão de mundo, ou seja, a construção de um conhecimento, também inscrito nos procedimentos das artes visuais” (ARANHA, 2011, p.38). As relações intersubjetivas que a arte proporciona entre sujeitos deve ser levada em conta para que não se faça apenas do pensar sobre arte, um pensamento formal. Esta deve ser uma das premissas de uma pesquisa de arte em que há um cruzamento de existência e de saberes do artista, das obras produzidas e do pesquisador, no qual se deva observar as nuances do objeto estudado.

Nas considerações finais, analiso 24 imagens pertencentes aos fotógrafos que participaram das onze edições com apoio da metodologia sugerida por Laurent Gervereau (2007) em seu livro *Ver, compreender e analisar as imagens*. O autor propõe o rigor da análise da imagem por intermédio do método que consiste em dividir o trabalho em três etapas: primeiro, deve-se proceder a descrição da imagem, depois, o estudo do contexto e por fim, a interpretação.

Acredito que me aproximei aos objetivos que me impus quando comecei a pesquisa em 2015. Meu objetivo geral era investigar como festivais de fotografia agenciam a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia no início do século XXI. O objetivo específico foi resgatar parte da história do Festival Paraty em Foco, de 2005 a 2015, destacando aspectos da cultura visual de cada edição e quais escolhas curatoriais foram relaizadas no decorrer de sua trajetória. O objetivo teórico foi contribuir para o aprofundamento da reflexão feita por autores e pensadores que conceituam a passagem do modernismo para o pós-modernismo apontando diferenças e semelhanças dos períodos no campo das artes e da fotografia. Já o objetivo prático era cooperar para a discussão da fotografia contemporânea por meio de um estudo de caso e possibilitar melhor capacitação aos estudantes e pesquisadores da área, uma vez que há poucos estudos a respeito da temática dos “festivais de fotografia”.

3. DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO – A IMAGEM PENSATIVA

Para entender melhor como o Festival Paraty em Foco participou do processo de legitimação da fotografia contemporânea brasileira e também como agenciou a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia no início do século XXI, julguei importante recuperar as principais mudanças ocorridas nas artes na passagem do modernismo para o pós-modernismo.

Vivemos, atualmente, imersos em um turbilhão de imagens que se multiplicam e se tornam, cada vez mais, onipresentes. O IBGE⁷ mostra que 63% dos lares brasileiros estão ligados à internet e, dentre eles, 97,2% possui TVs. É a era das telas, que estão por todos os lados: nas ruas, nos hospitais, nos metrô, no trabalho, nos bares, nos celulares. As referências de tempo e espaço são hoje virtuais. Segundo Jameson (2006), nosso “espaço social é agora completamente saturado com a cultura da imagem”. O espectador vivencia uma cisão no tempo face a tantos signos que o prendem à instantaneidade do presente. As referências culturais de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que são diversificadas, são também, interconectadas por essa rede mundial.

A chamada individualização de referências, em abundância, é incontestável. Ela, porém, acontece como paradoxo: a diversidade ocorre, a multiplicação das referências ao nível de cada indivíduo está aí, mas o pano de fundo é sempre um universo relativamente homogêneo. (BUCCI, 2006, p.10).

Segundo Baudrillard (1991), as imagens que são veiculadas nas “telinhas” – do celular, do computador, da TV – inflacionam nossos olhos e nossas mentes, são hegemônicas na sociedade contemporânea e se apresentam como simulacros que prendem a atenção do espectador. Para Fabbrini (2016), “são imagens planas (ainda que em HD ou 3D); chapadas; lisas; superficiais; epidérmicas; (...)”. Elas não teriam face oculta ou outro significado que não o imediatamente visto e provocam um fascínio no observador por se parecerem tanto com a realidade, tal a qualidade técnica que as acompanha. O simulacro é fruído pelo público como o real, a imagem é tomada como realidade e verdade. “Daí a histeria característica do nosso tempo: histeria da produção e reprodução do real.”, comenta Baudrillard (1991, p.34), quando argumenta sobre as estratégias do poder, sob a orquestração dos *mass media* (combinação dos meios para difusão informativa, cultural ou publicitária em larga escala), que inunda o mundo virtual com excesso de imagens “hiper-reais”, de signos, o que produz uma deflação de

⁷ Os dados fazem parte da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2016 (PNAD), divulgada em 24 nov. 2017 pelo IBGE. (GANDRA, 2018)

sentido. São imagens facilmente reconhecidas pela maioria dos espectadores e se tornam meios praticamente tautológicos.

A mídia de massa contemporânea emergiu até agora como a maior e mais poderosa máquina de produção de imagens – imensamente mais extensa e efetiva que nosso sistema contemporâneo de arte. (GROYS, 2015, p.30).

E será que podemos localizar imagens diferentes das massificadas que invadem nossas mentes na atualidade? Quais artistas e fotógrafos seriam os “vaga-lumes” que perfuram a permanência de um mundo repleto de “imagens sem face oculta, sem mistérios, chapadas, superficiais, epidérmicas” de que nos fala Fabbrini? (2016, p.245).

Para Didi-Huberman (2011), os vaga-lumes ainda podem sobreviver aos holofotes da mídia, a qual causa fascínio ao espectador com suas imagens hiper-reais. Estamos vivendo um tempo como “uma situação de *apocalypse latente*, onde nada mais parece estar em conflito (...)” (p.75) e em que a dominação da “poderosa máquina de produção de imagens” (GROYS, 2015, p.30) parece plainar acima de tudo e de todos. Tudo leva a crer que a constelação dos vaga-lumes esteja formada pelos artistas que conseguem formular e produzir aquela imagem que sobreviva e faça uma crítica à imagem hegemônica. Como “reconhecer no mínimo vaga-lume uma resistência, uma luz para todo o pensamento?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.67).

Para Rancière (2012), mesmo com a infinitude de projetores e o domínio do mundo virtual no qual se encontram as imagens, ainda assim, há alteridade para elas, ainda assim, distinguimos os “vaga-lumes”. “A imagem não deixará tão cedo de ser pensativa” (RANCIÈRE, 2012, p.125). Para ele, a “imagem pensativa” está na intermediação entre a imagem como duplo (as imagens hiper-reais)⁸ e a imagem nascida de um processo criativo (como arte). “É falar de uma zona de indeterminação entre pensamento e não pensamento, entre atividade e passividade, mas também entre arte e não arte” (p.103). Quando o autor fala sobre a “pensatividade da imagem”, ele nos propõe destacar um novo estatuto da figura, aquele que compreende a tensão de diferentes sistemas de representações:

Assim, filme, fotografia, desenho, caligrafia e poema vêm misturar seus poderes e intercambiar suas singularidades. Já não é simplesmente a literatura que constrói seu tornar-se pintura imaginário, nem a fotografia que evoca a metamorfose literária banal. São os regimes de expressão que se entrecruzam e criam combinações singulares de trocas, fusões e

⁸ As imagens hiper-reais são tomadas pelo senso comum como realidade, na acepção de Flusser (2011): “Aparentemente, pois, imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por cadeia ininterrupta de causa e efeito, de maneira que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframento. Quem vê a imagem técnica parece ver seu significado, embora indiretamente. O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo, das imagens técnicas faz com que seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens. O observador confia nas imagens técnicas tanto quanto em seus próprios olhos” (FLUSSER, 2011, p.30).

afastamentos. Essas combinações refutam a oposição entre *studium* e *punctum*, entre a operatividade da arte e a imediatez da imagem. A pensatividade da imagem não é então privilégio do silêncio fotográfico ou pictório. O próprio silêncio é certo tipo de figuralidade, certa tensão entre regimes de expressão que é também um jogo de trocas entre poderes de mídias diferentes. (RANCIÈRE, 2012, p.119).

A imagem pensativa tratada por Rancière (2012) estaria nas obras dos artistas e fotógrafos que conseguem combinar em seus trabalhos a objetividade e a subjetividade (os conceitos “barthesianos” de *studium* e *punctum*), aquelas que provocam interesse e atração quando conseguem modalizar e amalgamar várias ferramentas, suportes e dispositivos em seus processos criativos. É nessa “tensão” que se encontra a “pensatividade da imagem”, na ideia de que há um silêncio na fotografia gerado por essa tensão entre a imagem hiper-real e a imagem nascida de um processo criador. Ao contrário da “cultura do *selfie*”, disseminada globalmente entre vários povos, independente de idade, raça ou identidade. Com a necessidade de fotografar tudo e todos ao redor, com a crença de que a lente do celular é imparcial⁹ e traz tudo como de fato é, a sociedade contemporânea repete o fundamento do consumo capitalista: queimar, zerar, dissipar, devorar, gastar, fazer desaparecer pelo uso – para depois, restabelecer – e então, quanto mais fotos e mais imagens para se ver e se “clicar”, melhor está o sujeito. E, quanto mais conectados às telas, melhores e mais felizes ficam as pessoas do presente. Criou-se uma cultura apoiada em imagens que “provam” a sensação que temos do fugidio, de tudo que parece sumir repentinamente como aponta Sontag (2004):

Nossa opressiva sensação da transitoriedade de tudo é mais aguda, uma vez que as câmeras nos oferecem os meios de “fixar” o momento fugidio. Consumimos imagens num ritmo sempre mais rápido e, assim como Balzac suspeitava que as câmeras exauriam camadas do corpo, as imagens consomem a realidade. As câmeras são o antídoto e a doença, um meio de apropriar-se da realidade e um meio de torná-la obsoleta. (SONTAG, 2004, p.196).

E, considerando que se vive hoje na sociedade da “hipervisibilidade”, na qual o peso do visual e das imagens que circulam, sem fim, por todos os lados, e parece “devorar” as pessoas, parece fundamental pensar e refletir como a fotografia está inserida no mundo da arte.

⁹ Szarkovski (2007, p.12) reflete sobre o quanto a fotografia evoca a presença tangível da realidade e atrai a crença de que a lente é imparcial: “More convincingly than any other kind of picture, a photograph evokes the tangible presence of reality. Its most fundamental use and its broadest acceptance has been as a substitute for the subject itself – a simpler, more permanente, more clearly visible version of the plain fact.

Our faith in the truth of a photograph rests on our belief that the lens is impartial, and will draw the subject as it is, neither nobler nor meaner. This faith may be naive and illusory (for though the lens draws the subject, the photographer defines it), but it persists. The photographer’s vision convinces us to the degree that the photographer hides his hand.”

Se hoje a fotografia compartilha espaço com a pintura e a escultura nos museus e no mercado de arte é porque há, na sociedade atual, uma superabundância de imagens fílmicas, fotográficas, televisuais que satura nossos olhares. É claro que essa onipresença da imagem na vida cotidiana nos leva a perguntar sobre quais práticas fotográficas devem ser levadas em consideração. Busco, então, identificar, por meio da reflexão sobre a obra e processo criativo de alguns artistas, quais são os recortes conceituais que definem a fotografia contemporânea.

3.1 A saída para a fotografia contemporânea

Para Fabbrini (2016), a solução de alguns artistas da atualidade está justamente na busca por uma “imagem-enigma”, “uma imagem ainda não corroída pela exposição exagerada”, uma “imagem pensativa”, uma “imagem que force o pensamento”, enfim, uma imagem que tenha algum mistério ou segredo. Por isso, André Rouillé, em seu artigo “Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas”, de 1998, defende que a fotografia deva fazer sua própria metamorfose, deixando de lado a busca do real, e seguindo à procura dos extremos e da superação dos seus próprios limites. O autor denomina esse tipo de imagem de “fotografia-matéria”:

Por ter-se liberado das limitações da transparência documentária e das servidões funcionais, a “fotografia-matéria” é o espaço onde são inventadas novas soluções, atitudes inéditas, formas extraordinárias que abrem tanto à arte quanto à fotografia um campo de possíveis. (ROUILLÉ, 1998, p.308).

O autor aponta o cenário inédito da fotografia contemporânea, das duas últimas décadas do século XX: fotógrafos-artistas e artistas que se utilizam da fotografia no sentido de encontrar essa imagem “a contrapelo” – contrária à imagem documentária, de reportagem e de álbuns de família, em que a objetividade e racionalidade imperam –, aquelas fotografias criadas, em geral, pelos fotógrafos e cinegrafistas. O fotógrafo-artista, aquele que para obter reconhecimento da sua fotografia como arte, procura produzir o singular e o raro, estabelece tiragem para suas fotografias, assina suas cópias, faz séries, enfim, procura se legitimar até com a intervenção direta da mão: raspa, cola, retoca, usa tintas e crayons, imprime em telas ou tecidos. Práticas híbridas, ou até mesmo, inspirações românticas em processos antigos como o uso de processos como o daguerreótipo, pinhole e goma-bicromatada. Já a fotografia artística busca uma estética contrária à fotografia documental: quer ser antirrealista, ou até mesmo “antifotográfica”, quer se diferenciar da prática documentária atrelada ao real, usa e abusa das manipulações e reconstrói a realidade de acordo com a fábula de seu autor.

Para os artistas que trabalham com a fotografia, ela deixa de ser uma ferramenta para se tornar matéria-prima, a chamada “fotografia-matéria” (ROUILLÉ, 1998, p.307). Há os que apenas usam a fotografia ou vídeo como registro: Josephy Beuyes conversou com uma lebre morta sobre o que é arte contemporânea e teve toda sua *performance* filmada; ou, artistas adeptos da *land art*, como Walter de Maria, que criou, em um campo aberto de uma planície semidesértica do Novo México (EUA), uma cabine onde os espectadores visualizavam verdadeiros shows de raios provocados pelas pequenas “antenas” – 400 bastões de aço com 6 metros de altura espalhadas pelo artista em forma de retângulo. A fotografia podia mostrar o resultado plástico e estético da sua prática para outras pessoas além dos espectadores *in loco* que estavam na cabine. Sem a fotografia, esses artistas seriam conhecidos por um público restrito.

Há também os artistas que se apropriam de imagens: Andy Warhol ou Christian Boltanski usaram em suas obras artísticas, ícones ou fotografias da própria família e, assim, ignoraram o conceito de autoria tão caro ao modernismo. No caso de Andy Warhol, a fotografia é a matriz de sua obra: ela é multiplicada – o que contraria o ideário norte-americano da arte como “novidade” – e “serigrafada” com cores fortes e extravagantes trazendo à tona seu caráter simbólico muito mais do que indicial. O processo de repetição das fotografias de Che, Marlyn (Figura 3) ou Mao é levado ao extremo por Warhol, pois nega a noção tradicional de arte como expressão de autoria e se utiliza de técnicas publicitárias tão familiares na cultura de massa. E ao aderir o mundo da arte à vida real, a *pop art* destruiu a aura da obra de arte e seu fetiche.

Figura 3: Serigrafias de Andy Warhol com imagens de Marlyn Monroe. **Fonte:** El País

Podemos também destacar do pop americano, o artista Robert Rauschenberg (Figura 4), que parte das referências das vanguardas históricas (Hanna Höch e as fotomontagens dadaístas) e usa a fotografia oriunda dos meios de comunicação para a feitura de suas *combine paintings* – o artista reunia objetos escolhidos ao acaso para tentar dar coesão plástica, tentava combinar o “incombinável” (CANONGIA, 2005, P.26). As colagens tridimensionais com objetos e imagens fotográficas apropriadas, aparentemente descontextualizadas, ao se juntarem, produzem um trabalho pictórico com sentido e característica da pós-modernidade. Aqui percebe-se uma reação ao abstracionismo da arte moderna que acreditava na autonomia das formas onde toda referência com o real estava revogada, pois os artistas da *pop art* reivindicaram “uma reconexão com questões mais próximas da vivência cotidiana do público” (ENTLER, 2005, p.7).

Figura 4: Obra tridimensional do artista Robert Rauschenberg. **Fonte:** site do MoMa.

Ao pensar sobre como fotografia e artes plásticas estão imbricadas, como uma amalgamou o terreno da outra, lembramos de Dubois (2010) que ao abordar essa questão, perguntou: “A fotografia é uma arte?” O autor coloca-nos o desafio de pensar por um outro viés: não seria antes a arte contemporânea que se tornou fotográfica? Para o autor, pensar a fotografia como arte contemporânea já é algo ultrapassado e, então, ele aponta para uma nova abordagem sobre como a arte contemporânea foi marcada pela fotografia:

... em que se passa dessa ideia banal e tão frequentemente repetida segundo a qual a foto veio libertar a pintura de seus vínculos da representação ‘icônica’, a essa outra ideia, mais paradoxal e nova, segundo a qual a arte virá a partir de então, extrair das condições epistêmicas da fotografia, possibilidades singulares de renovação de seus processos criativos e de suas apostas estéticas principais. (DUBOIS, 2010, p.258).

Por meio da análise das obras das vanguardas modernas, começando por artistas como Marcel Duchamp, passando pelos pioneiros da “abstração” El Lissitzky e Kasimir Malévitch com suas fotografias aéreas e, finalizando pelas fotomontagens dos dadaístas e surrealistas e nas “raiografias”¹⁰ de Man Ray, Dubois (2010) demonstra sua hipótese: ao contrário do movimento pictorialista (1890-1914) que tinha como desejo que a “fotografia se tornasse uma pintura”, as artistas do século XX se utilizaram de certas lógicas inerentes à fotografia para construção de sua arte. Ao evocar menos os fotógrafos que “fazem arte” e mais os artistas que “trabalham fotograficamente”, Dubois (2010) indica como as vanguardas modernas determinaram tendências para a arte contemporânea, a partir dos anos 1950. A *Art Pop*, o hiper-realismo, expressionismo abstrato nos EUA, os Novos Realistas, na França, a “fotoinstalação” e a escultura fotográfica, a arte ambiental, a arte corporal e a arte de evento, enfim, as tendências da arte contemporânea “se tornam fotográficas”:

De tal modo que, afinal de contas, por um lado, não é mais de forma alguma a dimensão mimética da fotografia que a aproxima da arte contemporânea (esse era o caminho típico no século XIX), mas ao contrário, a própria crítica dessa dimensão pretensamente realista e, por outro lado, as características de uma ordem completamente diferente, mais epistêmica, que levam a fotografia a se aproximar de certas formas de arte não representativas que se inspiram com força em sua lógica interna específica. A foto não está mais em busca da pintura. É a arte contemporânea inteira que se torna fotográfica, no sentido fundamentalista do termo.”. (DUBOIS, 2010, p.291).

Pode-se dizer que os artistas hiper-realistas também se utilizaram de forma direta da fotografia fazendo o movimento contrário que os pictorialistas faziam quando tentavam intervir com determinadas técnicas nas cópias fotográficas para aproximá-las às pinturas ou gravuras. O que se apresenta é que “el pintor hiperrealista ejercia em primer lugar, una mirada de fotógrafo – mirando o mundo a partir de una fotografia –, para después ‘elegir’ e traducir en términos pictóricos la imagen original” (SOUGEZ, 2007, p.544). O artista partia de um original fotográfico, às vezes de projeção de slides, para pintar o mais próximo possível do “real” (Figura 5). Como disse Dubois (2010, p.274), “aqui a pintura se esforça por tornar-se mais fotográfica que a própria foto.”.

¹⁰ Ou os fotogramas, oriundos de técnica inventada por Man Ray, eram imagens criadas sem a utilização da câmera fotográfica, por contato direto de um objeto, parte do corpo ou material colocados sobre uma superfície fotossensível (papel) e exposta à uma fonte de luz. Depois o papel era revelado.

Figura 5: Autorretrato, 1991, de Chuck Close. Óleo sobre tela. **Fonte:** MoMA.

Por outro lado, temos hoje também os fotógrafos que partem da chamada “fotografia expandida”, aqueles que subvertem os modelos e as referências. São os que não se comportam como “funcionários” que obedecem ao programa da máquina fotográfica, na acepção de Flusser (2011); são os fotógrafos que conhecem e dominam a “bula do fabricante”, os manuais das máquinas, dos softwares, dos filmes, e, subvertem-nos, ousam no seu processo criador. Rebelam-se contra os limites do aparelho e conseguem intervir nas suas funções criando algo muito diferente do previsível da fotografia “bem-feita”, muito próxima ao real.

O projeto estético contemporâneo – e aqui se inclui a fotografia expandida – é exatamente a busca dessa diversidade sem limites e da multiplicidade dos procedimentos – novas formas do conhecimento humano onde o mundo passa a ser entendido como uma trama complexa, extraordinária e instável. A fotografia contemporânea é hoje um suporte para várias manifestações imagéticas que exigem do espectador uma capacidade de leitura diferenciada. Cada vez mais o que temos é a apresentação de uma ideia de um conceito orquestrando o trabalho do artista, que propõe uma lógica processual para tentar despertar o espectador diante de milhares de imagens a que somos expostos diariamente. (FERNANDES, 2006, p.16)

Tudo indica que a compreensão sobre o processo histórico da passagem da era moderna para o chamado pós-modernismo poderá nos ajudar a elucidar como a “arte contemporânea inteira se torna fotográfica”, segundo Dubois(2010), ou como artistas buscam a “imagem-enigma” que nos escreve Fabbrini (2016), ou entender os conceitos de “fotografia expandida” sobre a qual discorre Fernandes(2006), ou como destacar os fotógrafos que “burlam as bulas dos fabricantes”, segundo Flusser (2011), ou como se dá a “fotografia-matéria”, conceito elaborado por Rouillé (1998).

3.2 A passagem do modernismo para o pós-modernismo

Andreas Huyssen escreveu no ano de 1984, em “Mapeando o pós-moderno”, no livro *Pós-modernismo e Política*, sobre os dois momentos em que a exaustão do movimento modernista começou a dar mostras: primeiro, nas décadas de 1960/70, e depois, na década de 1980. Para o autor, a revolta dos anos 1960, na verdade, não foi uma manifestação contra o modernismo, mas sim, contra a versão que o modernismo tinha adquirido nos anos 1950, bem liberal e conservadora. O modernismo dos anos 1950 não era mais visto como uma cultura de oposição, como foi a arte de Picasso e Braque, que colocou em xeque os preceitos iluministas com questionamento da simetria e ordenamento racional entre espaço e tempo. Os artistas dos anos 1960 pregavam rupturas, descontinuidade, novas fronteiras, tinham um forte sentimento de futuro em uma época em que a luta pelos direitos civis, apoio ao movimento pacifista e recém triunfo da Revolução Cubana, estavam em alta. “Assim, o ressurgimento de Marcel Duchamp como padrinho do pós-modernismo nos anos 1960 não é um acidente histórico” (HUYSEN, 1992, p.36).

Peter Bürger, em seu livro *Teoria da Vanguarda*, analisa a arte durante o modernismo e nos mostra como as ações das vanguardas dos anos 1920 puderam influenciar a vanguarda norte-americana dos anos 1960. A vanguarda da década de 1920 atacou a “grande arte” baseada na tradição esteticista do final do século XIX, o realismo e a separação que se fazia entre arte e vida. Quando Duchamp assinou um urinol (Figura 6) ou uma garrafeira, que são produtos em série do mercado, desprezou e ironizou a pretensão de criação individual do artista. Segundo Bürger (1993), “Os ready made de Duchamp não são obras de arte, mas manifestações”.

Figura 6: “A Fonte” foi o título dado ao urinol assinado e datado por Duchamp como “R.Mutt, 1917” e imortalizado pela fotografia feita por Alfred Stieglitz em seu estúdio. **Fonte:** MoMa.

A vanguarda norte-americana dos anos 1960 se inspirou nas vanguardas históricas para combater o modernismo que se tornara a “arte institucional” durante a política cultural do governo Kennedy, eleito em 1961. “Sob forma de *happenings*, do *pop vernáculo*, da arte psicodélica, do *acid rock*, do teatro alternativo e de rua, o pós-modernismo daquela década procurava, a seu modo, recapturar o *ethos* de antagonismo que havia nutrido a arte moderna em seus estágios iniciais, mas que esta parecia não mais conseguir manter.” (HUYSSSEN, 1992, p.39) O *pop art*, por exemplo, foi uma reação à “academização” do modernismo.

Já nas décadas de 1970 e 1980, Huyssen (1992) aponta que a retórica do vanguardismo se extinguiu, os artistas dos anos 1960 já teriam cumprido bem a briga contra as pressões normativas que o alto modernismo impunha. Durante a década seguinte, espalharam-se diversas práticas artísticas que, ao investirem contra o modernismo, escolhiam temas aleatórios das culturas pré-modernas, uma certa apropriação das ruínas do neoclassicismo, a reconstituição da arte clássica. A antiga divisão que separava o alto modernismo da cultura de massas não mais parece tão influente nos artistas pós-modernos. A volta ao passado, ao belo e decorativo, ao clichê, algumas marcas dos artistas da década de 1970, são percebidas nas capas de discos, vitrines, acessórios etc. (HUYSSSEN, 1992, p.44).

Tal como Huyssen (1992), Jameson (2006) acredita que uma das práticas mais utilizadas no pós-moderno foi o “pastiche” – a prática de imitação de estilos anteriores. No modernismo, o estilo pessoal e singular e a prática artística de cada um, em particular, era “tão inconfundível quanto a nossa impressão digital” (JAMESON, 2006, p.23) e isso colocava a importância da autoria na ordem do dia. O pós-moderno tem a capacidade de armazenar não só formas modernas e vanguardistas como também há nele uma memória que armazena ícones da arte pré-modernista, e tudo misturado parece não mais estabelecer ruptura alguma entre “alto modernismo” e “cultura de massas”.

Huyssen (1992) acredita que nas décadas de 1970 e 1980 a arte contemporânea foi liberada dos manifestos, dos grupos, dos movimentos. Não vigorou mais a ideia dominante de que a “arte muda o mundo”, o que levaria alguns a identificar o pós-modernismo como conservador. O autor lembra que os fenômenos típicos da pós-modernidade dos anos 1980 para os 1990 são: as contribuições vindas do movimento feminista, os artistas preocupados com o meio ambiente e a ecologia, além da aproximação dos artistas com culturas não-europeias e não-ocidentais.

Exemplo da influência do feminismo é a artista Barbara Kruger que trabalha gênero em suas colagens, misturando fotografias apropriadas com curtos enunciados. Produz

outdoors e cartazes em pontos de ônibus com fotografias e frases que levam os homens a se colocarem no lugar das mulheres, chamando, assim, atenção para a luta feminina. Há uma provocação para o fruidor: “... Kruger propõe enunciados linguísticos que levam à problematização do sujeito da enunciação e da função imperativa da linguagem, recorrente na publicidade” (FABBRINI, 2002, p.147). Tudo leva a crer, como se vê na figura 7, que a artista se inspira no construtivismo russo e no *design* da Revista Life para criar uma diagramação dos enunciados em cima das imagens.

Figura 7: Com “Your body is a battleground”, Barbara Kruger coloca na ordem do dia a legalização do aborto. **Fonte:** Fabbrini, 2002.

Segundo Huyssen (1992, p.74) a arte contemporânea se pauta por “tensões” e não simplesmente pela superação de um estilo ou de um movimento. As atividades artísticas pós-modernas não se encaixam em categorias, disseminam-se, não se adequam aos padrões da academia, dos museus e das galerias. Como indica Katia Canton, em seu livro *Novíssima Arte Brasileira*, de 2001, esse campo de tensões marcou os anos 1990 com importantes mudanças no panorama internacional, as quais impactaram os processos criativos das novas gerações de artistas. A queda do muro de Berlim e o descenso do bloco comunista, antes polarizado pela URSS, favoreceram políticas neoliberais e como consequência uma onda neoconservadora revalorizou a família. A disseminação da AIDS, do Ebola e de muitos outros vírus, mostrou que a ciência não pode regulamentar tudo. Ao mesmo tempo, clonagens de DNA se difundiam. A importância da moda e da aparência física fomentaram o mercado de vitaminas, cirurgias plásticas e implantes. O fim do milênio culminou no aumento da globalização e dos monopólios de poder em muitos setores. A era do capitalismo tardio, descrita por Jameson (1985) como “sociedade pós-industrial, capitalismo multinacional, sociedade de consumo, sociedade dos mídia e assim por diante”, trouxe a superabundância de imagens e todo tipo de

estímulo que invadiu lares por meio da internet e da televisão, fragmentando o tempo e transformando-o em um presente perpétuo. Para Jameson (1985), esse é um dos traços da pós-modernidade, o qual ele compara à “experiência esquizofrênica” que é descontínua, desconectada, que não consegue enfileirar-se em uma sequência temporal coerente. Somado a isso, a perda de possibilidade de mapeamento cognitivo (turbilhão de imagens) acarreta para a arte contemporânea uma roda de signos desconectados e sem base na história. O conceito de “poluição dromosférica”, de Virilio (1993), aponta com clareza como a virtualidade proporciona a perfuração do espaço pelo tempo.

Ao lado dos fenômenos das poluições atmosférica, hidrosférica e de outros tipos, existe um fenômeno despercebido de poluição da extensão que proponho designar como ‘poluição dromosférica’, que vem de dromos, corrida.

De fato, a contaminação atinge não somente os elementos, as substâncias naturais, o ar, a água, a fauna ou a flora, mas ainda o espaço-tempo do nosso planeta. Reduzido progressivamente a nada pelos diversos meios de transportes e comunicação instantâneos, o meio geofísico sofre uma inquietante desqualificação de sua profundidade de campo, que degrada as relações entre o homem e seu meio ambiente. (VIRILIO, 1993, p.106).

A instabilidade da transição do século e do milênio não isentou o mundo das artes. Os artistas contemporâneos voltaram-se para a busca de sentido em torno das questões da vida, até mesmo, de fatos pequenos e banais do cotidiano. A atitude modernista que buscava na arte uma resposta pura, abstrata, sintética, foi deixada de lado. O mito modernista da originalidade da criação caiu por terra. A produção contemporânea não é de negação como a da vanguarda modernista e da neovanguarda dos anos 1960. Segundo Canton (2001), o artista contemporâneo se volta para os sentidos alicerçados na ecologia, na cultura, na afetividade, na fantasia, nas micropolíticas. “As relações de dualidade entre corpo e espírito, a memória e registros pessoais são o grande e inquietante tema de uma nova geração.” (CANTON, 2001, p.30) O assunto é contado por intermédio de “narrativas enviesadas”, histórias com sobreposições e fragmentações de todo o tipo, repetições, enfim, uma obra com sentido aberto, que tem relação com o público.

Elementos herdados do modernismo – a abstração, a valorização dos aspectos formais da obra de arte, a não linearidade das estruturas de pensamento, a valorização dos mecanismos de pensamento que compõem os processos de concepção de uma obra – foram incorporados pela arte contemporânea, que, por sua vez, a eles acrescenta uma relação de sentido, significado ou mensagem, criando, nos processos aglutinadores da obra contemporânea, uma narrativa fragmentada, indireta, que desconstrói as possibilidades de uma leitura única e linear. (CANTON, 2009, p.36).

3.3 Artistas que usaram a fotografia para suas narrativas

Refletindo sobre exemplos de artistas que se utilizaram da fotografia para a delimitação de suas práticas artísticas e seus processos criativos, destacam-se alguns artistas conceituais: Joseph Kossuth questionou as possibilidades tautológicas do discurso artístico, com suas três cadeiras (Figura 8) mostradas como objeto material, enunciado normativo e reprodução fotográfica. Um discurso que reverbera nele mesmo.

Figura 8: “One and three chairs”, 1965, de Joseph Kossuth. **Fonte:** MoMa.

Outro exemplo, Gina Pane que, em suas *performances*, provocou feridas no próprio corpo e, minuciosamente, fotografou o processo. O mesmo se pode dizer da obra de 1970, de Dennis Oppenheim (Figura 9): o artista se expôs ao sol pousando um livro aberto em seu dorso nu durante várias horas. O antes e o depois foram fotografados e o próprio ato do artista mostrou seu corpo como uma película fotográfica sensível à luz.

Figura 9: Dennis Oppenheim ao sol, “Reading Position for Second Degree Burn”, 1970. **Fonte:** Site do artista.

3.4 A cor ganha força na fotografia contemporânea

A partir dos anos 1970 e 1980, alguns fotógrafos se distanciaram da fotografia moderna, marcada fortemente pelo uso do preto e branco, geometrização, experimentalismos e abstrações, como também das abordagens documentais e humanistas. Cotton (2013) lembra que o uso da fotografia em cores, no lugar das fotos em preto e branco, firmou-se na década de 1990. A autora destaca Willian Eggleston, que adotou a paleta de cores das fotografias feitas com slides (Figura 10) e consagrou-se com sua primeira exposição individual no MoMA. Outro fotógrafo americano, Stephen Shore, a partir da década de 1970, começou fotografar estilos e funções cotidianas com uma câmera Instamatic de 35 mm, impressas sob formato de cartões-postais e publicou o livro *American Surfaces (Superfícies Americanas)*. Eggleston e Shore abriram as portas para a criação de uma fotografia mais livre e, sobretudo, contribuíram para que o uso da cor na fotografia pudesse ser um padrão. Nessa época, surgiu o *cibachrome*, um papel fotográfico à base de poliéster que permitia a ampliação, a partir de positivos (slides), ao invés de negativos, e proporcionava cores mais saturadas. Tudo em oposição ao *p&b* formalista da era moderna.

Figura 10: “Memphis”, 1971, fotografia do livro William Eggleston, 1976. **Fonte:** COTTON (2013, p.11).

3.5 Novas práticas – Três focos de influência

Tudo leva a crer que, a partir dos anos 1970 e 1980, surgiram três focos de influência de novas práticas de fotógrafos em grandes cidades como Nova Iorque (EUA), Vancouver (Canadá) e Düsseldorf (Alemanha). A maioria desses fotógrafos, nascidos na década de 1940 para a década de 1950, trouxe um amplo repertório de estéticas ecléticas baseadas na cultura de massa, apropriação de imagem, paródia, realidade como simulacro. Por meio de suas fotografias, fizeram reflexões e críticas aos modelos sociais e culturais da era moderna e questionaram a autoria e a originalidade. Houve um certo abandono do “momento decisivo

bressoniano” e desdém pelo momento do cerne do ato fotográfico. John Szarkowski, em seu livro *The photographer's eye*, explica o “momento decisivo bressoniano”:

More subtle was the discovery of that segment of time that Cartie-Bresson called *the decisive moment*: decisive not because of the exterior event (the bat meeting the ball) but because in that moment the flux of changing forms and patterns was sensed to have achieved balance and clarity and order – because the image became, for an instant, a *picture*. (SZARKOWSKI, 2007, p. 100).

Os chamados fotógrafos humanistas, na França, e os adeptos da *street photography* (fotografia direta), nos EUA, acreditavam que a fotografia nascia daquele átimo de segundo em que as formas se organizavam visualmente e adquiriam ordem, equilíbrio e clareza em um momento único, fugaz e simples. Bresson rejeitava a fotografia encenada ou preparada anteriormente, acreditava que o fotógrafo de rua ou de reportagem deveria segurar a respiração, ficar a postos e colocar no mesmo eixo “a cabeça, o olho e o coração”¹¹ e assim captar a realidade fugidia do acontecimento. Diferentemente dos fotógrafos modernos, os contemporâneos abandonaram as preocupações com as qualidades específicas da fotografia e partiram para ocupar um lugar no campo artístico. A qualidade técnica que buscava o momento exato do *clic*, tão fundamental na era moderna, abriu espaço aos registros mais banais da vida cotidiana, assim como de suas encenações que produziam novas narrativas.

Pode-se assinalar na Alemanha, a geração vinda da Academia de Belas Artes de Düsseldorf, com Candida Höfer (1944), Thomas Struth (1954), Andreas Gursky (1955), Thomas Demand (1964) e Thomas Ruff (1958); em torno de Vancouver, Jeff Wall (1946) e Ian Wallace (1943); e, em Nova Iorque, ressaltam-se Richard Prince (1949), Cindy Sherman (1954), Sherrie Levine (1947), Barbara Kruger (1945), Robert Mapplethorpe (1946-1989) e Nan Goldin (1953).

Os alunos da Escola de Düsseldorf foram influenciados pelos professores Bernd e Hilla Becher, os quais desenvolveram a construção de séries e tipologias com “esculturas anônimas” de caixas d’água, fachadas de casas tradicionais, gasômetros. Eles tinham em mente a noção de globalização e, assim, faziam séries com imagens lado a lado dando a ideia de que a vida se revela na normalidade e em muitos lugares do planeta. Não há um olhar excepcional, um “momento decisivo”, pois todas as fotografias eram tiradas de maneira

¹¹ O prefácio de Cartie-Bresson publicado em seu livro *Images à la sauvette*, de 1952, tornou-se um marco da definição do “instante decisivo”. Nesse artigo, ele discorre sobre o ato de fotografar, como fazer reportagem, como se posicionar em relação ao tema, como fazer uma composição e uso da técnica. Quase 70 anos depois, o texto ainda suscita debates e mostra o talento de Bresson também no campo da escrita. “The picture-story involves a joint operation of the brain, the eye and the heart. The objective of this joint operation is to depict the content of some event which is in the process of unfolding and to communicate impressions.” (*sic*) “You must be on the alert with the brain, the eye, the heart; and have a suppleness of body.” (CARTIE-BRESSON, 2014, prefácio).

parecidas, com muitos detalhes, porém, com pouca expressividade (Figura 11). Munidos de câmeras de grande formato, o casal Becher usava sempre a mesma luz neutra (dias nublados), certa frontalidade com distância padrão e como numa “janela neutra”, o recorte das arquiteturas podiam ser mostrados.

Figura 11: “Tipologia de casas”, 1959-1974, de Bernd & Hilla Becher. **Fonte:** MoMa.

Pode-se dizer que a perspectiva estética do casal Becher se relaciona também com as propostas seriadas das vanguardas históricas dos anos 1920, como as da corrente da “Nova Objetividade” – o fotógrafo August Sander (1876-1964) realizou sua série “Gente do século XX”, com mais de 5 mil registros das mais diversas pessoas e profissões que refletiam os estratos sociais da Alemanha na época; Albert-Renger-Patzsch (1897-1966) fotografou em cadeia produtos industriais; Karl Blossfeldt (1865-1932) flagrou muitas séries de plantas e vegetais que serviam de modelos para inspirar os *designs* na confecção de móveis e portões em metal (SOUGEZ, 2007, p.215). Tudo indica que o casal Becher serviu de “ligação” entre as estéticas vanguardistas dos anos 1920 e a fotografia contemporânea alemã, aspectos que podem ser identificados nas séries “globalizantes” de supermercados, bolsa de valores e frigoríficos de Andreas Gursky ou na série de retratos “3x4” de Thomas Ruff, por exemplo.

Michael Fried no livro *Why photography matters as art as never before*, de 2010, percebe que muitos desses artistas como Jeff Wall, Thomas Ruff e Andreas Gursky utilizam, em seus processos criativos, ampliações fotográficas em tamanhos grandes, de um a três metros colocadas para contemplação, nas paredes das galerias e museus. O autor aborda o conceito de *photo-tableaux* (forma-quadro), de Jean-François Chevrier, no qual as fotografias captadas com câmeras de grande formato, quando ampliadas, impõe ao espectador uma

presença que impacta devido à enorme gama de detalhes visíveis. O autor faz o paralelo com a experiência que o espectador tem ao observar uma pintura ou uma escultura de perto.

No capítulo nove do livro citado, Fried (2010) discorre sobre quais são as técnicas e subterfúgios utilizados por alguns fotógrafos para manter o espectador afastado da crítica e da reflexão e, portanto, fora da participação da fotografia, ou seja, fortalece sua tese de que a fotografia contemporânea, assim como a pintura e a escultura moderna, nega a literalidade e a teatralidade. Os quatro fotógrafos analisados por Fried (2010) são Thomas Demand (com o estranhamento de suas fotografias), Candida Höfer (com as perfeições e rigor compositivo quando retrata ambientes), Thomas Struth (com suas paisagens silenciosas) e Hiroshi Sugimoto (com a falta de rastros ou de vestígios em seus *Seascapes*). Os quatro trabalham com a exclusão quase absoluta da presença humana nos trabalhos analisados. Tomamos aqui, como exemplo, Thomas Demand, fotógrafo dez anos mais novo do que os outros três.

O processo criativo e o procedimento utilizado por Demand, segundo Fried (2010), consiste em selecionar uma imagem da mídia, por exemplo, alguma cena de um crime. Depois, faz uma maquete tridimensional em papel e em tamanho real da cena em que se inspirou e, então, fotografa-a com uma câmera de grande formato. Assim, obtém, por intermédio de câmeras mais potentes, ampliações em tamanhos maiores e aumenta a ilusão da realidade com maior verossimilhança. Em um primeiro momento, o espectador vê uma imagem fria e abstrata mas, no segundo olhar, percebe que algo está “fora do lugar” e começa a ver pistas de que a imagem é uma simples reconstrução. O artista parte da escultura, se considerarmos as construções de suas maquetes como tal, e elas são isentas de qualquer vestígio de tempo, o que contraria o “momento decisivo bressoniano” tira a fotografia, do contexto do espaço/tempo.

Figura 12: Ao fundo, à direita, Bathroom (Beaus Rivage), de 1997, de Thomas Demand, em exposição no MoMa, maio 2015.
Fonte: MoMa.¹²

¹² Vista da exposição “Thomas Demand”, no MoMa. Disponível em: <<http://twixar.me/H463>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

A fotografia acima, *Bathroom* (Figura 12), bastante divulgada e conhecida, foi criada a partir da construção de uma maquete que reproduzia a imagem, publicada em um jornal, da banheira de um hotel em Genebra onde um famoso político alemão foi encontrado morto em situação obscura e inexplicável, em 1987. A fotografia parece fria e abstrata em primeira observação, mas, aos poucos, quem para e a analisa com mais minúcia, encontra diversos sinais e pode perceber que a imagem é uma ficção. Os títulos de suas fotografias também são mínimos e não sugerem muitas pistas sobre o conteúdo da imagem.

However, the models themselves differ from their originals, real-world (that is, pre-mediatized) sources in that, by virtue of having been reconstructed in paper, and also because the terms of that reconstruction are, in crucial respects, radically incomplete, they have been divested of every hint of indexicality pertaining to those sources and their contexts – every mark of use, every trace of human presence and action, which also means of the least suggestion of pastness, of historicalness, of that “that-has-been” in which Barthes saw the noeme of photography. (FRIED, 2010, p.268).

Em meados dos anos 2000, o crítico de arte Michael Fried começou a se interessar e a escrever sobre fotografia, pois percebeu que, desde os anos 1980, ela era “algo para ser visto na parede”, e já estava ocupando um certo espaço dentro da arte atual. Para ele, a qualidade da fotografia contemporânea reside justamente em sua capacidade de negar a literalidade. Alguns dos fotógrafos acima destacados interessaram ao crítico, uma vez que a obra deles continha o conceito de “absorção” ou “antiteatralidade” da arte, ou seja, os personagens são representados como se eles estivessem completamente “absorvidos/absortos” pelo que estivessem fazendo, como se nada mais houvesse a sua volta, voltados para dentro da fotografia, para dentro da moldura. O espectador não é convidado a participar da fotografia, como se existisse um limite entre ele e a ficção da fotografia. Para o autor, a absorção é a ficção suprema, exclui o espectador da cena, ao contrário do teatro em que há uma relação direta entre o ator e o público.

Para refletir sobre o “polo Vancouver”, Hans Belting, no livro *Antropologia da Imagem*, discute a encenação do olhar ao falar do trabalho de Jeff Wall. A seu ver, “o fotógrafo parece exigir o direito de só ele ser sujeito” – ele aborda a prática do fotógrafo ter o direito de dispor livremente da imagem “tornando-se observador soberano do mundo”. No entanto, o fotógrafo depende do seu motivo (tema, objeto, pessoa ou paisagem) e do ato técnico de fotografar (do clique feito por meio de uma câmera). Esse conflito, segundo o autor, foi resolvido quando a fotografia deixou de ter seu lugar atrelado à realidade da *mass media* e questionou a si própria como meio, e iniciou uma nova trajetória na contemporaneidade,

concordando com Fried (2010) com relação à negação da literalidade. Belting (2014) discorre ainda sobre a fotografia célebre de Jeff Wall, *The Storyteller* (O contador de histórias), figura 13, que ele expôs pela primeira vez em 1986 em um *backlight* (caixa de luz). A imagem mostra índios americanos da Colômbia Britânica sentados embaixo da sombra de uma autoestrada hipermoderna de Vancouver contando, entre si, histórias de seu passado. Como no cinema, Jeff Wall encena uma narrativa com os atores em seus lugares, dando vida a uma imagem muito “real”. Essa experiência estética de Jeff Wall que se dá em atos banais do cotidiano reporta a um efeito de uma cena verdadeira: “...ao mesmo tempo em que a imagem nos convida a uma crença no flagrante e a verdade da representação fotográfica, toda dinâmica da cena parece forçada, fictícia, fora do comum.”, diz Carvalho (2011). O trabalho encenado e que se parece com um instantâneo, esvazia também o “momento decisivo” da fotografia moderna e humanista. Jeff Wall é como um diretor de cinema que coordena as poses dos atores no cenário:

Através da máscara constituída pela neutralidade do meio tecnológico, a ficção é dotada de uma verdade sublime que os olhos do espectador presumem como competência do meio. O gesto fotográfico torna-se, assim, autônomo. (BELTING, 2014, p.291).

Figura 13: Fotografia *The Storyteller* (O contador de histórias), de Jeff Wall, feita em Vancouver, 1986. Silver dye bleach transparency in light box, Image: 229 x 437 cm. **Fonte:** The Met.

Outra imagem de Jeff Wall, que pode ilustrar bem seu processo criativo, é sua famosa fotografia de 1992, *Dead Troops Talk* – “Conversa de soldados mortos (visão após uma emboscada contra uma patrulha do Exército Vermelho perto de Moqor, no Afeganistão, no inverno de 1986)” –, na qual o fotógrafo, que nunca foi ao Afeganistão, encenou e construiu todo o cenário em seu estúdio, dirigindo cinematograficamente os atores em suas posições.

Fontcuberta (2010) disse que o melhor fotógrafo é aquele que mente bem, alusão ao fato de que toda fotografia traz consigo a criação e a manipulação como essência e característica.

Toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira. [...] a fotografia mente sempre, mente por instinto, mente porque sua natureza não lhe permite fazer outra coisa. (FONTCUBERTA, 2010, p.57).

Por fim, no “polo Nova Iorque”, pode-se destacar os fotógrafos Richard Prince (1949), Cindy Sherman (1954), e Nan Goldin (1953). Cindy Sherman combina elementos desconexos e cria uma imagem incoerente tirando a segurança natural de quem entra em contato com sua obra, as quais produzem certa inquietação. Além de se apropriar de clichês cinematográficos, ela joga também com estereótipos e arquétipos como, por exemplo, quando faz alusão às pinturas de Caravaggio. É ao mesmo tempo fotógrafa, modelo, produtora, maquiadora e cabeleireira. Cria seus personagens (Figura 14) usando próteses (de nariz, de seios etc.) e roupas de época. Coloca em xeque o realismo, desenvolve a encenação e a identidade construída, por isso, não se pode dizer que suas fotografias são autorretratos.

Figura 14: À esquerda, uma referência ao quadro “Pequeno baco doente”, do pintor barroco Caravaggio, datado entre 1593 e 1594, à direita, Cindy cria um transexual, inquietação na discussão do “feminino”. **Fonte:** The Broad.

Nan Goldin inovou com suas narrativas que tratavam da vida particular das pessoas. Instantâneos e slides da vida íntima e doméstica eram projetados à noite, em boates de Nova Iorque, acompanhados com trilha sonora. Rompeu com a fronteira entre o público e o privado, mostrando a vida dos amigos que viviam em comunidade, externando suas relações de afetividade que envolviam sexualidade e dependência de drogas (Figura 15). Foi inovadora, pois, na época, não era comum que a imagem tratasse da vida interior das pessoas, o que hoje é corriqueiro com a “cultura do *selfie*” que mostra toda e qualquer intimidade.

Figura 15: À esquerda, “Nan um mês após o espancamento”, em 1984, quando levou uma surra de seu namorado e à direita, “Gilles e Gostcho se abraçando em Paris”, em 1992, casal homossexual que enfrentou o drama da AIDS. **Fonte:** SOUZA (2012, p.11).

Richard Prince se apropria das propagandas do cigarro Marlboro (Figura 16). Fotografa os anúncios recortados de revistas e, por meio de estratégias e técnicas (desfoque, saturação de cores etc.), realiza uma interpretação crítica ao desconstruir o modo de vida do “homem branco americano”, o mito do vaqueiro, o *cowboy* desbravador, destemido e viril. Prince destruiu a aparente naturalidade das imagens, revelando-as como ficções alucinantes dos desejos da sociedade em pleno governo Regan. Por este motivo, foi processado judicialmente pela empresa de cigarros Marlboro, mas ganhou todos os processos. Foi um momento em que a justiça precisou se pronunciar sobre a questão.

Prince manipula la apariencia hiperrealistas de estos anuncios hasta el punto de desrelalizarlos en el sentido de la apariencia, pero realizarlos en el sentido del deseo. (FOSTER, 2001, p.150).

Figura 16: “Untitled Cowboy”, 1989, chromogenic print, 127 x 177.8cm, fotografia de Richard Prince. **Fonte:** The Met.

3.6 Tendências para as poéticas contemporâneas

A partir de alguns exemplos, percebe-se como a fotografia transita na contemporaneidade por uma multiplicidade de caminhos. Entender as novas práticas e possibilidades oferecidas por ela, hoje, é condição para compreensão de que a fotografia, cada vez menos, habita no terreno da realidade e, cada vez mais, não pode ser atrelada à “verdade documental da fotografia”, ou à literalidade. Menos ainda no mundo da arte. O fotógrafo contemporâneo é um teórico, pois parte de um conceito, para a criação de sua “imagem-enigma”, de que nos fala Fabbrini (2016) ou da “fotografia expandida”, de que discorre Fernandes (2006), ou ainda da “imagem pensativa” de que trata Rancière (2012).

É possível arriscar e apostar em algumas práticas que tangenciam o que se chamaria de fotografia contemporânea? Tudo leva a crer que sim. Estéticas e linguagens que se opõem ao tipo de fotografia da era moderna, abstratas e humanistas e outras, ao contrário, que abarcam, utilizam e ressignificam as práticas modernas. A apropriação de imagens, como trabalhou Andy Warhol e Richard Prince, derrotou de vez a ideia de autoria e originalidade tão cara ao modernismo. Barbara Kruger, além de se apropriar de imagens e das artes gráficas do construtivismo russo, envereda por temas espinhosos como a violência, o feminismo e o consumismo com uma estética própria baseada em curtos enunciados. O trabalho de Jeff Wall se estabelece no limite entre realidade e ficção, e, como um diretor de cinema, monta a cena e faz com que ela se aproxime ao máximo do real. Suas caixas de luz impactam devido à gama de detalhes e destroem uma leitura linear. Fotógrafos atrelados à Escola de Düsseldorf, como Thomas Demand, Candida Höfer ou Thomas Struth praticamente excluem a presença humana em suas fotografias e se valem de estratégias como estranhamento ou falta de rastros, alguns se valendo de narrativas enviesadas, sem começo, meio e fim (CANTON, 2009). São imagens que também causam grande impacto, têm grande presença, porém, com pouca expressividade: são as chamadas “fotos inexpressivas”, frias, distanciadas (COTTON, 2013, p.81). Elas também contrariam a fotografia moderna, o momento decisivo, o momento “certo” do clique fotográfico. Narrativas da vida íntima e criação de personagens a partir de arquétipos e estereótipos foram também estratégias que as fotógrafas norte-americanas, Nan Goldin e Cindy Sherman, valeram-se para a construção do “projeto estético contemporâneo” que, segundo a concepção de Fernandes (2006) é “a busca dessa diversidade sem limites e da multiplicidade dos procedimentos – novas formas do conhecimento humano onde o mundo passa a ser entendido como uma trama complexa, extraordinária e instável”.

4. BREVE PANORAMA DA FOTOGRAFIA BRASILEIRA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

No capítulo anterior, foram feitas algumas reflexões no sentido de percebermos as mudanças de estéticas e de linguagens nas artes e, em particular, na fotografia, no final do século XX, principalmente nos EUA e na Europa. Este capítulo visa elencar, por meio de um breve histórico, alguns artistas e movimentos que atuaram no Brasil, buscando, assim, clarificar como os paradigmas da fotografia moderna foram pouco a pouco dando lugar a uma nova fotografia que hoje é chamada de “contemporânea”, aquela que procuramos identificar no Festival Paraty em Foco.

No livro *Fotografia no Brasil – um olhar das origens ao contemporâneo*, Angela Magalhães e Nadja Peregrino fizeram um panorama histórico desde a descoberta isolada da fotografia no Brasil, por Hércules Florence, de 1833 até 2003, em que apontam reflexões para os caminhos trilhados pela fotografia brasileira contemporânea e essa é uma das fontes detalhadas de movimentos e articulações de fotógrafos. Em *Labirinto e Identidades – panorama da fotografia no Brasil [1946-98]*, o professor Rubens Fernandes Junior mapeou o amplo espectro da fotografia brasileira na última metade do século XX, destacando quatro gerações de artistas com diferentes procedimentos e fazeres criativos, delineando a trajetória da estética assumida pela fotografia neste período. No final do livro, Fernandes (2003) organiza uma cronologia, por décadas, o que nos interessa diretamente, em que organiza as ações, os movimentos, as exposições em museus e galerias, as novidades técnicas, as revistas especializadas, publicações de livros, encontros, prêmios, agrupamentos e agências profissionais, coleções, bienais, cursos, enfim, tudo que diz respeito ao mundo da fotografia. O catálogo-livro *ArteFoto*, resultado da antológica exposição¹³ sob curadoria de Ligia Canongia traz significativa parcela de obras de arte realizadas por artistas plásticos que se utilizaram do suporte fotográfico, alguns de forma temporária e outros, permanente. Estas três literaturas contemplam um largo e diferenciado espectro de obras, artistas e fotógrafos, além de trazer grande parte da história da fotografia brasileira no período de interesse para esta pesquisa, ou seja, as últimas quatro décadas do século XX, as quais divido em três fases: as décadas de 1960/1970, a década de 1980 e a década de 1990.

¹³ A exposição “Arte e Foto” foi realizada no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, de 16 dez. 2002 a 28 fev 2003. Ligia Canongia dividiu a mostra, ordenada de forma cronológica, em três módulos: “Pioneiros”, “Os Anos 1970” e “Momento Atual”.

4.1 Ditadura Militar, décadas de 1960 e 1970

Mesmo com a censura e toda a repressão imposta pelos militares no período de 1964 a 1985, a arte sobreviveu e conseguiu ser válvula de escape para manifestações, tendo um papel fundamental como instrumento de denúncia sobre a situação política em que se encontrava nosso país. Canções de protesto cantadas por Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda e Elis Regina ganharam o país e fortaleceram a resistência. No cinema, Cacá Diegues e Glauber Rocha levaram para as telas histórias de um povo que perdia seus direitos mínimos. No teatro, grupos como o Oficina e o Arena mostravam peças de autores brasileiros que abordavam a trágica situação do país na época.

Impulsionada pelos membros do Foto Cine Clube Bandeirantes, a fotografia moderna¹⁴ com suas abstrações, geometrizações e contrastes do preto e branco teve seu auge nas décadas de 1940 e 1950, mas na década de 1960 para 1970 começa a perder fôlego. Ainda podemos perceber sua influência no cenário artístico brasileiro quando, em 1965, cinquenta fotoclubistas participaram da VIII Bienal Internacional de São Paulo, numa seção dedicada especialmente à fotografia. Em 1967, o Foto Cine Clube Bandeirantes marcou presença novamente e organizou outro evento para a IX Bienal Internacional de São Paulo, a “Exposição Internacional de Arte Fotográfica”. Ao que se observa, no período militar, a fotografia moderna, tal qual conhecemos a partir de invenções e experimentações realizadas pelo grupo fotoclubista, foi perdendo terreno para artistas plásticos que usaram a fotografia como forma de compor o seu processo criativo e, muitas vezes, serviu de protesto. Lembro aqui apenas alguns: Anna Maria Maiolo, Carlos Zilio, Antonio Manuel.

Carlos Zilio, por exemplo, foi um artista que rompeu as barreiras entre arte e política ao ponto de, em 1968, assumir definitivamente o papel de militante político do grupo de esquerda Dissidência da Guanabara que, mais tarde, veio a alinhar-se com o Movimento Revolucionário Oito de Outubro, em 1968. Antes de entregar-se permanentemente à luta revolucionária, Zilio produziu a obra “Lute”, uma marmita de alumínio que, ao invés de conter comida, trazia uma máscara em papel *marchè* com a palavra “lute”, em vermelho, inscrita numa tarja colada na boca de um rosto anônimo. Em pleno ano de 1967, quando o regime militar já estava se institucionalizando e preparando o AI-5, nasce a marmita de Zilio.

¹⁴ Para se aprofundar na história da fotografia moderna, o livro *Fotografia Moderna no Brasil*, de Helouise Costa e Renato Rodrigues da Silva discute desde o movimento pictorialista do final do século XIX, até o ápice da fotografia moderna, quando nos anos 1940/50 o movimento fotoclubista se estabeleceu como uma reação à massificação com a chegada das câmeras instantâneas. A obra aponta ainda como a estética modernista permaneceu presente até a produção das gerações da década de 1980 e também, como foi abarcada pelos artistas da contemporaneidade e segue assim até hoje, sendo ainda escolhida como linguagem por alguns fotógrafos.

Segundo Freitas (2004), Zilio foi baleado em um confronto de rua, em 1970, e preso. Só saiu da prisão em 1972, quando retomou sua vida artística. Nesse período, Zilio também usou a fotografia como parte de seu fazer criativo: em 1974 fotografou dois pés descalços (Figura 17), como se fossem de um “defunto”, com a etiqueta “Identidade Ignorada”. Com isso, o artista lembra do anonimato em que se encontravam as vítimas da ditadura militar, os desaparecidos políticos. Outra série de fotografias, chamada “Para um Jovem de Brilhante Futuro”, feita em 1973 (Figura 18), inspirava-se nos moldes e na linguagem de uma fotonovela. Trazia a figura de um jovem com uma maleta de couro, tipo “007”, aquelas que eram usadas para os que ingressavam no mercado de trabalho em busca dos altos salários de executivos. Com certa ironia, Zilio inventou a maleta com fileiras de pregos pontiagudos virados para cima, dispostos como um batalhão (Figura 19); uma metáfora que alertava para os perigos dos desejos dos jovens alienados que só buscavam se dar bem na vida.

Figura 17: “Identidade Ignorada”, fotografia p&b, 18cm x 24cm, de 1973. Coleção do artista Carlos Zilio. **Fonte:** site do artista.

Figura 18: Fotografias da série “Para um jovem de brilhante futuro”, p&b, 18 x 24cm, 1974. Coleção do artista Carlos Zilio.
Fonte: site do artista.

Figura 19: “Para um jovem de Brilhante Futuro”, 1973, maleta executiva, prego e papel 36 x 36,7 x 40,5 cm, pertencente à Coleção Gilberto Chateaubriand, MAM RJ. Foto de Sérgio Guerini. **Fonte:** MAM-RJ.

A artista Anna Maria Maiolino, a partir da década de 1970, começou a trabalhar com diversas mídias, como a instalação, a fotografia e filmes. A série de fotografias chamada “Fotopoemação” (Figura 20), vista recentemente na exposição “Mulheres Radicais”,¹⁵ também marcou época. Elaborou poemas visuais fazendo *performances* para a câmera fotográfica e algumas dessas fotografias são diretamente influenciadas pelo contexto ditatorial

¹⁵ Exposição “Mulheres Radicais”, da qual Anna Maria Maiolino participou, na Pinacoteca de São Paulo, em setembro de 2018. Ver reportagem de Gabriela Longman, “Exposição ‘Mulheres Radicais’ transforma corpo feminino em sujeito”, do jornal *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <<http://twixar.me/BXc3>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

e de opressão do Brasil daquele momento, enquanto outras abordavam questões políticas por um viés mais sutil da subjetividade. Nessa série, Maiolino mostrou a dor, numa possível mutilação do seu corpo, pois se autorretratou como se fosse cortar a própria língua, ou o nariz (em outras fotos da série) como uma metáfora sobre os horrores das torturas da ditadura.

Figura 20: Da coleção da artista Anna Maria Maiolino, fotografias da série Fotopoemação, 1974. **Fonte:** site da artista.

Antonio Manuel era tão irreverente quanto os artistas aqui comentados, e isso, em pleno ano de 1970. O artista se inscreveu no 19º Salão de Arte Moderna apresentando o seu próprio corpo como obra de arte a ser analisada pelo júri. O título da obra era o seu próprio nome e as dimensões, as medidas de seu corpo. Foi excluído do Salão, então, como protesto, apareceu nu na abertura da exposição, na parte de cima do saguão e depois realizou uma *performance* em que descia as escadas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no qual este ato tornou-se simbólico. A *performance* foi fotografada e, com o material, Zilio construiu uma caixa de dois metros de altura, deu o nome de arte de “Corpobra” (Figura 21). O interessante é que essa obra foi projetada para interagir com o espectador: há uma alavanca atrás da caixa que, ao ser acionada, troca a fotografia com a tarja que cobre seu pênis, por uma outra fotografia sem ela.

A fotografia dele nu fazia parte da escultura junto com outros materiais – palha, madeira, acrílico. A fotografia mudou de patamar – de registro documental, sua função primeira, para suporte que fez parte da criação do artista:

Transportada para um contexto poético, a foto perdeu seu referente puramente mecânico, e abre-se à exploração do imaginário. A foto que está presente em *Corpobra* não é mais um documento, mas uma matéria poética que compõe a obra. (CANONGIA, 2005, p.83).

Figura 21: “Corpobra”, 1970, fotografia, palha, madeira e acrílico, 200 x 48 x 48,5cm pertencente à Coleção Gilberto Chateaubriand MAM RJ. Fotos de Romulo Fialdini e Valentino Fialdini. **Fonte:** MAM-RJ.

Nesse período, além desses trabalhos que aproximaram a arte da vida e da política, a fotografia trilhou também caminhos pelo documental e fotojornalístico, com fotógrafos que mergulharam em busca de nossas raízes, de nossa identidade, a procura do Brasil “profundo”, sufocado pela falta de liberdade do período militar. Marcos Santilli, em 1977, desenvolveu o projeto Nharamaã, uma rica documentação “audio-fotográfica” sobre as transformações humanas e ambientais na Amazônia e em Rondônia; Pedro Martinelli, em 1973, contatou os desconhecidos e isolados índios “gigantes” Kranhcârore.

O diletantismo estetizado dos fotoclubes e os temas amenos da maioria das revistas ilustradas perdem espaço para uma produção mais engajada na denúncia dos problemas sociais. No campo editorial, destaca-se aquela que foi uma das mais importantes publicações desse período, a revista Realidade, por onde passaram fotógrafos como David Zingg, George Love, Claudia Andujar, Maureen Bisilliat, Luigi Mamprin, Lew Parrela. (KOSSOY; ENTLER, 1996).

A partir do rigor técnico, da sensibilidade e da criatividade desses fotógrafos, a revista abordava, com frequência, assuntos polêmicos, em plena ditadura, como o casamento e o aborto, celibato de padres, drogas, miséria no nordeste, a vida na isolada ilha de Cuba e os direitos da mulher como, por exemplo, a edição de janeiro de 1967 (Figuras 22 e 23):

É paradigmático, por exemplo, o número especial *A mulher brasileira hoje* (janeiro de 1967), apreendido pelo Juizado de Menores de São Paulo e do Rio de Janeiro, em virtude do tom desafiador das matérias que soavam como uma verdadeira heresia para os padrões sociais conservadores da sociedade brasileira. “Sou mãe solteira e me orgulho disso!”. A frase de uma jovem carioca, estudante de Direito, mostrava a ousadia de abordar um tema tabu naqueles anos 60, isso sem falar na perda da virgindade, um dos aspectos discutidos e por assim dizer malditos numa sociedade de forte tradição católica. Nessa edição, a cena de um parto fotografado por Claudia Andujar foi considerada, também, obscena. Desta vez, a Realidade extrapolou e suas matérias seriam objeto de uma crítica mordaz por parte da censura, tanto que este exemplar seria apreendido menos de 48 horas depois de chegar às bancas. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.62).

Figura 22: Foto de George Love com uma “mulher em uma lupa. Simboliza o intuito de mostrar a mulher brasileira da maneira como ela era. Edição n. 10, jan. 1967. **Fonte:** site RiscaFaca.

Figura 23: Reportagem com fotos de um parto feita por Claudia Andujar. Edição n. 10, jan. 1967. **Fonte:** site RiscaFaca.

Em 1970, Claudia Andujar esteve na Amazônia para realizar uma reportagem especial para a Revista Realidade sobre os índios Yanomami. Foi aí que sua vida mudou definitivamente e podemos dizer que essa viagem foi um divisor de águas em sua carreira. Abandonou São Paulo e o fotojornalismo para se engajar na causa da cultura indígena e foi viver na Amazônia com o apoio de bolsas da Fundação Guggenheim (1971 e 1974) e uma da Fapesp, em 1976. Sem dúvidas, realizou o maior e mais importante registro imagético e demonstrativo dos costumes e da cultura Yanomami. Em 1978, foi enquadrada na Lei de Segurança Nacional, dispositivo criado pelos militares para calar a oposição, e foi expulsa pela Funai das terras indígenas. Regressou para São Paulo, mas não desistiu da luta pela demarcação do território Yanomami que finalmente se concretizou em 1992. As fotografias de Andujar, além de documentais e etnográficas, são oníricas, mágicas e enigmáticas (Figura 24):

Suas fotografias nos permitem experimentar o invisível, em que a luz fotográfica encontra a luz cintilante dos espíritos. Os feiticeiros evocam o sobrenatural, ao passo que a fotógrafa evoca a nova magia da imagem técnica anunciada por Vilém Flusser. O referente não é aderido à imagem fotográfica pelo fato de ser uma construção simbólica; perde sua carga mítica original descontextualizando o evento religioso, para transformar-se em outra magia, uma magia contemporânea que não se propõe a modificar o mundo e sim nossos conceitos sobre ele, o que Flusser (1980) denomina magia de segunda ordem. (TACCA, 2011, p.218).

Figura 24: Foto de Claudia Andujar, série Casa, sem título, 1974, exposta em Inhotim, nov. 2015. **Fonte:** Inhotim.

Outro fotojornalista que marcou presença com sua ironia no fazer fotográfico difundido bem embaixo das esferas do poder, foi Luis Humberto, que liderava e agrupava um grupo de fotógrafos em Brasília, entre eles Marcos Santilli, Salomão Cytrynowicz, Milton Guran e Zeka Guimarães. O jornalista e crítico de fotografia Moracy Oliveira descreve o trabalho do fotógrafo Luis Humberto (Figura 25), em perfil publicado no site Olhavê:

Em 1973, ao assumir a direção de arte e editoria de fotografia do recém-fundado Jornal de Brasília, pôs em prática uma de suas bandeiras, a de valorizar a imagem fotográfica, a informação visual, e passou a dar amplo espaço para fotos junto ao material escrito. Nos finais de semana editava página dupla com portfólios de fotógrafos locais. (OLIVEIRA, 2014).

Figura 25:Fotografias de Luiz Humberto. **Fonte:** Olhavê.

Para Fernandes (2003), Luiz Humberto sempre foi um incansável lutador pelos direitos e reconhecimento do fotógrafo como profissional:

Na década de 70, durante a censura imposta pela ditadura militar, construiu um dos mais importantes e consistentes trabalhos de documentação política e do dia-a-dia de Brasília. Com fina ironia, trouxe a vida inteligente para a fotografia dessa época, insinuando, nas entrelinhas, irreverência e criatividade. (FERNANDES, 2003, p.156).

O fotógrafo Evandro Teixeira em entrevista concedida à jornalista Simonetta Persichetti, na TV Eduk, canal do YouTube,¹⁶ disse que no Jornal do Brasil os censores destruíam as matérias dos repórteres, mas com relação às imagens, muitos censores não tinham entendimento do que significava de fato aquelas fotografias, “não tinham uma leitura visual daquilo”. Isso significava que muitas fotografias “escapavam aos censores” (Figura 27) e acabavam nas páginas dos jornais. Ele conta que após a passeata dos cem mil (Figura 26):

¹⁶ Ver entrevista no canal Eduk, do YouTube. A jornalista Simonetta Persichetti entrevistou em março de 2015 os fotojornalistas Evandro Teixeira, Nair Benedicto, Juca Mratins, Helio Campos Melo, Rogério Reis e Ricardo Chaves. Ver Parte 1, quando se debate sobre a situação dos fotojornalistas durante as décadas de 1960/70. (PERSICHETTI, 2015).

(...) um dos dias mais memoráveis de minha carreira, em 1968, ao chegar na redação fiquei eufórico, pois tinha conseguido fotografar a multidão carregando a faixa ‘Abaixo a ditadura, o povo no poder’ e acreditava que esta seria a foto da capa do JB. Corri para o laboratório e ampliei uma cópia, no tamanho grande, 30 x 40 cm e corri para mostrar ao editor da primeira página, porém, não percebi que havia dois militares na redação que, de pronto, rasgaram e destruíram minha fotografia. Triste, tive que me contentar em publicar outra imagem, sem faixa, apenas com a multidão depois de ter corrido muito e escapado de tantos policiais.”. (TEIXEIRA, entrevista à Simonetta Persichetti, 2015).

Figura 26: Foto de Evandro Teixeira da Passeata dos Cem Mil. Fotografia censurada e não publicada. Manifestação contra a ditadura, organizada pelo movimento estudantil, 26 jun. 1968, Rio de Janeiro. Contou com a participação de artistas, intelectuais e de outros setores da sociedade brasileira. **Fonte:** Acerto PEF.

Figura 27: Capa do Jornal do Brasil, 22 jun. 1968. Fotografia de Evandro Teixeira das manifestações estudantis na chamada “sexta sangrenta”. **Fonte:** Arquivo Jornal do Brasil.

Nessa mesma entrevista, o fotógrafo Juca Martins conta que conviveu com a censura diretamente quando trabalhou no jornal “Movimento”, periódico declaradamente de esquerda. Ele era editor de arte e de fotografia e, na época, era obrigado a enviar para Brasília todas as charges e fotos que seriam publicadas para serem antes aprovadas. Juca concorda com Evandro sobre os militares, muitas vezes, deixarem escapar as imagens, pois estavam mais preocupados com o que estaria escrito, mas, outras vezes, também censuravam as imagens. Os jornais retornavam mutilados. Ele conta que, no final de 1977, estudantes foram às ruas. Em 1978, eclodiu o movimento contra a carestia e, em 1979, os trabalhadores do ABC entraram em greves duradouras, além disso, o movimento pela anistia ampla geral e irrestrita para os presos políticos tomou conta das ruas. Nesse contexto, o presidente Geisel prometeu uma “abertura lenta e gradual”. Rogério Reis recorda como era difícil o trabalho na época para fotografar as manifestações e fugir dos policiais: tinham que esconder filmes nas meias e nas cuecas, enterrar em praças para depois resgatar, ou, até mesmo contar com o auxílio dos motoristas que fugiam para as redações com os filmes para serem revelados.

A opinião de Nair Benedicto nessa entrevista, apontava os repórteres fotográficos mais unidos e politizados do que os jornalistas de texto, e mais organizados também. Nesse caldo de cultura é que surgem as agências de fotografia independentes dos grandes jornais e revistas. Em São Paulo, em 1979, a Agência F-4 foi fundada pela própria Nair ao lado de Juca Martins, Ricardo Malta e Ricardo Azoury. Logo surgiu a sucursal no Rio com Rogério Reis e João Roberto Ripper. Em Brasília, nasce a Ágil, sob a liderança de Milton Guran¹⁷ (também participaram da fundação Julio Bernardes, André Dusek, Kim-Ir-Sem e Duda Bernarde). Mais tarde, em 1982, aparece, em São Paulo, outra agência, a Angular, fundada e liderada por João Bittar, juntamente com os fotógrafos Marisa Carrião, José Luiz Bittar, Cristina Villares, Marcos Rosa e Wagner Avancini.

A filosofia de trabalho dos fotógrafos que estavam nas agências era documentar o que acontecia com o povo brasileiro naquele momento e, então, levantavam pautas que a grande imprensa não costumava explorar: situação dos menores, luta dos índios por suas terras,

¹⁷ “A Ágil foi fundada no começo de 80, pouco depois da Central Fotojornalismo e da F4, ambas de São Paulo, no bojo de um movimento bem amplo de repórteres-fotográficos pela liberdade de imprensa, valorização da informação visual e do jornalismo investigativo, pelo respeito aos direitos autorais e ao trabalho do fotógrafo em geral. Naquela ocasião, vivíamos em um regime militar e a derrubada desse regime e a redemocratização do país eram prioridades absolutas da sociedade civil. O fotojornalismo se colocava, então, como o instrumento à nossa disposição para participar desse processo. Muitos foram os fatores que construíram esse chamado movimento de agências, mas houve um dado conjuntural fundamental para que a coisa acontecesse, havia por parte da sociedade um desejo enorme de saber o que se passava, conhecer o país e seu povo, repensar o Brasil na perspectiva de uma nova ordem democrática”. (GURAN, entrevista à Georgia Quintas, 2010). Disponível em: <<http://twixar.me/Wjc3>>. Acesso em: 2 jan. 2019.

garimpos, movimentos de trabalhadores e de luta social, questões relacionadas às mulheres, entre outras, pois tinham a posse dos seus negativos e a liberdade de editar e propor essas pautas. Nair disse que sua maior preocupação, na época, era que ela poderia perder o controle de suas fotografias e, dessa maneira, com uma agência independente, de propriedade deles, as condições eram colocadas, inclusive a tabela de preços mínimos para a categoria *freelancer* e direito autoral com o crédito obrigatório eram respeitados. A Revista IstoÉ era uma das poucas que permitia aos fotógrafos ter a posse dos seus negativos, época em que Mino Carta era seu diretor. Com esse novo comportamento, por mais de uma década, as agências forneceram pautas para os jornais e revistas da grande imprensa e também para as editoras de livros. Nesse sentido, Fernandes lembra:

Nair Benedicto e Juca Martins, fotógrafos e sócios-fundadores da Agência F-4, são alguns dos mais importantes nomes do fotojornalismo nas últimas décadas. Lutadores incansáveis pelo reconhecimento profissional do fotógrafo, através da F-4 dedicaram parte de seu tempo à realização de um projeto político para a classe, tentando modificar as relações trabalhistas entre fotógrafo e empresa, entre produção e direito autoral, propondo maior autonomia dos fotógrafos para desenvolver matérias jornalísticas e independência na seleção de temas e pautas sugeridas pela agência. (FERNANDES, 2003, p.159).

4.2 Década de 1980

É certo que na década de 1980 as agências independentes se firmaram e, mais e mais, cumpriram papel fundamental para a documentação de assuntos políticos e sociais do Brasil e assentaram o trabalho do fotógrafo autônomo, do *freelancer*, assim como lutaram por seus direitos profissionais.

Além disso, o decênio foi marcado pelas Semanas Nacionais de Fotografia, encontros representativos, em nível nacional, realizados por todo o país, com fotógrafos que se deslocaram de suas longínquas regiões para se conhecer e respirar fotografia. No final da ditadura militar, depois de anos de chumbo, de repressão e de falta de liberdades, a necessidade era enorme para que todos se encontrassem e soubessem o que se produzia e quem produzia. Desse modo, as Semanas Nacionais de Fotografia serviram para o mapeamento da fotografia no Brasil.

A Funarte entrou para o panorama da cultura brasileira em 1975 e quando surgiu a Galeria de Fotografia, em 1979, sob o comando do fotógrafo Zeca Araújo, iniciou-se o trabalho de exposição da poética dos fotógrafos da época. A galeria contou com inúmeras e importantes mostras, como exemplo, a que trouxe o movimento pictorialista para o

conhecimento do público. “Hermínia Nogueira Borges”, ou, aquela que mostrou a fotografia moderna, “José Oiticica Filho – A ruptura da fotografia nos anos 50” e também a de Miguel Rio Branco, “Nada levarei quando morrer, aqueles que a mim deveu, cobrarei no Inferno”, de 1980. Assim, a fotografia brasileira começa a ganhar visibilidade e, em 1984, o Núcleo de Fotografia da Funarte se transforma em Instituto Nacional de Fotografia (INFoto), sob o comando de Pedro Vasquez (primeira gestão 1982-1986) sendo sucedido por Walter Firmo (segunda gestão 1986-1989). “Nos quase seis anos de existência do INFoto, mais de 100 mostras fotográficas coletivas e individuais foram produzidas, boa parte delas registrada em catálogos e livros.” (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.83).

A Galeria de Fotografia ficava no Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro, na parte dos fundos onde estava a sede da Funarte. Muitas convocatórias foram feitas para que as exposições ocupassem aquele espaço. Por lá passaram exposições fundadoras de vertentes estéticas como, por exemplo, a mostra retrospectiva *José Medeiros, 50 Anos de Fotografia*, que resultou em um livro homônimo, em 1996. Também mostraram ao público, pela primeira vez, daguerrótipos, ambrótipos, ferrótipos de família da coleção da Fundação Joaquim Nabuco. Ou seja, a Galeria de Fotografia da Funarte teve grande importância, pois “artistas de ponta contaram com uma infraestrutura ímpar e sólida para a divulgação de seus trabalhos.” (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.84). No final da pesquisa, há o Anexo II – Levantamento dos 17 anos de atividades de fotografia da FUNARTE,¹⁸ que contém a relação das atividades promovidas pela Funarte em 17 anos.

Além de estruturar as exposições, as professoras Angela Magalhães e Nadja Peregrino, na época funcionárias da Funarte, participaram intensamente da organização das Semanas Nacionais de Fotografia e, em entrevista à pesquisadora, contaram como tudo começou:

Podemos dizer que o primeiro encontro, realizado no Rio de Janeiro (1982), funcionou como projeto piloto para a estruturação de uma política de atuação nacional e, para tanto, fotógrafos de diversas capitais foram convidados a traçar um diagnóstico do movimento fotográfico em suas regiões. Por vários dias, estiveram reunidos no Museu Nacional de Belas Artes, então sede da Funarte, Bené Fontaneles (MT), Claudio Versiane (MG), José Albano (CE), Gustavo Moura (PB), Luiz Carlos Felizardo (RS),

¹⁸ No final desta pesquisa, o Anexo II – Levantamento dos 17 anos de atividades da FUNARTE apresentará a reprodução do relatório, ainda em produção e não publicado, realizado pela professora Angela Magalhães com todas as atividades realizadas pela Funarte, durante 17 anos, de 1979 a 1995. Nele, encontram-se as programações das oito Semanas Nacionais de Fotografia que aparecem em destaque dentro do documento. O interesse em publicar esse relatório vai ao encontro da necessidade de dar a devida importância à Funarte, que teve papel fundamental no processo de reorganização e mapeamento da fotografia brasileira pós-ditadura. Esse anexo, somado à cronologia de Fernandes (2003), é um rico material histórico sobre a memória em torno dos acontecimentos que envolvem a fotografia brasileira no período estudado. ver também o site da Funarte com a programação das semanas. Disponível em: <<http://twixar.me/cLc3>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

Milton Guran (DF), Nair Benedicto (SP), Orlando Azevedo (PR) e Valdir Afonso (PE). Buscávamos uma dinâmica descentralizada do eixo Rio – São Paulo, que também incorporasse a produção latino-americana, visando estabelecer um diálogo permanente entre fotógrafos veteranos e iniciantes. (MAGALHÃES e PEREGRINO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A partir dali, técnicos da Funarte começaram a organização das oito semanas que se realizaram durante toda a década de 1980: I SNF (Rio de Janeiro, 1982), II SNF (Brasília, 1983), III SNF (Fortaleza, 1984), IV SNF (Belém, 1985), V SNF (Curitiba, 1986), VI SNF (Ouro Preto, 1987), VII SNF (Rio de Janeiro, 1988) e VIII SNF (Campinas, 1989). Tudo indica que essa mistura de estudantes-fotógrafos com profissionais mais experientes e consagrados que se deslocaram de norte a sul do país, em grupos, ou mesmo sozinhos, para encontros sistemáticos e ao mesmo tempo formais, mas também informais, criou um cenário de cultura para uma convivência espetacular que integrou ideias em torno da fotografia que se produzia naquele momento. Não há registros de encontros de tal magnitude durante a ditadura militar, porém, com o início da redemocratização, foi possível a reunião de pessoas em volta dos mesmos interesses e, nesse sentido, as semanas de fotografia propiciaram um debate muito intenso em torno da linguagem fotográfica, além da troca de experiências com relação à produção e ao consumo da fotografia.

Angela e Nadja lembram que esse momento, mesmo sendo o período final da ditadura militar, foi de total liberdade para o processo criativo. “A gente não tinha acesso a livros fotográficos, não tinha nada mapeado, quem eram os fotógrafos, as produções, nada. Não tinha rede social, era tudo no contato telefônico ou por carta, tudo na munheca.”. Elas explicam ainda que o formato das semanas se parecia um pouco com o do Festival Paraty em Foco:

No nosso modelo tinha palestra, oficina, leitura de portfólio, convocatórias onde as pessoas mandavam suas fotos, tinha lançamento de livros, mostra de audiovisual, que era na verdade projeção de slides, esses que se colocavam no carretel e os projetava nas praças. Leilão não tinha. (MAGALHÃES e PEREGRINO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

As semanas eram realizadas sempre no segundo semestre, mas sem mês fixo. A preocupação era sempre contemplar todas as regiões e isso fica claro quando se observa a escolha das cidades onde ocorreram os encontros (Figuras 28, 29, 30, 31, 32, 33 e 34). O modelo adotado era inspirado nos “Rencontres Internationales de la Photographie de Arles” (França), primeiro grande encontro de fotografia, criado por Lucien Clergue, em 1970. Porém, as semanas eram itinerantes, cada encontro em uma parte do país.

Se era em Fortaleza, o pessoal do sul se deslocava para lá, se fosse no Rio de Janeiro, o pessoal de Belém também ia. Inclusive o grupo paraense vinha em massa por que tinham uma mobilização enquanto coletivo muito forte. Eles conseguiam sempre verba da Secretaria da Cultura pra viajarem como bloco. (MAGALHÃES e PEREGRINO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Elas assinalam que todas as atividades eram pagas pela Funarte, como o pagamento pelas palestras, oficinas, passagens e hospedagem dos convidados, as impressões das melhores fotos da convocatória, o grupo que trabalhava nos eventos, as idas para reuniões preparatórias nos lugares mais distantes como Macapá, Porto Velho, etc.

A gente sempre teve isso como meta. O profissional tem que ser valorizado enquanto profissional. Então é um saber. A gente estava começando a instituir uma nova fase na fotografia, que era um profissional sendo capacitado para passar o seu saber. Na Semana de Fortaleza, juntamos numa oficina Antonio Augusto Fontes e Walter Firmo, chamada “Descolonização do Olhar”, e Antonio dizia “mas a gente nunca deu aula, o que que a gente vai falar?”; Foi um momento em que as pessoas estavam começando a pensar mesmo que elas estariam sendo um fluxo importante de formar plateias. (MAGALHÃES e PEREGRINO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A Semana Nacional de Fotografia de Ouro Preto foi a mais expressiva em termos de público. Contou com 600 pessoas, em média, e segundo Angela e Nadja, “foi um evento com mais maturidade, num cenário maravilhoso de uma cidade histórica, todos queriam ir para aquele encontro”. As semanas seguintes, a do Rio de Janeiro em 1988 e a de Campinas, em 1989, já não foram tão expressivas: o governo Sarney diminuiu muito as verbas até inviabilizar a continuidade das semanas. Quando Collor foi eleito, aconteceu o desmonte total da Funarte:

A partir de 1990, com o Governo Collor, teremos uma “reforma administrativa, imposta às instituições culturais sem qualquer reflexão ou critério, determinando o fim das fundações culturais – Funarte, Fundacen e Fundação para o Cinema Brasileiro (FBC), além da Embrafilme. Esses órgãos serão aglutinados numa nova instituição denominada Instituto Brasileiro de Arte e Cultura (IBAC) que sofrerá uma liquidação crescente dos seus quadros técnicos e administrativos, além do desmantelamento de seus programas pelo corte sistemático de verbas. (MAGALHÃES; PEREGRINO, 2004, p.86).

Figura 28: I Semana Nacional de Fotografia, Rio de Janeiro-RJ, 1982. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 29: III Semana Nacional de Fotografia. Fortaleza-CE, 1984. Oficina de publicidade, com Chico Albuquerque. Foto de Décio Daniel. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 30: III Semana Nacional de Fotografia. Fortaleza-CE, 1984. Ricardo Malta, Antonio Augusto Fontes, Walter Firmo e Luís Humberto. Foto de Décio Daniel. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 31: IV Semana Nacional de Fotografia. Belém-PA, 1985. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 32: IV Semana Nacional de Fotografia. Belém-PA, 1985. Elza Lima e João Urban presentes. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 33: VI Semana Nacional de Fotografia. Ouro Preto-MG, 1987. À frente, Walter Firmo. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

Figura 34: VIII Semana Nacional de Fotografia. Campinas-SP, 1989. Lançamento de livros, com Rosary Esteves, Joaquim Paiva, e Boris Kossoy. **Fonte:** Acervo Angela Magalhães.

No livro *Labirinto e Identidades Panorama da Fotografia no Brasil [1946-98]*, Rubens Fernandes aponta outros impulsos além das Semanas para o desenvolvimento da fotografia brasileira na década de 1980 como, por exemplo, a Quadrienal de Fotografia (1985), realizada no MAM-SP, e a participação de brasileiros nos Colóquios Latino Americanos em Cuba e México. A partir disso, revistas especializadas do exterior também começaram a olhar nossa fotografia e a publicar. “A belga *Clichês*, por exemplo, em 1985, posicionou a fotografia do Brasil entre as sete melhores do mundo; a alemã *European Photography*, no mesmo ano, classificou-a entre as cinco melhores do mundo.” (FERNANDES, 2003, p.172).

4.3 Década de 1990

A fotografia brasileira dos anos 1990 foi marcada principalmente por dois eventos: as oito edições do Mês Internacional da Fotografia em São Paulo e as três edições da Bienal Internacional de Fotografia de Curitiba.

Só no primeiro Mês da Fotografia passaram 132 mil pessoas, o segundo 220 mil, mais de 300 exposições em São Paulo, e a Bienal de Curitiba aproveitou 60% das nossas exposições nos anos seguintes. A parte educacional foi fundamental com tantas monitorias e oficinas dadas pelos artistas convidados que trouxemos; foi um momento especial em que nasceu a universidade de fotografia pelo SENAC e a Coleção Pirelli-Masp. (CHEMONT, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

O primeiro Mês Internacional da Fotografia foi organizado pelo NAFOTO, Nair Benedicto e Fausto Chermont contaram à pesquisadora como foi o trabalho por eles realizado nas oito edições.

Quando o grupo se juntou, em 1991, Fernando Collor¹⁹ acabava de ser eleito presidente do Brasil. Ao tomar posse, deparou-se com uma crise econômica que se acirrou com aumento do desemprego, inflação galopante e recessão. Nessa conjuntura, a área cultural foi totalmente desestruturada, inclusive o INFOTO, Instituto Nacional de Fotografia, que estava abrigado pela Funarte, que como vimos, tinha sido imprescindível para nossa fotografia. As interferências destrutivas do governo Collor na cultura provocaram inúmeras discussões no meio artístico que debatia como seria possível reagir e se reorganizar contra o desmonte.

Nesse sentido, o grupo NAFOTO teve enorme relevância, uma vez que organizou, a partir de 1993, o 1º Mês Internacional da Fotografia e, depois, de dois em dois anos, o 2º até o 8º evento, todos ocorrido em maio. O NAFOTO realizou outras atividades como, por exemplo, seminários, mas esta pesquisa se debruça apenas sobre as oito edições do Mês Internacional da Fotografia em 1993, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005 e 2007.²⁰ O que inspirava a turma do NAFOTO? Certamente, os exemplos de encontros e festivais do exterior de que o grupo ouvia falar ou mesmo, os que os participantes já teriam frequentado. Tratava-se de um grupo de fotógrafos que estava cheio de ideias e como eles próprios afirmam, muitas eram as referências para que se concretizasse o desafio de um grande evento:

Ideias são lançadas, discussões são promovidas, informações importantes são lembradas: o grupo Friends of Photography, da Califórnia, o evento de Arles na França, o próprio Mois de La Photo parisiense, as semanas brasileiras, os debates regionais e os encontros de Campos de Jordão. Seria possível realizar um Mês da Fotografia em São Paulo? (CHERMONT et. al., 2011, p.6).

Em cada edição, um dos membros do grupo NAFOTO ficava com a coordenação geral. Desde o início, os participantes optaram pela autoridade igualitária. Segundo Nair,

(...) desde o início, a dificuldade para as decisões já apontava para que fosse um colegiado com rodízio na coordenação geral, pois cada um de nós tinha um interesse. Eu, por exemplo, queria firmar relações com a fotografia latino-americana, já o Castanho se aproximava mais dos EUA. Sempre quisemos ser independentes de verbas do governo. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

¹⁹ Em 1990, por uma pequena margem percentual de votos, no segundo turno, Collor venceu as eleições com 53% dos votos em oposição aos 47% do concorrente Luiz Inácio Lula da Silva.

²⁰ No final da pesquisa, está elaborada a Tabela III, da qual constam os nomes dos convidados nacionais e internacionais das oito edições do Mês Internacional da Fotografia, com a finalidade de facilitar o olhar sobre a década de 1990 e termos clareza sobre a quantidade de expressivos fotógrafos estrangeiros que estiveram no Brasil, bem como, dos brasileiros que, na época, mostraram seus trabalhos. Para consulta detalhada, o leitor pode recorrer ao livro *NAFOTO 20 anos, 1991 a 2011*, de Fausto Chermont et. al. do qual extraí as informações e algumas fotografias para ilustrar esta investigação.

Não havia Lei Rouanet, por isso, as parcerias que procuravam eram com os consulados, com a Aliança Francesa, o Instituto Goethe ou mesmo o Serviço Social do Comércio (SESC). Outra característica dos eventos é que sempre era realizada uma “exposição índice” a qual contemplava uma imagem de cada exposição. Assim, o público que fosse até a Pizzaria Cristal, nos Jardins, por exemplo, onde geralmente estavam as “exposições índice”, entrava em contato com aquela seleta mostra de fotografias incríveis, animava-se e se direcionava para visitar outras exposições.

A partir dos principais artistas citados, evidencia-se que o legado mais importante das oito edições do Mês Internacional da Fotografia foi o intercâmbio entre a fotografia brasileira e a fotografia estrangeira, particularmente a latino-americana. “O I Colóquio Latino Americano,”²¹ em 1978, no México, foi fundamental, pois a fotografia brasileira apareceu internacionalmente e o NAFOTO surgiu com o interesse comum por esse intercâmbio cultural com outros países”, apontou Nair Benedicto.

O primeiro Mês Internacional da Fotografia homenageou a jornalista e crítica Stefânia Brill.²² Uma enorme exposição, com 1200 fotografias, destacando a “Fotografia Brasileira Contemporânea anos 50 a 90” (Figura 35), abriu o mês no Sesc Pompeia, em São Paulo. A mostra conseguiu romper com o monopólio Rio – São Paulo e novos talentos começaram a surgir. Nair Benedicto conta:

No primeiro Mês não havia nem computador, tínhamos que escrever em inglês, francês, mandar cartas, telefonar... Nós mesmos recebíamos os convidados e tratávamos de acomodá-los etc. Trouxemos Graciela Iturbide, do México (Figura 36), Annie Leibovitz, dos EUA, Marc Riboud, Robert Doisneau, Alain Fleischer, da França e Andreas Müller-Pohle, da Alemanha. Mas, a estrela do primeiro Mês foi Keiichi Tahara (Figura 37), um fotógrafo japonês que morava em Paris e trouxe duas exposições fantásticas, uma de janelas. Ele contou que ao chegar em Paris, sem grana, morou num sótão e até passou frio e então resolveu fazer um ensaio com fotografias pela janela. Todos acharam que suas imagens tinham efeitos especiais, mas aí ele explicou durante a palestra que os franceses não gostavam de limpar janelas e a sujeira eram os tais efeitos. (risos). O Keiichi era lindo, inteligente, talentoso, tratava mulheres com a maior delicadeza, foi tão modesto que eu

²¹ Ver artigo de Erika Zerwes e Carlos Eduardo Costa: “Os Colóquios Latino-Americanos de Fotografia e a institucionalização de uma fotografia brasileira”.

²² O primeiro Mês Internacional da Fotografia, em 1993, foi em homenagem à fundadora do NAFOTO Stefânia Brill, já falecida na época. Stefânia foi crítica de fotografia da revista *Iris* e do jornal *O Estado de S. Paulo*, além de diretora da Casa da Fotografia Fuji. A homenagem também se deu pelo fato de ter organizado os Encontros Fotográficos de Campos do Jordão, os quais aglutinaram muitos fotógrafos e serviram de exemplo às futuras gerações. Para a abertura do primeiro Mês, a exposição *Fotografia Brasileira Contemporânea* contou com 1200 fotografias no Sesc Pompeia com fotógrafos do Brasil todo, conseguindo ficar fora do “eixo Rio – São Paulo – Porto Alegre – Curitiba. Era uma nova proposta de mapeamento da produção fotográfica brasileira, com muitas surpresas e com o surgimento de novos talentos.”. (CHERMONT, 2011, p.7).

brinquei que dá próxima vez que ele voltasse ao Brasil ele ia dar palestra sobre modéstia, (risos). A outra exposição dele era sobre alta costura, ele era um fotógrafo que conseguiu mostrar que a roupa não importava e sim quem estava dentro dela. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Vieram também coletivas de fotojornalistas croatas, fotógrafos argentinos contemporâneos, além de documentaristas britânicos, entre outros.

Figura 35: Nas duas fotografias do centro: uma das curadoras, Rosely Nakagawa, agachada e vista geral da exposição “Fotografia Brasileira Contemporânea anos 50 a 90”. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

Figura 36: Exposição “En nombre del padre”, de Graciela Iturbide. 54 fotografias na Galeria Fotóptica, Pinheiros, São Paulo, 3 a 30 maio 1993. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

Figura 37: Uma das fotografias de Keiichi Tahara do ensaio que realizou em Paris pelas janelas. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

Na segunda edição do Mês Internacional da Fotografia, com o tema “Identidade”, grandes nomes estrangeiros estiveram por aqui: Joseph Koudelka (Figura 38), Martin Chambi (Figura 39), Cartie-Bresson. Segundo Nair:

(...) No segundo Mês trouxemos o Koudelka, da República Tcheca. Ele já era conhecido aqui por seu livro sobre os ciganos, mas, mesmo assim, telefonamos um a um para virem assistir à palestra, que aliás, foi incrível. Também trouxemos Martín Chambi, que já era um nome, porém, foi a primeira grande exposição dele na América Latina, na Casa Fuji, que deu muitas condições e subsídios para que mostrasse suas fotos de casamentos, carnaval, dos grupos indígenas. Como ele era de origem indígena conseguiu imagens maravilhosas, enfim, ele fez um trabalho antropológico. Foi um delírio, todos olhavam e diziam: que coisa fantástica é a fotografia latina! A exposição foi na Casa Fuji, na Casa da Fotografia, que foi uma invenção da Stefania Brill, essa maravilhosa precursora de todos nós. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Três grandes exposições deram ênfase para as questões do Brasil, como os índios e a ecologia, destaque para os fotógrafos brasileiros João Roberto Ripper, Mario Cravo Neto, Carlos Freire, Claudia Jaguaribe e Claudio Edinger.

Figura 38: Fotografias da Retrospectiva Josef Koudelka. Masp, 15 maio a 3 junho 1995. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

Figura 39: Señora Montes, de Martín Chambi. Casa Montes, Cuzco, 1924, pertencente ao MoMa. **Fonte:** MoMa.

O terceiro Mês, em 1997, com o tema “Paixão”, contou com “o brilho especial de Luis Gonzalez Palma, da Guatemala (Figura 40), Lucia Chiriboga e Maria Tereza Garcia, do Equador, Marcelo Salinas e Matias Recart, do Chile, Maya Goded e Vida Yavanovich, do México.” (CHERMONT et. al., 2011, p.8).

Além desse time latino-americano de peso, o NAFOTO trouxe os africanos Seydou Keita, Rotimi e Alex Hirst. É nítido o destaque dado ao estreitamento com a fotografia latino-americana e também com a africana. A exposição “El Silencio de la Mirada”, de Luiz Gonzáles Palma, apontava o caminho que estava sendo trilhado pela fotografia contemporânea: fotos com intervenções e recortes. Para exposições históricas, destaco duas nessa edição: a primeira no Espaço Cultural City Bank abrigou a mostra *Íris Foto 50 anos* sobre a revista especializada em fotografia e a segunda teve curadoria de Emanuel Araújo: “100 anos de Canudos: história e ficção”. Dentre os brasileiros, Vânia Toledo, Thomaz Farkas e Walter Firmo abrilhantaram o Mês. As coletivas latino-americanas desta edição contaram com fotografias da Venezuela, Equador, Chile, México e foi um dos eventos em que mais se estreitaram laços com os latinos.

Figura 40: Fotografias de Luis González Palma. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

No quarto Mês, a coordenação geral ficou sob responsabilidade de Rubens Fernandes e os principais fotógrafos que fizeram parte dessa edição foram a mexicana Flor Garduño (Figura 41) e o francês Jacques Henri-Lartigue. Nair lembra das mostras:

Pierre Verger, com a exposição “O Mensageiro”, ocupou o Masp. “A exposição de João Luis Musa foi no Centro Cultural São Paulo, climatizada, algo muito raro na época! Juntamos na Coletiva Perspectiva a fina flor do pessoal de Belém: Sinval Garcia Mariano Klautau, Paula Sampaio, Octavio Cardoso e outros. Teve uma retrospectiva dos 60 anos de Foto Cine Clube Bandeirantes que foi maravilhosa. Todos também queriam ver a exposição de David Zingg. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

A edição contou também com coletivas: Fotografia Peruana Contemporânea e Fotografia Mexicana Contemporânea, ambas mostradas no Centro Cultural São Paulo estreitaram o intercâmbio latino-americano.

Figura 41: Fotografia de Flor Garduño, exposição “Testigos del Tiempo”. Memorial da América Latina, 20 maio a 6 jun. 1999. **Fonte:** site da artista.

No quinto Mês, o NAFOTO desenvolveu o tema “Raízes e Asas”, que, segundo Nair, “podia ser explorado à exaustão”. O trabalho de Claudia Andujar caiu como uma luva nesse tema e, em 2001, ela já era consagrada. Sua mostra contou com 80 fotografias sobre os Yanomani, no Memorial da América Latina. A exposição teve grande destaque, assim como a individual do mineiro Eustáquio Neves (Figura 42) que não era ainda tão conhecido em São Paulo e trazia, em suas imagens, técnicas mistas de sobreposições de negativos somados a várias exposições sobre o papel. Eram imagens criadas dentro do laboratório fotográfico que resultavam em cópias únicas.

No trabalho de Eustáquio Neves a imagem se liberta de sua submissão à beleza. A montagem é ruidosa, dissonante, quase sonora, pois as interferências reverberam como signos erráticos de uma fotografia que não traz grandes evidências, apenas elementos sensíveis que imediatizam nossa percepção, que põe em jogo ideias, recordações e sentimentos, todos eles determinados por diferentes experiências de vida. Sua criatividade é expressa nesse fazer difuso, descontinuado, espontâneo, que possibilita ao espectador incríveis experiências de apreensão visual. Esse sofisticado jogo elaborado pelo artista torna sua fotografia uma ousada manifestação, não só dos problemas sociais e políticos que assolam o país, como também se oferece como uma discussão da estética fotográfica. (FERNANDES, 2003, p.180).

Figura 42: Uma das dezoito fotografias expostas na exposição “Fotofagia”. Série Arturos. Espaço Imagem e Forma, São Paulo, 3 maio a 1 junho 2001. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

Outras duas exposições que chamaram atenção na quinta edição, segundo Nair, foi a do fotógrafo cearense Tiago Santana, que expôs “Benditos no Sesc Pompeia”, registros da enigmática fé dos romeiros ao padre Cícero na região de Juazeiro/CE, com fotografias que colheu por sete anos de andanças e também a coletiva Fronteira que contava com a turma do Pará, fotografias de Celso Oliveira, Ed Viggini e Elza Lima. O trabalho do artista visual Odiros Mlászlo com apropriação de imagens de livros, jornais e álbuns, faz colagens e incisões sobre elas para seu resultado final: oito imagens expostas na Galeria Paul Mitchell. O francês André Kertész impactou São Paulo com a mostra de 193 fotografias no Centro Cultural Caixa Sé e a norte-americana Christiane Burril²³ (Figura 43) com suas colagens e gravuras que têm direta referência no trabalho do fotógrafo David Hockney, expostas no Instituto Moreira Salles.

²³ Ver dissertação de Rosa Mejido: “Imagens híbridas da cultura brasileira nas fotocolagens de Christine Burrill”. Disponível em: <<http://twixar.me/1Ys3>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

Figura 43: “Fotocolagens/Imagens do Brasil”, 23 colagens, um políptico e duas gravuras exibidos no Instituto Moreira Salles.
Fonte: Acervo NAFOTO.

A exposição do francês Jean Marquis (Figura 44), “Um olhar venturoso”, foi “uma exposição, bonita, afetuosa, linda”, segundo Nair. Abaixo, fotografias dos bastidores dos que frequentaram e vivenciaram o evento.

1. Pierre Devin e Jean Marquis no CCSF. 2. German Lorca, Walter Firmo e Thomaz Farkas, na exposição de Chico Albuquerque na Pinacoteca do Estado. 3. Nair, Jean Marquis, Rubens e Fausto no Memorial da América Latina.

Figura 44: Pierre Devin e Jean Marquis na primeira fotografia e German Lorca, Walter Firmo e Thomaz Farkas, encontros em 2001. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

No sexto Mês, completaram-se dez anos do evento e o NAFOTO confirmou seus objetivos e missões:

Sem nunca ter se colocado como um modelo, o Mês tem características próprias se comparado a projetos similares em todo o mundo. Ele é o único feito por um grupo que funciona na forma de colegiado voluntário, com alternância de Coordenação Geral. O mais comum é a direção ser sempre de uma única pessoa, de forma quase vitalícia, com convidados para projetos específicos de curadoria.

Todas as atividades ligadas ao Mês sempre tiveram a perspectiva da difusão da fotografia brasileira, da educação fotográfica e de todos os processos relacionados. Sendo sempre realizado de forma gratuita e, no caso das oficinas, cobrado uma fração do valor do mercado. Vivemos com uma falta crônica de recursos financeiros, o que muitas vezes nos impossibilitou realizações mais arrojadas e em maior número. Nunca nos foi possível realizar o evento na forma inicialmente concebida. (CHERMONT et. al., 2011, p.76).

Mesmo com todas as dificuldades, destaques importantes da fotografia internacional foram apresentados ao público, como a retrospectiva com 26 fotografias de Tina Modotti (Figura 45), “1929: uma nova mirada”, na Faap e a exposição do fotógrafo esloveno Evgen Bavcar, que é cego, e veio pela primeira vez ao Brasil mostrar seu trabalho no Centro Maria Antonia.

Figura 45: “Mujer con bandera”. Tina Modotti, 1928. **Fonte:** site MoMa.

Dos brasileiros, Gal Oppido exibiu 38 fotografias na exposição “Prata Sobre Pele Sobre Prata”²⁴ (Figura 46), na Pinacoteca do Estado de São Paulo e também a coletiva de fotografia contemporânea “Labirinto e Identidades”²⁵ (Figura 47) mostrou 115 fotografias, curadas por Rubens Fernandes que, a convite do Kunstmuseum, localizado em Wolfsburg, na Alemanha, sintetizou uma parte das principais revelações artísticas no campo da fotografia na segunda metade do século XX:

Por isso mesmo é que optamos por uma seleção de imagens que oferecem a rara oportunidade de apresentar a trajetória da estética fotográfica nas últimas décadas no país. Um compromisso assumido pela curadoria que compreende que essa investigação contempla alguns dos momentos mais expressivos da fotografia brasileira e pretende dar ao leitor uma ampla visão das principais tendências, seja através da construção de uma visualidade que evidencia nossa identidade, na paisagem física e humana, seja através das possibilidades de se criar processos que apontam para as novas sintaxes visuais. (FERNANDES, 2003, p.137).

Figura 46: Fotografia da exposição “Prata Sobre Pele Sobre Prata”, Gal Oppido. **Fonte:** Galeria Lume.

²⁴ Gal apresentou um ensaio com suas 38 imagens e prataria de Hugo Curti feita especialmente para suas fotografias. Ver reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*, 23 abr. 2003. Disponível em: <<http://twixar.me/rss3>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

²⁵ A seleção de fotografias da exposição que aconteceu no Centro Cultural Maria Antonia de 15 de maio a 15 de junho de 2003, pode ser vista no livro *Labirinto e Identidades – Panorama da fotografia no Brasil [1946 – 98]* já mencionado neste capítulo.

Figura 47: “Banhista em Outeiro”, Luiz Braga. Exposição Labirinto e Identidades. **Fonte:** site do artista.

Em 2005, os grandes nomes que o Mês trouxe para sua sétima edição foram os consagrados franceses Elliott Erwitt (pode ser considerado um fotógrafo franco-estadunidense que atuou por anos nos EUA) (Figura 48) e Bernard Plossu (Figura 49). O primeiro, com a mostra “Magic Hands”, 37 fotografias na Leica Gallery e o segundo com a mostra “Voyage D’Hiver Em Pologne”, 58 fotografias, na FAAP.

Figura 48: Fotografias de Elliott expostas na Leica Gallery, São Paulo. **Fonte:** Magnum.

Segundo Nair Benedicto, muito material fotográfico que já havia sido mostrado no exterior era aproveitado aqui no Brasil:

Por exemplo, o Pierre Devin, na época, tinha o “Centre Regional de la Photographie – Nord Pas de Calais”, então, pudemos fazer uma parceria com uma exposição que já estava pronta, era só trazer. O Plossu fazia as fotos sempre andando, um trabalho primordial, maravilhoso. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Figura 49: Fotografia de Bernard Plossu, Polônia, 1989. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

No oitavo Mês já se percebia um

(...) certo cansaço e cada um também já tinha encontrado seu lugar. Não queríamos fazer eventos/espetáculos, achávamos que a fotografia tinha um papel a cumprir no campo educativo, na área da memória, não temos uma instituição que abrigue essa memória, o que é um povo sem memória?!, fora a falta eterna de verbas. (BENEDICTO. Entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Nesse ano, 2007, novamente o peruano Chambi esteve presente, mas dessa vez em uma coletiva “Quatro gerações Chambi”, com exibição da Coleção Martín, Julia, Teo Allain e Andrés Fernando Chambi, na Pinacoteca de São Paulo. Outra coletiva, de curadoria de João Kukcsar, “Revelando a América,” aproximou o público das imagens de Dorothea Lange (Figura 50), fotojornalista norte-americana que cobriu a Grande Depressão, contratada para a Farm Security Administration (FSA)²⁶ e dos outros fotógrafos. Seus retratos humanizaram as consequências da Crise de 1929, e motivaram e inspiraram a evolução da fotografia documental.

²⁶ Além de Lange, os fotógrafos Walker Evans, Russel Lee, Carl Mydans, Arthur Rotstein, entre outros, trabalharam para a FSA (Farm Security Administration), programa criado pelo presidente dos EUA, Franklin Roosevelt, para ajudar as famílias arruinadas pela Grande Depressão que causou miséria e desemprego no país. A função dos fotógrafos era documentar a situação dos camponeses e também as ações que o governo fazia para tirar os pequenos agricultores daquela situação de penúria.

Figura 50: “Mãe migrante”, Califórnia-EUA, 1936. **Fonte:** site do MoMA.

O público também pôde ver a mostra, “Eu Olhei Tanto”,²⁷ de Carlos Moreira (Figura 51), no Conjunto Caixa Cultural Paulista, com 200 imagens das cidades de Santos e Guarujá, litoral de São Paulo, nos anos de 1979 e 1980, tempos em que as cidades praianas eram bucólicas. Carlos Moreira conseguiu, então, derramar um olhar sem pressa sobre elas e mostrar sua poética nas imagens em preto e branco.

Figura 51: Fotografias de Carlos Moreira, Exposição Conjunto Cultural da Caixa Paulista, 2007. **Fonte:** Acervo NAFOTO.

²⁷ No site do artista há inúmeras fotografias do ensaio Santos-Guarujá.

Seguindo o intuito de sempre contar com uma exposição história, este oitavo e último Mês trouxe a exposição “Fragmentos: Modernismo na Fotografia Brasileira curada por Iatã Cannabrava, na Galeria Bergain, de 21 de abril a 26 de maio de 2007.

Após 20 anos, O grupo NAFOTO encerrou suas atividades e, em maio de 2011, montou uma retrospectiva histórica com 163 fotos expostas, 193 fotos projetadas, 90 minutos de vídeos que estiveram nos eventos por eles promovidos no Mês Internacional de Fotografia e no Seminário Internacional. Creio que a experiência das oito edições, ao largo de 14 anos, possibilitou uma abertura maior para a fotografia brasileira ao adentrar espaços em museus que não tinham o hábito de expor fotografia. O intercâmbio cultural almejado com a América Latina, EUA e Europa foi concretizado, levando em conta apenas as exposições aqui citadas. A nossa produção fotográfica também se abriu para o mundo por meio dos contatos estabelecidos pelo NAFOTO, “levamos a fotografia brasileira para o exterior em uma conexão gigantesca para bienais e festivais”, diz Fausto Chermont.

Olhando para a formatação do Mês Internacional da Fotografia e a do Festival Paraty em Foco, veremos nos próximos capítulos que, em termos de atividades, ambos se pareciam bastante: muitas palestras, seminários, *workshops*, mostras de vídeos, debates internacionais, leituras de portfólios e lançamento de livros. Mas, se pensarmos em termos de aglutinação de público, é evidente a diferença: em Paraty, o público se concentrava, por cinco dias, em um espaço equivalente a uma “vila”, ao passo que em São Paulo, uma megalópole, a maior concentração se dava durante as aberturas das grandes exposições, em que um número maior de fotógrafos e de público se aglutinava, pois os endereços dos locais das exposições estavam a quilômetros de distância um do outro e era preciso considerar o tráfego, o congestionamentos e a escassez de transporte público. Desse modo, a concentração de público ficava mais rarefeita. Não se pode comparar a ordem de grandeza de ambos eventos, o Mês contou com público visitante de 100 a 200 mil pessoas ao largo de um mês, segundo os entrevistados Fausto e Nair, enquanto o Paraty em Foco concentrou, no máximo, de 5 a 6 mil pessoas em um período de 5 dias, como veremos adiante.

A fotografia brasileira precisou de mais de uma década para se recuperar da ditadura militar e se reinventar no campo das artes. Isso mostra que os movimentos descritos neste capítulo, principalmente os articulados pelas oito Semanas de Fotografia nos anos 1980 e as oito edições do Mês Internacional da Fotografia, proporcionaram um terreno fértil para o amadurecimento da fotografia brasileira, a qual ingressou no novo milênio em busca de imagens mais pensativas, enigmáticas, menos diretas e menos atreladas ao “real” e à literalidade, pretendendo o sabor de narrativas enviesadas e não lineares.

5. AS ONZE PRIMEIRAS EDIÇÕES DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA – PARATY EM FOCO

Este capítulo procura sintetizar e comentar os trabalhos dos principais artistas, nacionais e internacionais, convidados para as onze primeiras edições do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. O formato do Festival Paraty em Foco que permanece até hoje, inclusive continuará na próxima edição, neste ano, – a 15ª ocorrerá de 18 a 22 de setembro de 2019 – parece-me semelhante em todas as 11 edições estudadas. Apesar da duração do festival ser relativamente curta, 5 dias, a programação é bastante diversificada, extensa e intensa. Em uma pequena cidade colonial, num sítio histórico dos mais aconchegantes e belos, quarta-feira à noite, o festival se inicia com uma palestra de abertura, e segue até o domingo com muitas atividades simultâneas e variadas. É impossível um visitante do festival conseguir participar de TODAS as atividades oferecidas.²⁸ Descrevo e comento parte da história de cada edição dando ênfase aos Encontros e às Entrevistas,²⁹ *Workshops* e Exposições. Não foi possível comentar a totalidade dos trabalhos dos artistas convidados e sim os que considero mais alinhados com a hipótese levantada neste trabalho, ou que tenham sido representativos e destacados pelas pessoas entrevistadas durante a pesquisa. A maioria dos entrevistados confirma que o festival começou com um público de cerca de 80 pessoas e que teve seu auge por volta da sétima e oitava edições, com cerca de 5.000 espectadores participantes. Na última edição estudada, a 11ª PEF,³⁰ em 2015, quando o diretor do festival, Iatã Cannabrava, rompeu definitivamente com o criador do festival, Giancarlo Mearrelli, houve um público relativamente menor que o das edições anteriores.

O Capítulo 4 relacionou movimentos – principalmente as Semanas Nacionais de Fotografia e as edições do Mês Internacional da Fotografia – que fixaram um terreno fértil e maduro para que surgisse um formato de encontro de sucesso, em que a fotografia contemporânea fosse impulsionada, vista, indagada, discutida e respirada no início do século XXI, como mostra a Tabela I – Atividades do Festival com a evolução e crescimento das onze edições.

²⁸ Ver Tabela I – Atividades do Festival, com número de Encontros e Entrevistas, *Workshops* e Exposições, bem como, a existência ou não de Projeções, Leilões de Fotografias, Lançamentos de Livros, Leituras de Portifólios e Convocações existentes em cada uma das onze edições.

²⁹ Ver Tabela II, com nome de todos artistas/fotógrafos convidados, nacionais e internacionais, para cada Encontro e Entrevista, separados por edição.

³⁰ Sigla do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco.

5.1 - 1º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (10 a 13 de novembro de 2005)

Para se resgatar parte do histórico do Festival Internacional – Paraty em Foco, é necessário que se conheça um pouco a história do seu idealizador, o italiano Giancarlo Mecarelli que veio para o Brasil, em 1952, com apenas com 6 anos de idade, acompanhando seus pais. Aos 18 anos, começou a trabalhar com publicidade fazendo ilustrações e *layouts*. Sua vida profissional amadureceu com experiências profissionais também na Itália e Europa, para onde foi e voltou várias vezes e sempre sedimentando sua atuação na área publicitária. Trabalhou em importantes agências em Portugal, Madri e Milão e também no Rio de Janeiro, na DPZ.³¹ Foi também diretor de arte e nesta função se aproximou muito dos fotógrafos, a ponto de apaixonar-se pela fotografia e tornar-se também um fotógrafo publicitário. Em 2004, depois de ficar mais de oito anos fora do Brasil, escolheu Cabo Frio, no Rio de Janeiro, para realizar uma campanha fotográfica e publicitária para uma marca de maiôs. Ao terminar o trabalho, restando alguns dias antes de voltar para a Itália, convidou um amigo para passear pela Rodovia Rio-Santos. Revisitou a cidade de Paraty e era justamente o período dos preparativos para a segunda Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP, a qual homenageou o escritor Guimarães Rosa.³² Nessa visita, em conversa com moradores da cidade, Mecarelli teve a ideia de fazer algo similar, mas com outro objeto: um encontro que, ao invés de refletir sobre literatura, seria um festival em que reinariam as imagens. Em 2005, fez as malas definitivamente para o Brasil e, ao lado da esposa Máxime Delmotte, vendeu tudo na Itália, mudando-se para Paraty. Reformaram um dos casarões da cidade e fundaram a “Galeria Zoom”,³³ especializada em fotografia e foram morar nos fundos do imóvel.

Na sequência, com a Galeria ZOOM já estabelecida, Mecarelli e Máxime organizaram, em novembro de 2005, o primeiro “Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco”. Mecarelli contou, em entrevista concedida a mim, que se deparou com um problema, o fato de que ele e sua esposa não eram produtores culturais e, então, sentiu que precisava de ajuda para a organização do evento. Na época, procurou Pisco del Gaiso, fotógrafo que dirigia o site de

³¹ Ver site atual da Agência DPZ&T. Disponível em: <<http://www.dpzt.com.br>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

³² Ver site da FLIP. Disponível em: <<http://flip.org.br/edicoes/flip-2004>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

³³ Na época, Mecarelli conseguiu autorização dos editores da revista europeia ZOOM para usar o logotipo e o nome da marca. Na primeira exposição da galeria, de 18 de junho a 31 de julho de 2005, foram apresentadas 30 capas da Revista Zoom: “30 fotógrafos, 30 profissionais internacionais, 30 estilos diferentes, 30 imagens exclusivas. A Revista Zoom nasceu há 30 anos, na França. Desde o início se destacou pela sua audácia com capas que marcaram época, sempre acompanhadas de editoriais do mesmo nível. Hoje a sua sede-matriz é na Itália, é bimestral e seus exemplares circulam na Europa, nos Estados Unidos e no Japão. A publicação é sofisticada e se destaca sempre pelas novidades no mercado da fotografia, apresentando profissionais de forte impacto visual.”. Ver site da Galeria Zoom. Disponível em: <<http://twixar.me/HmCK>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

fotografias Fotosite,³⁴ fundado em 2000. Queria estabelecer uma parceria para a realização do primeiro festival e o Fotosite, segundo Mecarelli, estava no auge com “mais de 60 mil seguidores”. Assim, a parceria viria somar para a realização do primeiro festival. Marcio Scavone, fotógrafo, relatou que Mecarelli foi procurá-lo em seu estúdio, em São Paulo, e ali recebeu a sugestão de parceria com o grupo do Fotosite. Na época, Scavone escrevia sobre fotografia em uma coluna no site e conhecia o grande sucesso dele. “Tudo começou aqui nesse estúdio”, disse Scavone.

Naquele momento, segundo a Revista Imprensa,³⁵ Pisco organizava e promovia “a Primeira Semana EPSON FNAC Fotosite da Fotografia, evento gratuito com destaque para as obras de artistas visuais, fotógrafos, publicitários, agentes culturais, estudantes e todos os interessados no tema.” A “I Semana EPSON/FNAC” aconteceu de 15 a 21 de agosto de 2005, na sede de Pinheiros da FNAC,³⁶ em São Paulo. Para Pisco:

As Semanas EPSON/FNAC foram de extrema importância, pois eram uma das três partes do tripé que eles pensavam para a organização do ‘negócio Fotosite’: o site (portal/web), a revista (impressa) e as semanas de fotografia, que aconteciam periodicamente duas vezes por ano. (GAISO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Então, para Pisco, participar de um evento como um festival de fotografia em uma cidade como Paraty, lhe pareceu que poderia vir a somar. Do outro lado, para Mecarelli, o Fotosite também foi uma ótima parceria, uma vez que Pisco e seus sócios já tinham bastante experiência e contatos. Naquele período, segundo Pisco, o Fotosite “era um centro de referência, muitos negócios e parcerias apareciam para a gente, como curadoria de exposições e nós indicávamos fotógrafos para o World Press. Emplacamos Maurício Lima, João Kehl, no começo dos anos 2000, éramos referência.” Segundo Mecarelli, a parceria com o site Fotosite também favoreceu o patrocínio de 30 mil reais concedidos pela FNAC.

O primeiro festival começou discreto e teve um público com cerca de 80 pessoas, como afirmam todos os entrevistados. Nesta primeira edição, houve poucas atividades: cinco palestras, duas exposições e um leilão para o qual foram convidados 13 fotógrafos: Antonio Guerreiro, Araquém Alcântara, Cristiano Mascaro, Dom João de Orleans e Bragança, Klaus Mitteldorf, Luiz Garrido, Marcelo Greco, Marcelo Soubhia, Marcio Scavone, Cia de Foto (com a presença de Pio Figueiroa), Pisco Del Gaiso, Thelma Vilas Boas e Thomaz Farkas.

³⁴ Ver entrevista com os fundadores do Fotosite (Marcelo Soubhia, Pisco del Gaiso, Rogério Assis e Adi Leite) concedida a Alexandre Belém, do site “Olhavê”, em 2010.

³⁵ Ver site da Revista Imprensa. Disponível em: <<https://goo.gl/8t87xk>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

³⁶ Cadeia francesa de lojas para produtos culturais e eletrônicos, fundada em 1954 e difundida por todo o mundo e com milhões de clientes.

Segundo Pisco, “a escolha por esses 13 nomes foi bem aleatória, foram os amigos mais próximos”. Thomaz Farkas possuía uma casa em Paraty e já era um grande fotógrafo reconhecido apesar de, naquela época, a fotografia moderna não ser ainda tão valorizada no mercado de artes como atualmente. Cada um dos fotógrafos doou uma fotografia para o leilão que teve sua verba – cerca de R\$ 3.500,00 – totalmente revertida para os jovens do ITAE (Instituto Trilha da Arte e Educação), uma instituição filantrópica, fundada em agosto de 1987³⁷, que faz atividades com jovens carentes de Paraty. Mecarelli já realizava junto com sua esposa Maxime um trabalho social com os jovens do ITAE, ensinando-lhes fotografia.³⁸ As fotografias dos jovens foram expostas dentro da Igreja Santa Rita e mostravam a dura realidade das áreas carentes de Paraty. Trinta e quatro jovens participaram da exposição que levou o nome “O Cotidiano”. Ao lado dela ficaram expostas as 13 fotografias doadas pelos convidados participantes do primeiro festival.

Por meio das entrevistas, foi possível identificar algumas fotografias doadas para o primeiro leilão. Não existem documentos impressos, como catálogos, com a programação do 1º PEF ou qualquer material que pudesse levar à identificação da totalidade das obras oferecidas no primeiro leilão, portanto, seguem as fotografias doadas por seis fotógrafos: Márcio Scavone, Cristiano Mascaro, Klaus Mitteldorf, Cia de Foto, Thomaz Farkas e Thelma Vilas Boas (Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57).

Figura 52: Retrato de Fernanda Montenegro, de Márcio Scavone. **Fonte:** Acervo do Artista.

³⁷ Ver site *Paratyonline*. Disponível em: <<https://tinyurl.com/7e5nuwj>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

³⁸ O casal Mecarelli e Maxime obtiveram, junto à FNAC, quatro pequenas câmeras “Kodak”, com as quais faziam um revezamento para ensinar técnicas de fotografia.

Figura 53: Fotografia da fábrica de pneus Goodyear, 1989, de Cristiano Mascaro, comprada por Pio Figueiroa. **Fonte:** Acervo do Artista.

Figura 54: Fotografia "Black and White", 1990, de Klaus Mitteldorf. **Fonte:** Acervo do artista.

Figura 55: Fotografia de Cia de Foto, “Rua 25 de Março”, de 2008, integra a Coleção Pirelli-Masp (112x170 cm). **Fonte:** Coleção Pirelli-Masp.

Figura 56: Escultor de areia na Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 1940, de Thomaz Farkas. **Fonte:** Acervo IMS.

Figura 57: Fotografia de Thelma Vilas Boas. **Fonte:** Acervo da artista.

Algumas imagens do primeiro leilão de fotografias nas figuras 58 e 59:

Figura 58: Leilão de Fotografias, Mecarelli segura a fotografia. Ao fundo, de boné, Pisco del Gaiso. **Fonte:** Acervo PEF.

Figura 59: Vista geral do leilão com o público de 80 pessoas, aproximadamente. **Fonte:** Acervo PEF.

Encontros e Entrevistas

Nesta primeira edição do festival os Encontros e Entrevistas foram em forma de palestras que não possuíam títulos ou temas, na verdade, eram conferências livres dos artistas. Foram cinco palestrantes que falaram sobre seus próprios trabalhos e seus processos criativos.

O fotógrafo Marcio Scavone projetou o vídeo “Luz Invisível”³⁹ que exibe retratos de sua autoria, conjuntamente com textos do escritor e romancista Luis Fernando Verissimo e narração de Paulo Autran. Scavone conta que cada um falava sobre seu trabalho e em entrevista a mim, disse que “a gente tinha que parar pessoas na rua para avisar das palestras porque o público era muito pequeno”.

Thelma Vilas Boas, única fotógrafa convidada, mostrou suas fotografias de moda e abriu discussão sob um novo viés para que o trabalho profissional fosse imbuído de algo autoral:

O que eu quis mostrar, na época, é que existia, atrás de um fotógrafo de moda, não somente um operário, mas sim um artista pesquisador. Me parecia vazio pensar que os fotógrafos trabalhavam somente para uma prestação de serviço e eu tinha muita energia para pesquisar. Conheci o trabalho do fotógrafo inglês John Hinde e na palestra projetei suas fotos, pois elas me motivavam e eram uma referência. Eu tinha que produzir imagens para uma marca de roupa que ia fazer uso de um *resort* na Costa do Sauípe e com uma modelo que era uma celebridade. Mostrei como eu dirigia a modelo, alguns

³⁹ Ver vídeo. Disponível em: <<http://twixar.me/SrTK>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

hóspedes e os passantes que eu não podia controlar. Aproveitei a técnica do John Hinde que era manual e no pincel para me inspirar no uso do que eu fazia no *photoshop*. Na minha palestra, falei sobre os catálogos que fazíamos na publicidade, que eram muito bem pagos e que poderiam ter sofisticação não só da técnica de serem muito bem impressos, mas também a sofisticação das ideias. Minha intenção foi mostrar isso. (VILAS BOAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Cristiano Mascaro lembra que comentou a célebre fotografia de Robert Doisneau, “O Beijo”, para falar sobre ética na fotografia. (Figura 60) Lembrou que por muito tempo essa fotografia passou por um “instantâneo” e que depois veio à tona o fato de ela ter sido produzida com modelos pagos. Já Pio Figueiroa conta que sua palestra discorreu sobre como havia surgido o coletivo Cia de Foto, em 2003, e qual era a rotina de trabalho e como eles assinavam coletivamente a autoria das fotografias. Segundo ele:

O fotógrafo Luiz Garrido levantou e questionou nosso modo de trabalho dizendo que a assinatura foi uma conquista e isso que nós estávamos fazendo era uma bobagem, porque no fundo estávamos derrubando uma conquista de gerações. E eu respondi que não era questão de crédito, e sim de *copyright*, de uma coisa mais filosófica, que o processo de construção de uma fotografia de forma coletiva estava rolando. Depois disso, a palestra desandou. (FIGUEROA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Essa discussão acerca da assinatura (crédito da fotografia) voltará a entrar em pauta em outras edições do festival.

Figura 60: Palestra de Cristiano Mascaro sobre ética na fotografia. **Fonte:** Acervo PEF.

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Encontros e Entrevistas

- Pio Figueiroa.
- Luiz Garrido.
- Marcio Scavone.
- Thelma Vilas Boas.
- Cristiano Mascaro.

Exposições

- “Jovens do ITAE + Fotografias doadas para o leilão”, na Igreja Santa Rita.
- “La Donna è Mobile”, exposição com fotografias de Giancarlo Mecarelli, na Galeria ZOOM.

Leilão de Fotografias

Antonio Guerreiro, Araquém Alcântara, Cristiano Mascaro, Dom João de Orleans e Bragança, Klaus Mitteldorf, Luiz Garrido, Marcelo Greco, Marcelo Soubhia, Marcio Scavone, Pio Figueiroa, Pisco Del Gaiso, Thelma Vilas Boas e Thomaz Farkas.

5.2 - 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (20 a 24 de setembro de 2006)

Em 2006, Mecarelli desfez sua parceria com o grupo do Fotosite para organização e realização do segundo festival. Ele não concordou com a mudança proposta pelos parceiros do Fotosite, em que o festival levaria, em seu nome, a marca “FNAC/ Fotosite” e também discordou da alteração da data dos festivais para o mês de julho. Pisco del Gaiso relatou: “essa era a condição para que o Fotosite continuasse no Paraty, e então decidimos jogar mais energia para as Semanas FNAC de Fotografia e romper a parceria com Mecarelli, que era o dono do evento, não tinha porque bombar um evento que não era nosso. A FNAC estava a fim de patrocinar, mas Mecarelli não queria abrir o evento”.

Luiz Marinho, representante da Leica⁴⁰ no Brasil, tinha assistido ao primeiro festival e já havia manifestado para Mecarelli o desejo de trazer algum convidado do exterior em nome

⁴⁰ Empresa alemã de câmeras fotográficas. Ver site da Leica. Disponível em: <<http://us.leica-camera.com/country/chooser>>. Acesso em: 29 set. 2018.

da Leica para as próximas edições. Ao saber do fim da parceria com o Fotosite, Luiz Marinho procurou Mecarelli para selar parceria para o segundo festival pois, a seu ver, “o festival era mais importante para a fotografia do que qualquer pessoa, do que o interesse de um ou de outro”. Mecarelli me disse em entrevista, em 2018: “Eu, como produtor cultural, não manjava nada, e então, Luiz Marinho convidou o fotógrafo Marcelo Greco para ajudar a pensar o segundo festival e, logo depois, chamou também o fotógrafo e produtor cultural Iatã Cannabrava.”.⁴¹ Assim, o 2º PEF foi organizado pelos quatro “sócios”: Mecarelli, Iatã, Marinho e Greco. Segundo Luiz Marinho,

Iatã tinha uma estrutura já montada para fazer lei Rouanet, era o mais ‘ninja’ para produção cultural, a melhor *expertise* de organização. Marcelo Greco vinha com a maior boa vontade e eu era da Leica e trazia o negócio para mesa, para montar um time. O Mecarelli, nesse momento, não tinha o telefone de ninguém, nenhum contato para começar, mas morava em Paraty e tinha conhecimentos e contatos na cidade. (MARINHO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O tempo para a organização do segundo festival foi bastante reduzido pois, efetivamente, os quatro tiveram apenas pouco mais de três meses – junho, julho, agosto e metade de setembro para a realização do evento. A produtora cultural, Talita Virgínia, que trabalhava com Iatã no Estúdio Madalena, organizou da segunda edição do festival até a décima primeira e confirmou em entrevista que “Iatã foi procurado por Marinho, muito em cima da hora, para procurar parceiros que poderiam participar do festival. A gente criou uma programação legal e foi impossível ter um eixo curatorial mais definido”. Iatã lembra que passou a noite montando um desenho de um festival com uma programação com cerca seis *workshops*, seis entrevistas e apenas quatro exposições. Para colocar tudo em ação, convidou a amiga paratiense, Mariza Cermelli, pois sabia que tinha experiência como produtora da FLIP e poderia tirar rapidamente o plano do papel. Mariza conta que foi chamada “para pôr em prática um festival lindo que já estava desenhado. Cuidei mais da logística: tudo que eles tinham organizado em reuniões e planilhas, fiz com que acontecesse em Paraty”. Daí por diante, Mariza foi produtora do festival até a décima primeira edição. Marcelo Greco lembra da “precariedade absoluta devido ao pouco tempo de preparo e disse que Iatã foi fundamental, pois veio com o pacote feito, com toda a experiência na montagem de palestras e *workshops*”.

⁴¹ Luiz Marinho assistiu à palestra de Iatã Cannabrava sobre fotografia modernista brasileira durante o Mês da Fotografia no MIS (Museu da Imagem e do Som de São Paulo), em maio de 2006. Após o término, convidou-o para ajudar na organização e, principalmente, para ser o “mestre de cerimônias”, fazendo as “apresentações de palco”.

Alguns convidados não puderam vir e outros foram chamados, digamos, um pouco “em cima da hora” como, por exemplo, João Roberto Ripper, para cobrir a desistência do fotógrafo argentino Marcos López que enfrentara um sério problema de saúde com sua esposa. Talita lembra ainda que “o fotógrafo cubano Jorge Luiz Álvarez Pupo (Figura 61) estava em São Paulo e tinha inaugurado a exposição “Invoke Ougun” (Figura 62), na Pinacoteca do Estado de São Paulo, sob a curadoria de Diógenes Moura e também foi chamado pouco antes do festival para projetar suas fotografias nos horários vagos”.

Figura 61: O fotógrafo cubano, Jorge Luiz Álvarez Pupo, ao microfone, com Iatã Cannabrava no palco. Fotografia de Thomaz Farkas. **Fonte:** Acervo PEF.

Figura 62: Fotografia do catálogo da exposição “Invoke Ogoun”, de Jorge Luis Álvares Pupo. **Fonte:** Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Cobertura fotográfica muito especial

Analisando o arquivo do Paraty em Foco, pertencente ao Estúdio Madalena, foram encontradas fotos coloridas e em preto e branco tiradas por Thomaz Farkas e um bilhete com dedicatória, de Thomaz para Iatã (Figura 63). Nelas, pode-se ver o cubano Jorge Luis Álvares Pupo, a equatoriana Lucia Chiriboga e o brasileiro Otto Stupakoff com a dupla dos entrevistadores Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti no palco (Figura 65), além de fotografias do público presente (Figura 66). As fotografias ampliadas em tamanho pequeno, 10 x 15 cm, tipo cópias de “mini-lab”, junto com o bilhete, mostram como essa segunda edição ainda era embrionária e bastante calcada em relações de amizades.

Figura 63: Bilhete de Thomaz Farkas para Iatã. **Fonte:** Acervo PEF.

Encontros e Entrevistas

O segundo PEF não contou com um tema que nortearia as escolhas do festival, como veremos mais à frente. Os fotógrafos foram entrevistados sobre seus trabalhos e carreiras pela dupla Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti.

Lucia Chiriboga

Uma das convidadas internacionais, a fotógrafa equatoriana Lucia Chiriboga, já era referência no Brasil desde quando veio para o III Mês Internacional da Fotografia, 1997, com a coletiva de fotografia equatoriana chamada “Desventuras e Martírios”. Segundo Iatã, Lucia também havia participado da famosa exposição na Espanha, “Mapas abiertos: la fotografía latinoamericana 1991-2002”⁴², curada por Alejandro Castellote, em que mostrou seu trabalho sobre indígenas. Esta exposição foi um importante marco na história da fotografia, por isso, Iatã quis destacar o trabalho dela que, segundo ele:

Pirou muita gente que não o entendeu bem: o público não foi muito crítico, mas os meus companheiros foram mais críticos com Chiriboga: eles viram ali uma antifotografia, com a mão de uma artista plástica, que eles não esperavam que eu levasse para o festival. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Lucia Chiriboga retrata a profunda espiritualidade na vida equatoriana. Muito antes do *Photoshop* se tornar um lugar-comum, Lucia começou a criar imagens complexas por sutis exposições múltiplas (Figura 64), como uma maneira de tecer histórias de vários níveis de seus ancestrais. Nas palavras da própria artista, escritas no portal *homines.com*, em que podem ser vistas outras 8 fotografias do ensaio “Del fondo de la memoria, Vengo”:⁴³

En éste primer ensayo, profundizo en la confrontación de imágenes históricas con fotografías de mi autoría, estilo que será una constante en mi obra. Se trata de una tentativa, a través de las técnicas de montaje o doble exposición, de rebasar los límites de la fotografía como documento, para aproximarme a factores subjetivos, culturales y de identidad.

Una confluencia de lenguajes: vernacular, occidental, y mítico como una “metáfora impresa”, inspirada en el juego de los tiempos largos de la cultura y en una reflexión sobre el proceso histórico de convivencia de las diversas culturas en el mundo andino. (CHIRIBOGA, portal *homines.com*, 2004).

⁴² A exposição “Mapas abiertos: fotografía latinoamericana 1991-2002”, curada por Alejandro Castellote, reuniu 44 fotógrafos latino-americanos com ativa produção entre as décadas de 1980/90, entre eles os brasileiros Mario Cravo Neto, Fernanda Magalhães, Vik Muniz, Eustáquio Neves, Kenji Ota, Penna Prearo, Miguel Rio Branco e Cassio Vasconcellos. A mostra seguiu três eixos: “rituais de identidade” (tratava da representação do corpo), “cenários” (expunha as relações entre o público e privado, interior e exterior, individual e coletivo) e “histórias alternativas” (colocava o questionamento da veracidade do relato histórico). A exposição percorreu a Europa e a América e teve a edição de um catálogo. Ver artigo de Carla Bettino no “Boletín de Arte da Universidade Nacional de La Plata”. Disponível em: <<http://twixar.me/tblK>>. Acesso em: 9 jul. 2018.

⁴³ Ver site Homines. Disponível em: <https://www.homines.com/fotografia/lucia_chiriboga/index.htm>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Figura 64: Foto de Lucia Chiriboga da série “Do fundo da memória, venho”, 1983, prata sobre gelatina, 40 x 50 cm. Fonte: Chiriboga, 2004.

Eder Chiodetto relatou que já conhecia o trabalho de Chiriboga desde quando ela participou do Mês Internacional de Fotografia, época em que ele escrevia para a *Folha de S. Paulo*. Lembra que desde lá já admirava o tratamento que ela dava a suas imagens sobre a cultura indígena e a pesquisa da raiz nacional, da identidade latina.

Incrível como Chiriboga acessa o passado usando uma fotografia híbrida. Ela contou que esses *layers*(camadas) que ela colocava nos retratos criavam opacidades entre uma realidade que é existente, mas que não é mais visível. Era ao mesmo tempo uma forma de representar um pouco as dores, as chagas desse povo que foi em grande parte dizimado e que até hoje são marginalizados na sociedade. A práxis/poética dela servia de pano de fundo para uma questão estritamente política. (CHIODETTO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Simonetta recorda das imagens de Chiriboga ressaltando a memória de álbuns dos indígenas:

Essa fotografia de recuperação de arquivos de ver de onde viemos para onde vamos tinha a força de dizer que fomos dominados, mas não esquecemos nosso passado, era uma recuperação da estética indígena. Naquela época, nossa fotografia era marcada muito pelo fotojornalismo e pelo documental, o trabalho dela era bem diferente. (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 65: Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti entrevistaram Lucia Chiriboga, fotografia de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.

Figura 66: Vista geral do público que assistia aos encontros e entrevistas, fotografias de Thomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.

André Cypriano, João Roberto Ripper e Marcelo Brodsky

O festival selou, a partir da segunda edição, uma parceria com a revista *Fotografe Melhor*. Sergio Branco, diretor, conta que já conhecia Luiz Marinho, pois organizavam o concurso da Leica por meio da revista. Marinho o chamou para trabalhar na divulgação do evento, com as páginas de publicidade da revista de forma gratuita, como apoio, e do lado do evento, Mecarelli, garantiria hotel e alimentação para repórteres e fotógrafos que fizessem a cobertura do evento.

Segundo reportagem da revista *Fotografe Melhor*, edição de novembro de 2006: “A primeira noite de projeções teve ênfase na função social da fotografia com três fotógrafos de abordagens bem distintas” – Marcelo Brodsky, da Argentina, João Roberto Ripper, do Rio de Janeiro e o paulistano André Cypriano. Marcelo Brodsky trouxe um “trabalho que se debruça sobre os arquivos da ditadura militar da Argentina para denunciar um dos regimes mais sangrentos da história da América Latina.”. André Cypriano exibiu seu ensaio “Caldeirão do Diabo” feito na penitenciária da Ilha Grande (RJ) e “Rocinha” sobre a favela carioca. João Roberto Ripper falou sobre a escola de fotografia que abriu no Complexo da Maré (RJ) onde ensinava fotógrafos da comunidade e também apresentou a agência independente de fotografias organizada no local. Mostrou também seu trabalho autoral embasado em registros de movimentos sociais e situações de trabalho escravo e infantil.

Iatã lembra que esse caráter político dado ao festival, por exemplo, as fotos mostradas por Marcelo Brodsky em seu ensaio “Buena Memória” (Figura 67), em que a fotografia de formatura do seu irmão denunciava todos os colegas desaparecidos durante a ditadura militar argentina e André Cypriano com suas fotografias da penitenciária da Ilha Grande e da favela da Rocinha “irritou profundamente meus sócios, que não só, eles não tinham um discurso politizado naquele momento, como eu tinha mais do que eles imaginavam. Por que? Por que eles nunca tinham estudado minha história, eu nunca tinha feito da minha história de vida uma propaganda.”. Simonetta lembra que

Marcelo Brodsky veio com toda força de um trabalho pessoal, do irmão desaparecido, foi um trabalho extremamente forte, pessoal que colocou o papel da fotografia como memória, como política e como revolução. André Cypriano, presídio de presos políticos desativado após o trabalho dele e Ripper com o trabalho dos meninos da Favela da Maré, foi uma mesa totalmente política que discutiu o papel da fotografia, três trabalhos diferentes unidos todos em torno do olhar voltado para a política. (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 67: Marcelo Brodsky interferiu em cima de uma fotografia antiga da turma de formatura de seu irmão, em que muitos já não estavam mais vivos. Fonte: Blog Entretempos, jornal Folha de S. Paulo.

Otto Stupakoff

Meccarelli afirmou que sua única contribuição para a montagem da programação do 2º PEF foi “convidar o fotógrafo Otto Stupakoff, pois sabia que ele estava pelo Brasil e conhecia sua trajetória nos EUA com os concorrentes Iver Penn, Helmut Newton, Avedon, e ele era genial”. Iatã, na função de produtor do festival, foi convidar Otto que estava morando em um flat perto da Alameda Campinas: “ele já estava bastante doente, tomando muitos remédios, fumando muito, com poucos recursos e abandonado por quase todos da família, morreu por excesso de remédios para dormir”. Iatã conta que Otto deu uma entrevista maravilhosa durante o festival (Figura 68), que era um grande narrador de histórias, um “suprassumo” e que praticamente não houve tempo para os entrevistadores atuarem, pois ele falou maravilhosamente bem sem interrupções até o final da projeção.

Foi um “show de bola”, de emoção, ele tinha a essência de ser fotógrafo, ele era o Otto Stupakoff, era a essência sofrida, dolorosa de ser fotógrafo, egoica, genial, brilhante com uma capacidade incrível de fazer tudo virar imagem. A capa do livro do Charles Cosac tem a foto dele de costas segurando a mão do filho e este não aparece, só a mãozinha. Só um pai muito egoico coloca um filho de oito anos na capa, mas fora da capa! Mas isso era o Otto, ele era assim. Fazia uma narrativa da história dele que misturava realidade e ficção, mostrava princesas, presidentes e projetou uma foto que são três mulheres nuas e disse “minha filha mais velha, a minha mulher da época e a minha babá”. A filha mais velha, a esposa e a babá tinham a mesma idade... todas tão lindas... (Figura 69) (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 68:Eder Chiodetto e Simonetta Persichetti entrevistaram Otto Stupakoff. Fotografia de Tomaz Farkas. Fonte: Acervo PEF.

Figura 69:Fotografia de Otto Stupakoff, coleção Instituto Moreira Sales. Fonte: IMS

Segundo Eder Chiodetto, durante a entrevista, Otto mostrou suas fotos clássicas de mulheres e de moda, mas no final mostrou umas fotografias mais abstratas, “coisa que a gente não conhece muito do Otto e aí ele entrou num grau de inteligência falando de sua busca por outro tipo fotografia, que ele já não tinha mais nada a ver com o mundo da moda”. Simonetta e Eder lembram como ele já estava bastante doente após ter voltado ao Brasil, depois de ter brilhado nos anos 1970 nas principais revistas de moda do exterior, inclusive que o auxiliaram na locomoção, mas quando começou a palestra fez um rico panorama do que é a fotografia de

moda com seus trabalhos. Simonetta lembra também que Otto deu uma “verdadeira aula de como aproveitar momentos do cotidiano e da vida para fotografar, além dos trabalhos profissionais.”.

Cristiano Mascaro e Thomaz Farkas

A jornalista Simonetta lembrou também que a mesa com os fotógrafos Cristiano Mascaro e Thomaz Farkas (Figura 70) foi “um encontro afetivo, pois Cristiano se considerava como um ‘filho’ de Thomaz. Mostraram as fotos que quiseram mostrar sem muita combinação. Cristiano sempre reverenciando e admirando Thomaz”. Cristiano Mascaro recorda que a última pergunta que os entrevistadores fizeram era uma proposta para que Thomaz e Cristiano fizessem entre si uma pergunta final. Cristiano prontamente indagou ao Thomaz: “o que vai ter hoje para o jantar?” A plateia caiu no riso! Cristiano estava hospedado na casa de Thomaz em Paraty e então, descontraíu com essa pergunta informal e não prevista no roteiro do festival.

Figura 70: Entrevista com a dupla Cristiano Mascaro e Thomaz Farkas. **Fonte:** Acervo PEF.

A plateia também era formada pelos palestrantes, como se vê na figura 71.

Figura 71: Da esquerda para a direita, convidados na primeira fila da plateia na Casa da Cultura: Cristiano Mascaro, Thomaz Farkas, Dom João de Orleans e Bragança e Otto Stupakokoff. **Fonte:** Acervo PEF.

Exposições

O segundo PEF não contou com um tema que nortearia as escolhas do festival, como veremos mais adiante, isso ocorreu em outras edições. As palestras e os *workshops* também não vinham acompanhados com títulos ou temas, apenas levavam o nome dos fotógrafos convidados como mostra o pequeno panfleto. As exposições sim, eram nomeadas como, por exemplo, a que ocorreu na Galeria Zoom, “Caldeirão do Diabo” (Figuras 72 e 73), de André Cypriano. Trecho do texto de apresentação escrito pela professora de fotografia do Senac, Denise Camargo para a exposição:

O complexo penitenciário Candido Mendes, localizado na Ilha Grande, junto à baía de Angra dos Reis, no Estado do Rio agora são só ruínas, mas o Caldeirão do Diabo, como foi chamado pelo fotógrafo André Cypriano, está perpetuado nas imagens deste ensaio fotográfico, realizado oito meses antes da demolição. Nele estão o cotidiano dos 600 detentos e o imaginário do presídio. São retratos densos de personagens curiosos como os líderes Paulinho e Chiquito, um dos principais homens do Comando Vermelho (C.V.), organização criminosa formada dentro do Candido Mendes.

Os mais diferentes aspectos do ambiente são retratados por Cypriano – as grandes panelas fumegantes na cozinha, a arte como passatempo dos detentos, as celas, o pátio, as tarefas executadas. São imagens de um preto-e-branco impecável, retrato pungente e ao mesmo tempo nobre. (CAMARGO, 2006).

Figura 72: Fotografia da série Caldeirão do Diabo, de André Cypriano, um dos ensaios apresentados. **Fonte:** site Galeria Zoom.

Figura 73: Exposição Caldeirão do Diabo, de André Cypriano. **Fonte:** Acervo PEF.

As exposições foram organizadas por Marcelo Greco, professor de fotografia no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que convidou o Clube de Colecionadores Fotografia do MAM com “carta branca” para escolher as 20 obras de sua coleção que seriam expostas, entre elas, fotografias de Fernando Lemos, Gal Oppido, Paula Sampaio, Cristiano Mascaro, Rafael Assef e Thomaz Farkas.

Workshops

Os *workshops* de Iatã com João Wainer e o de Roberto Linsker foram realizados em duas etapas, uma dentro de sala de aula e a outra em ambientes ao ar livre. O da dupla aconteceu na Ilha do Araújo, onde alunos conheceram e puderam retratar os caiçaras e a comunidade local; o de Linsker foi em um barco de pesca e os alunos puderam se aproximar da realidade e do cotidiano dos pescadores. No folder/catálogo com a programação (Figura 74) não há tema sobre o que tratavam os *workshops*, o que leva a crer que os inscritos faziam sua opção pelo conhecimento de quem seria o fotógrafo ministrante da oficina; a escolha, portanto, não era feita pelos temas das aulas. Segundo Luiz Marinho, os seis *workshops* tiveram, em média, 15 a 20 pessoas, 120 alunos pagantes,⁴⁴ fato que lhe permite concluir sobre uma estimativa de público: “o 2º PEF teve um aumento estimado no máximo em 600 pessoas.” Marcelo Greco lembra também que os auditórios estavam quase sempre lotados e que o evento teria recebido em “torno de 500 pessoas”, com o que a produtora Talita concorda. Num dos documentos de avaliação encontrados no acervo, o número de inscritos nas oficinas era de mais de 300. De qualquer maneira, a participação no festival foi dobrada em sua segunda edição.

Figura 74: Relatório de atividades da segunda edição produzido pelos organizadores do festival. **Fonte:** Acervo PEF.

⁴⁴ Segundo destaque do caderno Folha Ilustrada, do jornal *Folha de S. Paulo*, 20 set. 2009, os *workshops* custavam R\$ 150,00, com apenas 12 vagas e 8 horas de duração.

Projeções

Nesta edição, começaram as noites de projeções com apresentações de fotos dos alunos de Marcelo Greco e Iatã. Foram mostrados 12 ensaios de grupos ou de fotógrafos individualmente, novos talentos, e também artistas consagrados como o cubano Pupo, Otto Stupakoff e Ripper. Marcelo relembra ainda que Ripper “mostrou o olhar de dentro da favela, apresentou as fotografias dos seus alunos da favela da Maré”. Os ensaios projetados não foram fruto de uma convocatória e sim de escolhas de Iatã e Marcelo, como disse ele próprio, “havia uma precariedade absoluta, então, chamamos os amigos que pudessem vir em cima da hora”.

Design

Iatã comenta que, desde o início, as brigas com Mecarelli eram constantes, principalmente, no que diz respeito ao *design* dos catálogos que ele fazia questão de desenvolver. Para Iatã, o *layout* da capa do catálogo do segundo festival (Figura 75) parecia um “ovo frito”:

Essa capa da programação também foi o cartaz do festival. Me parece um “ovo frito”. Hoje eu não me incomodaria tanto, mas eu não seria sócio dele como fui. O jeito de pensar um *design* é como se pensa um festival, “*designers* terminam em bons produtores culturais”. Quando você gosta do trabalho do *designer*, você pode confiar no que ele irá fazer como produtor, porque o *designer* é uma profissão de organização, de criação organizada. E o desenho da cabeça dele, da visão imagética, da cara que ele queria vender o festival era uma coisa assim... Nunca me entendi com o *design* dele, nunca consegui impor minhas ideias além da minha área que era a programação do festival. Por quê? Porque fazer a programação de um festival é relacionamento. Quando montamos o segundo eu me sobressaí em relação aos outros porque eu tinha telefonemas e contatos. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Segundo Marcelo Greco, essa questão sempre foi um problema: “Mecarelli era um cara de *design* antiquado e queria sempre fazer a arte do catálogo. Iatã, com razão, não queria que ele fizesse.”

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 75: Capa do Catálogo do 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução: Mônica Zarattini.

Encontros e Entrevistas

- André Cypriano e João Roberto Ripper.
- Marcelo Brodsky.
- Otto Stupakoff.
- Dom João de Orleans e Bragança.
- Thomaz Farkas e Cristiano Mascaro.
- Lúcia Chiriboga.

Exposições

- André Cypriano com “Caldeirão do Diabo”, na Galeria Zoom.
- Jovens do ITAE, com a exposição “Pequenos Olhares de Paraty”, no IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), da Praça da Matriz.
- “Exposição do Clube da Fotografia do MAM”, na Casa de Cultura de Paraty.
- Giancarlo Mecarelli com seu ensaio “Bloco da Lama”, no Bar do Lúcio.

Workshops:

- Giancarlo Mecarelli.
- Cláudio Edinger.
- Gal Oppido.
- Claudio Feijó.
- Iatã Cannabrava e João Wainer.
- Roberto Linsker.

Figura 75: Capa do Catálogo do 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm.
Fonte: Reprodução: Mônica Zarattini.

5.3 - 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (24 a 28 de outubro de 2007)

Segundo Greco, as atividades da terceira edição tiveram “um aumento de público sensível”, e, acredita que tenham passado pelo festival cerca de 1200 pessoas. Foi dada grande importância para a abertura oficial que contou com a palestra do fotógrafo norte-americano da Agência Magnum, David Alan Harvey, na primeira noite.

Foi uma abertura em grande estilo. O fotógrafo apresentou sua trajetória com trabalhos de grande impacto, cuja marca é a intimidade com os temas e as pessoas que retrata. Harvey tem um extenso trabalho de documentação da cultura hispânica nas Américas feito em cores com destaque para seu livro sobre Cuba. Já esteve no Brasil fotografando diversas vezes. Harvey também é muito conhecido pelos *workshops* que ministra pelo mundo, ensinando uma maneira de abordagem baseada em um velho preceito do fotógrafo Robert capa, “se a foto não saiu boa é por que você não se aproximou o bastante”. Em Paraty, seu *workshop* também foi um sucesso. (ELIAS, Fotografe Melhor, nº 125, 2007).

Consolidaram-se onze entrevistas, quinze *workshops*, sete exposições, quatro noites de projeções, e retomaram o leilão, desta vez, sob organização de Isabel Amado. Além disso, a empresa de impressoras HP, uma das patrocinadoras do evento, montou um varal com fotografias produzidas pelos participantes dos WS e que eram impressas e penduradas durante o evento. Houve o lançamento de um único livro de fotografias, o “Paraty”, de André Azevedo. Nesta terceira edição se inicia a prática de lançamentos de livros, a qual se tornou permanente até 2015.⁴⁵ Para Greco, a terceira edição teve um salto qualitativo, foi bem mais organizada: “Iatã se preocupou em trazer o maior número de entrevistadores possíveis, diferente da edição anterior em que se repetiu a dupla Eder/Simonetta. O intuito era que mais pessoas fossem entendendo a importância do festival”. Mecarelli observou que sentiu que o festival “ia decolar” quando viu as atrações internacionais convidadas para essa edição: “eu via a FLIP que era internacional, Marinho e Iatã tinham acesso a essas pessoas da Magnum

⁴⁵ Ver Tabela I, item “Lançamento de livros”.

(David Alan Harvey, Thomaz Hoepker e Christoper Aderson) e a cidade também era muito fotôgênica, uma grife e mesmo longe de São Paulo, era um ponto estratégico”.

A organização continuou sob o comando do quarteto Giancarlo Mecarelli, Luiz Marinho, Marcelo Greco e Iatã Cannabrava, os quais, nessa ordem, escreveram no catálogo do evento textos de abertura assinados separadamente. Percebe-se nitidamente como os discursos eram bem diferentes e até mesmo, antagônicos. Em seu texto, Mecarelli explica seus motivos pessoais para ter vindo da Itália morar em Paraty e justifica sobre os atrativos da região, descrevendo a hospitalidade do povo de Paraty: “um lugar ideal para reunir grandes nomes da fotografia, brasileiros e estrangeiros.” Mais à frente, Mecarelli diz: “...nessa cidade não é preciso sair de casa para fazer boas fotos. Pode-se fotografar de qualquer janela! Paraty tem uma força extraordinária e exerce grande fascínio ao turismo internacional”. Já Marinho, salientou a relação que um evento desse porte poderia ter com as marcas do mercado fotográfico: “Em um mundo de mídias diversas, muitas vezes caras e ineficazes, eventos culturais como este tendem a crescer pelo simples motivo de colocarem o público em contato direto com as marcas, sem intermediários e com máxima eficiência”. Em seu texto, Greco escreve sobre as exposições, parte do festival que esteve sob sua responsabilidade e suas palavras mostram um pouco do seu objetivo:

As exposições fotográficas do Paraty em Foco deste ano apresentam trabalhos de fotógrafos que buscam deslocar nosso olhar do universo cotidiano, provocando nossas mentes, instigando nossas almas e nosso imaginário. Em cada trabalho apresentado, o inconsciente destes artistas salta, tornando-se presente e nos chamando para um percurso pleno de possibilidades e devaneios. Criam um jogo de interpretações que não termina jamais. Passamos a enxergar de fato. (GRECO, Catálogo 3º PEF, 2007).

Quanto ao texto de Iatã, está ali uma análise sobre a conjuntura em que se encontrava a fotografia com leilões internacionais que só cresciam – na época, a fotografia *99 cent*, de Andreas Gursky, havia sido negociada pelo recorde de 3.346.456 dólares – e citações sobre o crescimento e difusão de eventos, feiras e festivais⁴⁶ em torno da fotografia no Brasil e no mundo, com produtores e consumidores de imagens dialogando intensamente. Lembrou que tudo isso acontecia

num mundo em aquecimento constante, com cidades superlotadas, conflitos, violência e pobreza espalhados pelos quatro cantos do planeta e onde a palavra reinante era CONSUMO. Nesse cenário, o 3º Paraty em Foco

⁴⁶ “Do Chobi Mela, em Bangladesh, ao conhecido Les Rencontres D’ Arles, no sul da França – aliás, só na Europa foram mais de 20 em 2007! No Brasil não ficamos para trás, só este anos tivemos o 1º FestFotoPOA, em Porto Alegre, o 3º FotoRIO, a 5ª MaratonaFotográfica de Curitiba, o FotoArteBrasília, o 1º Fórum Latino-americano de Fotografia de São Paulo, o iContemporâneo: circuito de Arte Iguatemi – e nesse momento devo estar esquecendo pelo menos meia dúzia de eventos.”, escreveu Iatã no catálogo do 3º PEF.

decidiu trazer para dentro de si parte dessa discussão sobre o nosso planeta, sobre as cidades, sobre os conflitos e, obviamente, sobre a revolução tecnológica pela qual passa a fotografia: a entrada sem saída na era digital. (CANNABRAVA, Catálogo 3º PEF, 2007).

A meu ver, eram quatro propostas diferentes para um só festival: Mecarelli via Paraty como um cenário perfeito para “boas fotos”, Marinho pensava sobre as relações comerciais que poderiam dar frutos a partir do festival, Greco procurava as poéticas que deveriam ser selecionadas para as mostras e Iatã olhava para os novos e grandiosos horizontes da era digital. A produtora Talita Virgínia enfatizou que a função dos quatro eram bem definidas, cada um tinha papel diferente:

O Greco cuidava mais das exposições, recebia trabalhos de jovens fotógrafos, seria o que podemos dizer, o embrião do que se tornou depois a convocatória. Ele recebia os trabalhos, nada era algo tão grande e oficial, mas as pessoas mandavam trabalhos para o Greco decidir. O Luiz Marinho e o Iatã cuidavam do restante da programação, mas o Iatã era quem decidia sobre os *workshops*, pois ele tinha um *felling* muito bom no que poderia trazer público e inscrição. O Marinho ajudava nas entrevistas, se preocupava em ver se o convidado para WS poderia também fazer uma entrevista, ou exposição, aí dependia do Greco, a gente sempre aproveitava quem vinha do exterior para todas as frentes. (VIRGÍNIA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Encontros e Entrevistas

Thomas Hoepker

Como já dito, as entrevistas nesta terceira edição quase dobraram em número e cinco entrevistados estrangeiros estiveram por aqui. Juan Esteves lembra que o convidado da Agência Magnum, Thomas Hoepker, abordou a situação pela qual passava a agência e os fotógrafos que faziam parte dela.⁴⁷ Juan contou ainda que “esta palestra foi uma das que marcaram a guinada na fotografia para quem hoje está trabalhando.”. Conta que Hoepker declarou que a Agência Magnum

(...) não se interessava mais por jornalismo pois estava difícil competir com agências que cedem fotografias como, a Corbis, a GettyImage...⁴⁸ A Magnum está se preparando para o futuro que é interação entre as mídias, filme mais fotografia. Eles pareciam adivinhar quando disseram que no futuro teríamos que trabalhar para a parede e esquecer esse negócio de querer publicar foto em livro e mídias”. (ESTEVEVES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

⁴⁷ Segundo a Revista Fotografe Melhor, edição 125, de 2007, Thomas Hoepker disse durante a palestra que “uma das saídas para comercializar o trabalho dos membros da Magnum tem sido o mercado de arte, tanto de venda de cópias por intermédio de galerias, quanto pela venda de livros”.

⁴⁸ Ver site GettyImages. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com>>. Acesso em: 6 abr. 2019.

Juan comentou também que, naquela época, os grandes fotógrafos do mundo estavam se dirigindo para a mídia híbrida porque trabalhar somente o fotojornalismo não seria mais tão rentável, que seriam muito mal pagos os profissionais que somente trabalhassem para o fotojornalismo. Na palestra, os convidados contaram que haviam criado um projeto chamado “Magnum in Motion”⁴⁹ (tema da entrevista do canadense Christopher Anderson), uma plataforma fundada em Nova York, em 2004, que era o estúdio digital multimídia da Magnum Photos e até hoje está funcionando. A Magnum in Motion reúne narrativas visuais para plataformas *online* e *offline*, incluindo projeções em museus, festivais e *workshops*. Atualmente, já conta com mais de 100 curtos documentários que misturam filme e fotografia.

Thomas Hoepker falou também sobre sua famosa fotografia sobre o ataque de 11 de setembro de 2001, que destruiu as Torres Gêmeas em Nova York e matou milhares de pessoas (Figura 76). A tragédia funcionava como pano de fundo para uma agradável tarde no Brooklyn. A imagem provocou polêmica, descrita como “chocante” por Frank Rich, editor do *New York Times*, por sua aparente insensibilidade. Juan Esteves explicou que Thomas Hoepker morava no Brooklin e

quando se dirigia para cobertura do atentado, por acaso, viu a cena, registrou, mas não quis usar a imagem, a princípio, por achar que ia virar uma baita polêmica, como virou, quando todos os jornais publicaram. Thomas disse que a sua foto não dizia a realidade por que obviamente eles não estavam ali se divertindo... Aqui no Brasil, a Galeria Babel vendeu toda a tiragem. Era o início de um novo tipo de colecionismo baseado no documental.⁵⁰ (ESTEVES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 76: Fotografia de Thomas Hoepker, da Agência Magnum, do ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro, feita a partir do Distrito de Brooklin. Ver depoimento do fotógrafo. Fonte: Magnum.

⁴⁹ Ver ensaios na plataforma Magnum in Motion. Disponível em: <<http://inmotion.magnumphotos.com>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

⁵⁰ Ver discussão e artigo de Thomas Hoepker no portal Slate. Disponível em: <<http://twixar.me/nDCK>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

Christopher Anderson

Segundo a Revista Fotografe Melhor, Christopher Anderson, fotógrafo da agência Magnum, contou em sua palestra sobre uma aventura no Haiti (Figura 77).

Conheceu um grupo de haitianos que planejava entrar nos EUA pelo mar. Acompanhou-os durante toda a história, desde a construção do barco até a viagem. Depois de algumas horas no mar, o barco em que eles estavam começou a afundar. Por sorte, foram resgatados pela patrulha da marinha norte-americana. (ELIAS, Fotografe Melhor, nº 125, 2007).

Figura 77: Imagem de Christopher Anderson sobre a viagem para o Haiti. **Fonte:** Magnum.

Leo Divendal e Cássio Vasconcelos

O fotógrafo holandês Leo Divendal (Figura 78) foi convidado por Marcelo Greco para entrevista junto com o brasileiro Cássio Vasconcellos (Figura 79).

Conheci ele na Holanda em 2007, ele era professor de fotografia na Escola de Artes Plásticas de Amsterdã e tinha um trabalho com a construção da imagem pelos aspectos mais subjetivos, que é a imagem corpórea. Eu nunca tive a vertente documentarista/jornalística e eu sempre achava que o Iatã tinha uma visão muito política para os festivais, muito monocultural e eu acho que a fotografia precisa ser mais plural na discussão. Pensei em convidar o Leo porque ele rompe com isso, ele mostrou como seu trabalho tinha relações visuais com o trabalho do Giorgio Morandi, e essa questão da subjetividade do olhar, dos espaços entre os objetos, relações cromáticas das imagens que vão desaparecendo. Cassio falou um pouco sobre cada um dos seus trabalhos com ênfase maior no “Noturnos de São Paulo”⁵¹. (GRECO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

⁵¹ Série de fotografias feitas por Cassio Vasconcellos em São Paulo, com câmera Polaroid SX-70, criada nos anos 1970.

Figura 78: Fotografia de Leo Divendal “Vézelay ou a arquitetura do inverno”, 2005-2007 **Fonte:** nrc.nl.

Figura 79: fotografia de Cassio Vasconcellos, série Noturnos São Paulo, de 1998-2002. **Fonte:** VASCONCELLOS, 2002, p.85.

Eduardo Muiyiaert entrevistou a dupla Leo-Cássio e se recorda também de que ambos mostraram trabalhos realizados com navios e mares (Figuras 80 e 81) e que ele explorou as questões da imagem e da água:

A entrevista deles foi muito simpática, porque os dois são figuras muito simpáticas e eu comparei o trabalho do Leo de uma viagem que ele fez num navio de carga holandês com marinheiros himalaios. Ele contou essa viagem, a convivência, eram só homens dentro do barco, dois meses, acho que foi pra Guiana. Todos dentro do barco, então que eles punham música, dançavam. E ele fez um trabalho fotográfico maravilhoso, fotografando com uma câmera analógica daquela tipo “Diana”, de plástico, com a lente de plástico e fotografou essa viagem. E o Cássio, eu comecei comparando, dizendo que o Leo não era um holandês voador, era um holandês navegador, e que o Cássio tinha um trabalho muito importante sobre os navios. E aí comparando um pouco o modo como eles abordavam a questão da água, da imagem. E eu sempre procuro levantar a bola, mostrar quem ele é para as pessoas darem valor, porque as pessoas não conhecem. (MUYLAERT, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 80: O navio de Cássio, “Kakrow II”, de 1989. **Fonte:** site do artista.

Figura 81: O Navio de Leo, “O Mar de Mármaras N. 9”, 2000. **Fonte:** site do artista.

Pela primeira vez o festival chamou um acadêmico para ser entrevistador, o professor universitário Arlindo Machado, autor de um clássico sobre fotografia, *A Ilusão Especular*, livro que desmistifica a ligação da fotografia com o real e expõe sua linguagem codificada. Foi uma entrevista emocionante com Walter Carvalho e Walter Firmo (Figuras 82 e 83) que chegou a chorar pelos elogios que recebeu de Walter Carvalho.

Walter Firmo contou sua trajetória em um depoimento marcante, para uma plateia lotada de fãs. Chegou a chorar quando foi elogiado por seu xará e revelou que atualmente tem fotografado muito em p&b apesar da parcela mais conhecida de sua obra ser em cores. Walter Carvalho apresentou um ensaio inédito sobre o carnaval do Rio na década de 1970. Um dos maiores fotógrafos de cinema em atividade no Brasil, contou sobre a relação entre fotografia e cinema em sua obra. Apesar de rouco brindou o público com uma sabedoria peculiar. Em momento especial, trocou recordações com Thomaz Farkas que estava na plateia. (ELIAS, *Fotografe Melhor*, nº 125, 2007).

Figura 82:: Walter Carvalho falando durante entrevista. Foto: Carol Vergotti. **Fonte:** Acervo PEF.

Figura 83: Walter Carvalho, Walter Firmo e Arlindo Machado durante entrevista. **Fonte:** Acervo PEF.

Joaquim Paiva, Felipe Chaimovich e Pierre Devin

Juan Esteves entrevistou o colecionador Joaquim Paiva, Felipe Chaimovich, curador do MAM-SP e Pierre Devin, fundador do Centro Regional da Fotografia de Nord Pas de Calais com o tema “Colecionismo em Foco”. Em entrevista a mim, Juan lembra que não havia grandes colecionadores de fotografia em 2007. Nesse ano foi criada a sp-arte/foto e colecionadores como Silvio Frota, dono do Museu da Fotografia de Fortaleza, apenas iniciavam suas aquisições. Joaquim Paiva já colecionava desde os anos 1970, Rubens

Fernandes Junior também tinha uma considerável coleção de postais *vintages* e Pierre Devin levou a discussão sobre como manufaturar os portfólios e deles fazer uma coleção. Juan disse que “a ideia era discutir o colecionismo e isso ajudou a intensificar os leilões”.

Leilão de Fotografias

A partir da terceira edição do Festival Paraty em Foco, Isabel Amado, juntamente com Iatã, foi a responsável por fazer a curadoria das fotografias que iam para o arremate do Leilão de Fotografia Paraty em Foco (Figura 84). Conforme mostra a Tabela I referente às atividades, em anexo no final desta pesquisa, das onze edições estudadas aqui, somente no 2º PEF (2006), 4º PEF (2008) e no 9º PEF (2013) não foram realizados leilões de fotografia. Segundo Isabel, 50% do valor arrecadado pela obra arrematada ia para o artista e os outros 50% eram divididos entre ela, o Estúdio Madalena e os jovens do ITAE. Somente o primeiro Leilão, em 2005, não possuiu um catálogo impresso. Em todos outros, a partir desta terceira edição, Isabel afirmou que eram impressos poucos catálogos, cerca de 30, para o momento do leilão. O leitor desta pesquisa pode ter acesso ao *link* que leva ao catálogo do leilão do 3º PEF ao fim da “programação principal” e ali visualizar todas as fotografias que foram ao arremate. O mesmo poderá ser feito no final nas “programações principais” para visualização dos *pdfs* dos catálogos disponíveis.

Isabel Amado conta que teve a ideia de realizar leilões no festival durante a inauguração da primeira feira exclusiva de fotografia do Brasil, a sp-arte/foto, em 2007, organizada por Fernanda Feitosa, que já era a idealizadora da feira sp-arte dedicada às artes em geral. Isabel estava com Iatã na inauguração da sp-arte/foto quando propôs a realização de um leilão de fotografia durante os festivais. Ela afirma que Iatã respondeu na hora que “era uma ótima ideia!”. Era um momento econômico bom para o país e a fotografia começava a se destacar no campo das artes. Nessa edição, Isabel lembra que foram leiloadas apenas fotografias brasileiras, que não foram para o arremate nenhuma fotografia de David Alan Harvey, Thomas Hoepker, Leo Divendal ou de Christopher Anderson, convidados internacionais. Para se ter a ordem de grandeza, a fotografia arrematada mais barata saiu por 500 reais e a mais cara por 5 mil reais. No total, participaram desse leilão 36 fotógrafos⁵² e

⁵² Participantes do Leilão Paraty em Foco – 2007: Alexandre Santana, Ana Stewart, Andre Faccioli, Bina Fonyat, Bob Wolfenson, Bruno Veiga, Cesar Barreto, Claudia Jaguaribe, Cláudio Edinger, Ed Viggiani, Egberto Nogueira, Eustáquio Neves, German Lorca, Glória Flügel, João Wainer, Joaquim Paiva, Juan Esteves, Juvenal Pereira, Luiz Braga, Marcelo Lerner, Marcio Scavone, Marcos Piffer, Marlene Bergamo, Maurício Nahas, Maurício Simonetti, Mônica Zarattini, Murillo Meirelles, Nair Benedicto, Paulo Fridman, Ricardo Fasanello, Ricardo Hantzschel, Roberta Dabdab, Romulo Fialdini, Tuca Vieira, Valdir Cruz e Walter Firmo.

obteve-se a quantia de 34 mil reais por 28 obras arrematadas. Segundo a Revista Fotografe Melhor (ELIAS, 2007), Claudio Edinger, Bob Wolfenson e Luiz Braga “venderam as fotos mais caras do leilão, R\$5 mil, R\$4 mil e R\$3 mil cada, respectivamente.”

Figura 84: Iatã Cannabrava no Leilão de Fotografia no momento em que a fotografia de Eustáquio Neves ia para o arremate.
Fonte: Acervo PEF.

Para acessar as fotografias do leilão:

Ver *pdf* do catálogo do leilão que se encontra no site do 3º PEF. Disponível em: <https://www.pefparatyemfoco.com.br/2007>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

Workshops

Foi a partir do 3º PEF que as oficinas passaram a ter nomes e temas. Talita Virgínia era a produtora que mais cuidava dos *workshops*. Segundo ela, a oficina de Cesar Barreto, “Da prata ao pigmento”, foi uma das que ajudava o fotógrafo a entender, naquele momento, a transição do laboratório fotográfico para a lógica do *Photoshop*. Ela diz que “essa era uma época em que os *workshops* mais técnicos eram uma demanda do público, muita gente que frequentava o festival solicitava esse tipo de oficinas, ‘eram os loucos pela técnica’”. Em 2007, era grande também a procura por cursos sobre as mudanças da fotografia analógica para a digital como o “Imersão Digital”, ministrado por quatro especialistas no assunto: Millard Schisler, Thales Trigo, Clício Barroso e Marcos Ribeiro. Segundo Greco, “a ideia era

fazer um percurso da captação até a impressão. Esse, como todos os *workshops*, estiveram completamente cheios”.

Essa demanda do público que frequentava os festivais era também pelas formações como as de Marcio Scavone e Luiz Garrido, sobre retratos em estúdio, ou de moda, como a da Glória Flügel, coisas mais práticas, menos teóricas. Segundo Talita, “nos primeiros festivais, a ânsia dos fotógrafos era fazer *workshops* que saíssem para rua para fotografar, como por exemplo, esse do Egberto Nogueira sobre como atuar no fotojornalismo. Aos poucos a demanda passou a ser por oficinas onde pudessem mostrar o seu próprio trabalho.”. A produtora Mariza Cermelli lembra também dos *workshops* com saídas a campo como os de Luciano Candisani: “ele levava os alunos de barco para o único fiorde tropical no mundo, o Saco do Mamanguá, e também para cachoeiras e manguezais de Paraty onde, pacientemente, praticava com os alunos a fotografia de natureza”.

Este trabalho destaca dois *workshops* que se repetiram durante as onze edições em estudo e ambos têm particularidades que os diferenciam dos demais pela sua prática e dinâmica: o primeiro, ministrado por Claudio Feijó, “Descondicionamento do olhar”, repetido por nove edições e o segundo, lecionado por Ricardo Hantszchel, “Paraty Invertida”, e retomado em sete edições.

A oficina praticada por Claudio Feijó foi uma das campeãs de bilheteria, lotava todos os anos. Segundo Talita, Claudio traz ao fotógrafo outros sentidos que não a visão,

ele trabalha outras percepções nossas quando usa o toque, um pensamento lateral, exercícios que desconstroem a noção que você tem da imagem. As pessoas saíam das aulas ou chorando ou amando, mas sem ter feito uma única fotografia. É como uma terapia que te faz se desprender dos vícios, ideias arraigadas na cabeça. (VIRGÍNIA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Claudio Feijó começou ministrar seu *workshop* na edição anterior, mas a partir dessa terceira, todas vieram com o nome “Descondicionamento do Olhar”. Pode-se dizer que foi o “campeão de bilheteria” nas edições estudadas. Feijó nunca foi fotógrafo, era pedagogo e psicólogo e, no final de 1969, abriu uma das primeiras escolas de fotografias em parceria com sua irmã Beth, a “Imagem e Ação”. Por lá passaram Nair Benedicto, Vera Simonetti, Iatã Cannabrava, Pedro Martinelli, Cassio Vasconcelos e Cristiano Mascaro. Feijó chamava para palestras e aulas, logo no início da inauguração da escola, Claudia Andujar e Maureen Bisilliat, “gente que era a potência da fotografia brasileira e estrangeira”. O curso amadureceu para discutir linguagem fotográfica e surgiu nos anos 1980 como uma somatória de aprendizados de Feijó com “a escola de fotografia, técnicas de teatro, terapia da Gestalt, tarô,

os enquadramentos enquanto distâncias emocionais”. O curso “Descondicionamento do Olhar” durava mais ou menos 16 horas, divididas em dois ou três dias e não paravam nem para almoçar, comiam durante os exercícios. Os relógios e celulares eram confiscados, a pessoa ficava sem a noção do tempo e a máquina fotográfica também era deixada parada, não se fazia um único clique (Figuras 85 e 86). Nos festivais, o *workshop* abria dezoito a vinte vagas e chegava, às vezes, a 48 inscritos, então, as dinâmicas eram feitas em duplas ou pequenos grupos.

O curso é baseado em vivência, em tirar a pessoa do conforto de olhar dela. Eu até explico redes neurais, eu falo como são estéticas e fisiológicas. Uma coisa louca, né? A gente pensa que estética é uma coisa só da cabeça, não, é também fisiológica. Na estética são formadas redes neurais que se adaptam à certas coisas. Então você vê coisa que bate com a sua matriz ou coisa que não bate com sua matriz, aquelas que são indigestas visualmente. Então, fui estudando essas coisas, fui aprofundando. Mas eu sinto que a vivência, o discurso e a conversa potencializam. Quando eu vejo aquele grupo de 20 pessoas, 25, 28, eu sempre falo assim, “nós temos aqui uma inteligência que é enorme, porque é a dinâmica dos nossos conhecimentos”. Em cada grupo se forma um novo compêndio da inteligência fotográfica. As pessoas saem incorporadas e a primeira coisa que eu trago no *workshop* é ignorância, é a possibilidade da ignorância. *Ignês* vem de faísca. A ignorância traz a potência de você poder criar e abrir novas placas. Eu vou proporcionando um campo que é para as pessoas, até eu brinco, é viajar na maionese, sabe? Pode viajar na maionese, pode fazer qualquer coisa. É libertador. O fotógrafo fica muito com ele mesmo. Quando você traz o cara pra esse lugar, que ele pode descobrir a amplitude criativa do núcleo dele infantil... até uso uma “matrioska”, aquelas bonecas russas pra mostrar nesse núcleo do jogo, da brincadeira, ele se liberta desse modelo que entre o que ele quer expressar, que é a foto autoral, e entre o cliente que quer um tipo de fotografia”. (FEIJÓ, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 85: *Workshops* “Descondicionamento do Olhar”, por Claudio Feijó. **Fonte:** Acervo Claudio Feijó.

Figura 86: Workshops “Descondicionamento do Olhar”, por Claudio Feijó. **Fonte:** Acervo Claudio Feijó.

Ricardo Hantszchel, pleiteou junto a Iatã e o pessoal do Estúdio Madalena a ida ao terceiro festival para ministrar a oficina “Cidade Invertida” (Figuras 87 e 88) e acabou solidificando a parceria, esteve presente em sete edições. O funcionamento do *trailer* que fazia as vezes de uma enorme câmera escura encantava os alunos:

O projeto Cidade Invertida parte do conhecimento secular da câmera obscura para encantar seus participantes. Um pequeno *trailer* com uma lente em uma de suas paredes, projeta uma imagem invertida da realidade exterior em uma tela branca dentro do veículo. A tela é móvel e permite encontrar a distância precisa em que a cena é vista com nitidez, surpreendendo seus frequentadores. “Como seria estar dentro da câmera fotográfica no momento da formação da imagem?” (HANTSZCHEL, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A equipe era composta por Ricardo, um motorista e dois assistentes, e os grupos eram formados por até dez alunos que aprenderam também as técnicas da câmera de pequeno orifício (*pinhole*), construindo suas próprias câmeras com latas e caixas de papelão revestidas de papel preto. Essa oficina foi a que mais envolveu os moradores da cidade pelo seu caráter lúdico e mágico para a explicação dos princípios da formação da imagem e dos primórdios da fotografia. Em entrevista, Ricardo lembrou que as oficinas desenvolvidas por ele e sua equipe reuniam sempre duas ou três turmas e se caracterizavam por trabalhar com os jovens do ITAE e a comunidade paratiense, além dos participantes dos festivais. Além do curso Paraty Invertida, Ricardo desenvolveu outras modalidades de oficinas, Lambe-lambe, Foto Palavra, Imersão Analógica e Imagem Lúdica, todas elas estabeleciam aproximações com a comunidade local.

Os eventos em Paraty são muito elitistas e a população não participa, os moradores não acham que fazem parte, não veem seu lugar lá no festival. Então, o fato da gente atravessar a corrente e ir até as escolas da periferia de Paraty, para mim, foi o início de uma mudança, pena que não demos continuidade. (HANTSZCHEL, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 87: Fotografia do grupo Cidade Invertida em aula no 3ºPEF. **Fonte:** Acervo Cidade Invertida.

Figura 88: Fotografia do grupo Cidade Invertida em aulas no 3ºPEF. **Fonte:** Acervo Cidade Invertida.

Exposições

A principal exposição foi do fotógrafo mineiro Eustáquio Neves, na Galeria Zoom. Como a galeria era de propriedade de Mecarelli, Marcelo Greco afirmou que as escolhas para as exposições naquele espaço eram feitas somente por ele, tanto que Eustáquio não participou das mesas de entrevistas da programação dos convidados para Encontros e Entrevistas do festival. Mesmo sem ter podido opinar na mostra de Eustáquio, Greco afirmou que “Mecarelli foi muito feliz em escolher ele e no ano anterior André Cypriano, duas ótimas mostras”. Segundo Juan Esteves, naquela época, “a única galeria que abria espaço para exposições em Paraty era a Zoom e então o ‘the best’ que acontecia no festival, seja nacional ou internacional, ia para a galeria do Mecarelli. Eustáquio já era um nome importante e estabelecido na chamada fotografia de arte”. O texto de Rubens Fernandes Junior no catálogo sobre a mostra de Eustáquio (Figura 89) traz que “sua estratégia é dissimular a fotografia, de intensa subjetividade, e, num passe de mágica, criar imagens capazes de ativar a memória individual ou coletiva.”.

Todas as outras exposições foram organizadas por Marcelo Greco, que também fez a expografia delas: a de Leo Divendal, de Marie Hippenmeyer e de Daniel Helene. Convidou novamente o MAM-SP que, desta vez, trouxe o trabalho de Caio Reisewitz. Nessa edição, foi inaugurada a chamada convocatória para novos talentos, que teve forte presença no formato do festival, como veremos nas próximas edições que, com o decorrer dos anos, foi se aperfeiçoando. Três trabalhos foram selecionados por Greco, “Sopro”, de Carol Vergotti, “Pequenas Memórias”, de Kenji Katamura e “Eikon Graphia”, de Laura Sobemes, todos expostos no Restaurante Spaguetto, pois a cidade de Paraty não oferecia espaços expositivos específicos, como galerias. Às noites, aconteciam as projeções no espaço Fiat, localizado na Praça da Matriz, outra atividade que foi crescendo cada vez mais.

Figura 89:Foto de Eustáquio fez parte de sua exposição na Galeria Zoom, de 26 out. a 16 dez. 2007. **Fonte:** Catálogo 3º PEF.

Marcelo Greco contou que teve muitos conflitos com Iatã no que dizia respeito às exposições:

eu tive um desentendimento muito chato com Iatã durante o festival, pois ele queria marcar um território como curador das exposições e começou bater de frente comigo nas mínimas coisas que eu solicitava para a organização das exposições e isso foi o suficiente para eu dizer ao Marinho que eu não queria mais continuar e não queria mais trabalhar com o Iatã. Então, Marinho me sinalizou que havia problemas e que mudanças iriam acontecer e pediu que eu esperasse. (GRECO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 90: Capa do Catálogo do 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução: Mônica Zarattini.

Encontros e Entrevistas

- “Abertura Oficial”, palestra com o fotógrafo norte americano David Alan Harvey.
- “Brasil, Paisagem Universal”, Juan Esteves entrevistou Cesar Barreto e Marcos Piffer.
- “Cidades”, Eduardo Brandão entrevistou Claudia Jaguaribe e Tuca Vieira.
- “2 X Moda”, Bruno Torturra entrevistou Bob Wolfenson e JR Duran.
- “Gênero e Grau”, Milton Guran entrevistou Nair Benedicto e Marlene Bergamo.
- “Terra Brasil”, Arlindo Machado entrevistou Walter Carvalho e Walter Firmo.
- “Planeta Terra – Especial National Geographic, Claudio Edinger entrevistou David Griffin, Luciano Candisani e Matthew Shirts.
- “Magnum in the digital Age”, Matthew Shirts entrevistou Thomas Hoepker.
- “Colecionismo em foco”, Juan Esteves entrevistou Felipe Chaimovich, Joaquim Paiva e Pierre Devin.
- “Olhares transversais”, Eduardo Muylaert entrevistou Cássio Vasconcelos e Leo Divendal.
- “Magnum in Motion”, Eduardo Muylaert entrevistou Christopher Anderson. Marcelo Greco chama atenção para a melhor pra na organização das entrevistas em relação ao festival passado. “latã teve a

preocupação de levar muitos entrevistadores para que mais gente pudesse conhecer o festival e dar importância a ele.”

Workshops

- “Formação de repórteres mirins”, por Inae Coutinho.
- “The image maker”, por Thomas Hoepker.
- “Com cor e coragem”, por Walter Firmo.
- “Paisagens humanas”, por Andreas Heiniger
- “Fotografia e conflitos”, por Christopher Anderson.
- “Imagens naturais”, por Maurício Simonetti.
- “Da prata ao pigmento”, por Cesar Barreto
- “National Geographic Experience, por Izan Petterle.
- “Ensaio editorial – o fotógrafo pautando a revista”, por Marcio Scavone.
- “As diferentes camadas de um ensaio”, por Leo Divendal.
- “Imersão digital”, por Millard Schisler, Thales Trigo, Clício Barroso e Marcos Ribeiro.
- “Na hora certa e no lugar certo: profissão repórter”, por Egberto Nogueira.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “Modelo por um dia”, por Glória Flügel.
- “Cidade invertida”, por Ricardo Hantzshel.

Exposições

- “Fragmentos”, por Eustáquio Neves, na galeria Zoom.
- “Paisagens invisíveis”, por Leo Divendal na Casa Kingston.
- “Noir blanc”, por Marie Hippenmeyer no Espaço Cubo.
- “De outro lugar”, por Daniel Helene no Bar do Lucio.
- “Sopro”, por Carol Vergotti, “Pequenas memórias”, por Kenji Katamura e “Eikon Graphia”, por Laura Sobenes no Restaurante Spaguetto (fotografias selecionadas pela convocatória).
- Caio Reiszewitz – Acervo MAM na Casa de Cultura de Paraty.
- “Caiçaras”, por Meninos do ITAE no IPHAN.

Figura 90: Capa do Catálogo do 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 10 x 21 cm.

Fonte: Reprodução: Mônica Zarattini.

5.4 - 4º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco - (10 a 14 de setembro de 2008)

Após a terceira edição, um novo desentendimento desestruturou a parceria do quarteto Mecarelli/ Iatã/ Marinho/ Greco. No final de 2007, os sócios verificaram que havia um lucro, um saldo positivo nas finanças do 3º PEF. Para Luiz Marinho, que era quem cuidava das finanças, “com esse lucro deveria ter sido revertido em um caixa para a próxima edição e apenas um cachê deveria ser retirado para cada um dos quatro. Mas a maioria não aceitou, o lucro foi dividido em quatro partes”. Mesmo com a situação financeira estabilizada, segundo Marinho, “os três sócios reclamavam permanentemente um do outro e eu que havia juntado

‘as peças’, tomava daqui, dali, de todos os lados.”. Para acabar com esse clima de fofocas, Marinho conversou com Mecarelli e decidiram que os três juntos comunicariam ao Iatã que ele não faria mais parte da organização. Essa reunião aconteceu no final de 2007, e Iatã foi pego completamente de surpresa, pois já estava se preparando para pensar o próximo festival, mas ficou completamente, em suas próprias palavras, “passado”. Na visão de Mecarelli, a estrutura não estava mais funcionando em meio a tantas desavenças. Ele relata que Iatã e Marinho “exageraram” e frente a isso disse a Iatã nessa reunião: “esse ano sua estada no Paraty em Foco vai ser encerrada por aqui”. A produtora Mariza Cermelli, que era quem cuidava de toda a estruturação e logística do festival na cidade de Paraty, conta que “Mecarelli, Marinho e Iatã eram homens com personalidades muito fortes, com cabeças duras, e que, quando aconteceu esse rompimento, Iatã, que havia me indicado para o trabalho, me deixou completamente à vontade para decidir se eu continuava ou não.”. Mariza, que é nascida em Paraty, optou por continuar na produção do festival tendo em mente que “como produtora da FLIP por muitos anos, sempre pensei que a minha participação era importante para promover a cultura em Paraty, trazer eventos de qualidade para a cidade e, assim, trabalhei até a décima primeira edição.”

Mecarelli, Marinho e Greco se reorganizaram e chamaram mais um personagem para ajudar na organização do quarto festival, Christian Maldonado, representante da Kingston, para ser o “presidente do evento”. Também contrataram profissionais de publicidade para a produção dos catálogos e a assessoria de imprensa Rosa Arrais. A produção do catálogo fora das mãos de Mecarelli causou novos conflitos, pois ele fazia questão de produzir o material. Três produtos foram confeccionados, dois bem simples, um fôlder no tamanho dos anteriores e outro menor para divulgar a programação em que, pela primeira vez, foram publicados mapas do centro histórico, “uma demanda de um público que aumentava”, disse a produtora Talita Virgínia. O festival cresceu muito em número de entrevistas e *workshops*, e o público saltou “para algo em torno de 1500 pessoas, segundo Luiz Marinho.”. Nove livros foram lançados, entre eles, os de Ed Viggiani, Nair Benedicto, Orlando Azevedo e Evandro Teixeira.

Nesta edição, Marcelo Greco foi escolhido para ser o curador das exposições e teve liberdade para pensar como seria sua curadoria:

Se relembrarmos no campo da história da fotografia o que se tem de visibilidade é sempre dentro de um conjunto muito restrito, década de 1970/80 o fotojornalismo dominava, já na década de 90 a fotografia fica mais documentarista, muitos registros de festas populares e manifestações religiosas, documentarismo era o forte. Na virada do século, isso começa mudar e hoje a gente vê o predomínio de uma fotografia mais experimental e conceitual. Acho equivocados mostrar um lado só. Então eu quis em 2008

mostrar várias vertentes diferentes de fotografia: fotojornalismo, documentarista, fotografia mais autoral como expressão pessoal, linguagens diferentes. (GRECO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Greco conta que ele e Luiz Marinho tinham boa relação com a Agência Magnum e foram os dois que convidaram os artistas internacionais, além dos brasileiros. O 4º PEF não teve leilão de fotografias, segundo Greco alguns amigos de Iatã “se recusaram a participar, como Isabel Amado e Eduardo Muylaert”. Vale lembrar que uma semana antes do festival, dia 6 de setembro de 2008, Isabel Amado ajudava na organização de um leilão específico para fotografias na casa de leilões Bolsa de Arte. A matéria do jornal *A Gazeta Mercantil*, “Arte como um grande negócio”, apontava a conjuntura em que se encontrava a fotografia brasileira no cenário mercadológico, encontrando pontos em comum entre a realização do quarto Festival Paraty em Foco e o leilão da renomada casa Bolsa de Artes:

Em comum entre iniciativas dois pontos. O primeiro é o fato indiscutível que esta forma de expressão adquiriu status de “arte”, mesmo entre o público mais conservador. Já o segundo, consequência direta do primeiro, trata do crescente valor das obras negociadas que fazem trabalhos como “Pictures of Diamond: Catherine Deneuve”, de Vick Muniz atingir a espantosa cifra de R\$ 270 mil no leilão da Bolsa de Arte. (RODRIGO, GAZETA MERCANTIL, 21 set. 2008).

Entrevistas

A quarta edição do festival teve uma palestra de abertura com Jay Colton, ex-editor da Revista *Time*, da Agência Gamma e da Agência Sigma, além de Professor do ICP (International Center of Photography) e das Universidades de Rochester e Vermont. Ele falou sobre o futuro do mercado editorial internacional, das grandes agências e das grandes revistas. Em seu *workshop*, contou sobre a experiência da cobertura da Guerra do Afeganistão, mostrando as fotografias da sua equipe: James Nachtwey, Chris Morris, John Stanmeyer e Alexandra Boulat, alguns dos mais importantes fotógrafos de conflitos do mundo.

... os alunos foram incentivados – ou melhor, desafiados – a editar o material produzidos por esses fotojornalistas, tomando por base o conhecimento de cada um sobre o tema e tendo em mente que o destino final seria um veículo de mídia impressa, ou seja, pouco espaço (como nesta página):

– Veja as fotos com emoção, mas com consciência do que se tem em mãos. Cada foto traz o que cada fotógrafo vê e sente, as suas próprias verdades.

É algo para pensar. (COELHO, O Globo, 22 set. 2008).

Ralph Gibson

Simonetta Persichetti foi chamada por Luiz Marinho e Marcelo Greco para ser a responsável por quase a totalidade das entrevistas. Ela lembra que já havia entrevistado o fotógrafo norte-americano Ralph Gibson, quando era professora do SENAC:

A entrevista com ele foi ótima porque ele é um cara que estudou semiótica, foi laboratorista da Dorothea Lange, mas no Paraty ele subiu no palco, bêbado, passou um vídeo sobre os nazistas o qual ele iluminava com uma lanterna, tocou uma guitarra e não mostrou uma única foto. O Mecarelli, pasmo, olhava para mim e Gibson falava, ‘não me pergunte nada, não me pergunte nada!’ e eu sentada respondia, ‘não vou perguntar nada’. Quando acabou o show dele, horrendo por sinal, porque se ainda tocasse bem, fosse um Roger Waters a gente até aplaudia, mas a coisa foi terrível, ele vira e me diz: ‘não vou responder pergunta nenhuma, nem da Simonetta, nem da plateia. Tchau’, virou as costas e foi embora. (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Segundo Marcelo Greco, “a apresentação foi horrorosa e Simonetta não tinha o que perguntar. Ele era uma grande estrela e veio para mostrar o trabalho dele, e na hora não quis, colocou um vídeo, falava em alemão, iluminava com uma lanterna, ela ficou numa tremenda saia justa”. As expectativas com relação à apresentação de Ralph Gibson eram bem grandes como atesta a matéria “Ralph Gibson – um mestre do design fotográfico”, escrita por Juan Esteves na Revista Fotografe Melhor, em agosto de 2008. Uma das grandes atrações do Paraty em Foco 2008, “o fotógrafo norte-americano une técnica e arte em vasta obra produzida em 48 anos de carreira.”. (ESTEVES, Fotografe Melhor, ago. 2008, p.42-49). Juan descreve na reportagem as preferências de Gibson pelo preto e branco, pelas câmeras e os filmes que usa, no caso, o TRI-X, revelado pessoalmente por ele. Abaixo, na figura 91, um descontraído encontro dos convidados nos intervalos das entrevistas

Figura 91: Convidados internacionais do 4º PEF: Bruce Gilden, Jay Colton, Machiel Botman e Ralph Gibson, à direita.
Fonte: fotografia de Felipe Camarheiro.

Bruce Gilden

Com relação à entrevista do fotógrafo da Magnum, Bruce Gilden, Simonetta recorda que foi uma conversa bem diferente. Gilden caminha pelas ruas sempre muito ligado, movimenta-se, ajusta seu corpo ao objetivo de conseguir um ângulo para fazer seus retratos. Num determinado momento, dispara o *flash* direto na cara das pessoas, sempre munido de uma grande angular.

O Bruce Gilden talvez tenha sido uma das melhores entrevistas que eu fiz na vida e sem querer, porque ele é o cara mais mal-humorado que existe na terra, ele tratava todo mundo mal e ele tem uma fotografia de uma potência incrível, porque ele sai na rua, bota a câmera na cara das pessoas e fotografa. Então, ele já apanhou, já levou guarda-chuvada, bolsada, soco e ele não está nem aí. Então essa coisa de direito de imagem, ele nem liga, dispara o *flash* na cara das pessoas na rua. Ele é muito mal-humorado, ele tratava todo mundo muito mal, a tradutora, não tinha uma pessoa que ele tivesse tratado bem, e eu só observando, sem falar com ele, sem nada, só que no palco eu fiz uma pergunta “por que você odeia tanto a humanidade?” Aí ele se abriu e contou tudo da vida dele, que tinha sido abusado pelo pai alcoólatra... No final foi muito aplaudido... de uma certa forma, eu acho que isso se traduz na imagem dele, essa agressividade que ele tem no ato de fotografar, ele não sabe talvez se aproximar perguntando “Oi, tudo bem?” Então ele chega e dispara o *flash* na cara da pessoa”. (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Gilden declarou para a *Folha de S. Paulo* (9 set. 2008): “Sou conhecido por fazer fotos muito de perto. E, quanto mais velho fico, mais perto chego. Tento dizer mais mostrando menos”. (Figura 92)

Figura 92: Fotografia de Bruce Gilden da série “NYC”. **Fonte:** site do artista.

Debate Simonetta-Magnólia

Simonetta também participou de uma conversa no formato de debate com a professora Magnólia, no qual discutiram a entrada da fotografia no mundo da arte. Marcelo Greco, como diretor dessa edição do Paraty em Foco queria trazer um pouco da discussão acadêmica: “era um momento onde muitas galerias já apresentavam a fotografia em feiras de artes e já tínhamos a recém-inaugurada feira especializada, a sp/arte-foto, fundada em 2007.”

Machiel Botman

Para Simonetta, neste Paraty começou mais a se discutir a fotografia como arte e a poética das imagens em detrimento da fotografia mais documental, como é o caso da entrevista que fez com o fotógrafo holandês Machiel Botman: “ele veio com um trabalho extremamente sensível, emocionante, um trabalho do pequeno, do detalhe, do poético. O festival sai um pouco da fotografia política como de Marcelo Brodsky e da documental para ir para a fotografia autoral que é mais a pegada do Marcelo Greco”. Nessa palestra, o artista falou sobre seus livros “rainchild” (Figura 93) e “Heartbeat”, enquanto projetos pessoais. Machiel Botman também ministrou um *workshop* sobre narrativa fotográfica, disse em reportagem:

Para mim, não faz diferença se uma foto é feita com uma câmera de última linha ou com um telefone celular. Se a pessoa faz a foto com integridade, ela pode ter uma boa imagem. Depende muito do contexto em que você trabalha a foto. O que acontece é que uma simples foto não pode ser o suficiente. É preciso planejamento para que a foto se transforme num livro ou vá parar na parede de um museu. (DIÁRIO DA MANHÃ/GOIÂNIA, 13 set. 2008).

Figura 93: Fotografia do livro “rainchild”, de Machiel Botman, ver livro completo. **Fonte:** site do artista.

Greco convidou o fotógrafo Luiz Braga, de Belém, e Diógenes Moura para entrevistá-lo, pois, além de ser um grande admirador do trabalho de Braga, achava que Diógenes poderia fazer uma bela entrevista por conhecer bastante a obra dele. Com o mesmo intuito de diversificar, convidou Orlando Azevedo, de Curitiba, que tinha um trabalho documental incrível no Paraná, além de ter sido o responsável pelas Bienais Internacionais de Curitiba: “Ele nunca tinha vindo para o festival e, achei importante dar voz para ele. Quis sair fora do eixo Rio – SP e contemplar a diversidade.”. Rubens Fernandes lembra da entrevista que fez com Orlando Azevedo sobre o lançamento de sua coleção com três livros (Figura 94):

Ele tinha lançado três livros, coleção “Expedição Coração do Brasil: Terra, Mito e Homem” que comemorava 500 anos do Brasil. Ele andou o Brasil todo fotografando diferentes aspectos do país, gente, paisagem, cidades etc. Então, ele projetou uma parte do trabalho e na entrevista, fui provocando questões sobre essa expedição, porque ele foi jipe, andou não seis quantos mil quilômetros. Explorei um pouco essa questão do fotógrafo sair com a cara e a coragem, bancar o projeto, às vezes ele ia com assistente, às vezes ele ia sozinho... Quando entrou Brasil a dentro fotografando pessoas, paisagens, tinha um caráter também didático. Eu sempre penso na fotografia como educação. Então, é muito importante para aquela moçada que estava na plateia, além dos profissionais e colegas compreender toda a dificuldade que ele teve para chegar nos mais distantes lugares do país, como que ele conseguiu jipe patrocinado, como que ele conseguiu vender isso pro jornal de Curitiba. Ele tinha um esquema bastante interessante de patrocínios que viabilizou essa jornada de não sei quantos anos Brasil a dentro pra fazer os três livros. A gente brinca que é um “livro de peso”... (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 94: Imagem da Coleção Expedição Coração do Brasil de Orlando Azevedo: **Fonte:** site do artista.

A quarta edição contou também com um catálogo especial (Figura 95) com fotos grandes, colorido e em papel *couché*. Aparecem também neste catálogo imagens de Bruce

Guilden, Evandro Teixeira, Machiel Botman, Orlando Azevedo, Francesco Cito, Claudio Edinger, Ralph Gibson, Rogério Reis e Jay Colton, todos com breve texto.

Figura 95: Imagem do catálogo com texto curto sobre o trabalho de Luiz Braga. **Fonte:** Acervo PEF.

Pierre Devin e Nair Benedicto

Rubens Fernandes Junior entrevistou também o curador Pierre Devin⁵³ e Nair Benedicto para contar sobre o lançamento do projeto “Tirè à Part”, uma caixa com o portfólio de dezoito imagens impressas à jato de tinta pelo laboratório francês “La Chambre Noir”, de um dos principais laboratoristas franceses, Guillaume Geneste, com tiragem de 90 caixas. Além do de Nair, Devin já havia lançado o dos fotógrafos Bernard Plossu e Marc Trivier. Segundo Rubens, um documento assinado pelo fotógrafo, no caso Nair Benedicto e Pierre Devin, acompanhava as fotografias na caixa. Os fotógrafos não assinavam cópia por cópia, o que possibilitava “diminuir o valor do conjunto das imagens para poder vender. É uma questão de mercado. Eu acho que era vendido por volta dos 2 mil dólares cada portfólio”. O da Nair era uma seleção de fotografias coloridas e Rubens lembra que se arrepende de não ter comprado: “Porque eu fui deixando e a tiragem foi se esgotando, e quanto mais próximo do fim da tiragem, vai ficando mais caro. O portfólio da Nair foi um sucesso, várias pessoas

⁵³ Pierre Devin foi diretor do Centre Regional de la Photographie – Nord Pais de Calais e da Mission Photographique Transmanche e após se aposentar teve a ideia do projeto com os portfólios. Disponível em: <<http://www.la-chambre-noire.com/pages/editionintro.html>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

compraram, lembro que fizeram o lançamento do portfólio depois da palestra num restaurante em Paraty.”.

No quarto festival, Sergio Branco, diretor da Revista Fotografe Melhor, quis aprofundar a parceria com a revista solidificando sempre uma mesa de entrevista ou um debate sobre fotojornalismo organizada por ele:

No começo só apoiávamos e cobríamos o evento, mas com o tempo fui percebendo, que vinham muitas atrações e se deixava de lado o fotojornalismo na programação do Paraty em Foco. Aí eu disse ao Mecarelli que gostaria de organizar as mesas com fotojornalistas. A primeira mesa organizada pela Revista Fotografe Melhor aconteceu com a projeção do filme ‘Abaixando a máquina’ com debate posterior. Trouxe o diretor do filme, Guilherme Planel, e os fotojornalistas Domingos Peixoto, Wania Corredo, Wilton Junior e Severino Silva. E isso foi um grande sucesso! (BRANCO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A parceria selou também um concurso fotográfico chamado “Prêmio Fotografe/Leica” e os premiados foram anunciados na noite de quinta-feira.

Amir Klink

Vale lembrar que apesar de Amir Klink não ser fotógrafo, foi convidado para proferir a palestra sobre “fotografia em grandes expedições”. Segundo Greco, “a ideia era colocar Paraty como foco de interesse, com pessoas relevantes da cidade e a palestra dele bombou, tinha fila de um quarteirão”.

Exposições

O italiano Francesco Cito, fotógrafo de guerra, que cobriu nos anos 1980 conflitos como a Guerra da Bósnia e Kosovo e também a batalha entre afegãos e russos, proferiu palestra, ministrou *workshop* e teve suas fotografias expostas na Galeria Zoom. Logo na entrada da mostra, o jornal *Gazeta Mercantil* descreve o clima da exposição quando o visitante se deparava, logo de cara, com a imagem de dois meninos palestinos sorrindo com expressões puras e imaculadas, ambos de paletó xadrez, empunhando metralhadoras automáticas (Figura 96). A posição da fotografia indicava o caminho pelo qual o visitante poderia começar a conhecer as imagens dos conflitos. (GAZETA MERCANTIL, 21 set. 2008). Havia também uma trilha sonora no ambiente:

Suas fotos na Galeria Zoom, uma construção paratiense do século XVII, batizada de Sobrado dos Calixtos – exibida com uma trilha musical que inclui canções como “What Wonderful World”, na voz de Louis Armstrong e “Imagine”, de John Lennon, o que só enfatiza a interminável barbárie

humana –, não deixam dúvida desta capacidade de ver com precisão quase presságica os conflitos e transformá-los em imagens que são verdadeiras radiografias de uma época. (RODRIGO, *Gazeta Mercantil*, 21 set. 2008).

Figura 96: Uma das imagens que estiveram na mostra “Tutto Cito”, de Francesco Cito na Galeria Zoom. **Fonte:** site da Galeria Zoom.

Novas rupturas

Segundo Marinho, “esta foi a edição que consolidou o festival” tanto pelo aumento de público como a sedimentação das participações internacionais. Mesmo assim, novas desavenças financeiras surgiram após o final da quarta edição. Marcelo recebeu seu cachê de curador-geral e Christian, Marinho e Mecarelli não ganharam nada, pois o quarto festival lucrou apenas R\$ 1.500,00. Logo após o evento, Marinho viajou para a feira Photokina, na Alemanha, e então, Mecarelli pediu uma reunião com Christian e Greco para dizer que não queria mais que Marinho ficasse.

Como não tinha rendido dinheiro, Mecarelli achou que o problema era o diretor executivo do festival, que o problema era eu. Eu tinha uma viagem para Alemanha e então, ele marcou uma reunião com o Marcelo Greco e com o Christian pra dizer que eu tinha que sair. No ano anterior tinha sido o Iatã e esse ano era eu que tinha que sair. Eu acho muito engraçado, o termo que ele usou naquela reunião: ele “perdoava” o Marcelo Greco e o Christian, dizia isso como se fosse um imperador romado”. Disse também, que o Maldonado que a partir daquele momento, deveria assumir a minha posição de assinar cheques e bancar a infraestrutura. O Christian literalmente olhou pra cara do Mecarelli, ambos olharam pra cara do Mecarelli e falaram: “se o Marinho tá fora, nós também estamos fora”. (MARINHO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Novamente, Mecarelli se encontrou sozinho para organizar a quinta edição.

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 97: Imagens dos catálogos de programação do 4º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco O maior em tamanho: 10 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução: Mônica Zarattini.

Entrevistas e Palestras

- Abertura, “O Futuro do mercado editorial internacional”, palestra com Jay Colton.
- “A fotografia em grandes expedições”, palestra com Amir Klink, mediação de Juan Esteves.
- “Heartbeat e RainChild – Uma vida pessoal em livros”, Simonetta Persichetti entrevistou Machiel Botman.
- “Identidade arrebatada”, Diógenes Moura entrevistou Claudio Edinger.
- “O sangue aventureiro no jornalismo brasileiro”, Simonetta Persichetti entrevistou Evandro Teixeira.
- “Deus, ex-machina”, Simonetta Persichetti entrevistou Ralph Gibson.
- “Território do olhar”, Diógenes Moura entrevistou Luiz Braga.
- “A saga de uma paixão”, Rubens Fernandes entrevistou Orlando Azevedo.
- “Projeto portfólio”, Rubens Fernandes entrevistou Pierre Devin e Nair

Benedicto.

- “Fotografia de rua”, Simonetta Persichetti entrevistou Bruce Gilden.
- “Fotógrafo incansável, fotografia na veia”, Milton Guran entrevistou Rogério Reis.
- “Da Itália para o Mundo”, Milton Guran entrevistou Francesco Cito.
- “Fotografia na História da Arte”, debate entre Magnólia Costa e Simonetta Persichetti.
- “Noite Fotografe Melhor”, exibição do documentário “Abaixando a Máquina – Ética e dor no Fotorjornalismo”, mediação de Sérgio Branco com fotojornalistas convidados.

Workshops:

- “Formação de repórteres-mirins”, por Luciana Cavalcanti.
- “Livro, um sonho realizável”, por Pierre Devin.
- “Fotografia, memória de um país”, por Evandro Teixeira.
- “Street Smart - Fotografia de rua”, por Bruce Gilden.
- “Desafio internacional”, por Fabiana Figueiredo.
- “Workshop convidado da HP/Magnum.
- “O universo íntimo em narrativa fotográfica”, por Machiel Botmam.
- “Fotografia e Cidadania”, por Orlando Azevedo.
- “Imersão digital, Módulo I: Estrutura das imagens digitais”, por Thales Trigo.
- “Imersão digital, Módulo II: Fluxo de dados na gestão de imagens”, por Clício Barroso.
- “Imersão digital, Módulo III: Impressão à jato de tinta para Fine Art”, por Renato Curry.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “A ideia atrás da foto”, por Francesco Cito.
- “A arte das sombras”, por Ralph Gibson.
- “Desafio NatGeo no Brasil”, por Izan Petterle.
- “A arte do retrato”, por Rogério Reis.
- “Margens da cor”, por Luiz Braga.
- “Projetos fotográficos, mercado de arte”, por Claudio Edinger.
- “Invasão do Afeganistão – Como construir um ensaio fotográfico”, por Jay Colton.

Exposições:

- “Alhures”, por Beatriz Pontes no Espaço O Cubo.
- “Rubi 75”, por Beto Hacker no Restaurante Spaguetto.
- “Brasileiros Futebol Clube”, por Ed Viggiani no Lado B.
- “O poder e os desgraçados da terra”, por Fabiana Figueiredo na Galeria Navegare.
- “Tutto Cito”, por Francesco Cito na Galeria Zoom.
- “Crepusculares”, por Luiz Braga na Exposição MAM.
- “Heartbeat e RainChild”, por Machiel Botmam no Casarão PEF.
- “O Belo, o Feio – Meninos do ITAE no IPHAN.

Figura 97: Imagens dos catálogos de programação do 4º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco O maior em tamanho: 10 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução: Mônica Zarattin

5.5 - 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (23 a 27 de setembro de 2009)

Giancarlo Mecarelli se viu novamente sem parceria para a organização da quinta edição. No final de 2008, no Festival de Luz, em Buenos Aires, reencontrou Iatã Cannabrava e viu que ele ainda estava abalado com a saída do festival. Logo no início de 2009, Mecarelli telefonou para Iatã dizendo: “fomos vítimas de um sem vergonha, se você quiser fazer o Paraty em Foco comigo novamente, estou aberto e ele aceitou, nem piscou!”. Chamou novamente Iatã que permaneceu na direção do festival até a 11ª edição. Nesta quinta edição, e também na sexta, o festival levou em seu nome a marca discreta do patrocinador, a FNAC. Isso nunca foi bem digerido por Mecarelli, mas o fato é que a FNAC comemorava seus quarenta anos de existência e a abertura do festival naquela quarta-feira à noite foi a apresentação e o lançamento de um livro com DVD – uma mídia popular na época – com o documentário de quarenta fotógrafos que haviam expostos seus trabalhos nas sedes da FNAC. A curadoria para a organização do DVD/Livro foi de Rosely Nakagawa, e a jornalista Simonetta Persichetti conta sua participação no projeto:

A Fnac patrocinou, não teve Lei Rouanet, não teve nada, saiu do bolso da Fnac. O documentário *Encontros com a fotografia* foi feito em três meses: nós – uma equipe de filmagem – viajamos do Oiapoque ao Chuí entrevistando os quarenta fotógrafos que haviam participado das exposições, foi um trabalho maravilhoso porque a gente ia no lugar onde eles estavam. (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Vemos no site do Paraty em Foco, no histórico desta edição, a fotografia de Mecarelli junto de Coutry (presidente da FNAC) e Iatã, na abertura. Logo em seguida, outra foto onde aparecem Simonetta e os fotógrafos Miguel Chikaoka e Tiago Santana no debate pós apresentação do documentário sobre o trabalho dos fotógrafos em voga naquela época.

A tônica da quinta edição foi a criação de um Conselho Curador, a vinda do exterior de três importantes fotógrafas, a alemã Loretta Lux, a nova-iorquina Alessandra Sanghinetti e a francesa Claudine Doury, além da instalação de uma plataforma virtual chamada “Blogosfera”. Destaco também que, a partir do encontro de produtores culturais que trabalham no campo da fotografia realizado neste festival, nasceu a “REDE” (Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil), entidade que funciona até hoje e tem papel fundamental na aglutinação em torno da fotografia no Brasil.

Conselho Curador

Iatã conta que tinha muito medo que tirassem dele, novamente, o festival, então, montou o conselho para instalar “seriedade no festival e para ser um conselho que “bombasse” o festival”. Para integrar o grupo, chamou os coletivos Cia de Foto e Garapa, Armando Prado, Clício Barroso, Bel Amado, Juan Esteves, Eduardo Muylaert e Claudio Edinger. Claudio era quem estabelecia o contato com os artistas estrangeiros, pois falava inglês fluentemente.

O festival trouxe fotógrafos estrangeiros extraordinários para mostrar seu trabalho, fazer palestras e oficinas e também leituras de portfólios aqui. Este intercâmbio é sempre vital para os artistas nacionais, pois mesmo os que podem viajar não têm o contato nem a oportunidade de imersão que o PEF ofereceu. (EDINGER, entrevista à Mônica Zarattini, 2018)

Claudi Carreras começou a participar somente no sétimo Paraty como conselheiro e convidado, e no oitavo entrou como curador das exposições, mas conta que Iatã criou esse Conselho Curador

pois entre Iatã e Mecarelli sempre houve uma concepção distinta do que deveria ser o festival. O Giancarlo queria ter um festival muito mais fotográfico e pequeno, que pudesse controlar e não queria fazer um negócio como festival, ele queria ter uma coisa menor pra ter um lucro maior, um festival mais adaptado para as possibilidades dele. E o Iatã queria fazer ‘o’ festival da América Latina e o Mecarelli queria fazer ‘um’ festival. O Mecarelli queria um festival com um universo muito pequeno. E o Iatã queria um universo muito maior, ele queria fazer um festival mais importante. E eu entrei no conselho precisamente pra dar apoio ao Iatã nessa briga com o Mecarelli e também com a sociedade. O Paraty em Foco teve um conselho curatorial com pessoas muito importantes. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Segundo vários entrevistados, as reuniões do Conselho Curador aconteciam na casa da Claudia Jaguaribe ou na de Iatã e nelas se discutiam critérios para a convocatória, convidados, os temas dos festivais e outras diretrizes. Segundo Claudia, o conselho serviu muito para “profissionalizar o festival” e teve um papel de grande relevância:

Ele foi crescendo de importância. No começo o conselho era uma coisa bastante informal para o Iatã checar um pouco as ideias dele, ver se eram coisas que estavam batendo com o que as pessoas se interessavam. Aos poucos foi crescendo bastante, tentamos parcerias com a Cinemateca, parcerias com várias pessoas para criar algo que institucionalmente alavancasse o Paraty em Foco não só no momento do acontecer o Paraty em Foco, mas em outros momentos ao longo do tempo, na cidade. É que a gente foi sentindo que aquilo ali não podia ser só uma coisa de um momento só no ano, que precisava ter uma ressonância. Acho que direta ou indiretamente acabou influenciando o fórum latino-americano e os eventos que aconteceram no MIS. Toda a construção e toda a curadoria do Paraty em Foco foi uma tentativa de ao mesmo tempo trazer pro Brasil um repertório de fotografia que não era sensível aqui, e também introduzir quem vem de

fora. A gente discutia quem poderia ser mostrado, quem viria e fomos tomando consciência também de que ao trazer convidados você gera naquela pessoa um interesse, uma curiosidade e um conhecimento sobre o Brasil que ela não tinha antes. Quando esse convidado voltava, levava um pouco do Festival Paraty em Foco. Foi uma forma de internacionalizar e profissionalizar o festival que começou com um modelo muito livre do tipo “vamos fazendo e ver o que que acontece”. A gente discutia os temas dos festivais e tinha sempre a ideia do que era relevante naquele momento político, do que era importante fazer e criar. Sempre tivemos ideia de que não podíamos ficar só no eixo Rio/São Paulo, tínhamos de encontrar gente de outras regiões e abrir para outras áreas do Brasil, conectar com o resto do Brasil. A introdução de pessoas diferentes no conselho saiu da predominância da foto jornalística e foi abrindo para questões da fotografia contemporânea, formas de apresentação. Como Paraty é uma cidade pequena, tem poucos recursos em termos de espaços expositivos, a gente teve que usar a rua como espaço expositivo e isso deu um caráter muito diferenciado à grandeza da imagem, deixa de ser a foto emoldurada, deixa de ser a foto solta, cria contextos. (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Já para Eduardo Muylaert,

o Conselho Curador era simbólico. Logo que ele foi criado, nós todos entusiasmados, fizemos reuniões, demos palpites, a verdade é que foi simbólico. Iatã tomava as decisões e chamava a gente para dar palpites sobre quem convidar, quem era importante, trazer nomes, o que estava acontecendo no mundo, mas nunca teve uma ata do conselho, era uma reunião informal. A gente se reunia, era divertido, tomava guaraná, conversava, todos adoram conversar e pronto, o Iatã fazia as coisas. (MUYLAERT, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Blogosfera

Além da estratégia de criação do Conselho Curador, Iatã contou que ao mesmo tempo deu poder aos coletivos que criaram e colocaram em ação a “Blogosfera”, plataforma na internet que dinamizou o festival e foi espaço aberto ao debate sobre fotografia. O I Encontro da Blogosfera Fotográfica ficou por conta dos coletivos Cia de Foto, Coletivo Garapa, Coletivo Pandora⁵⁴ e Alexandre Belém como editor, uma vez que ele já possuía a experiência de seu próprio site, o Olhavê. Segundo o catálogo do 5º PEF, foram convidados nove blogs que formaram o que denominaram “Blogosfera Fotográfica” e atuaram desde o dia 26 de junho, três meses antes do quinto Paraty em Foco: “até o fechamento deste folder, mais de 120 posts foram publicados, tivemos um número impressionante de 40 mil visitas, e o resultado dessa movimentação será discutido no sábado dia 26 de setembro”. A proposta era de uma interatividade que pudesse prolongar o festival, ou seja, as discussões começavam

⁵⁴ O espanhol Héctor Mediavilla, do Coletivo Pandora, tinha vindo para o Encontro de Coletivos Ibero-Americanos, na Galeria Olido, em São Paulo, organizado por Iatã e Claudi Carreras, patrocinado pelo Consulado Espanhol.

antes do festival de maneira virtual com os internautas interessados. A ideia era inédita e segundo Iatã:

Foi o primeiro blog feito por blogs de fotografia no mundo, primeiro e único com esse valor. O Alexandre Belém editando, que sempre foi um excelente editor, Pio Figueiroa que era um excelente “botador de fogo” em tudo, os outros dois meninos da Cia de Foto, o João Kehl e Rafael Jacinto, dois gênios da fotografia, e todos escrevem, todos pensam, cada um à sua maneira. O Garapa que tinha uma energia incansável e que queria perseguir a Cia de Foto para alcançar seu o prestígio, mais alto do que o deles; o Coletivo Pandora que era o pessoal da Espanha fazendo um sucesso incrível, os coletivos chegam lá para arrasar, não tinha pra ninguém. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Pio Figueiroa conta que em Valparaíso, no Chile, durante o festival de lá, Iatã contou que poderia ser novamente chamado para o Paraty, e perguntou se ele aceitaria participar e ajudar na organização. Pio confirmou que sim e logo deu a ideia dos blogs, coisa que Pio já tinha experiência nos encontros das Semanas da FNAC. Iatã, a princípio, não entendia muito bem como seria e Pio disse:

Você tem que antecipar o festival, o teu festival tem que ser virtualizado, três meses antes do Paraty, a gente tem que ter um blog funcionando, chama o Belém que é um cara normativo, vai fechar o blog todos os dias às 17hs. Logo Iatã achou o nome para a coisa: “Blogosfera!” (FIGUEIROA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Iatã comenta que o intuito com a Blogosfera era também chamar pessoas para frequentar festivais: “Lourival Gomes Machado já disse há 70 anos atrás que para se entender de artes é preciso frequentar artes”. Rubens Fernandes observou que a Blogosfera “trouxo o público para dentro do festival: todos fotografavam e usavam a mesma *hashtag*, e no começo e no final das palestras eram mostradas no telão as fotografias marcadas. Quem estava na Casa da Cultura ou na Tenda, via sua imagem selecionada, era bacana, tinha aquela torcida... as tecnologias propiciaram isso.” (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Vale lembrar que os coletivos já estavam em alta no Brasil. Em dezembro de 2008, quase um ano antes do 5º PEF, o curador catalão, Claudi Carreras coordenou o Encontro de Coletivos Fotográficos Ibero-Americanos em São Paulo, quando coletivos de Portugal, Espanha e América Latina debateram propostas para a fotografia e realizaram uma exposição na Galeria Olido,⁵⁵ no centro de São Paulo. Segundo a produtora Talita Virgínia, foi aí que começou a amizade de Claudi com Iatã, chamado para ser dos curadores latino-americanos

⁵⁵ Participaram da exposição os coletivos Pandora, Na Photo e Blank Paper, da Espanha; Kameraphoto, de Portugal; Cia de Foto, Rolê e Observatório de Favelas, do Brasil; Mandaphoto e Taller Fotografico de Guelatao, do México; Cooperativa Sub e Fundación ph15, da Argentina; Organización Nelson Garrido, da Venezuela e Supay Fotos, do Peru. (FOTOGRAFE MELHOR, nº148, jan. 2009).

convidados a colaborar com o evento. Carreras indica a concepção de ação coletiva embrenhada nesses grupos:

Um coletivo é formado por vários fotógrafos trabalhando juntos em busca do mesmo objetivo. É diferente de uma agência, pois há uma questão ideológica em comum, um posicionamento em torno da fotografia que move o grupo como um todo. É mais que uma soma de individualidades. Deixei o trabalho de seleção e edição por conta dos próprios coletivos, pois são processos incorporados em uma concepção compartilhada. (CARRERAS, entrevista à Fotografe Melhor, nº148).

Entrevistas

Loreta Lux

Outro norteador desta quinta edição foi o convite a fotógrafas de destaque internacional. Uma das assistentes de Iatã, Julia Moraes, sugeriu o convite para a alemã Loretta Lux. Dona de uma estética com particular paleta de cores (Figura 98), Loretta mostrou seu trabalho feito a partir de suas fotografias de crianças. Segundo Iatã, Loretta, criada na Alemanha Oriental,

era maníaca, obcecada em pintar crianças disciplinadas. Todas perfeitas sem nenhum defeito. Com a cabeça maior que o corpo, não podia ser americana, loira, bonita, de sucesso, tinha que ser alemã, inteligente com a cabeça maior que o corpo, ela deforma as crianças segundo o modelo socialista na sua forma mais doentia possível que era mexer numa criança. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Rubens Fernandes lembra que Loreta Lux não interessou à plateia

Foi tão fria quanto suas próprias imagens. O processo criativo dela tinha muita referência em obras de arte europeias, não sei se alcançou o público, mas explicou por que fotografava as crianças daquele jeito, como intervém na imagem, etc. Ela também teve uma postura de isolamento quis ficar hospedada longe de todos. A gente gosta de abraçar, tocar, conhecer, chegar perto... (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Eduardo Muylaret recorda que Iatã o chamou para entrevistar Loreta Lux quando todos estavam com medo de entrevistá-la e desafiou:

“Você entrevistaria a Loretta Lux? Você não tem medo?” Eu respondi que já havia entrevistado criminosos piores. Primeiro, a Loretta é uma senhora paranoica, não admite ser fotografada. Então, isso gerou o maior problema, por que ela não queria ficar em Paraty, ficou numa pousada fora da cidade com poucos contatos. Segundo ela, tinha um marido “leão de chácara” que enquanto ela falava, ficava em pé olhando para o público para dissuadir qualquer pessoa de levantar a máquina. Terceiro, ao apresentá-la comentei que ia fazer umas perguntas e ela logo me cortou, “não quero perguntas!” Então, mais do que uma entrevista, ela deu uma aula magnífica, maravilhosa,

em que começou com a pintura medieval, com a pintura do renascimento, foi mudando, toda a transformação da pintura europeia até chegar na fotografia dela, mostrou o trabalho dela, o grande problema é que essa exposição levou muito tempo e o público ficou cansado, era aquela coisa metódica que não pode interromper... Consegui no final perguntar sobre seu processo criativo e ela falou que cada foto dessa leva meses pra fazer no *photoshop*. (MUYLAERT, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O jornalista Mario Goia, da *Folha de S. Paulo*, considerou Loreta Lux “uma romântica em tempos digitais”. A fotógrafa que ganhou em 2005 o prêmio “Infinity Award for Art”, além de ter suas fotografias em coleções como as dos museus Guggenheim, em Nova Iorque e Reina Sofia, em Madri declarou ao jornalista que “se aproxima da pintura para explicar sua obra”:

Vejo-me como pintora que usa a câmera como ferramenta. Penso como pintora quando estruturo minhas composições, organizando formas e cores ao encenar a fotografia e trabalhar na tela do computador. Meu processo de trabalho é muito mais próximo da pintura do que da fotografia, já que é bastante demorado e eu às vezes produzo apenas de três a cinco imagens por ano. Defino-os como retratos imaginários, porque não são de fato sobre as crianças que fotografei. Pra mim, uma obra de arte precisa transcender o seu tema. As crianças em minhas imagens servem como metáforas para a inocência e o paraíso perdido da infância. Meu avô costumava emoldurar reproduções de retratos históricos de crianças para me dar como presente de aniversário. Lembro de ter em meu quarto, reproduções da “Infanta Maria” e do “Príncipe Baltasar”, Velásquez, bem como outras imagens de infantes por Bronzino, Reynold, Gainsbourough e Goya. Tenho interesse pelos românticos. Eles se sentiam desiludidos diante da sociedade materialista e do início da industrialização. Rejeitavam o iluminismo e em lugar dele enfatizavam a intuição e o sentimento, exaltando a natureza. (LUX, entrevista à Mario Gioia, 3 set. 2009).

Juan Esteves, em entrevista à pesquisadora, achou a palestra de Loreta Lux muito chata, pois ela leu por uma hora, em alemão, um longo texto sobre sua obra e suas fotos. Ele explica que o festival não tinha verba para contratar tradução simultânea, então, o jeito foi um tradutor ir aos poucos traduzindo. Juan disse ainda que ela criava roupas e produzia os cenários das crianças. Lembrou que “juntamente com Clício Barroso chegaram à conclusão que ela usava um filtro “liquify” no *photoshop* para criar um estranhamento suficiente, mas não absurdo” (ESTEVES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 98: Fotografias de Loretta Lux “O baterista”, de 2004; “Hidden Rooms I, de 2001; “Portrait of Antonia”, de 2007.

Fonte: site da artista.

O jornalista Antonio Gonçalves Filho, de *O Estado de S. Paulo* narra as dificuldades que teve para obter uma entrevista com Loretta, em reportagem de 26 de setembro, feita durante o festival. Ele pediu que a fotógrafa explicasse seu processo criativo tomando como exemplo uma famosa fotografia de uma menina com um gatinho no sofá, reproduzida em tamanho grande na página do jornal:

Para fazer a foto *The Waiting Girl* (Figura 99), de 2006, por exemplo, Loretta precisou de dois meses. Primeiro, esperando que o gato repetisse um movimento especial. O felino cooperou lindamente. Depois Loretta gastou um tempão preparando a pose hierática de Dorothea, a filha de um casal de amigos, que fotografa desde os 2 anos. Foram inúmeras tomadas e um número infinito de retoques no computador para organizar formas e cores com o rigor dessa alemã que quer ter absoluto controle sobre suas fotografias, compensando o descontrole que a pintura lhe impôs no passado. (GONÇALVES, *O Estado de S. Paulo*, 26 set. 2009).

Figura 99: “The Waiting Girl”, fotografia de Loretta Lux, 2006. **Fonte:** site da artista.

Alessandra Sanghinetti

Iatã conta que descobriu a fotógrafa da Agência Magnum, a americana Alessandra Sanguinetti, nas pesquisas que fazia para o Fórum Latino-Americano⁵⁶ do qual também era produtor e diretor e, então, convidou-a para mostrar seu trabalho no Paraty em Foco. Iatã lembra que entendeu o que era um fotolivro a partir do publicado por Alessandra, chamado *On the six day*,⁵⁷ como mostra a figura 100.

Ela nasceu em Nova York e viveu a infância inteira na Argentina e com 13, 14 anos foi pra Nova York. Conviveu com a realidade do supermercado de uma grande cidade, tendo vivido a infância no campo (e se tem uma coisa que não combina é supermercado em Nova York com campo na Argentina, com infância e adolescência). Ela voltou para o campo na Argentina e fez o livro que é a obra de arte da vida dela: é o “Sixth Day”, sexto dia, meu inglês era péssimo, eu não consegui pronunciar o nome do livro dela no palco aquele dia, passei um vexame, mas a entrevista foi demoníaca. O Armando Prado e o Claudio Edinger entrevistaram ela que estava deprimida, arrasada, tinha brigado com o marido, falou besteiras, mas tinha consistência de artista, não importa se sabe falar ou não, ninguém é convidado pela forma no festival, e sim conteúdo e ela teve o melhor conteúdo que eu tinha visto até então num fotolivro e eu entendi fotolivro nesse dia. Um ensaio fechado sobre o que é alguém que sai do supermercado de Nova York onde o frango está num plástico e tem aquele “absorvente”, parecendo um absorvente feminino, embaixo da comida do supermercado pra drenar o líquido e não ficar com cheiro ruim, aquela comida de dois, três dias apodrecendo na gôndola... Um horror, né? E ela vem desse universo que tem esse horror, pro horror do campo onde se mata os frangos com as mãos. Ela saiu de um mundo pra outro, ela volta pra esse mundo com o código do outro. Nova York, Buenos Aires, códigos muito diferentes, campo, cidade, a maior urbe, ainda tinha as torres gêmeas em pé... pois bem, ela sai da altura das torres gêmeas pra ver o mundo da altura dela aos sete, oito anos, se agacha e encontra sangue aonde vai e ao sexto dia quando Deus fez os animais... isso é fotografia simples. Eu tinha aprendido com a inteligência espanhola que nessa época já cultuava o livro de fotografia, por eles chamado de fotolivro. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

⁵⁶ O primeiro Fórum Latino-Americano de Fotografia de São Paulo aconteceu em 2007 e sua quinta edição aconteceu em junho de 2019. Disponível em: <<http://twixar.me/MR2K>>. Acesso em: 5 maio 2019.

⁵⁷ O livro de Alessandra Sanguinetti, “No sexto dia”, de 2006 retrata o universo dos habitantes do interior argentino e suas relações com os animais. Ver vídeo do livro. Disponível em: <<https://vimeo.com/56902945>>. Acesso em: 5 maio 2019.

Figura 100: Fotografias do livro de Sanguinetti “On the six day” **Fonte:** site Magnum.

Para Eduardo Muiyler,

o trabalho da Alessandra Sanguinetti é muito lindo. Mas chocou um pouco porque ela fotografou a vida de umas primas – entre aspas –, caipiras, na Argentina. Mas uma prima era gorda desajeitada e a outra prima meio gatinha, caipira do interior... E ela tratou esse tema e algumas pessoas ficaram um pouco incomodadas pelo fato dela estar um pouco, digamos, explorando as primas pobres e as exibindo como animal de circo, em certo sentido. Eu adoro o trabalho dela, vi recentemente na revista da Leica.⁵⁸ (MUYLAERT, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, Alessandra declarou que observando a vida da fazenda percebeu que amor e destruição viviam juntos, vida e morte andavam juntas, por isso quis trazer à tona esse universo em que os animais estão prontos para a morte, seja por serem presas de outros animais, ou por que vão alimentar os moradores. Ela disse que se inspirou nos contos de fada e de um famoso conjunto de iluminuras medieval, “As Muito Ricas Horas do Duque de Berry”, que fazem parte de um conjunto de 15 volumes, que possuíam uma estética com cores carregadas nas pinturas em miniaturas violentas e dramáticas (GIOIA, *Folha de S. Paulo*, 23 set. 2009):

Quando criança, passava meus verões e fins de semana no campo, que foi o meu lugar de educação real e emocional. Observando de fora a vida cotidiana dali, aprendi que vida e morte andam de mãos dadas e que o amor e a destruição convivem de um só modo. (SANGUINETTI, entrevista à Mario Gioia, *Folha de S. Paulo*, 22 set. 2009).

⁵⁸ Ver blog “The Leica Camera Blog”. Alessandra Sanguinetti concedeu entrevista sobre seus retratos pré-eleição presidencial de 2012, feitos na Flórida, projeto *Postcards from America*. Disponível em: <<http://twixar.me/PQbK>>. Acesso em: 7 abr. 2019.

Sobre seu ensaio *As Aventuras de Guille e Belinda e o Enigmático Significado dos Seus Sonhos* (Figura 101), em reportagem à *Folha de S. Paulo*, a fotógrafa novaioirquina e radicada 33 anos de sua infância e adolescência no interior da Argentina, declarou:

Elas são primas, e as conheci desde crianças. Por muito tempo eu as expulsava quando fazia fotos de animais, já que elas os assustavam. Em 1999, comecei a conviver com elas, inventando jogos, escutando-as e tirando fotos. Não achava que era sério, mas acabou virando. (SANGUINETTI, entrevista à Mario Gioia, *Folha de S. Paulo*, 22 set. 2009).

Figura 101: Fotografias do livro de Sanguinetti “The Adventures of Guille and Belinda and The Enigmatic Meaning of Their Dreams” **Fonte:** site Magnum.

Rodrigo Braga e Alexandre Sequeira

Eder Chiodetto conta em entrevista à pesquisadora que em parceria com Alexandre Belém entrevistaram Rodrigo Braga e Alexandre Sequeira na mesma mesa que, por sinal, foi uma “bomba emocional”, em que ambos foram aplaudidos com o público em pé. Alexandre Sequeira, um grande orador e contador de histórias, descreveu seu trabalho “Meu mundo teu” no qual estabelece uma relação, por meio da fotografia e das cartas, entre dois jovens que não se conheciam.

A fotografia na obra de Sequeira é uma potente ferramenta de desvendamento e aproximação do Outro. Em “Meu Mundo Teu” (Figura 102) o artista promoveu o conhecimento de dois adolescentes por meio de cartas e fotografias nas quais ambos descrevem em detalhes seus universos simbólicos pessoais. Sequeira atua como um mediador que com extrema sensibilidade leva cada um dos adolescentes, e ele próprio, a mergulhar numa jornada de autoconhecimento por um jogo de contrastes entre culturas e realidades diferentes. Por meio de processo fotográfico artesanal materializa-se a metáfora do encontro de dois seres, dois mundos, potencializando a afetividade e a riqueza que a amizade propicia. Texto de Eder Chiodetto, escrito para a exposição *Geração 00 – A Nova Fotografia Brasileira*. Sesc Belenzinho, 16 de abril a 12 de junho 2011. (CHIODETTO, 2013, p.148-153).

Figura 102: Fotografia montada por Alexandre Sequeira com fotos feitas pelos adolescentes Tayna e Jefferson. **Fonte:** site do artista.

Figura 103: Fotografias de Rodrigo Braga da sua série “Fantasia da Compensação”, de 2004. **Fonte:** site do artista.

Rodrigo Braga descortinou em seu texto “Dos bastidores de um autorretrato”⁵⁹ como desenvolveu seu processo criativo na fatura de imagens e mais precisamente aquela em que o artista literalmente vira um cachorro (Figura 103). Nesse texto, Rodrigo relata experiências e traumas do passado que o levaram a produzir uma imagem que causasse tanto choque e desconforto ao espectador. Ao ler seu texto nos deparamos com a explicação do processo, etapa a etapa e o anúncio de que as “partes da cabeça do cão foram montadas sobre a cabeça

⁵⁹ Ver texto do artista Rodrigo Braga, “Dos bastidores de um autorretrato” e fotografias da série “Fantasia de Compensação” para melhor entendimento da fatura e do processo criativo do artista. Disponível em: <<https://www.rodrigobraga.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

de borracha.” Logo vem aquela sensação de termos sido “enganados” após o impacto que aquela imagem tão forte nos causou. Quando Rodrigo consegue com essa imagem causar essas duas sensações, primeiro a de choque e depois a de decepção, ele está questionando o caráter indicial da fotografia e seu atrelamento ao real; quebra o próprio estatuto da fotografia ao explicitar o poder que ela tem de mostrar um processo cirúrgico e fazê-lo parecer verdadeiro.

Os dois trabalhos, de Rodrigo e Alexandre, são muito humanistas, um saindo do buraco que estava, da depressão e pelo exercício artístico consegue criar essa figura fortíssima do homem-cachorro, os psiquiatras explicam a necessidade dos arquétipos; o outro mostrando como dois adolescentes que vivem em mundos distintos, um na cidade e outro no campo, podem se conhecer e estabelecer relação, também um trabalho que busca autoconhecimento. (CHIODETTO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Arthur Omar

Juan Esteves entrevistou o artista Arthur Omar e lembra que ele deu uma palestra brilhante em que ele, como entrevistador, pode fazer poucas pontuações. Mostrou seu trabalho sobre carnaval *Antropologia da Face Gloriosa* (Figura 104), um estudo do rosto e do êxtase fotográfico como dimensão transcendental, um clássico da fotografia brasileira. Outro que apresentou foi *Viagem ao Afeganistão* que, em 2002, foi destaque na Bienal de São Paulo: trinta fotografias em grandes dimensões de paisagens paradoxais e perspectivas impossíveis realizadas na zona de catástrofe, entre Cabul e Bamyán – imagens que desconstroem o olhar jornalístico.

Arthur Omar (Figura 105) é um artista visual consagrado, que hoje já deve ter quase uns 70 anos, fez aquela série célebre, “Face Gloriosa”, de retratos do carnaval do Rio de Janeiro e do Brasil todo. Foi exposta na Bienal curada pelo Paulo Herkenhoff.⁶⁰ E o Arthur Omar, que se diz no fundo fotógrafo, mas também foi cineasta, ele tem um histórico de filmografia superimportante, e ele nunca foi inserido dentro do contexto da fotografia, nunca foi lembrado ou participava de festivais e encontros de fotografia. E eu o conheci por acaso e insisti muito pro Iatã, junto ao Conselho, pra que ele fosse no Paraty. No início ele foi reticente, colocou uma série de questões, ele tem um ego muito grande e, no final das contas, ele topou participar. (AMADO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

⁶⁰ Omar apresentou a instalação fotográfica *Antropologia da Face Gloriosa*, painel com 99 fotografias em preto e branco em grande formato na Bienal de 1997.

Figura 104: Fotografias do livro *Antropologia da Face Gloriosa*, de Arthur Omar. **Fonte:** OMAR, 1997.

Figura 105: O artista visual Arthur Omar durante palestra no 5º PEF. **Fonte:** foto Julia Moraes/ Acervo Isabel Amado.

Coletivos Pandora e Cia de Foto

A última entrevista desta edição foi feita por Rubens Fernandes, no sábado, quando entrevistou dois coletivos bastante atuantes, o brasileiro Cia de Foto e o espanhol Coletivo Pandora, representado por Héctor Mediavilla. O professor fez uma explanação sobre o pensar sobre a comunicação do ponto de vista da evolução tecnológica e apresentou os coletivos:

A partir dos anos 40 as agências de fotografia, espécie de cooperativa de fotógrafos, tentavam livrar-se das pautas e dos projetos editoriais das grandes empresas de comunicação, buscando independência, criando, produzindo e distribuindo suas próprias fotografias. No Brasil, as melhores referências são aquelas nascidas no final do período da ditadura militar nos anos setenta, como as iniciativas de sucesso da Agência F-4 (São Paulo) e da Agência Ágil (Brasília). Naquele momento lutava-se pelo crédito do fotógrafo/ Agência Fotográfica e pela identificação e valorização do autor. Uma nova ordem aparece no século XXI. Surgem os Coletivos Fotográficos e passa-se a valorizar o trabalho coletivo, a participação de vários profissionais nas diferentes etapas do processo de produção, pós-produção e distribuição das imagens. A Cia de Foto (Pio Figueiroa, Rafael Jacinto e

João Kehl), criada em São Paulo em 2003, e o Coletivo Pandora (Hector Mediavilla e Sergi Càmara), criado em Barcelona em 2007, entre outros, nasceram para introduzir na cena fotográfica um distúrbio que, inicialmente, provocou alguma turbulência no mercado, pois defendiam a ação conjunta ao longo de todo o processo, muita discussão entre os envolvidos no processo e a busca de novos modelos de representação. (FERNANDES, fala de abertura da mesa, 5º PEF, 27 set. 2009).

Depois da entrevista sobre a atuação dos coletivos, quando se abriu o debate, volta à tona a mesma discussão do 1º PEF, em 2005, acerca da assinatura e do crédito das fotografias. Segundo Pio Figueroa, o “professor Milton Guran, quem eu admiro pela inteligência, questionou novamente qual seria a pessoa que responderia pela fotografia juridicamente já que ela estaria assinada por um coletivo e não por um fotógrafo. A reportagem de Claudia Monteiro para a Revista *O Globo* percebeu o debate e publicou:

Importa quem fez o clique? Para a Cia de Foto, não. O momento decisivo faz parte de um processo que começa bem antes, quando se dá a discussão sobre tema, o conceito, a forma. O ato de fotografar é resultado disso tudo e não do apertar de um botão. O fotógrafo e antropólogo Milton Guran, coordenador geral do FotoRio – Encontro Internacional de Fotografia do Rio de Janeiro, discorda veementemente: “toda fotografia tem um autor. Direito autoral é irrenunciável. Não se pode abrir mão – defende. Em caso de processo quem responderá é o fotógrafo que fez a imagem. A lei não reconhece a autoria coletiva”. (MONTEIRO, Revista *O Globo*, 4 out. 2009).

Então, Pio Figueiroa, que já tinha passado por esse mesmo questionamento, primeiro em 2005 no Paraty, com Luiz Garrido e depois no Ateliê Fotô no Rio de Janeiro, em 2006 e nas duas ocasiões não teve resposta, já com um pensamento mais formado respondeu:

Professor, a sua geração me ensinou a desconfiar do que se diz em ser lei, principalmente quando o assunto é cultura... e quando eu falei isso a plateia daqui de dentro fez assim... “aaaah”. Aí esse pessoal se calou, entrou o pessoal que estava no telão lá fora da Casa de Cultura: “aaaah”... Era o eco. Aí ele veio falar isso de novo, e eu atrolei. Ele disse: “Pio, você não vai deixar eu falar? A gente vai falar assim um pro outro”, Rubens mediando, acalmou: “deixa eu falar uma coisa? Existe um estudo que diz que as nossas leis são defasadas em pelo menos três décadas, em relação ao que a sociedade pratica”. Ficou do meu lado. (FIGUEIROA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O fotógrafo e antropólogo Milton Guran, cujo nome verdadeiro é “Milton Roberto Monteiro Ribeiro” e Guran é um pseudônimo devidamente registrado em cartório, tem uma posição bem definida sobre a autoria coletiva:

Eu tenho uma posição definida sobre autoria coletiva. A unidade de produção “coletivo” é fundamental na produção fotográfica, sobretudo quando se trata de documentações fotográficas de fôlego e isso sempre foi assim na fotografia, desde que a indústria colocou à disposição máquinas facilmente transportáveis, como a Leica. As agências são coletivos, a Magnum foi coletivo, todas cooperativas são coletivos, a Cia de Foto

trabalhava como a Ágil, como a F-4 e a forma consagrada para creditar uma fotografia é fulano de tal, barra Gamma, barra Magnum, barra Cia de Foto. Isso por que a autoria é uma grande conquista do profissional da fotografia e do criador e é definida por lei e não pelo mercado ou por uma sacada de marketing de um grupo. O que caracteriza a autoria é que foi produzida por aquele indivíduo e nenhum outro. E a fotografia é como dois corpos que não ocupam o mesmo lugar no espaço. ao mesmo tempo, toda fotografia é um trabalho de autor, não pode ter quatro autores, seja uma pessoa ou seja uma máquina. Por exemplo, o radar fotografa a placa do carro em alta velocidade é autor daquela imagem. E o direito autoral é dividido em dois grupos: patrimonial e moral. Patrimonial é o que ganha dinheiro com a obra, por exemplo, no caso da Cia de Foto, não importa quem clicou, eles podem dividir o dinheiro em 4 ou 5, mas o direito moral, esse é irrenunciável, o autor não pode abrir mão dele, o nome do autor tem de figurar junto à obra. Primeiro, nenhum coletivo tem o direito de omitir isso e a Cia de Foto sempre não respeitou. Mesmo quando existe um pseudônimo tem que colocar o mesmo na hora de veicular a foto no órgão de imprensa. Segundo, se existe uma foto controversa que muda o curso dos acontecimentos, – e nunca teve nenhuma foto da Cia de Foto assim – a autoria é cobrada, não importa quem retocou a foto, ou sugeriu a pauta, ou telefonou para marcar. A fotografia de moda e de publicidade resolveu isso muito bem: colocam crédito para maquiagem, *casting*, cabelereiro, produção, mas autoria é de quem fez o *clic*. Acho que a Cia de Foto fez uma jogada de marketing pois isso é uma falsa questão, é um factóide e não funcionou, pois quando a foto é boa, significativa, expressiva e que muda o curso da história, o autor aparece. Ao contrário ocorreu com a Mídia Ninja, eles sim têm uma opção pelo crédito coletivo que incorre nas mesmas circunstâncias que abordei, mas eles se colocaram como coletivo de combate e fazem um trabalho social que inovou em relação aos coletivos anteriores e isso é uma diferença fundamental. (GURAN, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Rubens Fernandes disse que não via o coletivo Cia de Foto cometendo um “erro” ao assinar todos da mesma maneira e ao ser indagado se esse fato o perturbava, respondeu:

Não, não me incomodou. Eles saíam para fotografar e quando voltavam, descarregavam as imagens que se misturavam nos diversos arquivos e eles tinham uma tratadora de imagem. Eles assumiram uma identidade única, o que pode ter sido um erro, mas na época foi um diferencial. Temos que olhar pelas duas faces. O mercado aceitou uma assinatura Cia de Foto e isso foi contra tudo que batalhamos 20 anos antes que foi o crédito da fotografia. Não é que o Pio, o Rafa e o João tivessem olhares iguais, eles têm olhares diferentes, tanto é que hoje cada um está fazendo um trabalho, mas se assumiram como Cia de Foto. Eles desenvolviam um trabalho coletivo na medida em que tudo era discutido coletivamente. Eles elegiam uma imagem e trabalhavam em cima dela e ela tinha a assinatura Cia de Foto independente de quem tinha feito. Hoje temos um distanciamento histórico, já dá para fazer uma análise. É possível diferenciar as autorias, mas naquele momento o tratamento da foto teve uma mão pesada que caracterizava a assinatura da foto. Ao olhar a fotografia, já se identificava, pelo tratamento que recebeu, que era da Cia de Foto. A “pós-produção” caracterizava mais a fotografia do que a sintaxe da imagem: a organização formal, a luz, a exposição, a profundidade de campo. A pós-produção é que levava a assinatura do Cia de Foto. (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Já, a opinião da jornalista Simonetta é contrária:

Independente dos trabalhos que eles tenham feito, eles partiram de uma ideia irreal e filosófica de que assinatura não interessava mais, que não interessava quem havia feito a foto, interessava o produto final, e eu sempre fui contra isso porque você pode ter o coletivo que quiser e você pode assinar em nome de um coletivo também, mas eu continuo acreditando, cada vez mais, que autoria é a confiança em quem fez a foto, e eu não acredito num olho único, então, eles pasteurizaram todas as fotos pra que você não soubesse quem tinha feito a foto. Os coletivos assinam como coletivo, mas colocam um nome antes (exemplo: Paulo Fehlauer/Garapa). A Cia de Foto fez um historiograma onde todas as imagens tinham que caber naquilo. Então, o que eu sempre critiquei é que o olho é único, a gente pode ter um coletivo, a gente pode ter as mesmas ideias, a gente pode fazer um trabalho incrível, mas o olho de Zara não é o olho de Simonetta, e que eu não poderia tirar isso de você, e a impressão que me dava, que aí eles ficaram muito bravos comigo, é que só um fotografava, pois era o melhor. Então, eu achava que eles estavam criando uma mentira... Não era pelo direito autoral, isso é o que menos me interessa, mas que eu achava que aquilo não fosse durar, que aquilo estava fadado a acabar... Então, hoje, quem são eles? Ninguém sabe mais... Surgiram muitos coletivos e coletivo é ótimo. Coletivo na verdade, é o nome que se dava antigamente para agência, eu não vejo diferença, entre coletivo e Magnum, F-4, Ágil. A ideia dos fotógrafos se reunirem, a agência eu acho que é a salvação: você tem o Coletivo Rua, mas você sabe de quem é o trabalho de cada um. O que a CIA de Foto não queria é que você olhasse uma foto e soubesse de quem fosse, quando era uma estética parecida com a de Philip-Lorca di Corcia... Então quando a gente perguntava, “mas quem fez essa foto?” Eles diziam “nós”, e, “nós” não existe. Essa polêmica surgiu quando os meninos de Minas lançaram o Paisagem Submersa. Eu escrevi um artigo no Estadão dizendo que “isso sim, era um coletivo onde existia uma temática única, um trabalho único, mas com olhares diferentes para compor essa história e não como a CIA de Foto que diz que o autor não interessa. O livro Paisagem Submersa só vale a pena porque tem três olhares, três autores bem definidos.” E aí eles me escreveram um e-mail malcriado, “quem era eu pra falar deles?”, e gente teve discussões por e-mails... (PERSICHETTI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Exposições e Leilão de Fotografia

Nesta edição, Isabel Amado foi a coordenadora das exposições de fotografias e juntamente com Iatã chamaram as galerias de fotografia para ocuparem espaços em Paraty.

Tínhamos uma pequena verba para alugar os locais e a Galeria da Gávea, a Galeria Babel e a Galeria Arte Plural, do Recife, foram abrigadas em alguns espaços. A Galeria Zoom teve a principal exposição de Thomaz Farkas, que na época estava vivo e já era um grande nome, mas ainda não tinha essa projeção de hoje com a alta valorização da fotografia moderna. Ocupamos também os tapumes, com lambes do Coletivo SX70, de Marcelo Palloti e Fernando Costa Neto. (AMADO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Isabel Amado também organizou o leilão e nessa edição participaram 34 artistas⁶¹ (Figura 106) e apenas 7 fotografias não foram vendidas, entre elas as de Claudio Edinger e Bob Wolfenson que estavam com lance mínimo de 15 mil reais. A fotografia mais barata saiu por mil reais e a mais cara 7.300 reais.

Figura 106: Fotografias do Leilão do 5º PEF. Thomaz Farkas na plateia, em seguida sua fotografia sendo leiloadada e arrematada por R\$ 7.300,00. Por fim, a fotografia do pernambucano Gustavo Bettini, arrematada por R\$ 1.000,00. **Fonte:** Fotos Julia Moraes/Acervo Isabel Amado.

Os leilões de fotografias do festivais tiveram a presença não só da fotografia contemporânea, mas também da fotografia moderna dos anos 1950 que começava a se valorizar no mercado. Isabel Amado conta que atuava com base em alguns critérios:

Eu fazia a lista de convidados sempre chamando até cinco artistas já consagrados, até três históricos com nomes fortes, alguns de forte trajetória, mas ainda fora do mercado e, por fim, os jovens talentos. Eu pedia aos convidados um conjunto de fotografias para que eu selecionasse, sempre me baseando numa valorização estética bela e em geral que as pessoas entendessem de imediato. (AMADO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

⁶¹ Lista dos artistas: Alexandre Belém, Bob Wolfenson, Armando Prado, Bruno Veiga – cortesia galeria da Gávea, Choque Photos, Cia de Foto, Claudio Edinger, Clício Barroso, Danilo Verpa, Ricardo Fasanello, Eduardo Muylaert, Evandro Teixeira, Fausto Chermont, Fernando Laszlo – cortesia galeria Mezanino, Gal Oppido, Coletivo Garapa, German Lorca, Gustavo Bettini – cortesia galeria Arte Plural, Ignacio Aronovich/Lost Art, Juan Esteves, Louise Chin/Lost Art, Luciano Candisani, Luiz Garrido, Marlene Bergamo, Murillo Meirelles – cortesia Largo das Artes, Patrícia Gouvêa, Pedro Martinelli, Renato de Cara – cortesia galeria Mezanino, Rodrigo Braga, Rogério Reis, Ronaldo Camelo – cortesia galeria Mezanino, SX 70, Talita Virgínia, Thomaz Farkas – cortesia Acervo Instituto Moreira Salles.

Catálogo do Leilão de Fotografia:

Ver *pdf* do catálogo do leilão que se encontra no site do 5º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2009>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

A Rede

Durante o Paraty em Foco de 2009 aconteceu, no sábado dia 26 de setembro, o “I Encontro de Agitadores Culturais da Fotografia no Brasil” que selou a criação da “Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil” – popularmente conhecida como “Rede” – entidade que abriga fotógrafos, artistas visuais, educadores, cientistas, documentaristas, jornalistas, críticos de arte, acadêmicos interessados em uma política cultural para a consolidação da fotografia brasileira como expressão. Esta rede se reúne e está em ação até hoje. Segundo o texto do catálogo “RPCFB – O fazer cultural na fotografia” (Figura 107), escrito após o encontro e lançado somente dois anos depois, no 7º PEF, em 2011, o momento era o de realizar essa associação entre:

os festivais, as escolas, as associações, as galerias, os mestres da nossa academia, os produtores culturais autônomos e mais uma série de outros realizadores e seus produtos, vivem um momento de maturidade que chegou junto com a identificação dos principais problemas no campo da produção, difusão e ensino da fotografia. (CATÁLOGO RPCFB, 2011).

O texto conclama a “colocar a fotografia como política de estado” e agradece o apoio do Ministério da Cultura e da Secretaria de Políticas Culturais. Antes do texto, logo na primeira página, aparece a relação dos membros da Rede, o que nos leva a concluir que todos os membros aprovaram o catálogo como se fosse um “manifesto”, já que não há nele um autor ou vários. O catálogo, com 143 páginas, conta com um levantamento em que há um raio-X dos que trabalhavam com fotografia com a relação de “festivais e encontros”, “produtores culturais”, “associações de classe e fotoclubes”, “galerias especializadas em fotografias”, “espaços culturais”, “editoras”, “meios de difusão da fotografia”, “pesquisadores, críticos e curadores”, “ensino da fotografia” e “fotografia como instrumento de ação social”. Há também textos sobre assuntos específicos e, na maioria deles, textos históricos, de professores como Angela Magalhães, Nadja Peregrino, Milton Guran, Rubens Fernandes e curadores como Rosely Nakagawa e Orlando Azevedo, entre outros.

Figura 107: Capa do Catálogo da Rede e relação dos membros e coordenadores. **Fonte:** Acervo PEF.

Tenda da Matriz

Neste festival foi criada uma grande tenda ao lado da Igreja da Matriz, no coração do centro histórico onde eram transmitidas as entrevistas feitas na Casa da Cultura, que eram pagas. A Casa da Cultura tem somente 300 lugares e no *hall* de entrada também havia um local pequeno e descoberto, que também ficava lotado, no qual eram transmitidas as entrevistas. Por isso, houve a demanda por um espaço maior. Durante o dia a Tenda da Matriz servia para transmissões das entrevistas e durante as noites aconteciam as projeções de grupos, entidades ou coletivos de fotógrafos, em duas sessões por noite. E depois, aos sábados, festas embaladas por DJs.

Livraria

Dezessete livros foram lançados na Livraria do Paraty que ficava no “Lounge da FNAC” no espaço do cinema, na Praça da Matriz. Nesse espaço, também eram feitas as incipientes leituras de portfólios, além de tornar-se um local de encontro e bate-papos.

Os números

Durante a pesquisa, tive acesso aos arquivos do festival e a alguns relatórios (Figura 108) destinados à busca de futuros patrocinios. Do meu ponto de vista, havia uma “certa inflação” nos números. A imagem abaixo aumenta um pouco alguns deles como, por exemplo, os de *workshop* e entrevistas que divergem dos dados levantados por mim e organizados na Tabela I – Atividades do Festival. Lá, também estimo, a partir das entrevistas feitas, que o público desta edição tenha sido em torno de 3 mil pessoas.

Figura 108: Reprodução de uma das páginas do relatório de atividades do 5º PEF. **Fonte:** Acervo PEF.

Segundo Antonio Gonçalves Filho, em reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*, Iatã declarou que o festival de 2009 foi feito com metade do orçamento previsto, ou seja R\$ 500 mil. (*O Estado de S. Paulo*, 23 set. 2009).

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 109: Catálogo do 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Encontros e Entrevistas:

- Abertura – Documentário com 40 dos principais fotógrafos brasileiros que mostraram seus trabalhos nas galerias da FNAC nos últimos dez anos.
- “Mesa Fotógrafos Pernambucana” – Eduardo Queiroga, Alexandre Belém, Luciana Cavalcanti, Rodrigo Braga e Mateus Sá com mediação de Pio Figueroa.
- “Em Família” – Clício Barroso entrevistou os fotógrafos do site Lost Art, Ignacio Aronovich e Louise Chin.

- “Outras histórias: fotografia e autorrepresentação” – Alexandre Belém e Éder Chiodetto entrevistaram Alexandre Sequeira e Rodrigo Braga.
- “Testemunho, tecnologia e ética” – Simonetta Persichetti e Coletivo Garapa entrevistaram o fotógrafo italiano Francesco Zizola.
- “I Encontro da Blogosfera Fotográfica”.
- “Arquivo Universal” – Angélica Melendi entrevistou a artista Rosangela Rennó.
- “Fotógrafos no Poder” – Milton Guran e Sérgio Branco entrevistaram os fotojornalistas Lula Marques e Orlando Brito.
- “Inocência e Desconforto” – Eduardo Muylaert entrevistou a alemã Loretta Lux.
- “Por favor, não responda” – Juan Esteves entrevistou o artista Arthur Omar.
- “Civilização e Mentira” – Cassiano Elek Machado e Juan Esteves entrevistaram o fotojornalista Pedro Martinelli.
- “Um tempo palpável” – Armando Prado e Claudio Edinger entrevistaram a nova-iorquina Alessandra Sanguinetti.
- “Provocações entre a Luz e a Sombra” – Éder Chiodetto e Milton Guran entrevistaram o fotógrafo mexicano Gerardo Montiel Klint.
- “Crônica de um mundo em transformação” – Eduardo Muylaert entrevistou a francesa Claudine Doury.
- “As Caixas de Sapato e Pandora” – Rubens Fernandes Jr. entrevistou os coletivos CIA de Foto, brasileiro e Pandora (Hector Mediavilla), espanhol.

Workshops:

- Contando histórias, por Alessandra Sanguinetti.
- Ação coletiva, por coletivo CIA de Foto.
- Narrativas na Fotografia Documental: Encontros e Interações, por Claudine Doury.
- Experiência Multimídia, por Coletivo Garapa.
- Teu ponto de vista, por Héctor Mediavilla.
- National Geographic Experience: Natureza e Narrativas Visuais, por Luciano Candisani.
- Luz Profana Desconstrói o Real, por Gal Oppido.
- Projeto Pessoal: Processo de Criação e Produção, por Pedro Martinelli.
- Documental e Autoral, por André Cypriano.
- Descondicionamento do Olhar, por Claudio Feijó.
- Portrait – O Outro Eu, por Ludovic Carème.
- Reinvenção da Natureza, por Claudia Jaguaribe.
- Voos no Imaginário, por Gerardo Mantiel Klint.
- Imersão Digital: Controle dos Caminhos Criativos da Captação à Impressão, por Clício Barroso e equipe, Paula Cinquetti, Marcos Issa, Alexandre Keese e Renè Lentino.
- Da ideia às prateleiras: a concretização de um livro, por Claudio Edinger.
- Linguagem, Instinto e Ética no Fotojornalismo, por Francesco Zizola.
- Paraty Invertida, por Ricardo Hantzchel.
- Curso de fotografia com os jovens do ITAE, por Luciana Cavalcanti (Ação Social).
- Oficina de heliogravura, por Patrick Allien.

Exposições:

- Thomaz Farkas – acervo do IMS na Galeria Zoom.
- Jovens do ITAE na Casa de Cultura.
- Obras do III Leilão Paraty em Foco foram expostas na Casa da Cultura.
- Galeria de Babel com Eduardo Muylaert, Gui Mohallen e Martin Gurfein na Iphan.
- “Olhares Transversos” da Galeria Arte Plural de Recife com Roberta Guimarães, Beto Figueroa, Yêda Bezerra de Mello e Gustavo Bettini na Galeria Navegare.
- SX 70, *polaroids* nos tapumes da Rua Dr. Pereira, no Centro Histórico, imagens de Marcelo Pallotta, Fernando Costa Netto, Claudio Elisabetsky, Armando Prado, Paulo Vainer, Ricardo Van Steen, Roberto Wagner.
- Galeria da Gávea com os fotógrafos Ana Stewart, Alexandre Sant’Anna, Bruno Veiga e Ricardo Fasanello no espaço O Cubo no Centro Histórico.
- *Performance* “Mirando(a)”, do fotógrafo Tom Lisboa que capturou e soltou pássaros em Paraty na Praça da Matriz.
- Heliogravuras do paratiense Patrick Allien na Oficina Paratiense de Gravura no Centro Histórico.
- Instalação “De dentro para fora” da artista Ira Etz, no sobrado de Dom João de Orleans e Bragança.

Figura 109: Catálogo do 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

5.6 - 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (15 a 20 de setembro de 2010)

Na sexta edição, a coordenação do festival foi dividida entre Iatã Cannabrava e a *designer* Helena Ruschel. Iatã ficou muito satisfeito com o trabalho que Helena havia feito no festival anterior, quando foi a responsável pelo “OFF Paraty”. Em 2009, Helena realizou o sonho de sua vida, largou o *design* e foi trabalhar com arte, no caso, com a fotografia e, então, com suas próprias forças, organizou as exposições paralelas que não estavam na programação do 5º PEF. Foram dez exposições realizadas em lugares, “triviais e não triviais”, quando ela mapeou o Centro Histórico: galerias, restaurantes, ateliês e até residências. Helena recorda de uma enorme fotografia com um macaco, de autoria de um desses jovens artistas, exposta na varanda da casa de uma senhora. Após o quinto festival, Iatã procurou Helena e teceu muitos elogios à expografia e à organização impecável do OFF Paraty e a convidou para ajudar na sexta edição como coordenadora de programação.

Entrevistas

Grandes nomes da fotografia foram chamados para vir ao Brasil, como o francês George Rousse, o mexicano Alfredo de Stefano, o italiano Olivio Barbieri, o argentino

Alejandro Chaskeilberg e o coletivo português Kameraphoto. Dos fotógrafos brasileiros, destacaram-se os fotógrafos Barbara Wagner, Mari Stockler, João Castilho, Bob Wolfenson, Cris Bierrenbach e a veterana Maureen Bisilliat, entre outros.

George Rousse

Iatã conta que Helena Huschel teve a ideia de trazer Georges Rousse, dono de fotografias nada convencionais, instalações que precisam fundamentalmente de um estudo matemático, tudo muito diferente do que se conhecia na época. O artista francês tem o dom de criar formas geométricas em ambientes, geralmente lugares abandonados, que só podem ser vistas de uma única perspectiva, por meio de um jogo óptico que resulta na imagem construída. Segundo Iatã, Helena conseguiu patrocínio especificamente para trazer o Rousse e procurou um local para que ele realizasse sua obra. Optou pelo Mercadinho do Cais onde foi feita a instalação. Helena aproveitou o levantamento que havia feito para o 5º PEF sobre os locais disponíveis da cidade, pois sua preocupação “era que as pessoas da cidade fossem incluídas, conhecessem Paraty e então, fui muitas vezes no Mercadinho do Cais para estudar se o local era apropriado”. Iatã comenta a instalação:

É o único ponto de vista de onde você vê a cena, só existe um ponto de vista do mundo, que é aquele ponto onde está o tripé dele com a lente, lá em Paraty. Só mesmo a Helena Ruschel para ter a “sacação” de que isso ia mudar o festival para sempre. Por que deixava de ser a fotografia para ser o objeto da fotografia, deixava de ser o pensamento fotográfico para ser o pensamento de artista visual, que na época foi fundamental, deixamos de ser só fotógrafos, para ser fotógrafos e artistas visuais. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O fotógrafo e antropólogo Milton Guran e a professora Helouise Costa formaram a dupla de entrevistadores, porém, mal puderam fazer perguntas, pois o francês ultrapassou muito seu tempo de exposição. Segundo Milton Guran:

A vinda do Rousse foi um gol de placa. O período em que Iatã esteve à frente do Paraty foi marcado por o evento ter se tornado eminentemente paulista, com apoio de poucos do Rio, como eu, Rogério Reis e outros. Iatã imprimiu um ritmo paulista que foi mais eficiente em termos de produção, extremamente profissional. Intermediei o contato com o George Rousse, pois o conhecia vagamente, já tinha tentado trazê-lo para o Foto Rio e não tive verba. A coordenadora Helena Huschel operacionalizou tudo, foi extremamente eficiente e competente para conseguir driblar a mulher do artista que exigia muitas coisas como viajar em primeira classe etc. Foi a primeira vez que ele teve um espaço no Brasil onde pudesse fazer uma pequena intervenção. A obra dele é uma recriação do espaço a partir da perspectiva renascentista, num trabalho artesanal milimetricamente construído com efeito impactante a partir da ilusão de ótica. Ele descobriu uma fórmula de um trabalho interessante e durante a entrevista eu não me

lembro de nenhuma frase ou expressão que ele tivesse surpreendido, alguma afirmação interessante ou intervenção que sinalizasse algum caminho para os jovens ou velhos fotógrafos. Ele é um artesão do olhar e descobriu um artesanato muito interessante, mas de tantas obras que ele tem, bastava uma, pois são todas iguais, a primeira foi muito bem-sucedida. (GURAN, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Vale a pena assistir ao vídeo⁶² do Coletivo Galeria Experiência que mostra o passo a passo do artista produzindo sua arte no território brasileiro. Segundo Rubens Fernandes, “Você tinha que procurar um ponto para entender aquela intervenção, poderia passar por ali e simplesmente não se sensibilizar, mas se você junta os pontos no seu sistema nervoso, no seu cérebro, você olha e fala: ‘que incrível!’” (Figura 110). Claudia Jaguaribe lembra que foi uma das que mais defendeu a vinda de Rouse:

Ele expande totalmente a fotografia e além do mais ele fez uma coisa que nunca ninguém tinha feito: sua instalação ao mesmo tempo é uma *performance*, é uma coisa que exige um dimensionamento técnico muito preciso, não é uma fotografia no instintivo, é uma fotografia extremamente pensada, planejada, organizada. Foi muito importante para os fotógrafos brasileiros entenderem esses “N” processos que a fotografia pode ir tendo ao longo da sua vida. Então, o sexto Paraty foi uma edição espetacular. (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 110: Instalação de George Rouse vista de dois pontos. **Fonte:** Fotos Galeria Experiência.

Poucas semanas antes de Rouse vir ao Brasil, concedeu uma entrevista, por telefone, para a jornalista Simonetta Persichetti, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ele explicou que geralmente fotografa os lugares onde constrói suas intervenções, mas dessa vez, viria um pouco antes do festival para fazer a montagem. Nesse caso, precisou que o pessoal da

⁶² Ver vídeo produzido pelo Coletivo Garapa, em que Rouse fala sobre seu projeto e concepção e também mostra a fatura de seu trabalho. Disponível em: <<https://vimeo.com/15113050>>. Acesso em: 13 nov. 2018

produção do festival lhe enviasse as fotografias do local e seria um grande desafio, imaginar o local ainda não visto pessoalmente para fazer os cálculos e posteriormente a intervenção. Questionado sobre por que optava para fazer seus trabalhos em lugares abandonados, ele respondeu:

Na base existe um protesto contra uma sociedade capaz de destruir aquilo que construiu, simplesmente por questões econômicas. Mas num segundo momento, o que me interessa é reviver esse espaço que foi abandonado no sentido de lhe dar novas funções e minha intervenção é transformar essa construção em uma obra de arte. (ROUSSE, entrevista à Simonetta Persichetti, *O Estado de S. Paulo*, 9 set. 2010).

Mais à frente, a jornalista pergunta se ele intervém digitalmente na imagem captada:

Não, não trabalho com projeções digitais. Pesquiso, seleciono e fotografo, locais abandonados. Em seguida, desenho a intervenção que, acredito, vai combinar com o espaço e construo uma maquete lá no lugar. Crio uma forma que o que você vê na imagem é um momento único, só pode ser vista de ângulo específico, capaz de ser capturado pela lente fotográfica. Trabalho no chão, nas paredes e organizo tudo a partir da óptica fotográfica. Crio uma ideia de tridimensionalidade a partir da bidimensionalidade. Mas tudo depende do aparelho fotográfico. É isso que me interessa, a foto final. (ROUSSE, entrevista à Simonetta Persichetti, *O Estado de S. Paulo*, 9 set. 2010).

João Castilho e Francilins

Outro destaque das entrevistas foi com os fotógrafos mineiros João Castilho e Francilins. A ideia da entrevista “Fotografia Mineira” veio no intuito de seguir tradição do festival anterior que contou com a mesa dos fotógrafos pernambucanos. João Castilho participou do projeto Paisagem Submersa, junto com Pedro Davi e Pedro Motta, que visava resgatar os efeitos da construção da Usina Hidrelétrica de Irapé, a qual inundou grande parte de sete municípios no nordeste do estado de Minas Gerais. O grupo definiu o ensaio Paisagem Submersa como “documental imaginário”, pois durante seis anos eles documentaram e registraram as mudanças ocorridas na paisagem e na vida dos moradores da região de uma maneira mais ficcional, como uma fábula. A atuação do coletivo acabou em exposição e livro, editado pela Cosac&Naify, em 2008. As fotografias (Figura 111) de João Castilho que fazem parte do projeto subvertem a fotografia documental com a poética onírica da sua narrativa:

Acho que a importância do Paisagem Submersa, não só em Minas, vem do fato de ser um trabalho feito por pessoas muito jovens e que fazia uma ponte entre o documento e a arte contemporânea. Coisa que naquela época, princípio dos anos 2000, era difícil de ver na produção de novos fotógrafos. A gente via isso no Miguel Rio Branco e na Cláudia Andujar, mas não via

moleques de vinte e poucos anos pensando nisso. Ou se produzia documento ou se produzia arte, fazer essa passagem foi uma contribuição importante para toda a geração. (CASTILHO, *O Benedito*, entrevista à Isabela Gaglianone, 31 jul. 2014).

Figura 111: Fotografias de João Castilho que fazem parte do livro *Paisagem Submersa*. **Fonte:** site do artista.

Iatã pensava que deveria existir uma “Escola Mineira de Fotografia” tal era a contemporaneidade da jovem fotografia dos mineiros.

Eles são o maior coletivo que o Brasil teve até hoje, porque nunca mais foram coletivo, mas nunca deixaram de pensar coletivamente como autores individuais, eles são os mais próximos de um coletivo meio mágico, místico. Eles se entendem, estudaram parecido, fizeram as mesmas faculdades, mesmos caminhos, os trabalhos têm a ver. Eles nunca perderam esse ar de coletivo. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Os mineiros foram, então, convidados a compor uma mesa no 6º PEF: João Castilho, que na época já trazia o reconhecimento do *Paisagem Submersa*, e o também fotógrafo e antropólogo mineiro Francilins, que havia realizado um ensaio sobre a prostituição no Complexo de Guaicurus, em Belo Horizonte. Durante a palestra, Francilins manteve a fotografia de uma das prostitutas do seu ensaio com as pernas completamente abertas (Figura 112).

Francilins não é um cara que fazia isso para incomodar pura e simplesmente, ele é um intelectual. Francilins é um cara brilhante, inteligente, estudioso mais preparado do que a maioria dos fotógrafos sérios brasileiros. Ele não é sério, no sentido da postura, mas ele rompe, é irreverente o tempo todo. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Juan Esteves lembrou que, num dado momento, Nair Benedicto e outras pessoas que estavam ao lado de fora da Casa da Cultura alertaram para a presença de crianças assistindo às transmissões ali e na Tenda da Matriz, e que teriam alertado pelo tempo exaustivo que a imagem permaneceu em tela. Juan também comentou sobre outro desconforto gerado na plateia durante essa palestra: “Francilins mostrou um vídeo com uma torneira que caía pingos dentro de uma latinha que continha uma fotografia no fundo, mas com o filme passando ao contrário – o público não aguentava mais ver aquela torneira pingando durante 20 minutos!” A produtora Talita Virgínia comentou que o trabalho de ambos tem uma característica “meio visceral e isso não foi explorado como deveria. São dois artistas multidisciplinares e fogem da fotografia tradicional”.

Figura 112: Uma das fotografias de Francilins do ensaio “Vi Elas”, trabalho realizado na área de prostituição no centro de Belo Horizonte/MG, com o qual ganhou o Prêmio Conrado Wessel de Fotografia. **Fonte:** Acervo PEF.

Alejandro Chaskielberg

O jovem fotógrafo argentino Alejandro Chaskielberg (nascido em 1977) foi outra grande atração do sexto festival. Naquele ano, mostrou alguns de seus reconhecidos trabalhos que vão além de meras reportagens: “Nocturama” (Figura 114) e “La Creciente”. Esta sobre as condições de vida e trabalho da população do Delta do Rio Paraná, ensaio que ganhou vários prêmios. Ali, já era reconhecido pela revista Photo District News (PDN) como um dos 30 fotógrafos emergentes e uma rápida visita ao seu site, atualmente, já nos fornece a dimensão do reconhecimento de sua obra. De lá para cá, rodou o mundo contando histórias, entre elas, a dos moradores afetados pelo tsunami no Japão (ensaio Otsuchi Future Memories), ou a dos esfomeados no Quênia (ensaio Turkana). Sua fotografia vai além do fotojornalismo por onde começou aos 18 anos (Figura 113).

Figura 113: Fotografias de Alejandro Chaskielberg no Japão e no Quênia. **Fonte:** site do artista.

Muchos de los personajes de mis historias viven situaciones de marginalidad debido a pobreza, hambre, tragedia o desidia. El desafío es contar estas historias con vitalidad y respeto y que el espectador siga interesándose por ellas. Generar imágenes con cierta belleza puede -también- pensarse como una táctica, una forma de llamar la atención, una forma digerible – accesible – para hablar de ciertas historias.

Otsuchi Future Memories fue un gran desafío. Antes de comenzar este proyecto, la pregunta que me hacía era cómo podía contar esa historia siendo un fotógrafo que vive en la otra punta del planeta -son exactamente 12 horas de diferencia horaria. Comencé por retratar personas en las ruinas de sus casas. Pasábamos algunas horas fotografiando durante la noche en los cimientos de sus hogares. Se creaba una atmósfera de contemplación y respeto. Mucha emoción. (CHASKIELBERG, entrevista à Vives, portal Nano Festival de Fotografia, jul. 2015).

Alejandro não manipula suas imagens na pós-produção e sim prefere utilizar a luz da lua cheia, lanternas e *flashes* por ele operados, somados às longas exposições, de, às vezes, 10 minutos que resultam nessa diferente documentação dos temas sociais e reportagens por ele abordadas.

Esse já era o segundo ano que se discutia um pouco o termo “documental imaginário” ou “documental mágico”, época em que estava no auge o trabalho dos mineiros “Paisagem Submersa” e a gente trouxe o Alejandro pois seu trabalho se encaixava exatamente nessa característica, de contar uma história real, mas a partir da ficção. Além do que, seu trabalho se encaixava no tema do festival “Inventários da Terra”. (VIRGÍNIA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 114: Imagem da série “Nocturama”, de Alejandro Chaskielberg. **Fonte:** site do artista.

Bárbara Wagner e Mari Stoclker

A mesa “Meninas Teimosas”, segundo Eder Chiodetto, era uma alusão aos trabalhos das artistas Barbara Wagner, “Brasília Teimosa” e Mari Stoclker, “Meninas do Brasil” que retratam estratos sociais mais populares. (Figura 115). Barbara contou que quando trabalhava para a sucursal de Recife do jornal *O Valor*, solicitavam-lhe sempre que levasse um miniestúdio para fotografar os empresários bem-sucedidos. Eder relata ainda,

que ela pensou, em levar essa luz “Doriana”, para fotografar o povo da favela de Brasília Teimosa na praia, invertendo a pirâmide social e o *modus operandi* de como a gente fotografa. E Mari veio com imagens daquelas roupas justas coladas nos corpos das meninas dos bailes funks que reforçam a sensualidade e o empoderamento dessas meninas mais humildes. Esse viés político me interessava muito no trabalho das duas e foi o que eu procurei trazer para a discussão naquela mesa onde elas mostravam os não *vips*. (CHIODETTO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 115: À esquerda, cena da Bárbara Wagner, na favela de Brasília Teimosa em Recife/PE; à direita, baile funk nos subúrbios do Rio de Janeiro/RJ, roupas coladas nas fotografias das Meninas, de Mari Stoclker. **Fonte:** livro das artistas.

A reportagem da Revista Fotografe Melhor destaca as duas fotografias começando por Bárbara Wagner:

...subiu tímida ao palco e contou como explora os estereótipos da periferia em um festival de cores fortes. Ela também falou sobre o recente trabalho Ensaio, que mostra imagens do maracatu rural no nordeste brasileiro. Mari Stoclker mostrou como as meninas da periferia do Rio de Janeiro se vestem e lidam com a vaidade. Com câmeras baratas, como a Kodak Istamatic 101 (a famosa Xereta), ela foi a bailes funks, ruas e lojas populares para compor o livro Meninas do Brasil. (CAPELI, Revista Fotografe Melhor, nº 170).

Bob Wolfenson

Rubens Fernandes entrevistou Bob Wolfenson e comentou que o nome do ensaio dele, *Apreensões* (Figuras 116 e 117) tinha tudo a ver com o tema do festival “Inventários da Terra”, pois considerou um trabalho maduro do ponto de vista artístico, uma vez que nos alertava para uma tragédia anunciada: “Um inventário de objetos, materiais e animais silvestres” que permitiu Bob especular e compreender o estranho mundo em que vivemos e pouco questionamos.

Bob é um dos fotógrafos de publicidade mais bem posicionados, comercialmente falando. E o Bob, ele teve uma perspicácia muito interessante quando se deslocou desse trabalho, desse Bob Wolfenson, muito profissional e foi fazer um trabalho mais livre. Esse trabalho nasceu com uma série de matérias que ele viu na televisão sobre animais apreendidos, madeira apreendida, cocaína apreendida, arma apreendida etc. E ele pensou: “isso dá um trabalho”... Eu acho este trabalho não teve a ressonância que merecia ter, porque é um trabalho bastante politizado. Ele entrou em contato com a Polícia Federal pra fotografar os depósitos dessas coisas apreendidas. Contatou vários depósitos da Polícia Federal, Brasil a fora. Fotografou animais nas gaiolas, fotografou madeira apreendida, fotografou cocaína. Ficam no depósito da Polícia Federal e dependendo da mercadoria, isso é deslocado, isso é leiloado, isso é queimado...no caso dos animais, vai pra um lugar intermediário pra voltar pra natureza... Na época, ele fez um livro pela Cosac Naify, um trabalho que tinha uma força, um clamor! Dessa vigilância em relação à natureza, em relação à conservação de certos animais, árvores, florestas, etc... E que a gente não dá muita bola, aquilo passa nos jornais, no noticiário e entra por um ouvido e sai por outro, eu acho que quando ele resolve unir tudo e percebeu que daria um trabalho, foi o que eu tentei explorar na entrevista. Primeiro as dificuldades que ele teve pra chegar nesses lugares... Um fotógrafo como ele, com o nome dele, com a importância que o trabalho dele tem no mundo publicitário e editorial, ligar pra um cara da Polícia Federal e perguntar: “gostaria de fazer isso...”, então vem esse questionamento: “mas por quê?” O que que isso tem a ver com o seu trabalho? Isso gera um desconforto para turma deles... Ele fotografou em grande formato, levou assistente, uma fotografia de altíssima qualidade, e ao mesmo tempo denunciadora. Gosto desse trabalho e eu acho que foi incompreendido na medida em que, talvez, pelo fato de ser o Bob que fez isso, parece não tem um casamento ali, mas ele quis provocar mesmo esse

desconforto do ponto de vista de produzir um conjunto de imagens. (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 116: Fotografias da série “Apreensões”, de Bob Wolfenson. **Fonte:** site do artista.

O delegado de polícia e especialista em Filosofia do Direito, Marcelo Augusto Couto, escreveu um texto sobre o ensaio *Apreensões* realizado em seis cidade dos estados de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais:

Nesse contexto, o inquérito fotográfico que agora vem a público, por intermédio da lente hiperativa de Bob Wolfenson, tem a virtude de descortinar tempestivamente um ponto cego da vida contemporânea.

Ao realizar esse “inventário de uma certa tragédia brasileira”, o autor, afinal, desnudou a si mesmo na obra ora publicada. Insinua-se consequentemente aqui uma ressonância que vai além do encontro de um delegado com um artista. Pois enquanto policial, que aspira silenciosamente à vocação de fotógrafo, flagrei no olhar aguçado do fotógrafo Bob Wolfenson o espírito investigativo de um autêntico policial. (COUTO, site OLHAVÊ, 25 out. 2010).

Figura 117: Exposição Apreensões ficou em 2011 na Galeria Milan e no Centro Maria Antonia. **Fonte:** site do artista.

Convocatória

Pode-se dizer que foi a partir do sexto festival que se sedimentou a prática de convocatória de novos talentos. Até esta edição, somente tinha se realizado uma convocatória no terceiro festival, e assim mesmo, uma convocatória “tímida”, o que a produtora Talita Virgínia chamou de “embrião da convocatória”, quando do Marcelo Greco começou a receber alguns trabalhos de jovens talentos. Segundo Iatã, “Helena, a madame convocatória”, foi a responsável pela organização da chamada. Veremos que, daqui para a frente, a convocatória transformou-se e se aperfeiçoou a cada edição e se tornou peça fundamental dentro do formato discutido nesta pesquisa.

Nós criamos a convocatória, que aliás, foi sensacional. Recebemos 117 ensaios e nós chamamos vários nomes da fotografia na época para decidir a etapa final dos cinco escolhidos. A escolha foi guiada pelo tema do festival, “Inventários da Terra”. Por exemplo, organizamos a exposição de Ana Kahn, que hoje é uma grande artista e foi uma das selecionadas. Eram registros de locais onde pessoas tivessem morrido de bala perdida no Rio de Janeiro. (HUSCHEL, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Tenda da Matriz

Neste Paraty em Foco, a Tenda da Matriz passa a ter uma programação mais intensa. Segundo a produtora Mariza Cermelli,

No começo, a Tenda da Matriz servia para fazer transmissão das palestras e entrevistas que aconteciam na Casa da Cultura e à noite havia algumas projeções. No 6º PEF, a programação da Tenda passou a ser ininterrupta, funcionava desde a primeira transmissão das entrevistas que começava às 11 horas da manhã até a meia noite como, por exemplo, na quinta-feira à noite, Silvio Tandler apresentou seu documentário “Caçadores de Alma”, sobre os profissionais da fotografia, das 22h30min à 00h00min. (CERMELLI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

“A tenda começou a ter vida própria com muitas programações, inclusive nos intervalos, nos horários de almoço e jantar” (Figura 118), disse Talita Virgínia. A programação da tenda “começou a ficar insana, todos os horários eram utilizados, queríamos mostrar o trabalho de todos, mesmo dos que não eram os convidados de destaque”, disse Helena Huschel. Iatã recordou que o “público gostou da Tenda, não tinha aquela história de ocupar vaga, podia entrar e sair livremente, aos poucos o público preferia assistir às entrevistas na Tenda do que na Casa de Cultura...”

Figura 118: O cineasta Silvio Tendler pelas ruas de Paraty e a Tenda da Matriz onde ocorreu a projeção do seu filme “Caçadores da Alma”. **Fonte:** Acervo PEF.

Exposições

Nesta edição, Isabel Amado também foi a coordenadora de exposições e lembrou que dentre muitas exposições, o trabalho de Cris Bierrenbach chamado “Esquecidos” (Figuras 119 e 120), foi um dos mais interessantes: era composto de fotografias impressas em lambe-lambes e coladas nos fundos do cemitério, um pequeno espaço onde há uma capelinha. Tratava-se das roupas e objetos fotografados pela artista e que foram esquecidos pelo caminho, depois da tragédia que o terremoto causou ao povo do Haiti.

A produtora Talita afirmou que Cris Bierrenbach estava no Haiti participando de uma residência artística quando aconteceu o terremoto: “para ela foi impactante ver as roupas e objetos que as pessoas deixavam para trás, ela ficou mais surpresa com isso do que o documental em si. Além das fotografias afixadas nas paredes do cemitério, a artista fez também uma instalação com roupas no chão do cemitério”. Helena Huschel conta que trabalhou intensamente na organização da montagem no cemitério.

“ESQUECIDOS” - montagem Cemitério Capelinha Paraty

Figura 119: Projeto expográfico da Exposição “Esquecidos”, de Cris Bierrenbach. **Fonte:** Acervo Isabel Amado.

Figura 120: Projeto expográfico da Exposição “Esquecidos”, de Cris Bierrenbach. **Fonte:** Acervo Isabel Amado.

Leilão de Fotografias

Segundo Isabel Amado, responsável pela organização dos leilões, nessa edição, o festival contou com a participação de 37 fotógrafos.⁶³ Isabel lembra que contou ainda com a doação – feita por Patrícia Veloso – da fotografia de Benjamin Abrahão, dos cangaceiros de Lampião. Patrícia, lhe disse que havia uma pessoa interessada nas fotografias do leilão, Silvio Frota, atualmente, o dono do Museu de Fotografia de Fortaleza. Naquele ano, Isabel começou a enviar *pdfs* com fotografias para que ele visse o que era ofertado: “Por exemplo, uma foto que o lance mínimo começava por mil reais, Patrícia dizia que Silvio poderia ir até 2.500 reais, no caso de haver disputa. Foi nesse ano que Silvio Frota começou a comprar fotos para sua coleção dos nossos leilões”. Isabel lembra que ali iniciou a relação do festival com o Instituto Moreira Salles, o qual cedeu fotos de Maureen Bisilliat e Thomaz Farkas, a de Maureen, por exemplo, foi vendida por R\$ 4.500,00.

Catálogo do Leilão de Fotografia:

Ver *pdf* do catálogo do leilão que se encontra no site do 6º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2010>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

⁶³ Armando Prado, Alexandre Belém, Alexandre Severo, Anderson Schneider, Benjamin Abrahão, Cássio Vasconcellos, Chico Albuquerque, Choque Photos, Christian Gaul, Cris Bierrenbach, Daniel Kfour, Dimitri Lee, Eduardo Muylaert, Eugênio Sávio, Fausto Chermont, Fifi Tong, Flavio Samelo, Helô Mello, Inaê Coutinho, João Castilho, João Marcos Rosa, Jordi Burch, Juan Esteves, Luciano Candisani, Lucila Wroblewski, Maria di Andréa Hagge, Marlene Bergamo, Maureen Bisiliat, Maurício Simonetti, Mônica Maia, Pedro Farina, Pedro Garrido, Ricardo Hantzschel, Roberto Schmitt Prym, Roberto Wagner, Silvano Martins e Tiago Santana.

Luto

A Revista Fotografe Melhor (nº 170, novembro de 2010) dedicou um box para lembrar da morte do fotógrafo norte americano Jay Colton, ex-editor da Revista Time e da Agência Gamma, que sofreu um infarto fulminante durante uma leitura de portfólio no sábado, às 12h30min, no Espaço Cinema. Jay foi prontamente atendido pelo Corpo de Bombeiros, mas não resistiu.

Extras

O “Foto Escambo” foi uma atividade livre em que os participantes traziam fotografias ampliadas, de preferência, no tamanho 20 x 30 cm e trocavam entre si as imagens que ficavam penduradas em um varal. A fotógrafa Marlene Bergamo também organizou uma atividade que se resumiu em uma divertida brincadeira chamada “Persona” (Figura 121): confeccionou máscaras com fotografias de famosos fotógrafos e os visitantes podiam receber uma e passear pelas ruas de Paraty fantasiados. A exposição “15 METERSexibition” (Figura 122) era com uma lona de 15 metros em que 15 fotógrafos foram desafiados a exibir suas imagens em um espaço de 1 x 1 m.

Figura 121: Persona, máscaras por Marlene Bergamo. **Fonte:** Acervo PEF.

Figura 122: Imagem da lona 15METERSexibition. **Fonte:** Acervo PEF.

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 123: Catálogo do 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Tema: Inventários da Terra

Abertura: Representantes do Ministério da Cultura, FUNARTE, autoridades locais e direção do festival.

Encontro e Entrevistas

- “Fotografia em falso”, Milton Guran e Helouise Costa entrevistaram Georges Rousse.
- “À Golpe de Luz”, Rosely Nakagawa entrevistou Anderson Schneider e André Vieira.
- “Haiti – Evento Fotografe Melhor”, Juan Esteves entrevistou Jonne Roriz.
- “Meninas Teimosas”, Eder Chiodetto entrevistou Bárbara Wagner e Mari Stockler.
- “Territórios”, Juan Esteves entrevistou Maureen Bisilliat.
- “Digressões”, Eder Chiodetto entrevistou Cris Bierrenbach e Marcelo

Zocchio.

- “Koletivo”, Claudio Edinger entrevistou o Coletivo Kameraphoto.
- “Paisagens Imaginadas”, Claudia Buzzetti entrevistou Alfredo de Stefano.
- “Reinvenção da Realidade”, Eduardo Muylaert entrevistou Olivio Barbieri.
- “Fotografia Mineira”, Marcelo Campos entrevistou João Castilho e Francilins.
- “Apreensões”, Rubens Fernandes Junior entrevistou Bob Wolfenson.
- “Consequências”, Claudio Edinger entrevistou Claudia Hinterseer e Kadir Van Lohuizen.
- “Entre céu e mar”, Eduardo Muylaert e Matthew Shirts entrevistaram Amir Klink.
- “Documental Mágico”, Marcelo Brodsky entrevistou Alejandro Chaskielberg.
- “A fotografia vai ao cinema”, Iatã Cannabrava entrevistou João Wainer, Dirceu Maués, Coletivo Garapa, Egberto Nogueira, Cia de Foto e Galeria Experiência.

Workshops:

- “O livro e o trabalho autoral”, por Claudio Edinger.
- “Lambe-lambe”, por Ricardo Hantzschel.
- “Olhos n’água, imagens do surf”, por Sebastian Rojas.
- “National Geographic Experience, por Luciano Candisani.
- “Da fotografia ao cinema num clique” – *workshop* multimídia, por Egberto Nogueira.
- “Inventário coletivo – *workshop* multimídia”, por Coletivo Garapa.
- “Horizontes – Fotografia na arte contemporânea”, por João Castilho.
- “Imagem líquida”, por Klaus Mitteldorf.
- “Apreensões”, por Bob Wolfenson.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “Expedição Picinguaba”, por Luiz Claudio Marigo.
- “Paraty invertida”, por Ricardo Hantzschel.
- “Documental mágico – Novos olhares na fotografia”, por Alejandro Chaskielberg.
- “Um novo fotojornalismo”, por Anderson Schneider.
- “Lomography”, por Philippe Machado.
- “Como a fotografia mudou nossas vidas”, por Armando Prado.
- “Nas páginas da Revista Vizoo – criação e produção de um editorial de moda”, por Christian Gaul.
- “[FAQ]Tudo que você sempre quis saber e nunca teve coragem de perguntar”, com Clício Barroso e Alexandre Keese.
- “Curadoria e edição de imagens”, por Eder Chiodetto.
- “Paisagens Imaginadas”, por Alfredo de Stefano.
- “Narrativas Visuais”, por Coletivo Kameraphoto.
- “Noor experience”, com Claudia Hinterseer e Kadir Van Lohuizen.

Exposições:

- Instalação de George Rousse no Mercadinho do Cais.
- “NOOR – Consequências”, do Coletivo NOOR, na Tenda da Matriz.
- “Pele Preta”, de Maureen Bisilliat, na Galeria Zoom.
- “Esquecidos”, de Cris Bierrenbach, no Cemitério nos fundos da Capelinha.

- “Retratos de Família”, dos jovens do ITAE, no Pátio da Casa de Cultura.
- “Casa Escola”, dos alunos da Ilha das Cobras e Mangueira, na Casa do Festeiro.
- “1 Minuto”, por Ana Kahn, no espaço O Cubo, selecionada pela convocatória.
- “Era uma vez uma mulher chamada Maria que morava numa casa azul lá no alto do morro...”, por Daniela Conti e Isabella Kassow, nos Tapumes, selecionadas pela convocatória.
- “Photoland”, por Fabio Seixo, na Galeria do Iphan, selecionado pela convocatória.
- “Cidade A5”, por Felipe Lopez, no Cinema, selecionado pela convocatória.
- “Homogenia”, por Leonardo Costa Braga, selecionado pela convocatória.
- “Exposição das obras do Leilão de Fotografias” na Casa da Cultura.

Figura 123: Catálogo do 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

5.7 - 7º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (21 a 25 de setembro de 2011)

Na sétima edição do Paraty em Foco, Helena Ruschel trabalhou como coordenadora geral logo no início de 2011 quando começou a preparar e organizar o evento. Afirmo que nas três edições em que participou (da quinta à sétima) sentiu um crescimento considerável do festival: “em termos de público eu não sei precisar, mas em termos de *status*, sim, virou um evento *pop*, com cada vez mais convidados de fora, muitos espaços ocupados, atividades múltiplas acontecendo, mas um público de cinco mil pessoas, acho um pouco exagerado”, disse Helena. “A Helena trouxe um pouco mais de profundidade para o festival, ficou mais interessante, juntou a paranoia dela em pesquisar e a do Iatã em fazer um evento grande e incrível”, disse a produtora Talita Virgínia. Destaque para os convidados internacionais que trouxeram inquietações para acalorar os debates: o saudita naturalizado norte-americano Evan Baden, com a discussão da vida privada na internet; o sul-africano Pieter Hugo, com seus retratos que bailam no limiar entre realidade e ficção, a norte-americana Penelope Umbrico, que trouxe para a mesa o debate sobre o conflito da autoria das imagens quando roubava milhares delas no *flicker*, e o coletivo peruano Versus com suas imagens um tanto “viscerais”.

Iatã tinha acabado de fazer uma palestra na Espanha sobre o tema o “futuro da fotografia”, então, propôs que esse ano o tema do Paraty fosse “futuro”. A produtora Talita lembra das discussões internas para preparação e organização do festival: “No pré- Paraty a gente fazia umas conversas completamente desconexas: a equipe falava numa *webcam* coisas malucas e com bastante liberdade para se desvincular da fotografia a partir da palavra “futuro”. Assim surgiu a ideia do “#futuro”, *hashtag* não era tão usada naquela época”.

Entrevistas

Evan Baden

Segundo a coordenadora Helena Ruschel, Renata Baralle, uma das funcionárias de Iatã no Estúdio Madalena, uma jovem de 17 anos, descobriu o fotógrafo Evan Baden, quando navegava na *web*. Ele era desconhecido no Brasil e, então, Renata o indicou para ser um dos entrevistados no Paraty.

Toda tímida, lá em Paraty, no festival, ela chegou um dia e me falou: “Iatã, ele me convidou pra jantar. Posso ir?” Aí eu lembrei que ela era uma criança e que tinha uma organização, aquilo tinha seriedade e eu falei “lógico que pode, me avise quando sair”. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Segundo Helena, Evan interagiu bastante durante todo o festival, era coerente e sempre estava conectado à *web*. Apresentou seu ensaio em que fotografava jovens fazendo *selfies* com o intuito de discutir as mídias como celulares, *webcam* e câmeras fotográficas no universo íntimo das pessoas. “Quando ouvi Evan falando, percebi que as montagens que ele fazia eram menos poéticas e mais conceituais, a foto dele em si era uma ideia”, disse Helena. O fotógrafo Felipe Russo entrevistou o jovem Evan, na época com 26 anos, e pediu que ele contasse como começou a realizar esse ensaio em que discute como a internet alterou a vida sexual dos jovens. Na época, havia um apelo para que jovens enviassem seus vídeos caseiros de sexo em troca de mil dólares, o chamado “sell your sex tapes”. Evan constatou que, em muitos sites, garotas faziam poses *sexs* e postavam suas próprias imagens na internet. Baseado no que viu, começou a recriar as cenas e a discutir as transformações por que passava o mundo privado em plena era das redes sociais. Segundo o portal paratyonline:

Para realizar as fotos ele recorre a um site chamado Craigslist, e convoca algumas modelos que não recebem nada pela exposição. “Reenceno fotos que elas mesmas já haviam feito”, revela.

As fotos são feitas na casa da própria modelo, onde ele aproveita elementos do quarto da garota. “Muitas vezes os pais delas estão em casa, é bem constrangedor”, afirma. Baden faz com que elas assinem um termo em que assumem a maioridade, e afirma que ainda não teve problemas jurídicos. (PARATYONLINE, 23 set. 2011).

Outro trabalho mostrado por Baden foi sua série “The Illuminate” (Figura 124) em que fotografa jovens iluminados apenas pela luz dos dispositivos de seus celulares ou aparelhos eletrônicos. Com isso, o fotógrafo alerta e chama a atenção para o isolamento físico que esse tipo de interatividade proporciona ao jovem.

Figura 124: Uma das fotografias da série “The Illuminate” de Evan Baden feita entre 2006 e 2007. **Fonte:** site do artista.

Figura 125: Uma das fotografias mostradas por Evan da sua série “Technically Intimate”. **Fonte:** site do artista.

Para Juan Esteves o trabalho de Evan (Figura 125) é antropológico, é uma “pesquisa de comportamento”:

naquela época, no mundo todo, surgiram *sites* pornô de adolescentes que se filmavam explicitamente no sexo e vendiam as imagens, pessoas pagavam para ver. Ele mapeou esse pessoal e remontou as cenas com câmera de grande formato inspirando-se na composição e cenários vistos na internet. (ESTEVEES, entrevista Mônica Zarattini, 2018).

Pieter Hugo

Outro convidado estrangeiro foi o fotógrafo sul-africano Pieter Hugo. Iatã lembra que a entrevista com ele foi um grande desafio: “trouxemos um cara do outro lado do mundo que já era artista consolidado em importantes galerias do mundo,⁶⁴ mas com traço de fotojornalista”. Aos 35 anos, Pieter Hugo chegou em Paraty, projetou e comentou alguns de seus recentes ensaios que viraram livros e exposições que correram o mundo e o levaram para famosas galerias de artes de Nova Iorque e Alemanha como “The hyena & other man” (Figura 126) e “Nollywood”.

O ensaio sobre as hienas surgiu a partir de uma visita à África Ocidental, nas periferias de cidades da Nigéria, como a cidade de Enugu, quando se deparou com homens nômades que se apresentavam para multidões vendendo remédios caseiros tradicionais que “lhes davam poder” para domesticar animais selvagens como hienas, babuínos e jiboias. Batiam tambores para atrair as multidões e depois colocavam suas cabeças e braços dentro das mandíbulas dos animais para mostrar como eram invencíveis tomando aquela poção mágica. Começou documentando as *performances* de rua de acordo como sua formação fotojornalística. Depois achou que isso seria muito pouco e que uma história diferente poderia surgir dali. Aos poucos, percebeu a relação daqueles homens com os animais e começou seu ensaio. Constatou que havia uma relação particular entre o bicho e o homem, de submissão e amor, e que poderia explorar o lado exótico em seus retratos que vão muito além do documental:

Seeing them perform was unforgettable. It was a huge spectacle. They would beat drums to draw in the crowds, then take the muzzles off the hyenas. Next they'd put their arms and even their heads between the animals' jaws. The aim was to convince the audience they had special powers, and that the audience could acquire them too, if they bought their potions.

At first I tried photographing the street shows, but there was just too much going on. Then I realised that the relationship between man and beast was more interesting than all the fireworks of the performance. There was something very strange going on between the guys and the hyenas, bordering

⁶⁴ Pieter Hugo é representado pelas galerias: *Yossi Milo Gallery* em NY, *We Folk* em Londres, *Priska Pasquer* e *Cokkie Snoie* na Alemanha e *Stevenson Gallery* na África do Sul.

on sadomasochism. These animals had been taken out of the wild as pups. They couldn't return. They were entirely dependent on these guys for food. And these men were dependent on the animals for their livelihoods. They needed each other, but it wasn't an easy symbiosis.

I love how confrontational this shot is. At no point did I tell him how to pose. It's all him. He flexed his bicep, stared straight at me, while his hyena jumped all over him. Then in the background, there's this kind of Mad Max landscape strewn with broken-down trucks, though you can hardly see them because of the light. It was harmattan season, a time between November and March when the sands of the Sahara blow over western Africa creating this murky, diffused lighting, which I love. It's a simple shot with an incredible economy. I wish I could take more like it. (HUGO, The Guardian, 19 jul. 2018).

Figura 126: Fotografia do livro “The hyena & other man”, de 2007. **Fonte:** The Guardian.

A indústria cultural africana foi outro tema que causou grande fascínio a Pieter Hugo. A indústria cinematográfica nigeriana, a chamada “Nollywood” (Figura 127) é a terceira maior do mundo, depois dos Estados Unidos e da Índia, – lança mil vídeos domésticos no mercado por ano. Os filmes nigerianos lidam frequentemente com as questões morais enfrentadas hoje pelos africanos e contam histórias cotidianas das famílias às próprias famílias africanas: uma linguagem direta e acessível sobre temas como religião, violência, AIDS e dificuldades econômicas. Os finais nunca são felizes e os filmes são recheados de

atores que gritam. Isso intrigou Pieter que, então, convidou um maquiador dos estúdios de Nollywood para ajudá-lo a criar personagens para seus retratos inspirados nos filmes que antes ele detestava. As fronteiras entre documentário e ficção tornam-se muito frouxas o que leva a imaginação do espectador duvidar se as percepções dos retratos são realmente reais como as “lágrimas de sangue” do senhor que segura a carniça de sua presa.

Figura 127: Fotografias da série Nollywood de Pieter Hugo. Fonte: MAKHUBU, 2013.

Durante sua estada no Brasil, em entrevista à Silas Martí, do jornal *Folha de S. Paulo*, o fotógrafo sul-africano Pieter Hugo fala de maneira direta e curta sobre suas próprias imagens:

Estou mais interessado em causar uma experiência, não mostrar uma lista de verdades. Parece exótico, mas essa é uma realidade que mistura fato e ficção, algo extremado ou mais um futuro possível. Existe um elemento de *performance* no trabalho. Mas isso é por que olho para os fotografados e eles olham de volta, tento inventar um olhar engajado. (HUGO, entrevista à Silas Martí, *Folha de S. Paulo*, 21 set. 2011).

Para a jornalista Simonetta Persichetti, do jornal *O Estado de S. Paulo*, o artista respondeu, por e-mail, também de maneira bem direta às suas perguntas:

Como define sua fotografia? Minha estética é a criação de uma imagem direta, de confronto e engajada. **Qual é hoje o papel da sua fotografia?** A preocupação é com o vocabulário e a representação visual. Não me interessa a emergência ou factualidade do jornalismo. (HUGO, entrevista à Simonetta Persichetti, *O Estado de S. Paulo*, 21 set. 2011).

Coletivo Versus

Para a produtora Talita Virgínia, o casal de peruanos do coletivo Versus Photo, entrevistado por Claudi Carreras, “documentava tudo e ao mesmo tempo tinha uma estética muito bonita e bem visceral, à la Miguel Rio Branco” (Figura 128). Claudi já conhecia há tempos o Versus Photo e comenta sobre como foi a entrevista que realizou:

Eu fiz várias atividades com eles. Já em 2010 a gente fez o ECO em Madrid, que é o Encontro de Coletivos e eles participaram. E o coletivo Versus é um coletivo que faz fotografia “estomacal”. Não é uma fotografia muito reflexiva, mas sim uma fotografia que sai da experimentação. Uma fotografia similar ao que está fazendo o Antoine D’ Agata: essa coisa de se envolver com essa realidade, não é que não seja intelectual, mas forma parte da visceralidade, uma fotografia que sai de dentro. Era uma fotografia muito nova naquele momento, eram um dos primeiros fotógrafos que começavam a aproveitar realmente todas essas ferramentas digitais. Eles são muito novos e eles começaram como digitais, ou seja, uma geração que nunca foi analógica. Agora eles têm 30 anos, naquela época tinham 22, 23 anos, eram fotógrafos muito jovens que quase nunca trabalharam com o analógico. Para eles a geração digital já era o ponto de partida: o tratamento da cor, a forma que eles trabalhavam a imagem... Sempre achei que o coletivo permitia ter múltiplos olhares da realidade e o trabalho multidisciplinar deles se encaixava muito bem no tema do festival que era sobre o futuro. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 128: Fotografías do Coletivo Versus Photo. **Fonte:** Revista Ojos Rojos, nº 21.

VERSUS PHOTO es un colectivo de fotografía peruano formado por Gihan Tubbeh, Renzo Giraldo y Musuk Nolte, que desde el 2009 trabaja proyectos de carácter documental con una visión en común: el hambre por la imagen; nuestros ojos en los ojos del otro, la mirada emplazada entre la realidad y la ficción de nuestro universo interior. “Versus” promueve el confrontamiento entre causas y realidades, intercambios y oposiciones culturales. VERSUS PHOTO no busca crear retórica a través de sus imágenes, sino dialogar a través de los sentidos.

Su principal interés es la condición humana y el desarrollo de un lenguaje que confronte por medio de imágenes las cosas efímeras del mundo, persiguiendo estados anímicos, iniciando la ruptura con la objetividad, esa leve línea en la cual la ficción se carga de realidad, y la realidad de ficción. (REVISTA DE FOTOGRAFIA OJOS ROJOS, nº 21, 2011).

Penelope Umbrico

O trabalho da norte-americana Penelope Umbrico talvez seja o que melhor traduza o conceito elaborado por Bucci (2006, p.10) acerca da sociedade contemporânea, no qual atesta que a individualização das referências é diversa, múltipla e abundante, porém, o pano de fundo é de um universo homogêneo. Penelope traz esse debate ao “roubar” da internet, das plataformas *flicker* e *e-bay*, por exemplo, infinitas fotografias a partir da busca de temas como “pôr do sol”, lua, comida de avião. Joan Fontcuberta em entrevista ao jornal *El País*, fala sobre o processo criativo de Penelope:

Ante esa saturación, ¿para qué hacer una foto más? La artista Penelope Umbrico quiso hacer una foto de una puesta de sol, pero antes escribió “puesta de sol” en Flickr y le salieron medio millón de imágenes. Hace 10 años. Un año después eran tres millones. El año pasado, 12 millones. Da la sensación de que todo ha sido fotografiado, pero hoy la experiencia de la imagen es más importante que la imagen misma. No hacemos una foto por la foto, sino para dar importancia a lo que vemos o para decir que nos estamos divirtiendo. (FONTCUBERTA, *El País*, 27 abr. 2016).

Do site da artista Penelope Umbrico constam informações sobre o início do projeto *Suns from Sunsets from Flickr* (Figura 129), em 2006, coletando 541.795 fotografias em que o sol finalizava a tarde.

I collected those sunsets from Flickr that had the most defined suns in them, and cropped just the suns from these images. To date, I have made a total of 4500 4x6 images of suns from these sunsets, which I upload to consumer photo-labs to be printed as 4” x 6” machine c-prints. For each installation the title reflects the number of hits I get searching “sunset” on Flickr at the time of installation– for example the first installation was *541,795 Suns from Sunsets from Flickr (Partial) 01/23/06* in 2006; a year later: *2,303,057 Suns from Sunsets from Flickr (Partial) 09/25/07* – the *(Partial)* in the title refers to the fact that the installation is only a fragment of the number of sunsets on Flickr at that time. Examples of subsequent installation titles:

541,795 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 01/23/06
2,303,057 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 09/25/07
3,221,717 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 03/31/08
5,911,253 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 08/03/09
7,626,056 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 07/17/10
8,730,221 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 02/20/11
10,291,373 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 01/12/12
13,806,070 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 11/01/13
18,297,350 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 04/16/14
21,314,840 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 05/14/14
27,709,969 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 05/05/15
27,694,473 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 05/11/15
30,240,577 Suns (from Sunsets) from Flickr (Partial) 03/04/16
 (UMBRICO, site da artista).

Rubens Fernandes reforça que “foi uma discussão importante que estava começando naquele momento acerca da popularização da imagem técnica e como o artista pode criar a partir das imagens geradas por essa multiplicidade de produção”. Em mais esta edição do festival é colocada em discussão a problemática em torno da autoria da fotografia.

Figura 129: Imagem do projeto “Suns from Sunsets from Flickr”, 2006. **Fonte:** site da artista.

Claudia Jaguaribe e Caio Reisewitz

A diretora de redação da Revista Select e curadora independente Paula Alzugaray entrevistou a dupla Claudia Jaguaribe e Caio Reisewitz e trouxe para a mesa de discussão quais estéticas a fotografia adotava no início de século XXI para a temática das paisagens naturais. Claudia apresentou suas fotografias e um vídeo do trabalho “Quando Vi”; Caio mostrou suas paisagens da série “Não tem coisa certa”, que também resultou em livro. Ambos realizaram esses trabalhos em 2008.

Claudia Jaguaribe não vê semelhança entre seu trabalho e o de Caio (Figura 130), mas acha que trabalham temas em comum como, por exemplo, as paisagens e a questão da natureza:

Minha formação vem das artes plásticas para a fotografia e não da fotografia para as artes plásticas como a maioria das pessoas faz hoje em dia. Muito antes de fazer fotografia eu já tinha feito um pouco de escultura, gravura, desenho, e a fotografia foi onde eu achei que se juntava tudo melhor. As pessoas falam que minha fotografia é um “trabalho construído”. Sim, porque apesar de eu usar a fotografia como instrumento de conhecimento do mundo, ela é uma linguagem que depois eu preciso elaborar mais. Por mais que a situação se apresente pra mim, raras vezes, aquilo que tá ali vai ser o resultado final daquela foto, sempre vai passar por um processo de construção de algum tipo. Então, nesse sentido, eu acho que esse debate foi bem isso, o Caio ele tem uma fotografia mais próxima da fotografia alemã, onde o fotógrafo vai lá e espera a hora certa, o momento certo. É claro que ele já tem uma imagem preconcebida na cabeça e de certa forma ele vai ao encontro daquela imagem que ele tem na cabeça, não é que a natureza está lá tanto daquele jeito, ele vai procurar fazer com que aquilo aconteça. Mas é bem diferente. Esse meu trabalho é um vídeo que procura mostrar o caminho pela mata – quando as pessoas andam numa mata para buscar uma pessoa que se perdeu, as pessoas acabam andando em círculos, é uma coisa da natureza humana fazer isso, ela não vai reto e sai do outro lado... O meu vídeo mostra isso: quando você começa a configurar uma coisa ela já mudou, você perde o rumo de novo. Então esse debate foi isso, foi uma expansão de como que você pensa a fotografia. São várias telas em uma tela grande só. Esse trabalho foi exposto em vários lugares: no MEP, em Paris, no Instituto Moreira Salles, no Rio, em Brasília, em São Paulo. Foi premiado em Londres porque era sobre preservação do meio ambiente e das as matas. Tem pessoas que curiosamente têm uma visão preconceituosa da fotografia construída, acha que é truque. Acha que a pessoa que fez uma foto direta tem mais mérito no sentido de que conseguiu captar uma coisa no ato, enfim, todas essas questões foram debatidas e isso tudo foi levantado. (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 130: À esquerda imagem do vídeo de Claudia Jaguaribe; à direita fotografia de Caio Reisewitz. **Fonte:** site Claudia Jaguaribe e GONZALEZ, 2008.

Exposições

A sétima edição foi uma das que em mais ocorreram exposições, vinte no total, fora as exposições do “OFF Paraty”, naquele ano organizado pela fotógrafa carioca Patrícia Gouveia. A Galeria Zoom abrigou a retrospectiva do aclamado Miguel Rio Branco, entrevistado pelo curador Paulo Herkenhof. A Tenda da Matriz acolheu uma enorme fotografia de Penelope Umbrico, com inúmeros pores de sol. Os tapumes do Centro Histórico foram ocupados por Raquel Brust, com o ensaio “Giganto”, um projeto de intervenção urbana para suas fotografias hiperdimensionadas. Outra exposição que assinalou a vontade crescente que o festival tinha de ocupar as ruas foi o projeto “#Symbiosis”, da artista paraense Roberta Carvalho.

Bem de acordo com o tema do festival, #futuro, as “esculturas de luz” de Roberta Carvalho projetadas no Centro Histórico causaram surpresa aos visitantes e aos passantes. Como numa simbiose que ocorre no mundo dos seres vivos no qual há uma relação vantajosa entre dois organismos, nesta mostra, as copas de árvores dos espaços públicos serviram de suporte para uma projeção, ora fotográfica, ora videográfica, projeto que Roberta faz com retratos de ribeirinhos da Amazônia, desde 2007, figura 131.

Figura 131: Imagem do vídeo da artista Roberta Carvalho na Amazônia. **Fonte:** CARVALHO, 2012.

Programa do Colecionador, Convocatória e Leilão

A sétima edição contou com a novidade da criação do Programa do Colecionador, ferramenta para estimular o colecionismo em que os participantes faziam contribuições anuais adquirindo uma obra numerada e assinada. O programa começou com a artista Claudia Jaguaribe.

A convocatória do 7º PEF visou a ocupação de espaços inusitados, segundo Talita Virgínia, “espaços instalativos”.

O leilão de fotografias teve 50 fotografias⁶⁵ para arremate, sendo que os preços de venda variaram entre 900 reais, as mais baratas, e 11 mil, a mais cara, a de German Lorca, “Morandi/Jarras e Garrafas”, de 1960, 30 x 40 cm, gelatina sobre prata, coleção *vintage* do artista (Figura 132) cujo lance mínimo iniciou em 6 mil reais. Aqui percebe-se que já se tem um início de interesse maior pelas fotografias modernistas.

⁶⁵ Participaram deste leilão os seguintes fotógrafos: Angelo Paulino, Fifi Tong, Leonardo Costa Braga, Eduardo Mulaert, Flavio Samelo, Luiz Abreu, Alexandre Sequeira, João Wainer, Mariano Klautau, Bob Wolfenson, Avani Stein, Betina Samaia, Marcello Matos, Leo Drumond, Bruno Veiga, Armando Prado, Chico Albuquerque, Tiago Santana, Juan Esteves, Silvano Martins, Julio Bittencourt, Claudio Edinger, Luiz Santos, Luana Navarro, Marcio Rodrigues, Roberto Linsker, Bruno Magalhães, Marcilio Gazzanelli, Alexandre Belém, Cristiano Xavier, José Diniz, Dimitri Lee, Claudio Edinger, Renan Cepeda, Choque Photos, Leonardo Braga, Daniel Malva, João Castilho, Miguel Aun, Adriane Vasquez, Tadeu Vilani, Fernando Schmitt, Pedro David, Antonio Gauderio, João Marcos Rosa, German Lorca, Marlene Bergamo, Fernando Donasci, Gentil Barreira e Alberto Alves.

Figura 132: Fotografia “Morandi/Jarras e Garrafas”, de German Lorca. **Fonte:** Catálogo Leilão PEF.

Catálogo do Leilão de Fotografia:

Ver *pdf* do catálogo do leilão que se encontra no site do 7º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2011>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

A saída de Helena Ruschel

No final da sétima edição, Iatã resolveu substituir Helena Ruschel da coordenação por ela ter brigado com Mecarelli e com o funcionário Charles, que cuidava do cabeamento que levava as transmissões para a Tenda da Matriz e outros espaços do centro histórico.

Me indispus com Mecarelli, pois a linguagem dele não condizia com o que se fazia em termos de *design* na época. Comecei a mexer nas artes que ele fazia, arrumar e alinhar e ele, então, ficava muito bravo. Mas ele queria fazer, era um dos donos do festival e me falou algo muito desagradável que me destruiu. E em relação ao Charles, eu tinha muitos espaços para cuidar e ele não montou o cabeamento em um dos locais e então fiquei brava, eu já estava bem estressada e o cobrei de forma ríspida. Então, Iatã resolveu me tirar dizendo que eu estava competindo com o Mecarelli, o que é bem a minha cara... Eu queria levar crédito pelo que eu fazia e acho que o Meca não curtiu muito... Eu e Iatã continuamos grandes amigos e trabalhamos em outros projetos juntos. (HUSCHEL, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 133: Catálogo do 7º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Tema: #Futuro

Abertura: direção do festival, representantes da Funarte e Ministério da Cultura e autoridades locais

Encontros e Entrevistas:

- “Futuro possível”, Alexandre Belém e Georgia Quintas entrevistaram Pieter Hugo.
- “Diário Contemporâneo”, Mariano Klautau entrevistou Roberta Carvalho e Ricardo Macedo.
- “Seleção Natural”, Paula Alzugaray entrevistou Claudia Jaguaribe e Caio Reisewitz.
- “Feminino Futuro”, Georgia Quintas entrevistou Olivia Arthur.
- “Sempre Futuro”, Paulo Herkenhoff entrevistou Miguel Rio Branco.
- “Vento Sul”, Osvaldo Santos Lima e Rubens Fernandes Jr entrevistaram Luiz Carlos Felizardo, Leopoldo Plentz e João Urban.
- “Ação Coletiva”, Claudí Carreras entrevistou o coletivo peruano Versus Photo.
- “Fotografe Melhor (15 anos) – Novo Fotojornalismo”, Sergio Branco entrevistou Gustavo Pellizon e Custódio Coimbra.
- “Quase íntimo”, Felipe Russo entrevistou Evan Baden.

- “Futuro do Pretérito”, Livia Aquino entrevistou Eder Chiodetto e Maurício Lissovsky.
- “FOAM, What’s next? Eduardo Muylaert entrevistou os holandeses Constant Dullaart e Marcel Feil.
- “Imersão total” Mozart Mesquita entrevistou Marcelo Dantas.
- “Memória do Futuro”, Geraldo Garcia entrevistou Patrícia de Filippi, David Riecks, Sergio Burgi e Carlos Carvalho.
- “Sonhos de Penelope”, Juliana Monachesi entrevistou Penelope Umbrico.
- “E agora?”, Iatã Cannabrava entrevistou convidados.

Workshops:

- “Naturezas fabricadas – reflexões sobre a mata no fiorde tropical”, por Caio Reisewitz.
- “Desenvolvimento de projeto cultural e pessoal”, por Claudi Carreras.
- “Curadoria e edição de imagens”, por Eder Chiodetto.
- “Desconstruindo a luz: experimentação e prática”, por Gui Mohallem.
- “Etiqueta para fotógrafos”, por Isabel Amado.
- “Fotojornalismo na TV – intersecção de linguagens”, por João Wainer.
- “Corpo”, por Kazuo Okubo.
- “Expedição Guarani – imagens de um Brasil Índio”, por Renato Soares.
- “O curador como criador”, por Yasmina Reggad.
- “Estático em movimento, o retrato do futuro”, por Galeria Experiência.
- “Expedição Garapa – uma experiência multimídia na Serra do Mar”, por Coletivo Garapa.
- “Sobre fotografia – crítica e jornalismo cultural”, por Juliana Monachesi.
- “Lomografia – o prazer da fotografia analógica”, por Equipe Lomography.
- “National Geographic Experience”, por Luciano Candisani.
- “Apropriação – a internet como arquivo”, por Penelope Umbrico.
- “Fotografia publicitária – sobrevivente do futuro”, por Willy Biondani.
- “Olhar 360”, por Ayrton360.
- “Apps para a fotografia”, com Clício Barroso.
- “Meu trabalho tá pronto, e agora? How to Market your work”, por Evan Baden.
- “Sempre retrato”, por Luiz Garrido.
- “Espaços íntimos – Taking pictures of a family or someone at home”, por Olivia Arthur.
- “Paraty do avesso – uma jornada à margem do circuito turístico”, por Coletivo Versus Photo.
- “O livro e o trabalho autoral na fotografia”, por Claudio Edinger.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “Fotografia+Performance+Internet”, por Constant Dullaart.
- “Looking Aside – projetos autorais”, por Pieter Hugo.
- “Paraty Invertida”, por Ricardo Hantzschel.
- “Fotopalavra”, por Ricardo Hantzschel e Tatiana Altberg.

Exposições:

- “Sem texto”, Miguel Rio Branco na Galeria Zoom.
- “Sunsets portraits + TVs from Graigslist”, Penelope Umbrico na Tenda da

Matriz.

- “4.0 depoimentos visuais”, Eduardo Muylaert+ Garapa + Betina Samaia + Helô Mello + Marian Starosta no Teatro Espaço.
- “As cores violetas”, Fernanda Oliveira na Capelinha.
- “Coisas vazias”, Fernando Schmitt no Mercadinho do Cais.
- “Escultura do inconsciente” Tatewaki Nio no Traço Atelier.
- “Giganto”, Raquel Brust nos Tapumes do Centro Histórico.
- “Born Nowhere”, Lais Ponte na Galeria do IPHAN.
- “Somewhere Alexanderplatz”, Dirceu Maués na Casa da Pólvora.
- “Idosos”, jovens do ITAE na Casa da Cultura.
- “Movimento coletivo”, Trecho 2.8 na Casa do Festeiro.
- “Meio ambiente na minha comunidade - DEA”, alunos do Departamento de Educação Ambiental na Secretaria de Cultura de Paraty.
- “Symbiosis”, Roberta Carvalho na Praça da Matriz.
- “Just another photograph”, Sara Gerats na Praça da Bandeira.
- “Waving Ocean + Youtube on the floor + Poser”, Constant Dullaart na Rua da Cadeia.
- “Future Ongoing”, Filippo Minelli na esquina da Rua da Lapa com Rua Dona Geralda.
- “Document non contractuel”, Mathieu Tremblin na Rua do Comércio.
- “Back to the future”, Irina Werning na Rua da Praia.
- “Roulette Scapes – uma cidade virtual projetada”, Coletivo IZP na Rua do Comércio.
- Exposição das Obras do Leilão, na Casa da Cultura.

Figura 133: Catálogo do 7º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Tamanho 12 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

5.8 - 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (26 a 30 setembro de 2012)

O tema do oitavo Paraty em Foco foi “A arte da fotografia como documento”. Como nas edições anteriores foi dada certa ênfase às relações da fotografia com a arte e sua inserção no mercado, este ano, segundo o catálogo, “o Festival reposiciona a discussão, voltando-se ao caráter documental da fotografia”. E pergunta:

Em meio aos simulacros e às imagens verdadeiras, surgem as perguntas: qual iconografia se tornará referência no futuro? Quais imagens ajudarão as próximas gerações a compreender nossa complexa e eclética história? Quais protocolos definirão o valor documental de uma imagem e seus diferentes contextos? (CATÁLOGO 8º PEF, set. 2012).

Com esse norte, a intenção foi apresentar fotógrafos que tivessem algo de documental nas suas práticas. As principais atrações internacionais foram Marcos López (Argentina), Peter Funch (Dinamarca) e Martin Parr (Inglaterra). Os brasileiros Cristiano Mascaro, Renan Cepeda e Tiago Santana também mostraram suas fotografias e Maurício Lima, que viria para participar da mesa “Fotografe Melhor” destacando o fotojornalismo, cancelou sua

participação, pois não conseguiu sair de uma zona de conflito em Cabul, no Afeganistão. Em seu lugar, foi entrevistado Edu Simões que mostrou um trabalho sobre a Amazônia que tinha acabado de lançar em livro.

Nesta edição, o catalão Claudi Carreras foi convidado para ser o curador das exposições e a parceria entre ele e Iatã se solidificou ainda mais. Desde 2005, época em que Claudi chegou ao Brasil, já haviam trabalhado juntos em projetos como a organização do Fórum Latino-Americano de Fotografia (o primeiro, em 2007) e dos Encontros de Coletivos Ibero-Americanos (o primeiro, em 2008).⁶⁶ Nesse ano, Claudi entrou como sócio de Iatã no Estúdio Madalena e selaram também uma parceria comercial.

A produtora Mariza Cermelli, que é paratiense, conta que os moradores da cidade se deram conta da existência de um festival de fotografia somente nesta oitava edição pois o curador Claudi colocou as exposições nas ruas de forma mais radical.

No oitavo Paraty é que o festival tomou as ruas, quando a gente começou a colocar os cubos nas ruas. Quando terminou o festival a gente começou receber retorno da população que pedia para que os cubos ficassem mais tempo. Gostavam também dos triângulos de Martin Parr na Praia do Pontal e as fotografias dos moradores feitas pelo Coletivo Nitro afixadas nos barquinhos dos pescadores. (CERMELLI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Na sexta e sétima edição do Paraty em Foco já havia um desejo para que expografia fosse mais arrojada, que ocupasse as ruas. No Brasil, o hábito de explorar e ocupar espaços urbanos ainda era incipiente e Claudi Carreras conta como tudo foi pensado:

Eu já estava trabalhando um projeto em Madrid onde a ideia era gerar exposições com os grupos de trabalho convocados e o resultado dessas exposições era colocado nas ruas de Madri. A gente utilizava lambe-lambe, e estávamos fazendo umas estruturas pra colocar imagem na rua. Naquela época, antes de eu vir para o Brasil eu já estava muito preocupado com a instalação, com a fotografia da instalação na rua para gerar um diálogo com a comunidade, ou seja, queria sair fora da galeria, do espaço fechado onde só vão as pessoas que estavam envolvidas nessa cultura frequentavam. Eu achava que tinha que sair para fora e compartilhar com as pessoas. Paraty era um dos lugares maravilhosos para fazer isso porque o próprio cenário, a natureza, a cidade dá pra gerar uma bela intervenção. E dentro do festival eu achei que os espaços eram sempre muito complicados, era muito caro alugar espaços. A gente tinha problema com o Iphan também, e cada vez o Paraty foi ficando mais caro. Pensei por que não fazer uma coisa realmente que utilize a rua, que o festival seja para as pessoas da cidade também, que o festival seja abrangente para todo mundo que chega, mas tem uma presença física na cidade? Antes o convidado tinha que entrar numa exposição e com os cubos e umas imagens grandonas nas paredes, e também com as

⁶⁶ O primeiro E.CO – Encontro de Coletivos Fotográficos Ibero-Americanos aconteceu em 2008, na Galeria Olido, São Paulo. Ver site do E.CO. Disponível em: <<http://www.garapa.org/coletivos/sobre>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

projeções, começávamos a fazer também um trabalho com a imagem, não só com a fotografia de parede. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O curador conta que o Festival Paraty em Foco foi para ele, em certo sentido, um laboratório no quesito expografia. Em Madri, ele já havia feito algumas experiências com instalações menores iluminadas por dentro. Mas foi aqui no Brasil, em parceria com a gráfica Fotosfera, que ele foi desenvolvendo os triângulos e cubos iluminados por dentro com as fotografias impressas em lona *backlight* (Figura 134). Com a ajuda do arquiteto argentino, Martin Mastronardi, juntos, desenhavam os protótipos e cuidavam bem para que não houvesse problemas com a parte elétrica, com as questões de segurança pois os cubos e triângulos estavam nas ruas sob chuva e sol e o público podia tocar neles.

Figura 134: Os cubos iluminados tomaram conta do centro histórico, iluminados a noite e apagados de dia. Da esquerda para a direita, cubos com fotografias de Cristiano Mascaro, Luciano Candisani, Marcos López e Renan Cepeda. **Fonte:** Fotos Pangeia de Dois e Carol Moraes/ Acervo PEF.

Figura 135: Imagens de Marcos López expostas na parede lateral da Tenda da Matriz. **Fonte:** Foto Carol de Moraes/ Acervo PEF.

Nessa edição do festival, a parte lateral e de fora da Tenda da Matriz começou a ser usada para exposição de fotografias (Figura 135). Ensaio de Marcos López inaugurou em tamanho gigante: fotos impressas em lonas faziam as vezes das “paredes” que serviam de separação entre a rua e o público que assistia as entrevistas. Os barcos da cidade também ganharam fotografias dos moradores de Paraty (Figura 136). A iniciativa foi dos coletivos mineiros Nitro Imagens + Alicate, que propuseram uma inusitada “barqueata” no último dia do festival. No domingo, os visitantes foram desafiados a passear nos barcos que tinham fotografias afixadas e não podiam portar máquinas fotográficas ou celulares, apenas apreciarem a natureza, o mar e as ilhas, assim, fizeram uma reflexão em torno da fotografia num bate-papo durante o percurso.

Figura 136: Coletivos Nitro + Alicate afixaram fotografias de moradores de Paraty nos barcos. **Fonte:** Carol Moraes/Acervo PEF.

Além dessas ocupações com fotografias pela cidade, Claudi queria dois *containers* (Figura 137), um para abrigar as fotografias de Ana Maria Mariz, “O que Paulo Reis me ensinou” e o outro para o projeto “Uma casa portuguesa com certeza”.

Ana Maria tinha dois grandes painéis com imagens agrupadas simetricamente em uma alusão aos azulejos portugueses. Ao recortar cenas com algumas fotografias mais nítidas que as outras, a artista criou um deslocamento visual ao fazer uma só imagem num grande mosaico. Um dos *containers* abrigou a sua exposição.

O outro *container* serviu de espaço para a impressão de mais de 500 fotografias, uma estação digital fotográfica com computador e impressoras das fotografias dos participantes que marcaram suas imagens com a *hashtag* #umacasaportuguesacomcerteza no Instagram. O pequeno espaço ficava repleto com o público do festival.

Além do *container* na praça, Claudi conta que também imprimiram fotografias e colaram nas mesas dos barzinhos do centro histórico e que, num dado momento o fotógrafo Luiz Garrido não gostou e pediu que as suas fotografias fossem retiradas.

Quando ele viu uma foto do Niemeyer colocada numa mesa, começou a rasgar apavorado, falou: “o que vocês estão fazendo? colocando o Niemeyer na água?”, ficou indignado. Tivemos que tirar todas as fotos do Garrido das mesas. Ele ficou absolutamente incomodado. Se sentiu ofendido como artista e falou que a gente estava produzindo as imagens em um plástico, que aquilo não tinha nenhum sentido e que estávamos desvalorizando a obra dele e a figura do Niemeyer, como uma ofensa. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

O QUE PAULO REIS
ME ENSINOU
DE ANA LÚCIA MARIZ
CONTAINER NO
ESTACIONAMENTO
DO ITAE
DE 26 A 30 DE SETEMBRO

O trabalho é constituído por dois painéis com imagens agrupadas simetricamente, em uma alusão aos azulejos portugueses. A exposição da fotógrafa Ana Lúcia Mariz dá continuidade ao seu trabalho Paisagens Azuis, produzido no Museu Nacional do Azulejo, em Portugal. Com uma influência barroca, a autora recorta cenas e constitui

uma nova imagem. Algumas fotos, mais nítidas que as outras, criam um deslocamento visual e propõem a discussão da memória, parte da pesquisa imagética da autora. O título do trabalho é um tributo ao curador Paulo Reis, morto em 2011. O trabalho marcou o lançamento do projeto Uma Casa Portuguesa com Certeza.

Figura 137: Dois containers ficaram na praça, um abrigando a exposição de Ana Lucia Mariz e o outro o projeto “Uma Casa Portuguesa com Certeza”. **Fonte:** reprodução Catálogo 8 ° PEF (2012, p.47 e 49).

Entrevistas

Marcos López

O fotógrafo argentino Marcos López apresentou suas fotografias que, acima de tudo, são comentários irônicos e críticos sobre a sociedade portenha e latino-americana em que ele cria uma estética *kitsch* muito particular, com cores fortes e vibrantes. Mostrou as séries “Pop Latino” (Figura 139) e “Sub-realismo Criollo” (Figura 138) com ensaios visuais espirituosos e caricaturais da cultura pop de fala hispânica como, por exemplo, lutadores mexicanos e churrasqueiros patagônicos.

Apesar de passar a maior parte do tempo viajando pelos países da América Latina, o fotógrafo argentino Marcos López não consegue avançar muito numa conversa em torno de seus pontos turísticos. Mas pergunte sobre um alfaiate à moda antiga em La Paz, na Bolívia. Ou uma boa lanchonete típica de bairro em Córdoba, na Argentina, dessas que preservam as toalhas de plástico e os bancos coloridos. Ele conhece. Conhece também os mais interessantes hotéis e salões provincianos, de decoração barata e tão genuinamente identificados com a cultura da região. López sabe garimpar tipos comuns e ao mesmo tempo exóticos entre camareiras, cabelereiros e camelôs. Retratando personagens de um jeito teatral em meio a cenários bastante *kitsch*, o artista consagrou-se por captar o que há de melancólico numa América mestiça marcada pela decadência de sua burguesia e pelo ressentimento da gente de feições indígenas. (LAMAS, Revista Bravo, set. 2012).

Figura 138: Fotografia de Marcos López, “Il piccolo vapore”, 2007, série Sub Realismo Criollo. **Fonte:** site do artista.

Nos anos 1970, o fotógrafo dedicou-se à fotografia clássica, ancorada em retratos preto e branco, seguindo uma tendência da época, como mostra seu primeiro livro autoral, “Retratos”, editado em 1993. No início, usava câmeras 6 x 6 para fazer seus retratos pretos e branco e não os via como arte e sim ofício. Com o tempo, Marcos López subverteu seu próprio processo criativo, cansou do laboratório e do preto e branco e então começou a pintar seus retratos a mão e imbuído de “um pé no cinema e um pé no teatral, começou criar crônicas sociopolíticas que em parte é documentarista e em parte é ficcional. “Escrevi um manifesto, Manifesto de Caracas, surrealista, como se declamasse e afirmasse minha latino-americanidade. Era a ironia como forma de proteção do coração, para não sofrer”, disse em entrevista no Fórum Latino-Americano.⁶⁷ Era uma época em que a Argentina estava em crise, muito pobre durante o governo Menem, quando começou a fazer o pop latino, construindo historietas cômicas. Havia uma “alegria *yuppie* onde um peso valia um dólar” e ele queria abordar esse comportamento de forma satírica. López já tinha estudado cinema, mas não sabia ainda o que iria fazer. Suas fotos não tinham valor como objeto de arte, ficavam em sua casa e, hoje, declara que seu sustento vem do mercado de arte e que isso é um problema. “Quando vem o dinheiro aparecem os problemas, até onde ir com o gesto poético? Galerista querem se impor...”, disse em entrevista ao Fórum.

Ele explica ao jornalista da *Folha de S. Paulo*, Silas Martí, que sua fotografia era de baixo custo: ele usava como modelo pessoas comuns e amigos e seus cenários eram amarrados com arames e colas. Na entrevista do Fórum Latino-Americano, López conta que, hoje em dia, não opera mais a câmera, chama assistentes para operá-la e fazer a luz; que perdeu a inocência e sofisticou muito a preparação de suas fotos com muitas vestimentas, modelos e desenhos preparatórios feitos por ele mesmo. O artista aponta as influências para essa sua estética e seu modo crítico de ver América globalizada e exagerada:

É um barroco psicodélico latino-americano, mistura de cabarés de Iquitos, no Peru, com influências dramáticas de Glauber Rocha, um pouco da melancolia do tango, Diego Rivera e a arte pop de Andy Warhol traduzida a uma espécie de carnaval latino – um grande teatro! (LÓPEZ, entrevista à Silas Martí, *Folha de S. Paulo*, 29 set. 2012).

⁶⁷ Entrevista concedida no 1º Fórum Latino-Americano de Fotografia de São Paulo, no Itaú Cultural, em São Paulo, para a jornalista Simonetta Persichetti, o pesquisador Ricardo Mendes e o curador espanhol Alejandro Castellote, em junho de 2007. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/forum-latino-americano-de-fotografia-de-sao-paulo-entrevista-marcos-lopes>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 139: Fotografias de Marcos López da série Pop Latino. Acima, “La Terrazza” e abaixo “Suíte Bolivariana”, 2009. Buenos Aires. **Fonte:** site do artista.

López disse na entrevista ao Fórum que quando visita alguma feira de fotografia se sente entediado, que detesta 90 % do que encontra. Pensa que precisa reinventar seu discurso fotográfico para ficar nos 10% do que considera interessante. Essa postura, contribuiu para que em julho de 2012, dois meses antes de sua vinda para o Festival Paraty em Foco, a Revista Serafina, publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, convidasse e contratasse Marcos López para realizar uma “fotonovela inspirada nos melhores *looks* criados por estilistas brasileiros para o próximo verão”. A fotonovela levou o nome de “Hoje eu tô solteira” e para os papéis principais foram chamadas para serem modelos de López a atriz Rosanne Mulholland, a apresentadora Jana Rosa e a *performer* transexual Bianca Soares. A fotonovela faz um chamado para as roupas da nova estação e o enredo mistura histórias como “Sex in the city”, “Vida de Empreguete” e novelas mexicanas. O texto de abertura diz que Marcos López dirigiu as cenas, além de fotografar. À revista, López declarou:

Diria que minhas inspirações são o muralismo mexicano de Diego Rivera, a ironia repetitiva de Andy Warhol, o realismo fantástico de Gabriel Garcia Marquez, a teatralização de Glauber Rocha e talvez um pouco de Pedro Almodóvar, já que nós dois fomos coroinhas quando pequenos... (LÓPEZ, entrevista à Ivan Finotti da Revista Serafina, ago. 2012).

Iatã lembra que o “*workshop* de Marcos López foi um arraso (Figura 140). A fotógrafa Luisa Döör era a produtora e assistente do *workshop*. Ele a usou como modelo e como

produtora, tudo que ele pedia na cidade, ela arrumava, até burrinho! Andava de burro pela cidade fotografando”.

Figura 140: Workshop ministrado por Marcos López. **Fonte:** Fotos Carol Moraes/Acervo PEF.

Martin Parr

Outro aclamado convidado internacional foi o fotógrafo da Agência Magnum, Martin Parr, entrevistado pelo jornalista Cassiano Elek Machado e para quem o festival dedicou uma especial exposição de suas fotografias sacadas em diferentes praias do Brasil, Uruguai, Argentina e Chile: no Pontal da Praia, poucos minutos do centro histórico de Paraty, 14 imagens foram impressas e instaladas em painéis triangulares que, à noite, eram iluminados por dentro (Figura 142). Na abertura do site do artista,⁶⁸ há uma apresentação escrita por Thomaz Weski o qual caracteriza o sentido irônico das escolhas e dos motivos estranhos, com cores aberrantes que, em um primeiro olhar, parecem fotografias bizarras e caricatas (Figura 141). Ele diz que os temas procurados por Parr, por todos os cantos do mundo, são sempre em torno do lazer, consumo e da comunicação. “Part of his unusual strategy is to present and publish the same photos in the context of art photography, in exhibitions and in art books, as well as in the related fields of advertising and journalism. In this way, he transcends the traditional separation of the different types of photography”, diz Weski. O jornal *O Globo* também comenta a configuração adotada por Parr:

⁶⁸ O site do artista também apresenta todos os fotolivros publicados com suas imagens desde o primeiro, “Bad Weather”, em 1982. Disponível em: <<https://www.martinparr.com>>. Acesso em: 11 maio 2019.

Dotadas de uma estética muito particular, as fotografias de Parr fazem com que clubes, praias e praças pareçam anúncios de revista: a luz é saturada – conseguida com a ajuda do filme Fuji 400 Superior – e a composição, pensada. A diferença é que, no lugar de esbeltos modelos, a Nikon 60mm de Parr documenta com acidez a população como ela é, em seu lado mais prosaico, grotesco e cafona de ser.

– A linguagem publicitária que uso como referência tem um apelo muito grande – explica Parr. – Quero que minhas fotos sejam entretenimento também. Elas são críticas, claro, mas é importante que sejam divertidas para se ter um público. Há camadas de leitura nas minhas fotos. Eu não enfio a mensagem goela abaixo de ninguém. (WREDE, *O Globo*, 12 abr. 2012).

Figura 141: Fotografia do portfólio de Martin Parr na Agência Magnum. **Fonte:** Magnum.

Convidado em 2010 para participar do Festival Paraty em Foco, Martin Parr respondeu que só teria agenda livre para dois anos depois. Cumpriu a promessa e veio dois anos depois para o 8º PEF. Comentando sobre o sucesso da palestra e do *workshop* lotado de Martin Parr, Iatã afirma que “Martin Parr é o objeto do desejo de todo fotógrafo brasileiro”.

Figura 142: Triângulos com imagens de Martin Parr na Praia do Pontal, de dia e à noite. **Fonte:** site do artista e foto de Pangeia de Dois/Acervo PEF.

Peter Funch

Diante da temática do festival “a arte da fotografia como documento”, Peter Funch desenvolveu um trabalho bastante condizente. Por meio de muitas fotografias, ele quebra paradigmas montando-as em camadas do *Photoshop* e cria uma imagem que parece uma só fotografia e tem jeito de ser uma fotografia documental. Segundo o próprio artista, “Fotografia não é mais uma imagem, quero uma fotografia que não tenha uma linha do tempo, um panorama quase cinematográfico”. (FUNCH, entrevista à Silas Martí, *Folha de S. Paulo*, 13 jul. 2012).

Claudia Jaguaribe foi quem entrevistou Peter Funch e lembra que explorou na entrevista justamente o seu processo criativo:

O interessante desse tipo de trabalho é exatamente quando não se cai numa fórmula. Ele tem uma estrutura de trabalho, um processo de trabalho muito claro, mas não é uma fórmula mágica e nem quer ficar repetindo. Ele tem uma consistência e o interessante desse trabalho é trazer, digamos, uma prosaica de fotografia, *street photograph*, que é uma coisa clássica da fotografia e, ao mesmo tempo, ele introduz a questão da tomada, da repetição, da fragmentação da noção de tempo no mundo contemporâneo. Ele era um cara mais quieto, mais difícil de você entrevistar e o papel do entrevistador é fazer com que ele conte a dimensão, a grande dificuldade que é produzir uma obra desse tipo. Porque o cara vai “N” vezes no mesmo lugar, tem que ter uma condição de luz semelhante, ele tem que ter ângulo parecido, enfim, ele também tem que desenvolver toda uma metodologia, todo um processo de abordagem, mas sem que aquilo vire uma trava ou uma camisa de força... (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 143: Fotografia da série Babel Tales, de Peter Funch. **Fonte:** Acervo PEF.

A perspectiva da imagem está na altura do chão; se exerga na parte de baixo as pernas, no meio os vários envelopes amarelos dividem os dois planos e acima os transeuntes que se movimentam para frente, lado e apenas um para trás. As sombras indicam um horário demarcado: início da manhã ou final da tarde e isso reporta a crença de um instantâneo fotográfico. “Ele coloca a câmera fixa num lugar, as pessoas vão passando e ele vai fotografando. De muitas imagens, ele compõe uma só. Peter é um desses artistas que cria um documento. Tudo aconteceu lá, mas ele fez uma montagem” (Figura 143), disse Claudi.

Sentado em um banquinho nas esquinas nova-iorquinas, Peter captava mais de 15 mil fotos. Daí garimpava os pontos em comum, os gestos, as características das pessoas e montava na mesma luz e foto sua realidade *fake*. É como se contasse numa fotografia um filme de uma manhã inteira na Times Square, por exemplo, onde turistas do mundo todo fotografam alucinadamente aquela esquina, todos em diferentes poses como num mesmo momento.” (ZARATTINI, *O Estado de S. Paulo*, 3 out. 2012).

Uma das suas fotografias, afixada na parede da Casa de Cultura, mostrava várias pessoas fotografando um ponto turístico. Esta imagem atraiu muitos visitantes do festival que por ali faziam seus *selfies*. “Nós colocamos a fotografia na parede, o que deu certa confusão com o Iphan, mas no caso dessa foi incrível, criamos cenários onde as pessoas se fotografavam ...” (Figura 144), disse Claudi.

Figura 144: Visitantes do festival posam para fotos em frente a fotografia “Memory lane”, de Peter Funch, afixadas nas paredes da Casa da Cultura. **Fonte:** Catálogo 8º PEF (2012, p.43).

Semanas antes de desembarcar em Paraty para vir ao festival, Peter Funch conversou com O GLOBO em um café que costuma frequentar, no Lower East Side, vizinho ao seu estúdio e descreveu seu processo criativo dizendo não se importar com o debate em torno do objetivo e subjetivo e sim a relação com o tempo:

Por que é tão importante, como premissa, não alterar o espaço físico? Primeiro, não quero ter muito trabalho com o aspecto técnico (risos). Mas também há a questão da foto como documento, e nesse aspecto faz diferença que apenas o tempo tenha sido manipulado. Simplifico dizendo que o trabalho é documental na captura e ficcional na edição. (FUNCH, entrevista à Rony Maltz, *O Globo*, 16 set. 2012).

Tenda da Matriz e Projeções Noturnas

Na entrada da tenda havia uma fotografia de uma enorme árvore, na qual os visitantes colavam sua fotografia do documento de identidade, RG (Registro Geral), ou seu autorretrato tirado na hora. O projeto era de Marcelo Naddeo e Renata Bueno que in loco fotografavam os visitantes e já imprimiam para que as imagens fossem por eles afixadas na copa da árvore.

A tenda continuou com a intensa programação diurna e noturna iniciada no festival anterior. As transmissões das entrevistas eram realizadas durante o dia, até às 20h30min e, à noite, havia intensa programação de projeções de fotos e vídeos dos fotógrafos mais “consagrados” como Pedro Martinelli, Gal Oppido e Marcos López, assim como dos novos talentos resultados da convocatória e dos coletivos Garapa, Galeria Experiência, e Nitro Imagens até as 23h.

As projeções noturnas também ocuparam as fachadas do centro histórico, barcos, vitrais e até pedras do chão. O Coletivo Nitro + Alicate montou uma tela de projeção em cima de um dos barcos de pesca e de passeios nas margens do Rio Perequê Açu, o qual transformou-se em cinema ao ar livre, transmitindo o projeto de “Moradores”, além de outros:

Fundado há dez anos em Belo Horizonte, o coletivo Nitro mostra trabalhos que usam o vídeo de diferentes formas. “Spia” brinca com a fusão entre fotografia e movimento ao exibir em cubos de vidro espalhados pelas ruas imagens a princípio comuns, mas que surpreendem o espectador. Uma flor surge paralisada quando, de repente, uma onda passa por cima e a leva embora. Um pescador está em ação, num barco, até que a imagem se congela, como numa fotografia. Ou, ainda, um fotógrafo aparece numa cena estática até que some, revelando tratar-se de um vídeo.

— É uma crítica a essa massificação da foto. Para a gente, é fotografia de qualquer forma, esteja a imagem parada ou em movimento — diz Bruno Magalhães, um dos integrantes do Nitro. (WREDE, *O Globo*, 29 set. 2012).

Outro coletivo de São Paulo, o Estúdio Luzia, formado por Paulo Pereira, Otávio Almeida, Pedro Matallo e Cintia Sanchez, teve uma ideia inusitada. Instalaram uma câmera pequenina, na sala de uma família paratiense, e registraram a movimentação durante um dia inteiro. O vídeo foi projetado na fachada da própria casa, como se a parede fosse invisível e se pudesse observar o interior da sala, causando um resultado bem curioso. O ensaio chamou “Luz de Dentro”.

Por toda a cidade, projeções de fotografias ou de vídeos, ou mesmo a combinações dos dois, foram vistas: “O varal do meu vizinho”, da carioca Aline Motta; “Destraços” com 2 mil imagens de Heber Bezerra feitas em Ouro Preto/MG; e “Correspondências Visuais”, do

coletivo Garapa; projeções múltiplas de imagens feitas durante um passeio de barco por Ilha Bela/SP; dois projetores acionados ao mesmo tempo, entre outras.

Leilão de Fotografias

No anterior, de 2011, um leiloeiro oficial do Rio de Janeiro tentou embargar o evento pois, pela lei, todo leilão deve ser conduzido por um leiloeiro oficial. No oitavo Paraty em Foco, Isabel Amado conta que resolveram contratar tudo oficialmente para não ter mais confusão e as 50 fotografias dos 48 fotógrafos⁶⁹ (Figura 145) participantes puderam ser arrematadas.

Já tínhamos feito alguns leilões com um certo sucesso, a gente estava muito bem. Em 2011, um sujeito carioca, da associação dos fotógrafos do Rio de Janeiro, resolveu simplesmente embargar o leilão, porque nosso leilão acontecia tudo no paralelo, não tinha nota fiscal, não tinha leiloeiro oficial, era uma coisa informal. Ele chegou e disse: “se eu não for leiloeiro oficial não vai ter leilão pois vocês não têm um leiloeiro oficial...”

Então, como prevenção, em 2012, entrei em contato com a Vivian Peres, que é a leiloeira da Bolsa de Artes e a convidei para ser a leiloeira oficial. E fiz um catálogo do leilão, igualzinho o catálogo da Bolsa de Artes para um leilão oficial. Uma hora antes do leilão, ela me liga dizendo: “olha, eu não poderei ir” e não foi. Mas acabou que o leilão aconteceu comigo e Iatã no palco...o cara do Rio não apareceu e o leilão ocorreu normalmente... A foto mais barata foi arrematada por 900 e a mais cara 11.600 reais, do modernista Ademar Maranini, vendido para um galerista, inclusive. (AMADO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Catálogo do Leilão de fotografias:

Ver *pdf* do catálogo do leilão no site do 8º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2012>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

⁶⁹ Participaram deste leilão: Ademar Manarini, Alessandro Gruetzmacher, Ana Quintella, Ana Stewart, André Andrade, André Hauck, Armando Prado, Arthur Omar, Bob Wolfenson, Bruno Magalhães, Bruno Veiga, Carlos Moreira, Cássio Vasconcellos, Claudia Jaguaribe, Claudio Edinger, Cristiano Mascaro, Denise Adams, Dimitri Lee, Edu Simões, Eduardo Muylaert, Eduardo Villares, Fausto Chermont, Flavio Samelo, Gilvan Barreto, João Castilho, José Diniz, José Yalenti, Juan Esteves, Julio Bittencourt, Juvenal Pereira, Luciano Candisani, Lucio Adeodato, Marcelo Buainain, Marcelo Lerner, Marcio Rodrigues, Marlene Bergamo, Martin Parr, Numo Rama, Pedro David, Peter Scheier, Renan Cepeda, Rodrigo Zeferino, Rogério Medeiros, Sheila Oliveira, Silvano Martins, Tatewaki Nio, Tiago Santana e Zé Paiva.

Figura 145: Imagens da exposição das obras do leilão. **Fonte:** Acervo Bel Amado.

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 146: Catálogo do 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Tema: A arte da fotografia como documento

Abertura: Direção do Festival.

Encontros e Entrevistas:

- “Terra Project” – coletivo Nitro Imagens entrevistou Pietro Paolini e Michele Borzoni.
- “Fotografia em diálogos: literatura, cinema e arte” – Agnaldo Farias, Thyago Nogueira e Jorge Bodanzky.
- “Fin del Mundo” – Claudi Carreras entrevistou o chileno Rodrigo Gómez Rovira.
- “Sob o sol do Equador” – Geórgia Quintas entrevistou Tiago Santana.
- “Babel Tales” – Claudia Jaguaribe entrevistou o dinamarquês Peter Funch.
- “Instituto Moreira Salles: a fotografia como documento” – Henrique Siqueira, Sergio Burgi e Joaquim Marçal conversaram sobre o tema.
- “World Press Photo” – Eduardo Muylaert entrevistou Michel Munneke.
- “Fogo Cruzado – Evento Fotografe Melhor” – Sergio Branco e Juan Esteves entrevistaram Edu Simões.
- “Colecionador de Imagens” – Cassiano Elek Machado entrevistou Martin

Parr.

- “Pop Latino” – Alexandre Belém entrevistou o argentino Marcos López.
- “Futebol: a paixão do Brasil” – Rubens Fernandes Junior entrevistou Eduardo e Fernando Bueno.
- “Cronista das cidades” – Cassiano Elek Machado entrevistou Cristiano Mascaro.

Workshops:

- “A edição fotográfica como estratégia”, por Alexandre Belém.
- “Bob Wolfenson”, por Bob Wolfenson.
- “Desvendando os suportes fine art”, por Caio Oliveira.
- “História e estórias dos fotolivros”, por Cassiano Elek Machado.
- “Projetos culturais contemporâneos e novos formatos expositivos”, por Claudi Carreras.
- “O livro e o trabalho autoral na fotografia”, por Claudio Edinger.
- “Imersão em fotolivro – *photoshop, lighthroom 4* e o *módulo book*”, por Clício Barroso.
- “A fotografia e a cidade”, por Cristiano Mascaro.
- “Retrato em movimento: a conquista da intimidade”, por Galeria Experiência.
- “Imersão analógica”, por Ricardo Hantzschel.
- “Retrato lambe-lambe”, por Ricardo Hantzschel.
- “Construção de realidades”, por José Fajocka.
- “Experiência National Geographic”, por Luciano Candisani.
- “Sempre retrato”, por Luis Garrido.
- “24 horas com Marcos López”, por Marcos López.
- “Caminho velho do ouro”, por Marcos Santilli.
- “Um dia com Martin Parr”, por Martin Parr.
- “A fotografia como meio de transformação social”, por Maurício Lima.
- “Babel Tales”, por Peter Funch.
- “Ligth painting”, por Renan Cepeda.
- “Arquivo de Família/Álbum de Família”, por Rodrigo Gómez Rovira.
- “Projeto coletivo: a construção da narrativa”, por TerraProject.
- “Territórios e encontros”, por Tiago Santana.

Exposições:

- “Flieg: fotógrafo”, Hans Gunter Flieg na Galeria Zoom.
- “Praias”, Martin Parr na Praia do Pontal.
- “Triptychs + Other”, Peter Funch nos muros da Casa da Cultura.
- “Pop Latino”, Marcos López na Tenda da Matriz.
- “Cubos”, vários fotógrafos pelas ruas do centro histórico: Luciano Candisani, Renan Cepeda, Rodrigo Gómez Rovira, Marcos López, Luiz Garrido, Cristiano Mascaro e TerraProject.
- “João Miranda, um fotógrafo paratiense”, no Sesc Paraty.
- “Buscadores”, Calé no Pátio da Casa da Cultura.
- “O que Paulo Reis me ensinou”, Ana Lucia Mariz no container no estacionamento do ITAE.
- “Véus”, Thales Leite no IPHAN.

- “Moradores”, Coletivos Nitro + Alicate, nos barcos às margens do Rio Perequê-Açu.
- “Uma casa portuguesa com certeza”, no container no estacionamento do ITAE.
- “Árvore RG + Deixe seu retrato”, Renata Bueno e Marcelo Naddeo na Tenda da Matriz.
- “Exposição das obras do Leilão”, na Casa da Cultura.
- “Ocupação do Espaço”, Jovens do ITAE no auditório da Casa da Cultura.

Figura 146: Catálogo do 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

5.9 - 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (18 a 22 de setembro de 2013)

A nona edição do festival trouxe convidados internacionais de peso: a mexicana Lourdes Grobet, a espanhola Cristina de Middel, o chinês Li Zhensheng, o espanhol Pep Bonet e o norte-americano Stephen Ferry. Li Zhensheng foi chamado para substituir a convidada Nan Goldin, também norte-americana, que cancelou sua vinda para o Brasil um mês antes do festival. A reportagem de Luciana Norbiato, no site da Revista Select, anunciou:

Não será dessa vez que o público brasileiro será anfitrião da fotógrafa Nan Goldin. A polêmica artista norte-americana, conhecida por suas imagens chocantes de mulheres agredidas, cancelou sua vinda para o 9º Paraty em Foco, que será realizado entre 18 e 22 de setembro.

É a segunda vez que a artista desconfirma presença por aqui, já que no início do ano passado também não veio à abertura de sua exposição, originalmente prevista para acontecer no Oi Futuro. A instituição vetou a mostra pelo forte teor erótico e agressivo das imagens, retratando inclusive crianças, e a curadora, Lígia Canongia, conseguiu transferi-la para o MAM Rio. A série mais atual de Goldin, Scopophilia, ainda está pautada para ser exibida durante o Festival Internacional de Fotografia.

A organização do evento não divulgou o motivo da desistência, mas anunciou o chinês Li Zhensheng como novidade na programação. Seu trabalho tem forte cunho político: escondeu da censura, por anos, no piso de sua casa, os registros da revolução cultural chinesa nos anos 1960. (NORBIATO, Revista Select, 21 ago. 2013).

A produtora Talita Virgínia também conta como tudo aconteceu:

Na ocasião a Nan Goldin desistiu de vir. Ela não explicou com detalhes as razões, apenas avisou que não poderia mais vir mesmo depois de ter confirmado a participação. Quando nos avisou isso, ela fez uma contraproposta, que seria mandar um dos artistas que fez com ela o trabalho chamado Scopophilia, que era o trabalho que iríamos mostrar de maneira inédita no Brasil. O problema foi que os custos para trazê-lo eram iguais ou maiores do que ter a participação dela no festival. Avaliamos que o gasto seria o mesmo, mas o impacto no público, não. Então decidimos esperar uma outra oportunidade pra trazer não só o trabalho, mas ela também. Tentamos de novo em 2016, mas também não deu certo por questões de agenda. (VIRGÍNIA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A reponsabilidade pela programação para as mesas de Encontros e Entrevistas ficou neste ano para o jornalista Cassiano Elek Machado. Além dos nomes internacionais, o evento contou com jovens fotógrafos como Jessica Mangaba, Pangeia de Dois, Guilherme Peters, Gui Mohallem e Breno Rotatori, assim como, da consagrada Rosangela Rennó. É possível perceber uma nítida tendência para que os Encontros e Entrevistas migrassem do campo da fotografia para o cinema, literatura e artes visuais quando se vê mesas com o fotógrafo e cineasta Cesar Charlone, o escritor Bernardo Carvalho e o cineasta e artista plástico Cao Guimarães. Com essas decisões, compreende-se a intenção de identificar como a fotografia se infiltra nesses universos de criação que são pontuados pela ficção e realidade.

A responsabilidade pela curadoria das exposições continuou para o catalão Claudi Carreras que ocupou mais ainda os espaços urbanos do centro histórico de Paraty e também inovou os métodos para selecionar os artistas que chegavam ao festival por meio da convocatória. Segundo Iatã, “Claudi enfrentou Mecarelli para mudar a convocatória, mais uma briga...”.

Convocatória

Na nona edição do festival foram mudadas as categorias que compunham a convocatória para novos talentos. Até a oitava edição, a convocatória recebia ensaios fotográficos – e naquela edição receberam cerca de 200 ensaios que foram selecionados e apresentados na Projeção da Tenda da Matriz, no sábado à noite. A partir da nona, manteve-se a categoria “Portfólio em Foco” para ensaios de fotografias e uma nova categoria foi criada, a “Multimídia em Foco”, para trabalhos com vídeos e/ou híbridos que contemplassem a imagem em movimento. Nas duas categorias, cada vencedor recebeu 2 mil reais, uma novidade, pois nas edições anteriores não havia verba para premiação. Na categoria Portfólio em Foco, quem ganhou foi um sueco, Christian Aslund, com o ensaio sobre a Coreia do Norte, e na categoria Multimídia em Foco, um italiano, Stefano de Luigi, com um trabalho sobre a cegueira. Segundo o curador Claudi Carreras, outra novidade importante na organização da convocatória é que o festival buscou pessoas da área da fotografia espalhadas pelo mundo e que pudessem ser indicadores de novos talentos:

A ideia era internacionalizar ainda mais o Paraty. Encontrei um grupo de curadores que trabalhavam em vários lugares, – Frank Kalero, curador do festival Photoquai, do Museu Quai Branly, na França, o Coletivo Cia de Foto, aqui do Brasil, os fotógrafos organizadores do Photographic Museum of Humanity e eu como o curador das exposições – que indicava fotógrafos com trabalhos em destaque, além dos que recebíamos espontaneamente. Uma vez por semana, três meses antes do festival, indicavam uma pessoa.

Ou seja, no final tínhamos mais ou mesmo¹² indicados por curador. Eu queria muita qualidade na convocatória. Foi então que o Paraty em Foco bombou ainda mais no exterior. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

A produtora Talita Virgínia afirmou que ficou impressionada com a qualidade do trabalho vencedor no multimídia do italiano Stefano:

Ele fez um vídeo onde todas pessoas eram cegas, e num jogo de luz e sombra, e usando retratos dessas pessoas, ele quase que fazia você se sentir cego. Acho que por isso esse multimídia chamou tanto a atenção das pessoas, porque não era um multimídia que era só vídeo ou um *slide show* de fotografias, a gente recebia muitos desses tipos. Era quase uma “instalação em vídeo”. Isso só foi projetado, mas a sensação que dava era de uma tridimensionalidade, você se sentia meio cego mesmo. As pessoas nunca abriam os olhos e as imagens que se formavam atrás em luz e sombra, o abrir e fechar dos olhos, eu acho que isso criou um vídeo um pouco sinestésico. Eu acho que isso chamou a atenção das pessoas e dos jurados. (VIRGÍNIA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Expografia

Além dos cubos iluminados distribuídos pela cidade, principalmente usados na exposição da Cristina de Middel e os triângulos pela Praia do Pontal com os retratos de Jorge Fuembena (Figura 147), construiu-se um enorme cubo no estacionamento do ITAE, ao lado da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, chamado pelo festival de “O grande cubo ou Torre de Babel” (Figura 148). No site do Paraty em Foco há um vídeo da construção de tal estrutura.⁷⁰ No cubo, o visitante podia olhar as fotografias externas e passear por dentro do cubo subindo e descendo as escadas para apreciar as fotografias e os vídeos internos. Segundo Claudí, “o cubão foi criado pela primeira vez para expor os selecionados da convocatória, e também o vídeo de Lourdes Grobet que era o gigante de Bering⁷¹ tentando sair do cubo, foi incrível!”.

Figura 147: Triângulos na Praia do Pontal com retratos de Jorge Fuembena. **Fonte:** Acervo PEF.

⁷⁰ Ver vídeo com um minuto de duração, no qual se entende a construção e a arquitetura do grande cubo. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2013>>. Acesso em: 21 dez. 2018.

⁷¹ O “gigante” aparece no vídeo de Lourdes Grobet, “El nuevo hombre de Bering”. Disponível em: <<http://lourdesgrobet.com/hombre-bering>>. Acesso em: 22 maio 2019.

Figura 148: Vistas do grande cubo por fora e por dentro. **Fonte:** Acervo PEF.

Entrevistas

A primeira entrevista, na quarta-feira à noite, logo após a abertura, foi com a espanhola Cristina de Middel. Apresentou seu trabalho “The Afronauts” em forma de vídeo e livro (Figura 149) no qual ela recria a história real de um professor de ciências da Zâmbia que, em 1964, queria criar uma estação espacial. O país estava recém-independente da Inglaterra e

queria mostrar ao mundo como era forte e poderia chegar à lua ou até Marte. Cristina reencenou os processos de treinamento espacial e documentou tudo como se isso tivesse acontecido caso os africanos tivessem o êxito de conquistar o espaço.

Cristina foi fotojornalista por 10 anos e já estava cansada das pautas que tinha que cumprir como plantões em frente a delegacias esperando políticos e juízes corruptos serem presos ou coberturas de tragédias. Ela conta em entrevista ao portal *Vice* que largou o jornalismo porque

estava desapontada, me desencantei. Talvez eu seja muito apaixonada e percebi que, se é possível mudar o mundo com uma foto, isso não vai acontecer em um jornal. Isso será em outras plataformas. Eu não queria ser parte da imprensa do jeito que isso funciona hoje. Então, decidi tentar outras coisas, fazer as coisas de um jeito um pouco diferente. (MIDDEL, entrevista à Carlos Montero, 2015).

Lançou seu livro em 2001, com uma narrativa que mistura realidade e ficção. Segundo Rubens Fernandes, quando Cristina veio ao festival “ela estava absolutamente *pop* naquele momento, seu fotolivro tinha explodido,⁷² estava valendo uma fortuna. Além desse, ela mostrou também um livro vermelho, sobre a China, que estava na iminência de ser publicado”. O programa *Metrópolis*,⁷³ da TV Cultura, foi a Paraty para entrevistar Cristina sobre seu projeto *Os Afronautas*.

Figura 149: Imagens do livro “The Afronauts”, de Cristina de Middel. **Fonte:** site do projeto da artista.

⁷² Segundo o jornalista da *Folha de S. Paulo*, Daigo Oliva, o fotolivro de Cristina esgotou bem rápido. “Hoje, em lojas *on-line*, o valor de um exemplar novo pode chegar a US\$ 4 mil. Usado, o desconto joga o valor para US\$ 2200” (OLIVA, 2013).

⁷³ Ver entrevista em que a artista percorre suas fotografias expostas em Paraty nas formas de cubos luminosos, enquanto conta como realizou seu processo criativo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GZomSE1iy4A>>. Acesso em: 21 mar. 2019.

As fotografias de Middel ocuparam a praça em frente à Igreja de Santa Rita (Figura 150). Segundo a produtora Mariza Cermelli, essa era uma estratégia: “ocupamos vários espaços que não fosse só ali o miolo entre Casa da Cultura e Praça da Matriz: fomos para a praia, para o Largo Santa Rita, a gente foi ocupando as pontas da cidade com as exposições”. O visitante caminhava pelos cubos e pela história do seu livro.

Figura 150: Exposição The Afronauts, de Cristina de Middel, no Largo de Santa Rita. **Fonte:** Acervo PEF.

Lourdes Grobet

A mexicana Lourdes Grobet foi entrevistada pelo curador Claudi Carreras e apresentou seu trabalho “Lucha Libre” (Figura 151) sobre os lutadores mexicanos com retratos inusitados. Além desse farto material, a fotógrafa falou sobre seu último projeto a respeito do Estreito de Bering, que tinha tudo a ver com o tema do festival, “Extremos”.

Desde criança, Lourdes foi fascinada por luta livre e teve no lutador El Santo sua fonte de inspiração, pois ele brilhava nos ringues com sua máscara prateada. A máscara, um objeto simbólico da cultura mexicana, serve tanto para o anonimato, quanto para o ataque, uma arma para desconcertar e aterrorizar o adversário. Encantada com essa simbologia, Lourdes frequentou, por mais de 30 anos, ringues e casas de lutadores e produziu, talvez, o maior ensaio fotográfico documental do esporte.

As fotografias das lutadoras e lutadores apresentadas no festival fogem totalmente do lugar comum das fotografias que documentam o esporte nos ringues. De dentro de suas vidas privadas, realidade e ficção se embaralham: com cores fortes e quentes, os retratos das lutadoras mostram bem mais do que o momento de emoção do espetáculo da luta livre, tão difundido, pela mídia de massas. Elas ficaram expostas em tamanhos enormes na lona da parede lateral da Tenda da Matriz.

Figura 151: Retratos de lutadoras em suas residências, por Lourdes Grobet. **Fonte:** site da artista.

Mesmo com 68 anos de idade, a inquietude de Lourdes a empurrou para criar um novo projeto, “Bering: Equilibrio y Resistencia”. Ela queria saber o que se passava no local onde o ocidente e o oriente quase se tocam, por onde supostamente teria passado a civilização há milhares de anos, da Sibéria para o Alasca. Foi por meio da imagem em movimento, que Lourdes procurou refletir sobre o que simboliza Bering: a ruptura de fronteiras que viola a comunicação, a falência da “cultura ocidental” e os movimentos migratórios e de refugiados. Foi à luta e conseguiu parte do patrocínio para o documentário, completando o total do investimento com a venda de suas fotos. Antes de partir, contatou muitos pesquisadores e professores para preparar a viagem. Verificou que eles sabiam tudo sobre o Estreito de Bering, mas nenhum deles nunca havia posto os pés naquele lugar.

Oitenta quilômetros é a distância entre os EUA e a Rússia e uma linha imaginária os divide bem onde estão duas ilhas Diómedes, uma de cada país. Uma base militar impede que os moradores atravessem de uma ilha para outra, como faziam livremente seus ancestrais. A ilha maior é a russa e elas são separadas por apenas 3 quilômetros. Essa linha imaginária

divide a fronteira e tudo muda: as horas, o dia, os idiomas, os países, os continentes. O site da artista divulga todos seus vídeos e fotografias produzidos na região.⁷⁴

Stephen Ferry

Eduardo Muylaert lembra de entrevistar o fotógrafo norte-americano Stephen Ferry, que apresentou “um trabalho sobre a violência na Colômbia muito forte e impressionante”. Stephen Ferry editou, em 2012, o livro “Violentologia – un manual del conflicto colombiano” que é fruto de dez anos de trabalho de investigação sobre o complexo conflito armado existente no país, desde as guerras civis do século XIX (Figura 152). O fotógrafo conta que, em 1999, foi chamado para ministrar uma oficina na Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano (FNPI), criada por Gabriel Garcia Márquez, na cidade de Cartagena das Índias. Ficou impressionado ao ver no jornal *El Colombiano* fotografias feitas por Jesús Abad Colorado, no município de Machuca, na Antioquia, quando este povoado havia sido incendiado pelos Guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional (ELN). Ao dinamitarem um oleoduto perto do povoado, as chamas se espalharam e mataram 84 pessoas. A tragédia instigou o fotógrafo a realizar uma pesquisa que resultou em livro, que não é um fotolivro, e sim uma pesquisa histórica com textos e fotografias de sua autoria e também de outras pessoas devidamente creditadas. O livro problematiza sobre os métodos brutais que usam, sobre a falta de apoio popular à guerrilha e o porquê deste conflito durar mais de duzentos anos. O livro⁷⁵ conta em detalhes o conflito armado colombiano que, em sua visão, é ocultado pela reportagem e também pela propaganda e pelo discurso dos insurgentes:

El conflicto en Colombia es distinto de otras guerras civiles en el mundo que Suelen tener causas étnicas, económicas e religiosas claras. Aquí hay un enredo de actores armados: dos guerrillas – las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia (FARC) y el Ejército de Liberación Nacional (ELN) –, el Ejército Nacional apoyado por los Estados Unidos, y una cantidad de milicia paramilitares de derecha y pandillas militares. Caleidoscopio de factores, histórico e sociales, este conflicto es casi imposible de resumir con palabras. (FERRY, 2012, p.8).

⁷⁴ Disponível em: <<http://lourdesgrobet.com>>. Acesso em: 10 maio 2019.

⁷⁵ O livro traz textos do Stephen Ferry, do historiador Gonzálo Sánchez e também da jornalista Maria Teresa Ronderos. Há uma linha do tempo sobre os conflitos, construída desde 1810 até 2012, quando as FARC libertam o último grupo de militares.

Figura 152: Algumas das fotografias contidas no livro de Stephen Ferry (2012). **Fonte:** site do artista.

Gui Mohallem e Breno Rotatori

Outra inovação dentro dos Encontros e Entrevistas foi a criação de “diálogos” entre artistas como, por exemplo, Gui Mohallem e Breno Rotatori que esplanaram sobre seus trabalhos e mutuamente trocaram questões e reflexões sobre seus processos e obras. Iatã afirma que “foi uma tentativa de quebrar um pouco o palco romano”. Ambos falaram sobre seus ensaios que, em comum, têm o fato de tratarem de ambientes estranhamente íntimos ou intimamente estranhos. Gui fotografou o Líbano de seus pais e parentes e Breno trouxe em fotografias a relação que teve com sua avó em que ele a fotografava e vice-versa, em mesmas ocasiões.

Casa Paraty em Foco e Livraria

Segundo a produtora Mariza Cermelli, depois da oitava edição, na qual o festival foi para as ruas, a criação da “Casa Paraty em Foco” foi uma consequência do crescimento do festival:

Foi um sucesso no oitavo Paraty essa coisa de ter ido para a rua. Isso foi tão bonito, movimentou tanta energia que no nono a gente teve um aumento ainda maior, que a gente fez a Casa Paraty em Foco. Então, tínhamos um espaço atrás da Casa da Cultura, que era a casa do Jurandir, onde havia a livraria e os lançamentos de livros, salas para *workshops*, atendimento,

receptivo aos alunos, festas à noite. Nesta edição, tivemos três pontos grandes de concentração: a Casa de Cultura, a Tenda da Matriz e a Casa Paraty em Foco. (CERMELLI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Os lançamentos de livros ocorreram na Casa Paraty em Foco, organizados pela Livraria Madalena (Figura 153) e contaram com uma novidade. Nos intervalos dos 17 lançamentos de livros aconteceram três sessões chamadas “Fotolivro DJ”, com Cristina de Middel, Iatã Cannabrava e Diógenes Moura: cada um selecionava alguns fotolivros de sua preferência e comentava seus conceitos e narrativas, mostrando-os fisicamente e com algumas projeções. Claudia Jaguaribe comentou que a Livraria Madalena e, antes, a Editora Madalena nasceram de um amadurecimento em torno do alto interesse que na época se dava aos fotolivros:

A Editora Madalena nasceu muito em função de todos esses anos de Paraty em Foco, tinha muito material levantado, tinha discussões infinitas, coisas que aconteciam, eu falei “Iatã, onde vamos guardar isso?” A gente tem que guardar isso de uma forma mais consistente. No começo pensamos em fazer site, até que ganhei um prêmio para fazer um livro, estava com o material pronto e não tinha dinheiro pra fazer com a Cosac. Aí eu propus ao Iatã: “vamos fazer o primeiro livro da editora?” A livraria foi consequência. A livraria só existe pela seguinte razão: eu sempre achei que a gente tinha que ir pro Paris Photo, porque eu frequentava e falava para Claudi e Iatã que se a gente não pusesse um pé no exterior nunca ninguém saberia o que fazíamos. Eu via que o setor de fotolivros do Paris Photo era uma coisa muito importante. Conversamos e decidimos tentar. Canalizamos o Martin Parr que era uma pessoa próxima, o Horácio Fernandez e entramos em contato com todas as pessoas que poderiam nos auxiliar... Mas o que acontecia? A gente ia para o Paris Photo com o meu livro e mais uns dois livros, não tínhamos mais livro e então não podia uma editora chegar lá com dois livros. Aí inventamos a história da Livraria Madalena porque era uma forma de levar não só os livros da editora, mas outros livros brasileiros ou latino-americanos. Se eu fosse pensar quando eu comecei no Paraty, acho que a atuação da editora foi fenomenal pro Paraty porque deu um caminho pra canalizar a produção das pessoas. A gente inventou por que a editora Cosac & Naify fazia um fotolivro aqui, outro ali, não era uma editora de fotografia. Era diferente. Quando a gente conseguiu montar a editora, saíram todos esses livros do Paraty que deram muito certo. Fizemos isso muito no impulso, resultado de tantos anos conversando, pensando, falando, eu digo mais no impulso no sentido financeiro, financeiramente não tinha estrutura nenhuma pra crescer. Apesar disso eu acho que o fato de ter tido a editora abriu para o Estúdio Madalena, para o Paraty caminhos, recursos e um reconhecimento fora do Brasil espetacular. As convocatórias trouxeram talentos, as pessoas que se apresentaram no festival. A Sophia Borges se apresentou no Paraty em Foco ela ainda não tinha nem sombra do caminho percorrido que está agora. O José Diniz que foi o meu aluno teve seu livro editado pela editora Madalena e isso o levantou para um patamar que ele não tinha. Os fotógrafos não tinham os caminhos, não tinham as editoras, não tinham as convocatórias, não tinham nada e o Paraty, de fato, foi o lugar onde toda essa atividade, se profissionalizou. (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 153: Livraria Madalena na Casa Paraty em Foco. **Fonte:** Foto de Talita Virgínia/ Acervo PEF.

Extras

A nona edição do festival continuou com as atividades extras como o “Foto Escambo”. Também um grupo de fotógrafos mineiros, com o projeto “Erro99”, organizou duas outras atividades extras como “Queimão Fotográfico” e “Show de Likes”. O primeiro consistia em realizar, em praça pública, um inusitado leilão em que os autores ficavam no anonimato até o arremate final. As fotografias que não recebessem lances, eram queimadas no ato ou o comprador também tinha o direito de queimá-la. O grupo chamava para o leilão os “fotógrafos que não têm medo de acabar em chamas”. O “Show de Likes” era um campeonato de ensaios fotográficos que acontecia no meio da praça e nos braços da multidão, a qual elegia os melhores ensaios no gogó e levantando uma plaquinha com o símbolo de positivo.

Uma *performance* que não estava no programa e nem anunciada previamente, foi o ato “abaixo a curadoria” promovido pelo professor Claudio Feijó. Ele conta que em anos anteriores fez outras como “o enterro da fotografia analógica”, em que chamou fotógrafos para um grande incêndio das máquinas analógicas na praça, mas claro, ninguém queimou sua câmera, foi uma *performance* simbólica. Neste festival de 2013, houve uma mesa específica para discutir curadoria, e uma conversa com Claudi Carreras, Diógenes Moura e Rubens

Fernandes estava prevista para domingo, Claudio Feijó, então, organiza o *happening* “abaixo a curadoria” (Figura 154), na sexta-feira à noite:

Como eu não estava na programação, eu distribuía na noite anterior filipetas avisando do evento. E foi ficando famoso. A primeira vez eu dei uma aula de linguagem na praça, na segunda eu fiz a *performance* do “enterro da fotografia” quando fizemos uma grande fogueira, a terceira eu organizei o evento “abaixo a curadoria”, a gente fez um movimento pra ficar xingando curadores em geral com uma função catártica. Eu pedi pra eles levarem vela para gente também fazer o enterro do curador. Quem estivesse passando, entrava na *performance*, teve gente que perguntou para que santo a gente estava acendendo aquelas velas... Tinha de tudo. As pessoas de Paraty que viram mais de 200 velas em cima de um toco de árvore achavam que era uma coisa religiosa. Eu peguei um rolo de barbante e passava para que as pessoas falassem sobre as queixas que tinham da fala dos curadores, os que se sentiram massacrados ou não. Então eu falei a minha e joguei pra alguém que queria, esse alguém passou pra outra pessoa e fizemos uma teia linda, começamos a levantar e abaixar a teia. (FEIJÓ, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 154: Performance “Abaixo a curadoria”, organizada por Claudio Feijó na Praça da Matriz. **Fonte:** Acervo Claudio Feijó.

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 155: Catálogo do 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Tema: Extremos

Abertura: Direção do Festival.

Encontros e Entrevistas

- “Os Afronautas estão chegando”, Cassiano Elek Machado entrevistou Cristina de Middel.
- “Dentro das Sombras”, Juan Esteves entrevistou Pep Bonet e José Bautista.
- “Fomento em Foco – Novas ações de incentivo às artes visuais”, por Eduardo Saron, Thyago Nogueira e Adriana Rattes.
- “Extremidades”, Claudi Carreras entrevistou Lourdes Grobet.
- “Futuro do Presente”, Eder Chiodetto entrevistou Jéssica Mangaba, Pangeia

de Dois e Guilherme Peters.

- “Estranhamente Íntimo”, diálogo entre Gui Mohallen e Breno Rotatori.
- “Fotografia em movimento”, Carlos Augusto Calil entrevistou César Charlone.
- “Fotofagia”, Cao Guimarães dialoga com Bernardo Carvalho.
- “Violência contra a parede”, Eduardo Muylaert entrevistou Stephen Ferry.
- “Arquivo Rennó”, Thyago Nogueira entrevistou Rosangela Rennó.
- “A duração da paisagem”, Mauricio Lissovsky entrevistou Cia de Foto.
- “O guardião da história”, Raul Juste Lores entrevistou Li Zhensheng.
- “A curadoria da curadoria”, conversa entre Claudi Carreras, Diógenes Moura e Rubens Fernandes Junior.

Workshops:

- “Fotografia erótica: desvendando um ensaio sensual”, por Alex Korolkovas.
- “Edição fotográfica: estratégias e desapego”, por Alexandre Belém.
- “Fotogourmet: produção de fotografia gastronômica”, por Augusto Bartolomei.
- “A aventura de um fotógrafo”, por Cia de Foto.
- “O fotolivro e a fotografia autoral”, por Claudio Edinger.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “Através do espelho”, por Cristina de Middel.
- “Visão sem fronteiras”, por Dario de Dominicis.
- “Ateliê aberto de leitura de portfólios”, por Eder Chiodetto.
- “Desconstruindo a luz – experimentação e prática”, por Gui Mohallem.
- Sharp Eye, provocative mind”, por John Lou Miles.
- “Produção multimídia para fotógrafos”, por José Bautista.
- “Fotografia e Arquitetura”, por Juan Esteves.
- “Fotografia ao extremo”, por Lourdes Grobet.
- “Experiência National Geographic”, por Luciano Candisani e Cristina Veit.
- “Sempre Retrato”, por Luis Garrido.
- “Muito além da câmera”, por Pep Bonet.
- “Imersão analógica”, por Cidade Invertida e Ricardo Hantzschel.
- “Paraty invertida”, por Ricardo Hantzschel.
- “Com a cor e a coragem”, por Walter Firmo.
- “Ética, técnica e estética”, por Stephen Ferry

Exposições:

- “Bangladesh”, de Pep Bonet na Galeria Zoom.
- “Travessia do Atlântico”, de Beto Pandiani e Igor Bely na Galeria do IPHAN.
- “Ruas de junho”, de Mídia Ninja na Casa de Cultura.
- “Programa Colecionador”, Felipe Morozini e Leticia Ramos na Casa Paraty em Foco.
- “The Afronauts”, de Cristina de Middel na Praça Santa Rita.
- “Lucha Libre/Retratos de Família”, de Lourdes Grobet na instalação externa da Tenda da Matriz.
- “Tcharafna”, de Gui Mohallen na instalação interna da Tenda da Matriz.
- “The black sea”, de Petrut Calinescu na parede externa da Casa da Cultura.
- “Viagem pela linha invisível”, de Marco A. F. na Casa Paraty em Foco.

- “O grande Cubo ou Torre de Babel, Christian Aslund, Guadalupe Miles, Roberto Tondopó, Calé, Thaísa Figueiredo, Myrian Meloni, Ilona Szwarc, Laura Silleras, Wolfram Hahn, Roberta Sant’Anna e Lourdes Grobet (vídeo).
- “Portraits”, Jorge Fuembena na Praia do Pontal.
- “Paraty mostra tua cara”, fotos históricas no Sobrado Sesc.
- “Entre olhares”, de Luisa Door na Casa Paraty em Foco.
- “O autor”, de Pat Lion na Rua Dr. Samuel Costa.
- “Tipologia da pose”, de Jessica Mangaba na Casa Paraty em Foco.
- “(Rizoma)”, de Rodrigo Alcon.
- “Estaleiros e cais”, jovens do ITAE na Casa de Cultura.

Figura 155: Catálogo do 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, tamanho 15 x 21 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini

5.10 - 10º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (24 a 28 de setembro de 2014)

O texto de abertura do catálogo da décima edição do festival, cujo título é “E não é que não somos efêmeros”, comemorava com euforia a sensação de “empoderamento do fazer cultural” ao refletir sobre o Festival Paraty em Foco como um projeto cultural que completava dez anos. Nele encontramos uma teorização sobre o modelo dessa proposta cultural:

Um festival é um conjunto de ações, pré e pós, que por si só constituem uma ação maior que poderia ser chamada de formação, difusão, consolidação ou estímulo, elementos fundamentais para o desenvolvimento de uma fotografia ou de qualquer linguagem cultural. Para construir e manter um festival, é necessário que se constituam redes reais e virtuais, concretas ou simbólicas.

A imagem que um festival deixa é o retrato de um momento. Vejam: apesar das dificuldades financeiras que assustam todos os festivais do país, eles estão efervescendo na mesma proporção de nossa fotografia; ambos vivem um momento de euforia criativa, tendo superado as discussões em torno da transição do analógico para o digital e voltando a produzir e a refletir um conteúdo potente e diverso, como diverso o Brasil é. Experimentamos uma sensação de empoderamento do fazer cultural. (Catálogo 10º PEF, 2014).

Era o final do primeiro governo de Dilma Rousseff, mais precisamente, uma semana antes das eleições de primeiro turno.⁷⁶ Era um momento em que, apesar das “dificuldades econômicas”, havia muitos patrocínios e um incentivo por parte do governo para investimento em cultura, como, por exemplo, para essa grande estrutura metálica que se vê na figura 156 com as fotografias dos vencedores da convocatória.

⁷⁶ Dilma foi reeleita em 26 de outubro com 51,64% dos votos, em segundo turno, frente ao seu adversário tucano, Aécio Neves. Ver notícia do portal G-1. Disponível em: <<http://twixar.me/tT4n>>. Acesso em: 16 maio 2019.

Figura 156: Exposição de fotografias selecionadas pela convocatória. **Fonte:** Sara De Santis/Acervo PEF.

Parece-me que o quesito “convidados estrangeiros” demonstra o “poder de fogo” do festival neste ano. A grande estrela internacional do décimo Paraty em Foco foi a fotógrafa japonesa Rinko Kawauchi. Segundo Iatã, a vinda dela e de sua assistente: “foram caras, mas imprescindíveis”. Como o dinheiro ficou mais curto, os convidados internacionais diminuíram visivelmente e a vinda dos que estiveram presentes pode ser explicada. O fotógrafo norte-americano David Alan Harvey, convidado pela segunda vez, estava no Rio de Janeiro e a passagem ficou em conta; o mexicano Javier Hinojosa e o holandês Niels Stomp vieram com auxílio dos amigos ligados à arte, no México e na Inglaterra onde Niels morava, “então, trouxemos gente de lugares onde tínhamos amigos que ajudavam a pagar”, disse Iatã. Claudi lembra que começou a se desentender com Iatã quando não concordava em trazer uma artista que fosse tão cara como Rinko: “...a gente gastava mais do que ganhava”, disse Claudi.

Entre os brasileiros, tivemos os jovens fotógrafos João Castilho, Letícia Ramos, Pedro Motta, Rodrigo Braga e Sofia Borges que, na época, tinham em torno de 30 a 38 e anos de idade. Abrilhantaram também esta edição os veteranos Rogério Reis, Nair Benedicto e Evandro Teixeira. Das artes plásticas, o festival contou com Alex Fleming; da literatura, com Agnaldo Farias e da academia, Mauricio Lisovsky. Um festival de tirar o fôlego para comemoração do aniversário de uma década.

Uma das novidades foi que as entrevistas passaram a ser feitas diretamente na Tenda da Matriz com entrada gratuita e era permitido ficar sentado no chão ou até em pé. Antes os Encontros e as Entrevistas eram feitos na Casa de Cultura e transmitidos principalmente na Tenda da Matriz e em dois ou três pontos como, por exemplo, no lado externo da Casa da Cultura, no Cinema, ou mesmo, na Casa Paraty em Foco. Desse modo, não foi mais necessário que os visitantes enfrentassem filas para pegar lugar na Casa da Cultura que tinha um auditório com espaço limitado.

Entrevistas

Rinko Kawauchi

Rinko é formada em Artes e Design e com 26 anos já realizava sua primeira exposição individual. Chegou ao Festival Paraty em Foco aos 42 anos, quando já era consagrada como artista no mundo todo. O trabalho que mostrou aqui no Brasil, em cubos (Figura 157), chamado *Illuminance*, foi exposto também no Japão, França, Estado Unidos, Alemanha e Suíça. O jornalista Alix Browne, do *New York Times* chamou atenção para a sintonia que ela tem com as pequenas vozes em nosso mundo, as pequenas coisas que sussurram ao nosso redor, cenas do cotidiano e para onde os olhos de Rinko se voltam. *Illuminance* foi seu 12º livro, mas o primeiro a ser publicado fora do Japão e nele há um conjunto de fotos de 15 anos de trabalho da fotógrafa. São imagens delicadíssimas compostas de luzes tão perturbadoras quanto poéticas que atravessam as margens que compõem a fotografia. Segundo Browne, a luz da artista nos remete a um sonho: “But here, a particular sensitivity to light gives the work not only its title, but also the translucent quality of a dream (...) And yet, Kawauchi chose to bookend it with images of an eclipse, leaving the viewer with the wondrous impression that time has passed in the blink of an eye” (BROWNE, *N.Y. Times*, 18 maio 2011).

Figura 157: Visitantes da exposição de Rinko na Praça da Matriz. **Fonte:** Sara De Santis/Acervo PEF.

Iatã batizou a entrevista de Rinko com o título “Sob a luz eclipsada” e chamou a curadora Rosely Nakagawa para entrevistá-la na quarta-feira, abertura do festival. Segundo o jornalista da *Folha de S. Paulo*, Daigo Oliva, do blog Entretempos, “o jeito austero da fotógrafa Rinko Kawauchi esfriou a abertura”. Ela disse antes de começar a apresentação que iria se esforçar para não cair no sono devido a exaustiva viagem de 35 horas do Japão até

Paraty. O jornalista comentou que a curadora Rosely se empenhava para tentar estabelecer um diálogo.

Para cada pergunta quilométrica, a japonesa respondia em centímetros. (...) Diz pouco, se expõe pouco e deixa que suas imagens falem por si mesma. Se por um lado seu jeito econômico não faz decolar uma palestra para 400 pessoas, o trabalho maravilhoso da artista compensa a falta de expressões corporais e palavras. (OLIVA, Blog Entretempos, *Folha de S. Paulo*, 25 set. 2014).

Iatã lembra que foi necessária a contratação de um tradutor, pois Rinko respondia em japonês para Rosely. Comentou ainda sobre sua escolha ao convidar a japonesa para essa edição de dez anos:

Primeiro, ela é mulher frágil que nunca foi famosa, vende 30 mil livros, tem 30 mil pessoas interessadas no que ela faz. Segundo, quando eu leio um livro dela, é o único livro até hoje que eu faço uma leitura e me sinto 100% digno de fazer, esse livro é o *Illuminance*. Eu sou capaz de ler o livro dela para o público, transformar em palavras o que eu estou vendo, de emocionar. Quantas pessoas já viram mais de 10 vezes isso em aula minha, as pessoas choram, são envolvidas. Para mim isso é prova de que eu tinha virado curador, eu tinha virado realmente o cara que sabia da alma do festival, não estava mais preocupado com nada. Eu tinha o desenho dele na minha cabeça, deixei tudo para lá e fui fazer a curadoria. Primeira vez que eu relaxei. O que fiz como curador do festival? Dei uma razão para Rinko estar aqui. Que razão é essa? Ela inventou um mundo iluminado pela luz eclipsada. A Cia de Foto, naquele trabalho sobre Avenida Paulista, eles fotografaram a Av. Paulista iluminada pelo reflexo do sol nos prédios de luxo. Então, em um horário e uma época do ano em que o sol na Paulista reflete nos vidros, a avenida fica diferente porque ela é toda metade de vidro metalizado. Então quando a Rinko trabalha, ela fotografa com a luz eclipsada (Figura 158), eclipsa a luz, porque não tem eclipse todo dia pra ela... Mas ela eclipsa a luz dela. (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 158: Fotografias da série *Illuminance*, de Rinko Kawauchi. **Fonte:** site da artista.

Javier Hinojosa

Javier foi entrevistado por Claudi sob o tema “Cyber Arqueologia” e mostrou as fotografias feitas com drones das ruínas arqueológicas do México (Figura 159). Na época, essa era uma tecnologia que começava a ser usada e, nesse sentido, o festival apostou que o visitante gostaria de conhecer melhor esse novo aparelho técnico e realizar um *workshop* com o fotógrafo que também é professor de fotografia.

Figura 159: Fotografia de Javier Hinojosa da exposição “Guardianes del México Antiguo”. **Fonte:** site do artista.

Sofia Borges

Do Festival Paraty em Foco de 2014 para cá, a artista visual Sofia Borges escalou muitos e altos degraus: foi convidada para ser uma das setes artistas-curadoras da 33ª Bienal de Artes de São Paulo (2018), na qual realizou a exposição coletiva “A infinita história das coisas ou o fim da tragédia do um”, além de participar, também em 2018, da exposição “New Photography”, no MoMa, em Nova Iorque.

O professor e curador Rubens Fernandes iria entrevistá-la, mas por problemas de saúde com familiares não foi a Paraty e quem realizou a entrevista foi o curador e crítico de artes Agnaldo Farias (Figura 160).⁷⁷ Rubens trocou várias cartas com Sofia para preparar a entrevista e em uma delas disse que estava diante de uma artista que se diferenciava dentro do campo artístico, que era “completamente dissonante dentro de um cenário de “mesmices”:

⁷⁷ Agnaldo Farias (1955) é professor, curador e crítico de artes. Participou da 16ª e 17ª edições da Bienal de São Paulo, em 1981 e 1983, na sessão de cinema da equipe do curador-geral Walter Zanini (1925-2013). Entre 1990 e 1992, atuou como curador de um conjunto de exposições temporárias do Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC/USP).

O acúmulo de singularidades presentes em suas imagens, pinçadas em estranhos lugares do universo museológico ressoam como uma força incomum e inconclusiva, afinal, seu trabalho sempre se propõe a constituir uma questão e não apresentar respostas que possam confortar o espectador.

Como você diz, “minha fotografia não é um recorte do mundo e sim o recorte de uma imagem”. Essa afirmação tem a grandeza de um filme épico. Você tem a coragem de ser uma artista que torna sua imagem fotográfica plena, sem brechas, sem respiros. Tensa e inominável. E de novo digo, perturbadora, pois, as fotografias irradiam sintaxes desconhecidas, incendeiam corações, ultrapassam o presente.

Sofia Borges não toma posse de coisas da natureza, toma posse de coisas da arte para questionar a própria arte, em particular a fotografia. (FERNANDES, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 160: O curador Agnaldo Farias entrevista Sofia Borges. **Fonte:** Sara De Santis/Acervo PEF.

Dona de um discurso bem complexo, elaborado e de complicado entendimento, Sofia tem uma obra voltada para a reflexão sobre realidade e representação, que a leva a se interessar em fotografar fósseis, bichos empalhados, mapas, museus, pinturas, esculturas.

Nos últimos anos eu passei pesquisando sobre a matéria, sobre as coisas que existiam e a relação entre matéria e significado. E como apresentar coisas com certo grau de abstração. Isso se concluiu com meu trabalho, *O Pântano*. Agora estou me abrindo para uma pesquisa sobre a existência, sobre o ato de existir”, diz Sofia. (BORGES, depoimento Prêmio Pipa,⁷⁸ 2017).

São fotografias que produzem um estranhamento logo de cara, resultam em uma curiosidade para o espectador, como se percebe na figura 161. É uma imagem que provoca a produção de sentido para quem a olha.

⁷⁸ Ver vídeo disponível em: <<http://www.premiopipa.com/pag/artistas/sofia-borges>>. Acesso em: 15 maio 2019.

Figura 161: Fotografia de Sofia Borges, *O Absoluto*, 2016, fotografia, 150 x 230 cm. **Fonte:** site da artista.

Sofia tem toda aquela coisa mais abstrata, um discurso muito criado ao redor da apropriação da imagem, uma coisa meio estranha. Eu acho as imagens dela interessantes, algumas vezes a gente percebe como a imagem dela tem uma atenção, mas, sobretudo, os primeiros trabalhos dela como os autorretratos, são imagens muito psicológicas, mas o discurso dela, eu não entendo nada... (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Rogério Reis

O fotógrafo Rogério Reis apresentou e comentou seu ensaio “Ninguém é de ninguém” (Figura 162) em que aniquila as identidades colocando tarjas coloridas nos rostos das pessoas que fotografou nas praias cariocas. Com refinada crítica irônica, Rogério se intitula o “paparazzi dos anônimos” e lança uma discussão bem contemporânea: o direito de imagem e o direito de fotografar em locais públicos. Na atual sociedade, na qual muitos buscam a fama e para isso inundam as redes sociais com seus *selfies*, Rogério lançou neste livro a “Cartilha para tirar fotos espontâneas no Rio” com nove postulados:

1. Para você não ter que dar explicações de toda ordem, mantenha-se em movimento, seja discreto, use o foco automático e dê preferência às fotos horizontais. A rotação dos braços para o formato vertical chama a atenção e denuncia o clique; 2. Seja tolerante com os banhistas, vendedores e policiais. Eles desconhecem suas motivações artísticas; 3. Caso você seja procurado por rapazes ou meninas atraídos pela sua teleobjetiva, é porque desejam fama e sucesso. Eles pensam que você é um paparazzi de celebridades, facilitador de sonhos; 4. Atenção redobrada com os fora da lei. Não são identificáveis, são agressivos e podem chegar às vias de fato. Nesse caso, delete as fotos diante deles; Eles acreditam que você é fiscal da prefeitura ou

colabora com a polícia; 5. Não conte com a ação preventiva da Guarda Municipal e da Polícia Militar para questões simples de cidadania, como fila do banheiro público, etc. Diante das praias cheias, eles estão preocupados com a possibilidade de distúrbios; 6. Caso não tenha um amigo salva-vidas, desista de subir na plataforma de observação dos postos de salvamento. O ângulo é excelente e seguro para tomadas panorâmicas, mas a burocracia da Defesa Civil é infernal; 7. Caso você perceba que está sendo observado por um suspeito, gesticule simulando uma comunicação por sinais à distância, pode funcionar; 8. Tenha sempre em mente a frase do Banksy, artista de rua inglês, sobre suas ações no espaço público: "É sempre mais fácil conseguir perdão do que permissão"; 9. Uma das maneiras de proteger a identidade das pessoas fotografadas é aplicar figuras geométricas sobre as faces. Isso pode produzir um diálogo estético, curioso e irônico. Para isso você encontra sugestões poéticas nas obras do húngaro László Moholy-Nagy e do Americano John Baldessari. (REIS, 2015, p.44-45).

Figura 162: Fotografia de Rogério Reis do livro “Ninguém é de ninguém”. **Fonte:** REIS, 2015.

Figura 163: As referências do artista Rogério Reis; à esquerda, obra do húngaro László Moholy-Nagy e à direita, do norte-americano John Baldessari. **Fonte:** Moholy-Nagy Foundation e MoMa.

Rogério se espelha no conceito usado por László e Baldessari (Figura 163), que em diferentes momentos usaram as tarjas circulares, e de forma muito interessante discute um problema contemporâneo, o limite em que dois direitos se esbarram, o do fotografado e o do fotógrafo. Ao escolher olhar para as multidões que ocupam as praias cariocas nos finais de semana, também recorta um cenário dos nossos tempos no qual articula o texto da sua cartilha com as imagens, ora abertas e infinitas, ora detalhadas. Mistura em ambos uma fina, sutil e irônica crítica inovando completamente o conceito do uso das tarjas em forma de bolinha ou quadradinho que cobre o rosto das pessoas e ressignifica o debate em torno da identidade/alteridade. Todas as fotografias podem ser vistas em seu site, no qual o livro pode ser virtualmente folheado. Abaixo, na figura 164, vistas da exposição Ninguém é de Ninguém.

Figura 164: Exposição “Ninguém é de Ninguém” com os triângulos iluminados com as fotografias de Rogério Reis no Largo de Santa Rita. **Fonte:** Sara De Santis/Acervo PEF.

Pedro Motta e Rodrigo Braga

A dupla foi entrevistada pelo fotógrafo e colecionador Joaquim Paiva que abordou como Pedro e Rodrigo, cada qual a sua maneira, “reinventam a natureza” e com ela se relacionam.

Joaquim, em entrevista a mim, comentou sobre a obra de Pedro Motta. Pontuou que as fotografias apresentadas por Pedro formam “uma obra escultural em que a natureza aparece

confinada, dela somente sobram restos”. Pedro Motta é um artista que usa a fotografia como suporte, intervém com desenhos e investiga o traço tênue entre o que é da natureza e o que é intervenção da mão do homem. Constrói imagens em que, na maioria das vezes, não há a figura humana, mas um simples olhar para elas, nos transporta à ação do ser humano.

Árvores secas isoladas na paisagem. As raízes desenhadas pelo artista em sua fotografia de árvores parecem evocar relâmpagos que se espalham fundo na terra. Dói, a erosão é uma ferida, causa agonia. Os buracos enormes nos barrancos de terra como catedrais de areia. O “Naufrágio calado” (título de obra do artista) de um velho barco inserido digitalmente em um rio seco, em meio a cânions vermelhos, muito vermelhos. “O Sumidouro” no caudaloso rio, aparentemente plácido, onde o artista inclui uma escada de salvação ou as águas a sugarão? Os canos elétricos e hidráulicos que o artista acrescentou aos cupinzeiros. As casas com restos de paredes de tijolos inacabadas sobre o teto, como torres erodidas. A contensão formal do trabalho apenas engana o espectador distraído. (PAIVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Na Figura 165, as duas fotografias da série “Natureza das Coisas” foram feitas em 2013, com lápis sobre impressão de tinta mineral em papel de algodão. Pedro participou do projeto Paisagem Submersa junco com os também fotógrafos mineiros Pedro David e João Castilho.

Figura 165: Imagem da série Natureza das Coisas de 2013, de Pedro Motta. **Fonte:** site Galeria Silvia Cintra.

Joaquim enxerga o trabalho de Rodrigo muito além da fotografia: são *performances* (Figura 166) feitas por Rodrigo em interação total com a natureza:

Ele não mata os animais para fazer as suas “reinvenções homem-natureza”, ele compra os restos daqueles. Um eremita que vive em paz junto à natureza,

recriada por ele ao construir como um cenário para o teatro, no qual desempenham seus papéis os personagens – ele próprio e os atores do mundo animal e vegetal. Formam um cenário neobarroco, uma ópera tropical. A beleza intrigante da imagem de seu corpo mergulhado em uma grande panela-urna, quase transbordando de leite, como se o mergulho de volta à natureza fosse a única salvação, e por isso, a ela se entrega, com ela viverá em simbiose fortemente visual como na imagem do seu rosto coberto de ramos de pequenas flores amarelas e a dele com a cabra enterrados, só as suas cabeças para fora. Um grito no ar em meio à floresta! (PAIVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Figura 166: Imagens de Rodrigo Braga: *Comunhão I*, de 2006, *Desejo eremita III*, de 2009 e *Ilha-lago* de 2009. **Fonte:** site do artista.

Convocatória

Seguindo a tradição do ano anterior, a convocatória prosseguiu abarcando também trabalhos multimídia. Só que desta vez, num bloco só, a “Convocatória em Foco” aceitava ensaios fotográficos e trabalhos híbridos, com imagens em movimento. O trabalho vencedor foi um multimídia do húngaro Adam Magyar⁷⁹ e o júri destacou três menções honrosas para os ensaios fotográficos de Caroline C. Manrique de Lara, Jhin R. Oh e a dupla Luisa Döör e Navin Kala. Foram inscritos 1225 trabalhos provenientes de 27 países. O grupo de curadores indicadores desta edição era formado pela russa Lisa Fator, pelo brasileiro Eder Chiodetto, pelo coletivo mexicano La Hydra e por Claudi Carreras, curador das exposições do 10º PEF.

Adam Magyar conseguiu uma façanha ao construir uma câmera específica para seu objetivo, que era captar as pessoas esperando nas plataformas pelo trem e/ou metrô: produziu duas ou mais sensações sob a influência de uma só impressão. Ele nos mostra, de dentro do trem andando (e sabemos como ele anda rápido), as pessoas que parecem estar congeladas quando outras se movimentam lentamente. Adam deu o nome ao seu projeto de *Stainless* (Figura 167), que quer dizer inoxidável e para entender melhor é preciso assistir à gravação feita em Seul, Coreia do Sul, na estação Sindorim.⁸⁰

⁷⁹ A produtora Talita Virgínia lembra como foi difícil enviar o prêmio para o húngaro, “se não me engano, foram dois mil dólares”.

⁸⁰ Vídeo disponível em: <<http://twixar.me/Qm4n>>. Acesso em: 10 maio 2019.

Figura 167: Imagem de um frame do vídeo na estação Sindorim, em Seul. **Fonte:** Reprodução Mônica Zarattini.

No vídeo, vemos algumas pessoas congeladas como num *clic* de uma fotografia enquanto outras movem lentamente seus pés e mãos, abrem e fecham os olhos bem devagar, isso tudo embutido em uma filmagem que não passaria de alguns segundos, mas que no vídeo dura 3:46 minutos. O tempo perfura o espaço e substitui a sensação de cronologia, o espaço sofre uma desqualificação. Há uma instabilidade na apresentação dos tempos. Ele passa a ser circular uma vez que não há começo, meio e fim. É como um círculo no qual, eternamente, as pessoas estão à espera do trem. O tempo encadeado entra em colapso e se “achata” e sinestesticamente transforma-se numa instantaneidade que nos hipnotiza. “Com isso a direção do tempo se dilui e a própria tripartição diacrônica – a divisão do tempo em passado, presente, futuro – vai perdendo sua pregnância.” (PELBART, 2007, p.69).

O modelo festival

Ao completar uma década de existência, algumas vozes começam a questionar o modelo de funcionamento do festival. Na reportagem de Daigo Oliva, do blog *Entretempos*, da *Folha de S. Paulo*, há uma crítica ao paradigma de um festival que completava dez anos:

A formatação da maioria das mesas do festival Paraty em Foco promove longos monólogos de artistas e pouca participação do público. Ao menos quatro palestras deste ano seguiram um roteiro pouco convidativo para a audiência que acompanha o evento e que vem enchendo a Tenda Multimídia (Figura 168). Após uma breve apresentação feita pelos mediadores, o fotógrafo convidado assume o microfone para explicar sua obra e, sem interrupções, segue uma jornada solitária e monótona, sem a dinâmica de perguntas, confrontos e dúvidas que podem surgir durante a explanação. Ao terminar a fala – de 20 minutos, em média – a palavra volta ao mediador, que faz comentários e perguntas, para enfim, passar a vez ao público. Nas

mesas em que o blog esteve presente, muita gente deixou o lugar antes mesmo do final da explicação dos artistas. Quem ficou, pouco perguntou, o que torna a plateia um mero espectador. Na quinta (25), os trabalhos dos excelentes Rodrigo Braga e Pedro Motta foram mostrados quase como uma apresentação de portfólio. O público sai da palestra sabendo descrever a obra dos artistas, mas sem uma reflexão do que ela significa, em que contexto se insere, nem o que as pesquisas realizadas por eles podem representar no futuro. Um desperdício ter fotógrafos tão articulados e usá-los apenas para descrever um arquivo com seus trabalhos. Já na tarde de sexta (26), a paulista Sofia Borges realizou uma fala teatral em que distribuiu advertências sobre sua obra para o público – num tom levemente infantil –, reclamou de um galerista que a tolheu numa exposição em Los Angeles e desfilou aspas pouco compreensíveis como “meu trabalho tenta abarcar o inabarcável”. Quem não conhece sua obra, impressionante e perturbadora, saiu perdido em meio ao discurso empolado da artista. Grande parte do problema está na configuração que deixa o artista solto, sem direção, falando o que quiser –e sem contestação, sem a presença de outros pontos de vista. As palestras parecem celebrações da obra do convidado em que ele mostra imagens e todo mundo bate palmas. Enquanto a formatação e a escalação do festival continuar sem a intenção de provocar o debate, o público vai continuar cheio de repertório visual, mas vazio de reflexões sobre o que está acontecendo na fotografia contemporânea. (OLIVA, Blog Entretempos, *Folha de S. Paulo*, 27 set. 2014).

Figura 168: Fotografia de Sofia Borges na entrada da Tenda da Matriz. Fonte: Sara De Santis/ Acervo PEF.

O fotógrafo Pio Figueiroa, que participou de diversas edições do Paraty em Foco, tece algumas considerações a respeito do modelo de funcionamento do festival:

O Iatã conseguiu, primeiro, celebrar o fazer fotográfico no Brasil, segundo, chamar a atenção de um público de fora pra fotografia, são duas coisas que eu acho importante que ele tenha conseguido. Olhando no macro, acredito que foi bom que alguma coisa saiu dessa história, mas comparando, acho que o pessoal de cinema fazia mais com menos, eu acho que os festivais de música têm uma diversão diferente do que é o da fotografia. A própria ideia de fotografia já merecia ser expandida e ser rasgada no meio e não merecia tanta liturgia...as pessoas levavam muito a sério. Um dos últimos festivais, o

Iatã me chamou pra uma conversa e ele me disse: “estou tendo uma dificuldade, o Paraty é caro, como é que eu resolvo isso?”, e eu falei: “tu já viu Campus Party? Você tinha que pegar aquele estacionamento onde colocam o cubo gigante e levar uma galera, uma molecada, convênio com universidade, todos para se hospedar em barracas ali. E veja, não é deixar os caras hospedados ali pra eles fazerem fila pra Casa de Cultura, não, é fomentar que esse lugar produza o próprio conteúdo de exibição, onde todos possam ir até as barracas dos moleques, vejam fotos deles trabalhando, conhecer a caravana que veio da universidade da Bahia, por exemplo, o que eles estão trazendo. A gente chegou a ir conversar com pessoas da Vila Olímpia, que Iatã tinha contato que eram ligadas a Campus Party e conversar com eles o que seria esse acampamento, se teria um banheiro, naquele estacionamento atrás da igreja... Esse formato das barracas, eu achava que seria uma inovação, ter gente de todo canto, de ter um intercâmbio, uma forma de não ser um festival de só mostrar... “aquele é fulano...”. (FIGUEIROA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Leilão de Fotografias

Nesta edição, pela primeira vez, o leilão de fotografias não foi realizado na Casa da Cultura em Paraty e sim em São Paulo, na Bolsa de Artes, no Jardim Paulista, dia 21 de agosto de 2014, com a leiloeira oficial Vivian Perez. O leilão foi realizado praticamente um mês antes do festival e teve um salto enorme em número de lotes. No leilão anterior, no 8º PEF, em 2012, foram a leilão 50 fotografias – não houve leilão em 2013 – e, neste décimo festival, o número triplicou, sendo negociados 160 lotes⁸¹ com a novidade de contar com a presença de obras de muitos fotógrafos estrangeiros de peso como Edward Weston, Peter Beard com uma tiragem única, Ai Weiwei, Thomas Ruff, Nan Goldin, Chuck Close, Jeff Wall, Thomas Hoepker, Massimo Vitali, além de muitos fotógrafos modernos brasileiros como German Lorca, Geraldo de Barros, José Yalenti, só para citar alguns. Isabel Amado

⁸¹ Lista dos fotógrafos participantes: Abelardo Morell, Adriana Varejão, Ai Weiwei, Albano Afonso, Alessandro Guetzmacher, Alexandre Murry, Alexandre Sequeira, Alfredo Jaar, André Cypriano, Andreas Valentin, Anna Maria Maiolino, Armando Prado, Arthur Omar, Augusto Malta, Betina Samaia, Bob Wolfenson, Brígida Baltar, Bruno Veiga, Caio Reisewitz, Cassio Vasconcellos, Chelpe Ferro, Chico Albuquerque, Chuck Close, Claudia Andujar, Claudia Jaguaribe, Claudio Edinger, Coleção Brasil Anos 70, Custodio Coimbra, Darren Almond, Dimitri Lee, Ding Musa, Dora Longo Bahia, Duane Michals, Edouard Fraipont, Eduardo Muylaert, Edward Weston, Etienne Cajart, Eustáquio Neves, Fausto Chermont, Gabriel Orozco, Geraldo de Barros, German Lorca, Gunter Schroder, Hiroshi Sugimoto, Helio Oiticica, Iatã Cannabrava, Ivan Cardoso, Jean Manzon, Jeff Wall, Joan Fontcuberta, João Castilho, João Farkas, João Luiz Musa, José Damasceno, José Diniz, José Medeiros, José Yalenti, Julio Bittencourt, Juvenal Pereira, Larry Clark, Leonora de Barros, Luciano Candisani, Luiz Braga, Luiz Zerbini, Marc Ferrez, Marcel Giró, Marcio Scavone, Marcos Bonisson, Marcos Piffer, Marketa Luskacova, Maria Saleme, Mariano Klautau, Mario Cravo Neto, Massimo Vitali, Matthew Pillsbury, Miguel Rio Branco, Mike Kelley, Miro, Milton Montenegro, Murilo Meirelles, Nan Goldin, Neil Hamon, Neville D’Almeida, Nicola Costantino, Nobuyoshi Araki, Odiros Mlászho, Omar Salomão, Otto Steinert, Otto Stupakoff, Paula Trope, Paulo Pires, Pedro David, Peter Beard, Peter Keetman, Rafael Assef, Richard Avedon, Rirkrit Tiravanija, Rochelle Costi, Rodrigo Braga, Rogério Assis, Rogério Faissal Rogério Reis, Rosângela Rennó, Sebastian Bremmer, Thales Leite, Thiele, Thomas Hoepker, Thomas J. Farkas, Thomas Ruff, Tiago Santana, Tunga, Valdir Cruz, Valeska Soares, Vicente de Melo, Vik Muniz, Waltercio Caldas, Win Wenders e Wolfgang Tillmans.

continuava a frente da organização dos leilões e contou com a parceria da Bolsa de Artes para captar as obras dos estrangeiros. Ela comenta sobre o evento:

Esse leilão, na minha opinião, demos um passo maior que a perna, a gente achou que tínhamos que fazer em São Paulo para levantar mais dinheiro. Foi uma trabalhadeira insana, foi muito trabalho, eu acabei fazendo tudo sozinha. Foi na Bolsa de Arte, tinha um Yalenti, tinham fotos incríveis, obras do Otto Steinert... Fizemos um catálogo de alto nível, imprimíamos e depois pagávamos com os recursos do próprio leilão. (AMADO, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Para acessar as fotografias do Leilão 10º PEF:

Ver *pdf* do catálogo do leilão no site do 10º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2014>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

A guerra dos catálogos

Nesta edição parece que a guerra dos catálogos teve um fim e, principalmente, um vencedor: Iatã Cannabrava. Em todas as edições anteriores, os catálogos foram desenhados por Mecarelli, que fazia questão absoluta, pois era *designer* e via essa função como dele, uma vez que foi o criador do festival. Iatã ousou e contratou sua esposa, Ekaterina Kholmogorova, que também é *designer*, e junto com ela desenhou e escreveu os textos do catálogo, e o imprimiu sem a autorização e concordância do sócio. O formato do catálogo cresceu bastante passando do tamanho 15 x 21 cm para o tamanho 30 x 40 cm (Figura 169), impresso em um papel diferente dos anteriores, o papel Pólen, gramatura 90g. A capa do catálogo estampava a fotografia de Rogério Reis com uma multidão em uma praia carioca. Nasceu um catálogo bem mais imponente:

Pensei: “Eu sou uma editora... como é que a Editora MAdalena tem um catálogo feito pelo Mecarelli, com o conteúdo revisado pelo Mecarelli sem que eu tenha controle absoluto?” Optei por um catálogo grande, bom para memória, bom para conservar e guardar. Isso é uma coisa grande, tenho que ousar. Coloquei o Rogério Reis na capa, pois ele também tinha mudado radicalmente sua carreira artística. Bastou de carnaval na lona! (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 169: Capa do Catálogo do 10º PEF, tamanho 30 x 40 cm. **Fonte:** Acervo PEF.

Encontros e Entrevistas:

- “Sob a luz eclipsada”, Rosely Nakagawa entrevistou Rinko Kawauchi.
- “Novos naturalistas”, Joaquim Paiva entrevistou Pedro Motta e Rodrigo Braga.
- “Mist e outras neblinas”, Giuseppe Oliverio entrevistou Niels Stomps.
- “Figuras da raça humana na fotografia brasileira”, por Mauricio Lissovsky.
- “Cyber arqueologia”, Claudi Carreras entrevistou Javier Hinojosa.
- “A tensão do nada ou uma nova taxonomia visual”, Agnaldo Farias. entrevistou Sofia Borges.
- “Masao Yamamoto – anotações sobre um fotógrafo”, por Agnaldo Farias.
- “Mesa Fotografe Melhor – E eu digo sim/ E eu digo não/ E eu digo/ É! Proibido Proibir”, Juan Esteves e Sergio Branco entrevistaram Nair Benedicto e Evandro Teixeira.
- “Ninguém é de ninguém”, Claudio Edinger entrevistou Rogério Reis.
- “Based on a true story”, Milton Guran entrevistou David Alan Harvey.
- “Fotografia: vocação pública”, Ronaldo Entler entrevistou Alex Flemming.
- “Mesa IMS – Zoo e Microfilme”, Thyago Nogueira entrevistou João Castilho e Letícia Ramos.

Workshops:

- “Masterclass: lições de um outro lugar ou análises de obras fotográficas por parte de um ignorante em fotografia mas não de todo em imagens, fotográficas ou não”, por Agnaldo Farias.
- “Time lapse – a imagem estática em movimento”, por Alejandro Boneta e Javier Hinojosa.
- “Os caminhos da linguagem pessoal”, por Christian Rodríguez.
- “Paisagem na fotografia contemporânea: a reinvenção da natureza”, por Claudia Jaguaribe.
- “Projeto autoral – escolhendo um tema, desenvolvendo o estilo”, por Claudio Edinger.
- “Masterclass: The inside experience – a vida em um dia vale uma vida”, por David Alan Harvey.
- “Profissão: fotojornalista”, por Evandro Teixeira.
- “Photographic Museum of Humanity – a fotografia pensada para a web, por Giuseppe Oliverio, Nicolas Janowski e Ignacio Colo.
- “Fotografia de viagem – introdução à viajologia”, por Haroldo de Castro.
- “Trabalho pronto, e agora? – caminhos para o circuito da arte”, por Isabel Amado.
- “O grande irmão – fotografia e vídeo aéreo com drones”, por Javier Hinojosa e Alejandro Boneta.
- “Nada mais normal que um corpo nu”, por Kazuo Okubo.
- “Workshop Faap de leitura de portfólio”, por Livia Aquino e Ronaldo Entler.
- “Documental multimídia – formatos, plataformas e distribuição”, por Liza Faktor.
- “Narrativas visuais na natureza”, por Luciano Candisani.
- “Sempre retrato”, por Luiz Garrido.
- “Masterclass: retrato – uma visão pessoal”, por Marcio Scavone.
- “Os poderes secretos da fotografia”, por Maurício Lisovsky.
- “83 Days of Darkness e outros fotolivros”, por Niels Stomps.
- “Illuminance – sob a luz eclipsada”, por Rinko Kawauchi.
- “Câmera e atitude – a fotografia enquanto discurso artístico”, por Rodrigo Braga.
- “O invisível, a mimesis, o fantasma, o monstro, a ruína, o olho e a caverna”, por Sofia Borges.

Exposições:

- “Convocatória em Foco”, por Aaron Vincent Elkaim, Aline Lata, Carla Linhares, Carolina Cardich Manrique de Lara, Dolores Medel, Eugeni Gay Marín, François Laxalt, Ilana Bar, Jhin R. Oh, Karina Juárez, Mariya Kozhanova, Navin Kala, Luisa Dörr, Luis Enrique Pérez, Márcio Henrique Furtado Vasconcelos, Marta Martínez Corada e Tereza Vlcková, no Estacionamento do ITAE.
- “Sertão de Dentro”, homenagem póstuma ao fotógrafo Alexandre Severo, no Estacionamento do ITAE.
- “ZOO”, por João Castilho, no Estacionamento do ITAE.
- “Natureza das Coisas”, por Pedro Motta, no Estacionamento do ITAE.

- “Experiência no Container”, coletiva do público na Galeria Epson, no Estacionamento do ITAE.
- “Retratos”, por Luis Garrido, na Galeria Zoom.
- “Periscópio”, por José Diniz, na Casa Paraty em Foco.
- “Photobook Dummies”, exposição Photobook Dummies Award 2014, na Casa Paraty em Foco.
- “Vivências”, resultado da oficina ministrada por Giancarlo Mecarelli e André Azevedo com alunos da Escola Municipal Teóphilo Rameck na Casa Paraty em Foco.
- “Ties e Tides”, por David Alan Harvey na Tenda Multimídia.
- “Natureza morta com martelo”, por Sophia Borges na Tenda Multimídia.
- “Sentinela do rio”, por Rodrigo Braga na Tenda Multimídia.
- “Illuminance”, por Rinko Kawauchi na Praça da Matriz.
- “Ninguém é de ninguém”, por Rogério Reis na Praia do Pontal.
- “Angola 2014”, por Edu Simões na Praça da Bandeira.
- “Estaciones”, por Javier Hinojosa na Casa da Cultura.
- “M.E.D.O., desde 1924 ensinando a ter medo”, curadoria Iatã Cannabrava, Giovanni Francischelli e Livia Perez na Casa da Cultura.
- “Will they sing like raindrops or leave me thirsty”, exposição do Photographic Museum of Humanity Grant 2014, por Max Pinckers na Casa da Cultura.
- “Wiki loves Earth”, exposição do concurso Wiki Loves Earth 2014 na Casa da Cultura.

Figura 169: : Capa do Catálogo do 10º PEF, tamanho 30 x 40 cm. **Fonte:** Acervo PEF.

5.11 - 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco (23 a 27 de setembro de 2015)

Não é necessário descrever qual era o clima entre os organizadores. As desavenças sobre a fatura dos catálogos somente se aprofundaram nesta décima primeira edição pois, novamente, o catálogo do festival e o catálogo do leilão foram diagramados e projetados por Ekaterina Kholmogorova, em tamanhos grandes, 30 x 40 cm, A forma do catálogo continuou muito parecida com a anterior, mas, o conteúdo ficou mais denso, com muitos artigos: Eduardo Muylaert escreveu sobre a obra de Antoine D’Agata, Fernanda Feitosa, diretora da sp-arte escreveu sobre colecionismo, Fredi Casco, fotógrafo e produtor cultural paraguaio refletiu sobre fotografia latino-americana, e outros abordaram temas como fotolivros, narrativas, “fotofilmes”, mulheres na fotografia, convocatória e colecionismo. Contém também algumas entrevistas com os convidados palestrantes Max Pam, Claudio Feijó, Francisco Mata Rosas. Trouxe, inclusive, fotografias enormes que ocupavam página inteira ou dupla. A programação do festival não estava dentro desse enorme catálogo, como estava no da décima edição, e sim em um panfleto amarelo, em separado, menor, impresso em papel sulfite, com 20 páginas. Esse deslocamento da programação para fora do catálogo principal

deu a ele um caráter diferente, porque adquiriu forma de revista que procurava atender ao objetivo apontado no texto de abertura assinado por Iatã:

A intenção desta revista é desconstruir a ideia de evento, efêmero por natureza; por meio da consolidação de processos e do fortalecimento de instrumentos mais perenes, queremos um espaço contínuo de reflexão, ressignificação e difusão da fotografia – transcendendo os cinco dias do Festival Internacional de Fotografia de Paraty. Nossa intenção clara e prática com esta revista é criar uma ferramenta que, às vezes na internet e às vezes no papel, sem formato fixo, mas com intenção permanente, dê vazão a toda essa fantástica energia que rodeia a fotografia nos dias de hoje. (CANNABRAVA, Catálogo 11º PEF, 2015, p.2).

Mas me parece que essa intenção de criar um espaço permanente e contínuo de reflexão não foi concretizada. Como veremos no final desta seção, Iatã rompeu com o festival que hoje continua sob o comando de Giancarlo Mecarelli e acontecerá sua 15ª edição em setembro de 2019. Esse rompimento fica muito claro no texto de abertura citado, pois foi assinado exclusivamente por Iatã Cannabrava. Em todos os catálogos, as apresentações de abertura eram assinadas também por Mecarelli ou, na maioria deles, não eram textos assinados, e esta foi a primeira vez que Iatã assinou sozinho. Tudo indica que o tema do festival “Representação e autorrepresentação na era dos dispositivos”, foi elaborado por Iatã a partir da seguinte ideia:

Até bem pouco tempo atrás, para obter um bom retrato era preciso dirigir-se a um fotógrafo, em uma espécie de ritual alquímico, durante o qual colocávamos nas mãos de outrem a missão de construir uma imagem idealizada de nós mesmos. Hoje em dia, no extremo oposto, um turista através de um *selfie* não apenas faz o seu próprio retrato como registra sua geolocalização, ávido por gravar vestígios que extrapolem a vida corriqueira nas *timelines* das redes sociais.

Na era dos dispositivos eletrônicos e da comunicação em rede, cada qual comanda seu próprio espetáculo. Em tese, o indivíduo hoje é dono da construção completa de sua imagem, como se cada um de nós tivesse uma agência de *marketing* à nossa disposição. E o fotógrafo? Somos da teoria que, num mundo onde todos fotografam, fotógrafo é aquele que edita, que constrói as narrativas, nos aproximando mais de uma fotografia com origens na história oral. A memória do futuro depende essencialmente desses contadores de histórias. (CANNABRAVA, Catálogo 11º PEF, 2015, p.2).

Entrevistas

Antoine D’Agata

A grande estrela desta edição foi o fotógrafo francês Antoine D’Agata, cujas fotografias traduzem muita solidão, dor e sofrimento. É bem difícil classificar sua obra tal é a radicalidade das imagens, pois o artista vive as imagens que produz, está inserido nelas. Suas

fotografias refletem uma vida que tangencia o abismo da escuridão da noite, sexo e drogas (Figura 170). Eduardo Muiyler esperava um *pop star* para a entrevista, mas logo percebeu que se tratava de uma pessoa muito simples, mas com uma intensidade absoluta:

O D'Agata foi de uma extrema cordialidade, extrema disposição pra falar, ele falou sem pudor das coisas dele. Ele mostrou um pedaço do filme que fez, quando ficou um tempo morando com uma prostituta. Ele contou a vida dele: nasceu pobre, era um jovem rebelde, saiu de casa e foi viver com os traficantes. E depois a solução da vida dele foi a fotografia. Aí ele se envolveu com a fotografia, de forma radical, ele acha que não basta você fotografar, você tem que fotografar e se envolver com a situação. Tanto que levou uma facada na barriga, quase morreu, levou um tiro no olho, não tem um olho. Ele afirmou que vive muito envolvido com droga e que isso acelera muito a criatividade dele, mas quando ele percebe que tá chegando no limite da droga, aí ele para, descansa. Quando conclui que está sem estímulos, que não está produzindo mais nada, ele volta pra droga. E vive a situação, vai pro bordel e fica com as mulheres. (MUYLAERT, entrevista à Mônica Zarattini, 2019).

Figura 170: Fotografias de Antoine D'Agata. **Fonte:** D'AGATA, 2013, p.436-437.

A imersão de D'Agata nessa vivência profunda e existencial da violência, do sexo, da dor e da droga talvez nos leve a considerá-lo um dos fotógrafos mais drásticos na história da fotografia. Como ele mesmo disse durante a entrevista no 11º PEF:⁸² “continuo a fotografar para compreender o que é estar vivo.” Ao explicar sobre seu processo criativo, o artista

⁸² Reportagem de Julio Boaventura e Manuela Rodrigues para o Blog PEF sobre a primeira noite do festival, 23 set. 2015. Disponível em: <<http://twixar.me/xRyn>>. Acesso em: 29 maio 2019.

explicou na entrevista que não era um herói destemido e sim que o medo fazia parte da fatura de suas fotografias: “As pessoas acham que eu fotografo aquilo que me interessa, mas não, eu fotografo o que me dá medo, o que me perturba profundamente”, disse D’Agata.

Em relação aos temas e sujeitos que retrata, disse que precisou trabalhar muito a dissolução dos muros que os separava deles. Precisou “ter hábitos tão ruins quanto o deles” para que isso gerasse uma proximidade natural, uma relação entre iguais que se respeitam mutuamente, e que principalmente a câmera já não fosse mais uma barreira. “Minha única regra é nunca olhar com condescendência as pessoas que fotografo, nunca fotografei ninguém que eu não respeitasse. Fotografia é um ato de amor, de desejo, e eu as vejo como pessoas que me foram destinadas”, disse Antoine D’Agata. (BOAVENTURA, J.; RODRIGUES, M. Blog PEF, 2015).

Figura 171: Fotografias de Antoine D’Agata. Fonte: D’AGATA, 2013, p.170 e 493.

Ao folhear seu livro *Anticorps* (Figura 171), lançado em 2013, constata-se as afirmações do autor e nos deparamos com sua compulsividade ao fotografar os temas escolhidos. Compreende-se também o tipo de narrativa que mostra nitidamente seus momentos e fases em que está sob o efeito de drogas e quando não está. Logo de início, as primeiras páginas estão compostas de uma sequência do negativo de um filme de 36 poses revelado. É o que chamamos de “folha de contato”, ou seja, as fotografias feitas estão todas dispostas e não editadas. O fotógrafo se desnuda e mostra o seu trabalho “cru”, com as luzes e enquadramentos originais, assim como estão os fotogramas. A primeira fotografia de página inteira é de um braço sendo picado por uma agulha que, provavelmente, pode ser o próprio D’Agata se drogando. Em seguida, fotografias de ruas escuras e vazias, prostitutas em bordéis, homens em imagens típicas de documentos 3 x 4 cm, cães, cavalos, briga de galos, bêbados. Fotos desfocadas, tremidas, com muita definição ou instantâneas. A escuridão dos prostíbulo traz fotografias em baixa velocidade que desfiguram os personagens. Logo após, o encadeamento

de fachadas de prédios abandonados. Fotos diurnas, mas sem um raio de sol ou figura humana. O livro todo é alternado pelas compulsões. Retratos de frente, de lado, pessoas em pé, meio corpo, todos com o mesmo enquadramento, monótonos e se intercalam com as sessões de drogas ou sexo. Depois, fachadas *cleans* de prédios de cidades do primeiro mundo, sequências e mais sequências de pessoas de costas. Mais sexo, mais drogas. Policiais armados, prontos para o conflito, rostos de mulheres orientais maquiadas de forma exagerada, como mostrou a sua foto impressa na entrada da Tenda da Matriz (Figura 172). O livro contém 559 páginas em que não se encontra um único sorriso. Em artigo escrito por Eduardo Muiyalaert no catálogo do festival, D'Agata foi incisivo:

Quando lhe perguntaram qual marca desejava que seu trabalho deixasse na história da fotografia, D'Agata respondeu literalmente: “Ter procurado viver com aqueles que, até então, a fotografia se tinha contentado de ver. Ter tentado dizer o que não foi dito: que não é aceitável que o fotógrafo seja apenas um *voyeur*. Ter tentado ver o que não foi visto. Ter tentado fazer de situações vividas uma obra, tão imperfeita seja ela. Não ter nunca renunciado a viver usando a fotografia como desculpa. Ter tentado abolir toda a distância de meu assunto. Ter querido por em prática, a meus riscos e perigos, uma verdade antiga: o mundo não é feito do que vemos, mas do que somos”. (MUYLAERT, catálogo 11º PEF, 2015).

Figura 172: Fila dos visitantes antes da entrada para palestras do 11º PEF, na Tenda da Matriz. **Fonte:** Foto Talita Virgínia/ Acervo PEF.

Max Pam

Claudia Jaguaribe entrevistou o fotógrafo australiano Max Pam que contou como se dava seu processo criativo na fatura da fotografia e dos seus fotolivros, cujo tema desenvolveu um *workshop* imersivo – cada aluno pode fazer o seu. Em 2015, era de grande interesse o tema dos fotolivros, objeto de desejo de muitos fotógrafos. Claudia mostrou qual foi a tônica da entrevista:

Max Pam vai pelo mundo afora viajando e transformando a viagem no trabalho dele. Ele não é um cara conceitual, ele é um cara das experiências, usa a fotografia como uma forma de experimentar o mundo e conseguir falar sobre mundo através das próprias experiências. Tem um frescor meio hippie, ele carrega a mulher, filhos, e vai indo... Tem um descompromisso, digamos assim, ele não tem um conceito à priori, a coisa vai se construindo no fazer, então esse tipo de fotografia, é uma fotografia mais intuitiva, mais experimental...meio *flâneur*, mas um *flâneur* não bucólico. Max entra nas situações, ele de fato participa das experiências, não é só um observador distante, ele cria uma relação mais próxima mesmo com o que ele está fotografando e faz isso tudo de uma forma muito leve e despretensiosa. Mas ao mesmo tempo ele tem uma capacidade assim meio vulcânica de fazer, de ir atrás, de tá sempre produzindo e já é uma pessoa que tem uma certa idade. Ele faz um diário de viagem, uma grande narrativa, costura coisas e, de certa forma, o trabalho dele pressupõe criação de livro: não são fotografias estáticas, são fotografias que vão caminhando e uma elucida a outra. O desenho, a incorporação de coisas, folhetos, cartazes, coisas fora da própria fotografia, isso vira parte do livro (Figura 173). A ficção e a realidade, o que de fato aconteceu, o que não aconteceu, tudo vai se misturando. É uma espécie de um triturador gigante da realidade a partir de uma ótica muito própria dele. Suas fotografias só se sustentam dentro desse formato de narrativa de fotolivro. Ele constrói a visualidade dele a partir disso. (JAGUARIBE, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 173: Páginas do livro “Ramadan in Yemen”, editado por Max Pam, em 2011. **Fonte:** site do artista.

O primeiro contato de Max Pam com a fotografia foi quando comprou, aos 16 anos, uma teleobjetiva para fotografar os amigos surfistas. Nunca mais parou de fotografar. Quando veio ao Paraty tinha 65 anos e pode resumir sua experiência de quase meio século em que viajar e fotografar foram as únicas necessidades. O site do artista traz a relação de seus

inúmeros fotolivros e, a partir dali, pode-se perceber como se dá a sua criação – nos seus diários de viagens ele usa aquarelas, fotos, selos, texto, desenho, carimbos, tudo junto (Figura 174). “É um vício. Para mim, o livro é maior que uma exposição, por isso me concentro em sua produção; é o livro que vai permanecer, durar mais que eu mesmo”, disse Pam em entrevista ao portal Zum.

A experiência como professor universitário o levou a constatar que apenas 2% dos alunos “vão sair com algo que é surpreendente, autêntico, original” e sugere ao jovem fotógrafo que anda angustiado com os rumos de sua carreira que “é com esse amor que você dissipa a ansiedade, eu arriscaria até dizer que a fotografia se torna quase uma terapia”, declarou Max Pam em entrevista a Julio Boaventura e Manuela Rodrigues para o catálogo do 11º PEF, quando ainda estava na Austrália.

Para mim, a coisa mais importante é viajar. Não importa se eu sair aqui na minha cidade, que eu vá para a Índia ou qualquer outro país, a ideia de viajar é essa de sair andando por aí. Não que eu seja um fotógrafo de viagem, não é o que faço, mas é o processo de deslocamento que sair andando cria, a atmosfera, a observação e a especulação sobre este jogo que chamamos de vida. E é sabido que a fotografia funciona muito bem com essa experiência, por que ela permite que você analise o que está acontecendo. Através do meio fotográfico você pode realmente parar o mundo por um momento. (PAM, Catálogo do 11º PEF, 2015).

Figura 174: Páginas do livro “Autobiographies”, editado em 2016 por Max Pam. **Fonte:** site do artista.

Max Pam abordou durante a entrevista (Figura 175) sobre como viajar e fotografar lhe proporcionam um o conhecimento de si próprio: “É também uma forma de responder à história dos países em que estou. A fotografia nos permite reinventar a nós mesmos, não aceitar essa imagem estática do que somos”. (ZUM, 28 set. 2015).

Figura 175: Claudia Jaguaribe entrevistou Max Pam na Tenda da Matriz. Fonte: Foto Talita Virgínia/Acervo PEF.

Francisco Mata Rosas

Indo ao encontro do tema da representação e da autorrepresentação, a organização do festival chamou o fotógrafo, pesquisador e curador mexicano Francisco Mata Rosas, que fazia uma pesquisa sobre mulheres de traficantes, ou melhor, como as mulheres dos traficantes estão representadas nas redes sociais. Por meio da busca por *hashtags* específicas, Rosas trouxe à tona um mundo de fotografias em que, como em um padrão, as mulheres ostentam itens de luxo. Na entrevista concedida a Julio Boaventura e Manuela Rodrigues, no catálogo do 11º PEF, o fotógrafo explica a pesquisa:

Ainda não são conclusões, porque ainda estou no processo de investigação. Mas o que descobri até agora é que existe um protótipo de mulher de traficante. Mulheres megaoperadas que gastam um monte de dinheiro com seu corpo, que adoram ostentar o que compram – bolsas, sapatos e outros itens de luxo. É o protótipo de mulher muito espetacular e voluptuosa e com algumas características especiais (Figura 176). Primeiramente comecei com esse interesse e depois fui descobrindo que cada vez havia mais fotos daquelas mulheres com armas, ou com filhotes de tigres, leões, Ferraris, e coisas do tipo. Mas o que notei é que aí os registros já não são *selfies*. Portanto, a primeira conclusão é de que quem tira essas fotografias são os próprios traficantes de drogas. E nesse processo suas mulheres figuram como a maioria dos seus bens de consumo. Então, do mesmo jeito que eles ostentam uma Ferrari, um cavalo puro-sangue, armas e joias, também ostentavam suas mulheres. Outro aspecto que despertou meu interesse é como a polícia do mundo inteiro está de olho nos narcotraficantes e eles estão aí, dominando as redes sociais, onde teoricamente seria fácil detectar quem são e capturá-los. (ROSAS, Catálogo 11º PEF, p.29).

Mata Rosas explica que sempre gostou de testar e experimentar novos formatos, que isso o ajuda a não viciar o modo de olhar. Nesse sentido, muda sempre de formato da câmera trabalhando alternadamente ou com todos os dispositivos: celular, película de filme, câmeras de grande formato, câmeras panorâmicas, o que estiver a sua mão que possa revigorar o seu cérebro para pensar e compor suas fotos sob novos pontos de vista.

Penso que cada um destes dispositivos é uma ferramenta. Gosto de me imaginar como um pintor que têm todos os tipos de pincéis e que cada um tem um uso específico. Da mesma forma vejo o equipamento fotográfico. (ROSAS, catálogo do 11º PEF, p.28).

Figura 176: Mata Rosas durante a palestra no 11º PEF quando mostrou um selfie de uma mulher com uma metralhadora dourada. Fonte: ZUM, 2015.

Arno Rafael Minkkinen

Em pleno *boom* da febre do *selfie*, o veterano Arno Minkkinen mostrou imagens de sua vasta obra em que, há mais de 40 anos fotografa a si mesmo, na maioria das vezes com partes do corpo nu, em perfeita simbiose com a natureza. Suas fotografias intrigam, pois estão sempre em cenários como abismos, lagos gelados, neve, alto das árvores e em algumas em janelas de prédios muito altos. Arno não usa qualquer tipo de manipulação digital, tão pouco usa o *photoshop*, apenas mentaliza suas fotografias e posiciona câmera e corpo para obter o resultado desejado, mesmo que tenha que atuar como um contorcista profissional, tal é a

elasticidade do posicionamento de seu corpo em relação à lente objetiva. Mais um dos convidados que tem seu trabalho ligado intimamente com o tema do 15º PEF.

Figura 177: Imagem de Arno em um lago que mais parece uma rocha. **Fonte:** site do artista.

Na figura 177, as costas de Arno mais parecem uma pedra no lago e, no momento do clique fotográfico, uma mosca pousou na pedra. Em entrevista ao jornalista Antonio Gonçalves de *O Estado de S. Paulo*, o fotógrafo contou como tudo aconteceu ao acaso:

Por vezes essa simbiose é tão profunda que até os bichos confundem seu corpo com outros elementos da paisagem. Minkkinen aponta uma foto em que, num exercício de contorcionismo, parece uma pedra dentro de um lago, pedra essa em que pousa uma mosca. “Só fui ver na revelação do filme”, conta. “A verdade incontestável é o negativo”, conclui, dizendo que a mosca é, desde então, a sua marca registrada, porque não havia ninguém por trás da câmera. O acaso e a espontaneidade construíram a imagem. (GONÇALVEZ, *O Estado de S. Paulo*, 23 ago. 2016).

Figura 178: Arno também intervém com seu corpo em espaços urbanos e na natureza. **Fonte:** site do artista.

Ao entrevistar Minkkinen, o curador argentino Rodrigo Alonso extraiu do artista como se dava sua relação com o aparelho, com a câmera fotográfica, com a qual cria imagens tão bizarras (Figuras 178 e 179). Segundo reportagem do Blog PEF 2015:

Fiz um contrato com a minha câmera em 1971, ela seria responsável pelas fotos eu seria responsável por imaginar. As câmeras merecem aplausos por serem nosso instrumento, pelo qual somos apaixonados e que nos une em uma linguagem universal. (MINKKINEN, entrevista à Boaventura e Rodrigues, Blog PEF, 2015).

Figura 179: Imagens de Arno Minkkinen não pertencem à esfera do real. **Fonte:** site do artista.

Leilão de Fotografias

Neste ano, o leilão também deixou de ser feito em Paraty e aconteceu na Galeria Lume, no Jardim Europa, em São Paulo, com a presença de um leiloeiro oficial, o que trouxe novamente um caráter bem menos informal do que os leilões que eram realizados em Paraty. Foram a leilão 99 lotes com participação de fotógrafos brasileiros e do exterior.⁸³ Trinta e cinco lotes foram vendidos e os melhores preços obtidos foram para as fotografias de Alberto Ferreira, 15 mil reais, e Martin Parr, por 12.500 reais (Figura 180). Renomados fotógrafos como Bernd e Hilla Becher, Max Pam, Flor Garduño, Terry O'Neill, e Claudio Edinger não venderam. Fotógrafos modernos como Eduardo Salvatore, Marcel Giró, Ademar Manarini e José Yalenti, todos com lance mínimo na faixa de 20 a 25 mil também não foram vendidos. O jovem fotógrafo da Favela da Maré no Rio de Janeiro, Ratão Diniz, vendeu seus dois lotes por 2.500 reais e um lote por 2.300 reais.

Figura 180: À esquerda fotografia de Alberto Ferreira; à direita, de Marcel Giró. **Fonte:** Catálogo Leilão 2015.

⁸³ Fotógrafos Participantes do leilão de 2015: Ademar Manarini, Akira Cravo, Alberto Ferreira, Alexandre Sequeira, Ana Carolina Fernandes, Ana Lúcia Mariz, Ana Stewart, André Penteado, Arnaldo Pappalardo, Arno Rafael Minkinen, Benoit Fournier, Bernd e Hilla Becher, Betina Samaia, Bruno Cals, Bruno Rios, Bruno Veiga, Cassio Vasconcellos, Chico Albuquerque, Cláudia Jaguaribe, Claudio Edinger, Cristina de Middel, Deborah Engel, Edu Simões, Eduardo Salvatore, Emídio Contente, Fabio Messias, Fausto Chermont, Felipe Morozini, Felipe Russo, Flor Garduño, Gabriela Machado, Gal Oppido, Garapa, Gilvan Barreto, Guta Galli, Guy Veloso, Hudinilson Jr., Iatã Cannabrava, Ivan Cardoso, Ivan Padovani, Jerome Schlomoff, João Castilho, João Farkas, José Diniz, José Yalenti, Julio Bittencourt, Laurent Chéhère, Letícia Lampert, Lucas Lenci, Luisa Dörr, Luiz Braga, Marcel Giró, Marcelo Brodsky, Marcelo Reis, Marcelo Tinoco, Marco A. F., Marcos Bonisson, Marcos Santilli, Marcus Lyon, Mario Cravo Neto, Marlene Bergamo, Martin Parr, Maxi Cohen, Max Pam, Miguel Rio Branco, Nydia Negromonte, Octavio Cardoso, OSKE (Hirosuke Kitamura), Paulo D'Alessandro, Paulo Pires, Pedro David, Penna Prearo, Pio Figueroa, Ratão Diniz, Rodrigo Kassab, Rogério Reis, Romy Pocztaruk, Rosângela Rennó, Sara Não tem nome, Sergio Larrain e Pablo Neruda, Sheila Oliveira, Terry O'Neill, Thomas Kellner, Tiago Santana, Tuca Vieira e Walter Costa.

Leilão de Fotografia:

Ver *pdf* do catálogo do leilão que se encontra no site do 11º PEF. Disponível em: <<https://www.pefparatyemfoco.com.br/2015>>. Acesso em: 2 abr. 2019.

Workshops

Analisando a Tabela I, pode-se visualizar o aumento no número de oficinas nesta última edição estudada. Foi o ano em que mais *workshops* foram ministrados, mais precisamente, trinta oficinas de todos os tipos. Isso sedimenta o objetivo de Iatã em tornar o Paraty em Foco uma “estação de trabalho” (Figura 181). Ele ia mais além, queria que isso se tornasse regular e não efêmero, como vimos no início do capítulo. No entanto, o que veremos é que Iatã rompeu com o festival e essa atividade não teve mais continuidade.

A atividade marca uma nova frente do festival: uma série de *workshops* que resulta em produtos e projetos quase instantâneos, na experiência criativa que os organizadores estão chamando de Estação de Trabalho Paraty em Foco. (CANNABRAVA, Catálogo 11º PEF, 2015, p.2).

Figura 181: Estação de Trabalho Paraty em Foco, local onde se produzia o resultado dos trabalhos das oficinas. **Fonte:** Fotos Talita Virgínia/ Acervo PEF.

Exposições

Uma grande estrutura metálica, ao lado da Igreja da Matriz, mostrou as fotos escolhidas e selecionadas pelo júri da convocatória dentre os 1791 trabalhos recebidos: 1566 ensaios fotográficos e 225 trabalhos multimídias (Figura 182). A participação internacional teve destaque, 11 países da América, 10 europeus incluindo Europa Oriental e Ásia. Foi mantido o método dos indicadores internacionais e, desta vez, contaram com Ihiro Hayami, do Japão, Manik Katyal, da Índia, Coletivo Más Uno, da Colômbia e o curador das exposições, Claudi Carreras. As fotografias de Antoine D'Agata ficaram expostas na parede lateral da Tenda da Matriz.

Figura 182: A estrutura metálica ganhou o nome de Labirinto e lá foram expostas as fotografias selecionadas pela Convocatória. **Fonte:** Sara De Santis/Acervo PEF.

O fotógrafo Edu Monteiro também trouxe imagens ligadas ao tema do festival com sua exposição “Autorretrato Sensorial”, em que o artista se fotografa com a cabeça sempre coberta por cigarros, animais, brinquedos, comidas, carnes e espelho, entre outros, ou da série “Saturno” (Figura 183) na qual constrói uma narrativa da busca por si mesmo.

Figura 183: Da série Saturno, de Edu Monteiro. **Fonte:** site do artista.

Fora do centro histórico, destacou-se a exposição “Gente Daqui” (Figura 184) com fotografias do diretor do festival, Giancarlo Mecarrelli, que iniciou esse trabalho em 2014, época em que realizou cirurgia em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, em decorrência de um câncer. Mesmo fragilizado, fotografou moradores da Ilha das Cobras e Mangabeira, bairros mais pobres de Paraty. Aplicou uma moldura dourada em cada retrato dos moradores e para que parecessem com fotografias

nos moldes de 1800, *fiorentina*, como se fossem pinturas da Monalisa e expus no centro histórico, fotos de um metro e trinta centímetros. Trabalhei na surdina, Iatã não sabia que eu estava fazendo esse ensaio. Aí eles tiveram que colocar no catálogo... Foi lindo, abrimos a exposição com cirandeiros na Tenda da Matriz, montamos um filme. A cidade reconheceu que o evento lembrou do povo... (MECARELLI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Figura 184: Imagem do artigo de Paula Sachetta sobre a exposição de Mecarelli. **Fonte:** Reprodução Catálogo 11º PEF, 2015, p.57.

No catálogo do 11º PEF, a jornalista Paula Sachetta escreveu sobre a exposição das fotografias de Mecarelli e começou seu artigo justificando que os personagens retratados “sentados como príncipes e princesas, emoldurados em madeira dourada” vivem em bairros longe do centro histórico em que acontece o festival de Paraty. Para chegar aos bairros Mangueira e Ilha das Cobras, é preciso pegar barco e cruzar a pista do aeroporto da cidade. Com a exposição “Gente Daqui”, Mecarelli procurou dar a devida importância e visibilidade para o povo da região em uma tentativa de aproximação e inclusão deles no festival:

Que nas próximas edições do Festival, os moradores do lugar mergulhem de vez em suas águas, ultrapassem a força das marés que os separam e venham ocupar o Festival de uma vez por todas. Que não haja mais cerca que os deixem do lado de lá, que façam seus autorretratos ou exponham fotos dos gringos fazendo selfies na frente das fotos ampliadas, espalhadas pela cidade. A cidade é ocupada por gente de fora e por quem sempre esteve nela e ao mesmo tempo tão longe dela. (SACHETTA, catálogo 11º PEF, 2015, p.57).

Novo rompimento

Nessa edição do festival, segundo Mecarelli, a relação entre ele e Iatã já estava bastante estranha. Mecarelli contou em entrevista a mim que assim que terminou o festival, no final de 2015, foi para Roma fazer a radioterapia para tratar seu pós-cirúrgico do câncer, quando Iatã lhe enviou uma mensagem via WhatsApp perguntando: “vamos acabar com o Paraty em Foco no seu auge?” Mecarelli disse que respondeu imediatamente: “se você não quer continuar, passe bem, vamos fazer as contas direitinho e cada um continua seu caminho”.

Também após o décimo primeiro festival, Claudi Carreras rompeu a sociedade com Iatã na empresa do Estúdio Madalena. Segundo Claudi, o acordo era fazer três edições do Paraty em Foco e, no final, acabou sendo curador de exposições em quatro edições, do oitavo ao décimo primeiro, de 2012 a 2015.

Porque com essa coisa da necessidade de ser o melhor e o maior, entramos numa crise econômica muito forte. Esse décimo primeiro Paraty foi muito doloroso. No Paraty anterior a Rinko Kawauchi já tinha sido um custo incrível. Nós sempre quisemos trazer as grandes estrelas internacionalmente reconhecidas Rinko Kawauchi, Martin Parr, D’Agata, trazer outras fotografias, como a fotografia africana, o Pieter Hugo, como a fotografia da Austrália com Max Pam, não só aquela coisa da Europa. Mas a gente depois sofria para fazer. Porque aqui o Estúdio Madalena já estava sofrendo muito, aqui já começava a crise econômica no Brasil, aqui a gente começava a sofrer muito. Foi um processo muito duro. E eu também já não tinha mais nada para investir e daí eu resolvi sair da empresa Estúdio Madalena. (CARRERAS, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

Segundo jornal *O Globo*, em reportagem de Liv Brandão, Iatã alegou que tinha “divergência de estilos” e que isso teria causado a saída do Paraty em Foco. Segundo o jornal, Mecarelli estava em Milão e Iatã disse que o rompimento foi “o mais amigável possível”.

O que eu fiz à frente do Paraty em Foco foi acompanhar as transformações pelas quais passou a fotografia nos últimos anos, e elas foram muitas. Câmeras digitais, smartphones, GoPro, drones, tudo isso foi discutido. Gosto de priorizar a discussão da realidade política da fotografia, já o Mecarelli tem uma visão mais romântica, voltada para a fotografia das galerias. (CANNABRAVA, entrevista à Liv Brandão, *O Globo*, 22 dez. 2015).

O jornalista Daigo Oliva, do jornal *Folha de S. Paulo*, publicou também no dia 22 de dezembro de 2015, no caderno *Folha Ilustrada*, matéria em que relatou a saída de Iatã Cannabrava da direção e organização do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. Anunciou ainda que Iatã iniciava uma nova parceria com Thamyres Matarozzi, em Santos, para a realização de novo festival voltado para fotografia, cinema e televisão, cujo nome era “Valongo”. Daigo informou que tanto Iatã como Mecarelli afirmaram que a

hotelaria e os restaurantes em Paraty eram muito caros, e essa era uma das dificuldades. Desse modo, relata o desentendimento central:

A principal razão para a saída de Iatã está na disputa pela marca do evento. Nos últimos anos ele tentou comprar o nome Paraty em Foco. “Eu estava construindo um festival que não ficaria comigo”, diz o empresário. “Mas tenho certeza absoluta de que quem criou o ‘Paraty’, quem deu a cara a ele, quem o configurou, tijolo por tijolo, fui eu”.

O fundador do encontro, Mecarelli, conta que Iatã fez duas propostas “malucas” pela marca, algo “que era melhor não ter feito”.

“Não quero brigar com Iatã, mas é muita arrogância dizer que foi ele quem construiu o festival”. (OLIVA, *Folha de S. Paulo*, 22 dez. 2015).

O fundador do evento, Mecarelli, afirmou que a reportagem da *Folha de S. Paulo* escrita por Daigo Oliva não foi imparcial:

...ele fez a entrevista para me prejudicar. Eu deixei e pensei: “puxa estão falando do Paraty, mal ou bem, estão falando” e eu segui fazendo o festival e já estamos na 15ª edição... o Paraty está aí, vivíssimo, ele já é uma marca! (MECARELLI, entrevista à Mônica Zarattini, 2018).

PROGRAMAÇÃO PRINCIPAL

Figura 185: Catálogo do 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, 30 x 40 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

Encontros e Entrevistas:

- Abertura – “Tensão e sedução: o encantamento no escuro”, Eduardo Muylaert entrevistou Antoine D’Agata.
- “Conspirações à luz do dia – preparatória do Fórum Latino-americano de Fotografia de São Paulo”, Daniel Sosa, Eduardo Saron, Fredi Casco, Ítala Schmelz, Marcelo Brodsky, Roberto Huarcaya e representantes da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil debateram com Iatã Cannabrava.
- “Photo London”, por Fariba Farshad.
- “O fotógrafo, o ladrão, sua mulher e o amante dela: trama de paixão e crime no Facebook”, conversa com o curador Agnaldo Farias.
- “O olho do homem: imagem e imaginário”, Alfredo Manevy entrevistou Ailton Krenak.
- “Páginas da fotografia”, Claudia Jaguaribe entrevistou Max Pam.
- “Caminhos, políticas e definições para uma fotografia em processo de expansão de ideias e de reflexões – Mesa RPCFB”, Alfredo Manevy,

Cristina Maseda, Eduardo Saron, Lisette Lagnato, e representantes da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil debateram com latã Cannabrava.

- “World Press Photo”, por Micha Bruinvels.
- “Da parede às páginas e das páginas à parede. O curador nos tempos do fotolivro”, por Horacio Fernández.
- “Fotografia, México, Poder...”, Eugênio Sávio entrevistou Francisco Mata Rosas.
- “DNA Fotógrafo”, Milton Guran entrevistou Christian Cravo.
- “Fotografia e Direitos Humanos”, Paula Sacchetta entrevistou Andrés François, Marcelo Brodsky e João Roberto Ripper.
- “O corpo como *statement*”, por Rodrigo Alonso.
- “Geração Instagram – Mesa Fotografe Melhor”, Sergio Branco e Juan Esteves entrevistaram Tuane Eggers e Alexandre Urch.
- “Mímese fotográfica”, Rodrigo Alonso entrevistou Arno Rafael Minkkinen.
- “Toda impostura será castigada”, conversa com Claudio Feijó.

Workshops:

- “Experiência Max Pam: da ideia à publicação de um fotolivro”, por Max Pam e Jack Pam.
- “As flores do jardim da nossa casa: uma releitura em imagens das canções de Roberto Carlos”, por Vibrant Editora.
- “Storytelling: Moradores”, por Nitro Imagens.
- “Arqueofotografia de territórios contemporâneos”, por Coletivo SC02.
- “Arquivo, memória, edição e narrativas visuais”, por Marcela Souza e Walter Costa.
- “Masterclass – Mais uma vez retrato”, por Luiz Garrido.
- “Masterclass – 10 motivos para continuar fotografando”, por Maurício Lisovsky.
- “Masterclass – Retrato: uma visão pessoal”, por Marcio Scavone.
- “Photographic Museum of Humanity – edição fotográfica”, por Alejandro Kirchuk e Ignacio Colo.
- “The power of Three”, por Arno Rafael Minkkinen.
- “Autorretrato contemporâneo”, por Edu Monteiro.
- “Projeto autoral: escolhendo um tema, desenvolvendo um estilo”, por Claudio Edinger.
- “Construindo uma visão pessoal”, por Grégoire Korganow.
- “Ligthroon fundamental para fotógrafos”, por Clício Barroso.
- “Photographic Museum of Humanity – Fotografia 2.0”, por Giuseppe Oliverio e Nicolas Janowsky.
- “Um debate infinito sobre política e fotografia, não necessariamente nessa ordem”, por Bruno Veiga.
- “Nos limites do ato fotográfico”, por Antoine D’Agata.
- “Parafraseando com dispositivos móveis”, por Francisco Mata Rosas.
- “Fotografar, ser, estar”, por Calé.
- “Descondicionamento do olhar”, por Claudio Feijó.
- “Imagem ao redor”, por Ayrton360.
- “Fotografia Africana”, por Juvenal Pereira.

- “Bem querer”, por João Roberto Ripper.
- “Fotolivro: a história contada e produzida”, por Horacio Fernández.
- “O curador como protagonista da cena contemporânea”, por Rodrigo Alonso.
- “Re-visitando-significando-editando”, por Gilvan Barreto.
- “Photographic by Nature”, por Felipe Morozini, Debby Gram e Pablo Lastra.
- “Paraty invertida”, por Cidade Invertida.
- “Imagem lúdica – capacitação para educadores”, por Cidade Invertida.
- “Câmera Mágica”, por Cidade Invertida.

Exposições:

- “Ao firmamento viaja a mente, na terra descansa o corpo”, por Christian Cravo no Palco Tenda Multimídia.
- “Désordres”, por Antoine D’Agata na lateral da Tenda Multimídia.
- “Supertourist”, por Max Pam na Praça da Matriz.
- “Prêmio Syngenta de Fotografia”, por Mustafah Abdulaziz na Rua Fresca.
- “Gente daqui”, curadoria de Giancarlo Mecarelli alambrado do aeroporto de Paraty.
- “Brincar”, curadoria de Giancarlo Mecarelli na Casa PEF.
- “Latin American Photography 2013/2014”, por Galeria Epson na Casa PEF.
- “Água”, curadoria de Giancarlo Mecarelli no Silo Cultural.
- “ID – Retrato contemporâneo por artistas brasileiras”, com curadoria de Adriano Casanova, com fotografias de Claudia Andujar, Claudia Jaguaribe, Cris Bierrenbach, Flávia Junqueira, Lenora de Barros, Lia Chaia, Rochelle Costi, Sara Não Tem Nome e Sofia Borges na Casa de Cultura.
- “Richard & Famous”, por Richard Simpkin na Casa de Cultura.
- “Autorretrato sensorial”, por Edu Monteiro na Casa de Cultura.
- “Periscope”, por José Diniz na Galeria Zoom.
- “Convocatória em Foco – curadoria Claudi Carrera”, fotografias de Allan Jeffs Ulloa, Arnau Blanch Vilagellu, Bruno Moraes, Carlos Alberto León Sandoval, Cecilia Lutufyan, Cecylia Reinoso, Diego Saldiva, Dougie Wallace, Flavia Schuster, Jorge Luis Santos Garcia, K. M. Asad, Laura Cuch, Luiz Frota, Marco A. F., Marika Dee, Massimiliano Pugliese, Mayumi Hosohura, Melba Arellano, Nicolas Wormull, Phil Toledano, Régis Duarte, Rodrigo Hill, Santiago Forero, TrêMa, Vinícius Xavier e Yusuke Yamatani, no Estacionamento do ITAE.

Figura 185; Catálogo do 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco, 30 x 40 cm. **Fonte:** Reprodução de Mônica Zarattini.

5.12 - As fases do festival e a configuração de um modelo

Durante os onze anos estudados, foi possível verificar três fases nas quais o festival foi aprimorando sua formatação, conforme se observa na Tabela I – Atividades do Festival. Vê-se o aumento progressivo das atividades “Encontros e Entrevistas”, “*Workshops*”, “Exposições”, “Projeções”, “Leilão”, “Lançamentos de Livros” e “Leitura de Portfólios”. Constata-se que nem todas as atividades eram feitas em todos os anos, mas nas 7ª e 10ª

edições, em 2011 e 2014 respectivamente, percebe-se que todas as atividades foram cumpridas. Pode-se dizer que o festival, durante mais de uma década, teve um “modelo” de realização em que estas atividades incluíam os artistas convidados, professores e o público.

Primeira fase (2005 a 2008)

Diante da imensa quantidade de brigas, parcerias feitas e desfeitas, como já dito, o festival se dividiu em três fases no período estudado. A primeira fase compreende as 4 primeiras edições, de 2005 a 2008. Foi um período conturbado em que o fundador e idealizador do festival, Giancarlo Mecarelli, buscou parcerias para construir o festival. Começou com Pisco del Gaiso, do Fotosite, em 2005; depois com Iatã Cannabrava, Marcelo Greco e Luiz Marinho em 2006 e 2007 e, no 4º PEF, em 2008, Mecarelli trabalhou apenas com Greco e Marinho. Na quarta edição, mesmo sem a presença de Iatã, constata-se que já se concretizava um formato de festival, conforme se observa nos dados organizados na Tabela I que mostram uma constância em suas atividades. Nessa primeira fase se sedimentaram as atividades, mesmo com a instabilidade das parcerias observa-se crescimento numérico nos Encontros e Entrevistas, *Workshops* e Exposições. Nessa primeira fase ainda não estava firmada a cultura de leituras de portfólios, momento em que fotógrafos mostram para profissionais seus ensaios, projetos ou bonecos de livros no intuito de aprimorá-los. As convocatórias para novos talentos também não eram comuns, apenas no 3º PEF ocorreu de maneira embrionária e informal. O perfil dos convidados internacionais se concentrou nos EUA e Europa a partir do terceiro evento. No primeiro apenas brasileiros e no segundo alguns convidados latino-americanos.

Segunda fase (2009 a 2011)

São as edições que compreendem o quinto, sexto e sétimo festival. Foi nesse período que Iatã voltou para a direção do festival, criou o Conselho Curador e cercou-se de pessoas qualificadas e aliadas. Além disso, estabeleceu uma parceria com a designer e produtora Helena Huschel no trabalho de organização e direção. O Conselho e o trabalho de Helena foram dois pontos fundamentais para o êxito do evento momento em que o festival se expandiu não só em quantidade de público, mas principalmente em qualidade, na medida em que se inicia seu reconhecimento internacional. A prática de leilões de fotografia também se sedimentou. O sétimo festival atingiu o número máximo de exposições – vinte – em galerias e à céu aberto. Do 6º PEF em diante, em 2010, as convocatórias se afirmaram na programação.

Há um aumento razoável de convidados estrangeiros que vieram da América Latina, EUA e Europa e pela primeira vez, um convidado da África.

Terceira fase (2012 a 2015)

Nesta fase aconteceram a oitava, nona, décima e décima-primeira edições. A produtora Helena Huschel deixou o festival no sétimo evento e entrou em cena o curador catalão Claudi Carreras no oitavo Paraty em Foco. A parceria com Claudi fortaleceu as pretensões de Iatã fazer o “maior e melhor festival da América Latina” e com isso o festival alavancou e sedimentou fama e reconhecimento no plano internacional. Nesse momento, o festival adquiriu uma nova e criativa expografia que tomou as ruas do sítio histórico de Paraty com cubos iluminados, enormes fotografias impressas em *banners* e ocupações de espaços públicos antes nunca utilizados. Foram convidados artistas de países distantes como Japão, China, Austrália, África, Finlândia o que, de certa maneira, provocou um deslocamento do eixo “América Latina/EUA/Centro Europa”. A Tabela II – Artistas nacionais e estrangeiros convidados –, no final desta investigação, mostra a evolução dos artistas participantes dos Encontros e Entrevistas. Identifica-se que as atividades “Encontros e Entrevistas” e “*Workshops*” atingem seu número máximo no 11º PEF, em 2015, assim como os lançamentos de livros.

Quando há o rompimento e Iatã deixa a organização do festival, em 2015, vê-se que algumas vozes (jornalista Daigo Oliva da *Folha de S. Paulo* e Pio Figueiroa, por exemplo) já criticavam e questionavam a formatação e o encaminhamento do festival, principalmente no que diz respeito à forma das entrevistas em que artistas e entrevistadores se posicionavam acima e distante da plateia. Percebe-se aqui o início do esgotamento de um modelo. Mesmo assim, o festival continuou em tamanho menor procurando seguir esse padrão. Sob a direção de Giancarlo Mecarelli, o festival realizou sua 15ª edição entre 18 a 22 de setembro de 2019, completando 15 anos de existência.

6. IMAGENS SELECIONADAS

Este capítulo é composto apenas de fotografias. Foi feita uma coletânea com produções de 24 artistas convidados e entrevistados durante as onze primeiras edições de Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco. As imagens foram exibidas e de algum modo discutidas entre os anos de 2005 e 2015 durante os eventos. Os critérios usados para a escolha desse conjunto foram norteados e alinhados com a teoria e os conceitos motivadores estudados no Capítulo 2, quando houve a reflexão sobre quais deles poderiam dar conta de explicar as tendências e rumos das novas poéticas com que a fotografia se veste na contemporaneidade.

Diversas seleções poderiam ser montadas e a apresentada a seguir é apenas um exemplo. Por questões de formatação da tese, decidi que ficariam agrupadas em pares. O critério para a escolha dos pares foi unicamente visual e estético, não foram reunidas pelos processos criativos dos artistas ou por ordem cronológica, assim como não serão comentadas nas Considerações Finais em pares e sim por percursos criativos, temas e conceitos teóricos.

Fazem parte desta seleção oito artistas nacionais (Rogério Reis, Cia de Foto, Arthur Omar, João Castilho, Sofia Borges, Rodrigo Braga, Pedro Motta e Cris Bierrembach) e dezesseis internacionais (Penelope Umbrico, Peter Funch, Loretta Lux, Lucia Chiriboga, Machiel Botman, Thomas Hoepker, Marcos López, Pieter Hugo, Antoine D'Agata, Rinko Kawauchi, Lourdes Grobet, Cristina de Middel, Alessandra Sanguinetti, Alejandro Chaskielberg, George Rousse e Arno Rafael Minkinen).

Um convite à observação e ao deleite da fotografia contemporânea.

©Rogério Reis – 10º PEF.

©Penelope Umbrico – 7º PEF.

©Peter Funch – 8° PEF.

©Cia de Foto – 1°, 6° e 9° PEFs.

©Arthur Omar – 5° PEF.

©Machiel Botman – 4° PEF.

©Lucia Chiriboga – 2º PEF.

©Loretta Lux – 5º PEF.

©Thomas Hoepker – 3° PEF.

©Marcos López – 8° PEF.

©Pieter Hugo – 7° PEF.

©Antoine D'Agata – 11° PEF.

©Rinko Kawauchi – 10° PEF.

©João Castilho – 6° PEF.

©Sofia Borges – 10º PEF.

©Rodrigo Braga – 5º e 10º PEFs.

©Lourdes Grobet – 9° PEF.

©Cristina de Middel – 9° PEF.

©Alessandra Sanguinetti – 5° PEF.

©Alejandro Chaskielberg – 6° PEF.

©Pedro Motta – 10º PEF.

©George Rousse – 6º PEF.

©Arno Rafael Minkinen – 11° PEF

©Cris Bierrenbach – 6° PEF.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi constatado, como de fato a hipótese suspeitava, que as onze edições do Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco tiveram relevância, pois agenciaram a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia. Com as entrevistas e os levantamentos efetivados por meio das fontes primárias e secundárias, percebeu-se, com base em conceitos estudados no Capítulo 3 –, a “fotografia expandida”, a “imagem pensativa” e a “imagem-enigma” –, que as escolhas curatoriais do festival foram ao encontro das práticas e narrativas pós-modernas.

Assim, ficaram evidenciadas as mudanças ocorridas na transição da era moderna para a pós-moderna, quando artistas passaram a misturar práticas na fatura de suas obras e a transitar por diferentes linguagens, não se importando com as fronteiras: viu-se, misturados à fotografia, uma série de *performances*, uso de xerox, *happenings*, serigrafias, vídeos, música, *body* e *land art*. Na transição do milênio, o advento das mudanças tecnológicas alterou radicalmente a percepção do espaço e do tempo, os quais sofreram alterações e provocaram mudanças no modo de vida da sociedade. A imagem está no centro de tudo, invadiu de vez a vida dos seres humanos do planeta, enfim, chegamos à “era das telas” e o mundo, como recorda Jameson (2006), está “saturado pela cultura da imagem”. A instantaneidade e ubiquidade do mundo contemporâneo reinam absolutas com a febre de “*selfies*” em redes sociais, os programas de TV ao vivo, comunicação e compra de produtos via imagens e *online*, sem falar da mídia de massa contemporânea que, segundo Groys (2015, p.30), é a mais “poderosa máquina de produção de imagens – imensamente mais extensa e efetiva que nosso sistema contemporâneo de arte”. Há uma saturação de imagens hiper-reais que são hegemônicas e tecnicamente tão perfeitas que causam fascínio no observador. Flusser chama atenção para entendimento dos que olham as imagens técnicas: não as enxergam como representação da realidade e sim como o próprio mundo, olham fotografias, telas de TV, celulares, computadores como se fossem janelas por onde tudo se vê – “aparentemente, pois, imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real” (FLUSSER, 2011, p.30).

O fato incrível é que apesar de serem muitas as referências e fontes que a *web* possibilita, as imagens que acabam sendo absorvidas são as mais massificadas e homogêneas, aquelas que Fabbrini (2016, p.245) chama de “imagens sem face oculta, sem mistérios, chapadas, superficiais, epidérmicas”. Segundo Didi-Huberman (2011, p.67), mesmo “o raio cruel dos projetores” não apagará no “mínimo vagalume uma resistência, uma luz para todo o pensamento”.

No sentido de encontrar esses vagalumes que resistem às imagens hegemônicas, esta pesquisa se debruça sobre as 24 fotografias selecionadas no Capítulo 6, a fim de demonstrar que artistas participantes do Festival Paraty em Foco se alinham com os conceitos motivadores formulados por Rancière, a “imagem pensativa”; por Fabbrini, a “imagem-enigma”; por Fernandes, a “fotografia expandida” e por Rouillè, “a fotografia-matéria”. Segundo Canton (2009), a arte contemporânea se volta às polêmicas em torno da identidade, alteridade, vida íntima, ecologia, micropolíticas, memória, afetividade, corpo, erotismo e, muitas vezes, aposta em “narrativas enviesadas”, nem sempre lineares com um começo, um meio e um fim, e, muitas das obras desse conjunto representam esses focos de interesse. A reflexão sobre o conjunto de imagens selecionadas no Capítulo 6 será feita a partir de comentários acerca de seis agrupamentos de artistas e objetiva responder à problemática inicial da pesquisa: qual fotografia é destacada e considerada “contemporânea”.

Grupo 1

Composto de quatro artistas que manifestam, cada qual o seu tema, direcionando o percurso de seus trabalhos para o uso da montagem por meio de programas de computadores. São eles: Rogério Reis, Penelope Umbrico, Peter Funch e Marcos López.

O fotógrafo Rogério Reis esteve no 11º PEF, em 2015, e trouxe o trabalho “Ninguém é de Ninguém”. *O que denota a imagem destacada no ensaio?* Multidão de banhistas que enche uma praia e em seus rostos são colocadas bolinhas coloridas como se fossem tarjas impedindo a identificação delas. Assim, o artista traz para a mesa de discussão o tema identidade sob a perspectiva do direito de imagem do cidadão e o direito do fotógrafo de exercer seu clique em lugares públicos. O efeito estético é bem interessante, diferenciando-se dos trabalhos do vanguardista húngaro László Moholy-Nagy e do artista conceitual americano John Baldessari, nos quais se inspirou, pois se aplica em multidões, o que produz um intenso e enigmático colorido. A cartilha que acompanha o trabalho é uma crítica sutil e somada ao uso do *photoshop* na aplicação das tarjas em forma de bolinha ou quadradinho que cobrem o rosto das pessoas, ressignifica o debate em torno da identidade/alteridade. Para Rancière (2012, p.124), isso é “o entrelaçamento de vários regimes de expressão e do trabalho de várias artes e várias mídias” e o uso de novas mídias ao contrário de significar o fim da arte, oferece, sim, novas possibilidades para a fotografia contemporânea. “A imagem não deixará tão cedo de ser pensativa”, diz Rancière (2012, p.125).

A norte-americana Penelope Umbrico foi entrevistada no 7º PEF, em 2010, quando apresentou seu trabalho “Suns from Sunsets from Flickr”. *O que parece essa fotografia?* Nela se vê muitas imagens com pôr-do-sol que, colocadas lado a lado, formam um enorme mosaico. Por meio de busca por palavra “pôr-do-sol” em pesquisa na internet, Penelope começou, em 2006, coletando 541.795 fotografias em que o sol finalizava a tarde, ou seja, apropriando-se de imagens feitas por outras pessoas e disponíveis na web. A artista colocou em xeque alguns postulados da era modernista como autoria, originalidade e o “momento decisivo bressoniano” pois, ao colocar paralelamente tais imagens, mostrou que nada há de original nelas e que também não há um momento decisivo. Ao contrário, há um momento que se prolonga e é contínuo em milhões de imagens do mesmo tema que são produzidas todos os dias. A artista demonstrou seu intento quando, depois de um ano, continuou com sua pesquisa e apropriação, e a quantidade de imagens “roubadas” passava de 3 milhões. Com esse trabalho, enterrou a autoria de cada imagem e destacou o comportamento contemporâneo em que temos “la sensación de que todo ha sido fotografiado, pero hoy la experiencia de la imagen es más importante que la imagen misma”, conforme Fontcuberta (2016) afirmou em entrevista para o jornal espanhol *El País*.

O dinamarquês Peter Funch desembarcou em Paraty no oitavo festival, em 2012, e trouxe em sua bagagem o debate a respeito do tempo contemporâneo, que de tão fragmentado pela virtualidade reinante, acaba por se tornar um “presente perpétuo”. *O que se enxerga na fotografia de Peter Funch selecionada?* Em um mesmo espaço, numa rua de Nova York, várias pessoas seguram envelopes amarelos. Esse é um bom exemplo da imagem-enigma de que trata Fabbrini (2016, p.251), uma “imagem que force o pensamento”. Em um primeiro momento, a fotografia parece representar um instantâneo em uma esquina, mas ao fazer uma leitura minuciosa, o observador percebe que há algum mistério ali. Com o uso do photoshop, Peter Funch consegue criar uma fotografia com jeito de documento, como se fosse um acontecimento em um local qualquer. Seu objetivo é que a fotografia “não tenha uma linha do tempo”, como declarou em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* (2012). O fotógrafo consegue com essa criação manter o tempo do que se passou durante uma manhã inteira como se tudo tivesse passado em um clique. “Com isso a direção do tempo se dilui e a própria tripartição diacrônica – a divisão do tempo em passado, presente, futuro – vai perdendo sua pregnância”. (PELBART, 2007, p.69).

Além de Rogério Reis, Penelope Umbrico e Peter Funch, o fotógrafo argentino Marcos López (8ºPEF/2012) também faz uso do *photoshop* para criar suas séries. *O que se vê na fotografia “La Terrazza” que integra o conjunto de fotos?* Em um primeiro olhar, parece

que se trata de um cartaz de filme ou propaganda. Mas ao olhar cuidadoso, vê-se o comentário irônico e crítico sobre a sociedade portenha e latino-americana. O estilo classe média de viver em que todos os personagens estão incluídos, o dono da cobertura que faz o churrasco, o rapaz e a sereia que cultuam o corpo, os amigos que bebem muito em uma alusão ao consumismo. A narrativa é tortuosa e o observador pode vagar os olhos pelo caminho que melhor lhe convier. López cria uma estética *kitsch* muito particular com cores fortes e vibrantes para suas séries “Pop Latino” e “Sub-realismo Criollo”. Como os demais artistas, por meio de programas de computador, produz narrativas completas dentro de uma mesma fotografia e faz comentários espirituosos e caricaturais da cultura pop de fala hispânica.

Grupo 2

O segundo grupo deste conjunto é dos artistas que adotaram o caminho da ficção. Cristina de Middel e Alessandra Sanguinetti se inspiraram em assuntos reais para criarem fábulas em suporte de fotolivros incríveis. João Castilho e Alejandro Chaskielberg trabalharam temas documentais criando ensaios, na época, denominados por alguns de “documental mágico” ou “documental imaginário”. Rinko Kawauchi e Machiel Botman utilizaram espetacularmente recursos intrínsecos da fotografia para o uso da luz e linguagem adequados para desenvolver temas mais intimistas e da vida doméstica.

Cristina de Middel esteve no 9º PEF, em 2013, e trouxe consigo seu consagrado fotolivro “Os Afronautas” que, na época, já estava esgotado, e os que eram encontrados para compra valiam muito dinheiro. Contou sua ideia de inventar uma história ficcional a partir de um acontecimento real da década de 1960, na África. *O que mostra a fotografia de Cristina escolhida nesta pesquisa?* Uma fotografia quadrada de um homem negro com um globo de vidro na cabeça. Ele está sério e não se sabe onde, pois o fundo é apenas o céu. Uma pista vem de sua vestimenta cujas cores fortes parecem com as africanas. Os reflexos do globo de vidro também nos levam para um cenário “intergaláctico”, pois é como se esses reflexos fossem a vista do planeta Terra a partir do espaço sideral. Cristina recria na história real de um professor de ciências da Zâmbia que, em 1964, queria criar uma estação espacial. O país estava recém-independente da Inglaterra e queria mostrar ao mundo como era forte e teria poder para chegar até a lua ou Marte. A fotógrafa reencenou os processos de treinamento espacial e documentou tudo como se isso tivesse acontecido, caso os africanos tivessem o êxito de conquistar o espaço. O seu fotolivro obteve grande sucesso a partir de um *design* em que mistura cartas manuscritas com letras à máquina (documento datiloscrito), transparências

com modelos de vestimentas, mapas, dobras, “xerox de reportagens” e tudo isso em uma linguagem irônica.

Alessandra Sanguinetti também apostou na história de vida real para criar uma ficção e trouxe ao quinto festival, em 2009, duas incríveis séries de fotografias que viraram livros. *Que fotografia foi escolhida e o que ela expressa?* Duas meninas, uma gorda, outra magra, com aproximadamente 10 ou 11 anos, vestidas com roupas em que encenam papéis: a menina gorda veste saia longa, com uma faixa na cabeça e carrega no colo uma boneca nua em posição de mãe e filha. A outra, a magra, com um par de asas em suas costas, ajoelha-se e posiciona as mãos como no ato de rezar. O local indica um galpão qualquer em uma fazenda ou área rural. Na imagem, tem-se um pedaço do corpo de um bovino, tijolos e latões que compõe o signo de universo bucólico do campo. A artista conta que se inspirou nos contos de fada, nas iluminuras medievais. “As muito ricas horas do Duque de Berry” fazem parte de um conjunto de 15 volumes com uma estética com cores carregadas nas pinturas em miniaturas violentas e dramáticas. A fotógrafa abordou o universo de duas pré-adolescentes com seus sonhos, fantasias e intimidades. São imagens-enigmas que levam o espectador até as memórias infantis.

João Castilho e Alejandro Chaskielberg foram convidados para o sexto festival, em 2009. Trouxeram na bagagem trabalhos inspirados na vida real de populações e contam, cada uma a seu modo, essas histórias de maneira mágica e acabam por fazer uma ponte entre o documental e a arte contemporânea. *O que mostra a fotografia de João Castilho?* Três crianças brincam em um lago ou rio e a criança do meio segura um bastão que provoca uma centralidade à fotografia. A baixa velocidade usada por ele dá um movimento especial em que se imagina que as crianças giram inseridas em múltiplos tons de azul em uma água que não se detecta a profundidade. O horizonte da fotografia com um outro tom de azul, permite um referencial de localização. Esta imagem faz parte do ensaio chamado “Redemunho” que, segundo o artista, é uma “narrativa fantástica por um sertão cheio de opostos”. Exemplarmente, traz a beleza de águas, ventos e poeiras que circulam no sertão nordestino. Segundo Chiodetto (2013, p.78), “Castilho fotografou cenas do interior de Minas Gerais e da Bahia na tentativa de encontrar a manifestação do demônio de acordo com a definição de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*”.

E a fotografia de Alejandro, o que revela? Um grupo de sete a oito pessoas negras dormindo no chão, em uma clareira, e com uma vegetação particular ao fundo. Ao redor deles, há chinelos espalhados pelo chão. O céu está muito claro demarcado pela lua que ilumina as nuvens. A folhagem da árvore tem um verde forte e vivo, assim como as cores das roupas

também estão bastante intensas. A luz que incide nas pessoas demarca um primeiro plano e a iluminação da lua provoca um movimento mágico à imagem. Com uma técnica própria – longas exposições e *flashes* ou lanternas para iluminar os primeiros planos – o artista consegue narrar histórias reais a partir de imaginários: “Muchos de los personajes de mis historias viven situaciones de marginalidad debido a pobreza, hambre, tragedia o desidia. El desafío es contar estas historias con vitalidad y respeto y que el espectador siga interesándose por ellas”, disse Alejandro. Os artistas carregam em seus percursos criativos estratégias que ativam sentidos no espectador.

A fotografia japonesa Rinko Kawauchi veio para o décimo Paraty, em 2014, e o fotógrafo holandês Machiel Botman para o quarto, em 2008. Ambos trouxeram ensaios extremamente subjetivos, intuitivos e intimamente ligados à sua própria personalidade, a qual também cria ficções. *Quais imagens desses artistas foram selecionadas?* Fotografias de crianças em situações surreais: Rinko, com um bebê em pé numa janela, como se estivesse a beira de cair de uma altura que não se sabe exatamente qual é e, ao fundo, enxerga-se um poste de luz um tanto difuso na claridade extrema; Machiel com seu menino suspenso no ar em uma provável manobra de brincadeira cheia de movimento em que o círculo ao fundo sugere uma cama elástica. São imagens que forçam o pensamento, quebram o provável, interrompem o contexto do que seria óbvio. É o que Rancière chama de “pensatividade da imagem” que nos reporta a um estado impreciso entre duas ideias de imagens:

...a noção comum de imagem como duplo de uma coisa e a imagem concebida como operação de arte. Falar de imagem pensativa, ao contrário, é marcar a existência de uma zona de indeterminação entre esses dois tipos de imagens. É falar de uma zona de indeterminação entre pensamento e não pensamento, entre atividade e passividade, mas também entre arte e não arte. (RANCIÈRE, 2012, p.103).

Rinko e Machiel usam a luz nos opostos. Rinko com a chamada “luz eclipsada” com transparência máxima na claridade, e Machiel com um jogo de sombras de contrastes com predominância do escuro. Trazem em seus livros “The eyes, the ears,”, de Rinko, 2005⁸⁴ e “Rainchild”, de Machiel, 2004,⁸⁵ poéticas em que contam histórias a respeito de relacionamentos e sentimentos próprios pelos lugares e pessoas que amam de maneira que transcendem o real, investem em narrativas circulares que atraem o espectador para essa “zona de indeterminação entre pensamento e não pensamento”. Para eles, olhar para si

⁸⁴ Ver livro de Kawauchi. Disponível em: <<http://twixar.me/f07n>>. Acesso em: 8 jun. 2019.

⁸⁵ Ver livro de Botman. Disponível em: <<http://twixar.me/n07n>>. Acesso: 3 jun. 2019.

mesmo é mais importante do que olhar para o outro e a fotografia é apenas um meio para investigar e expressar sua relação com o mundo.

Grupo 3

O terceiro grupo é formado por fotógrafos que abordam o tema da identidade e usam o próprio corpo e/ou a própria vivência para criar suas séries de fotografias: Antoine D'Agata, Rodrigo Braga, Cris Bierrenbach e Arno Rafael Minkinen.

Antoine D'Agata trouxe para o 11º PEF, em 2015, a apresentação de seu trabalho: a radicalidade de suas fotografias está no fato do artista viver as imagens que produz, pois está inserido nelas e quando não está de fato, vive aquela situação que tangencia o abismo da escuridão da noite, sexo e drogas. *O que se vê na imagem selecionada?* O corpo de uma mulher que se mexe, encolhe, estica, vira, revira em cima de uma cama coberta por uma colcha vermelha em um canto de paredes em concreto puro e esse corpo é multiplicado em 16 imagens colocadas lado a lado. Resulta em um projeto estético no qual a repetição das poses traz para o observador um mosaico de desespero e dor. D'Agata vai para o submundo das drogas e dos prostíbulos para, segundo suas próprias palavras, “ter hábitos tão ruins quanto os deles”. Não aceita que o fotógrafo seja um *voyeur* e por isso abole toda a distância do que fotografa. A marca que o artista diz querer deixar: “Ter querido por em prática, a meus riscos e perigos, uma verdade antiga: o mundo não é feito do que vemos, mas do que somos”. E é por isso que procura fotografar “o que lhe dá medo” em busca de um entendimento de si próprio.

Rodrigo Braga esteve presente em duas edições, quinto e décimo festivais, em 2009 e 2014, respectivamente. Em ambos, mostrou a experiência de ter seu corpo como território para suas fobias, angústias e sentimentos mais íntimos usando-o em seu trajeto criativo. *O que se enxerga na fotografia de Rodrigo Braga inserida nesse conjunto?* O próprio Rodrigo de olhos fechados, enterrado junto a uma cabra, também de olhos fechados, o que remete ao pensamento de que ela, supostamente, esteja morta. Não são mostrados os corpos, nem o de Rodrigo e nem da cabra, mas as cabeças se encostam na altura das testas. Rodrigo deu o título “Comunhão” a esta fotografia arrebatadora, envolta em inúmeras leituras que vão da realidade ao simulacro. A força e a profundidade dos signos criados na maioria das vezes com seu corpo, animais e natureza é a forma de Rodrigo dialogar com ele mesmo. É uma ação performática das inquietudes de sua alma. Segundo Entler (2011),

ele vivencia a força da natureza, incorpora os elementos que utiliza, sente prazer e dor. Mas também compõe o ambiente, dirige a cena, e opera o

controle remoto da câmera. Parece contraditório? São coisas que a representação estética comporta. (ENTLER, 2011, p.1).

Cris Bierrembach esteve no sexto festival, em 2010, quando realizou a exposição “Esquecidos” nos muros do Cemitério da Capelinha com fotografias impressas em “lambe-lambes” e coladas nos fundos do cemitério. Tratava-se das roupas e objetos fotografados pela artista que foram esquecidos pelo caminho depois da tragédia causada pelo terremoto ao povo haitiano. Mas, a produção artística de Cris aqui destacada são os ensaios em que ela, além de fotógrafa, também é modelo. Cris já se fotografou com uniformes de profissões femininas, assim como tirou radiografias da própria bacia com uma série de objetos perfurantes introduzidos na própria vagina. É dentro desse interesse sobre o universo feminino que a fotografia escolhida chama “SEM título (Cílios)”. Um autorretrato de 2008, tiragem de 5, em preto e branco, pigmento sobre papel de algodão e uma delas faz parte da Coleção Itaú de Fotografia. *O que denota esta imagem?* O recorte é em formato “3x4”, para cima dos ombros, pescoço e cabeça da própria Cris. O fundo é neutro, não se identifica o local. Seus olhos estão fechados e deles caem compridos cílios que parecem pesar muito pelo esforço que a fotógrafa-modelo faz ao posicionar a cabeça levemente para trás. Os cílios grandes, compridos e cheios remetem ao signo da feminidade na sociedade ocidental. O efeito provocado pela lente usada pela fotógrafa faz com que os cílios escorram como lágrimas sem fim, alusão à dor do ser feminino. A foto não faz parte de nenhuma série, é única e poderosa.

O fotógrafo finlandês Arno Rafael Minkkinen abrilhantou o 11º PEF, em 2015, com muitas imagens enigmáticas e plenas de mistérios. *O que se vê na fotografia escolhida?* Muitos espectadores demoram a enxergar um *deck* de madeira com uma boca aberta no final. Arno se posiciona simetricamente para seu autorretrato perpendicular e com a boca aberta no exato meio da ponta das madeiras do *deck* e, ainda, peito estufado paralelo à linha do mar no horizonte. Cálculo perfeito. Muitos estranham e veem animais ferozes prontos ao ataque. É preciso um tempo para se acostumar com o corpo nu do fotógrafo geralmente camuflado às cenas da natureza ou em centros urbanos. Seu percurso criativo vem da mentalização que faz da imagem e do posicionamento da câmera e do corpo para obter o resultado desejado, mesmo que tenha que atuar como um contorcista profissional, tal é a elasticidade do posicionamento de seu corpo em relação à lente objetiva em muitas de suas criações. Sua fotografia rompe com o provável e comporta-se como negação do real por intermédio da mimese, do próprio real. É o que Fabbrini (2016, p.248) considera a “busca de uma imagem ainda não corroída pela exposição exagerada, de uma *contraimagem...*”.

Grupo 4

Percebo um quarto grupo que escolheu o gênero retrato para território de suas narrativas inspiradas em temas da vida real: Pieter Hugo, Lourdes Grobet, Lucia Chiriboga, Loretta Lux e Arthur Omar.

O fotógrafo sul-africano, Pieter Hugo, por aqui esteve em 2011, no sétimo Festival Paraty em Foco. Seu processo de criação dos retratos nasce a partir de situações da vida real. Ele se afastou da fotografia documental, por qual começou sua carreira, mas é dela que surgem suas séries. Seu percurso criativo aflora quando cria séries de retratos baseados em fatos com que se depara, como os das hienas, babuínos e jiboias criados domesticamente por homens que vendem “remédios milagrosos” que conferem poderes para dominar tais animais selvagens. Ou quando se depara com filmes que detestara, produzidos pela indústria cinematográfica nigeriana, a chamada “Nollywood”, terceira maior do mundo, depois da dos Estados Unidos e da Índia, e lança, por ano, mil vídeos domésticos no mercado. Os filmes que tanto causaram repulsa em Hugo possuem uma linguagem direta e acessível sobre temas como religião, violência, AIDS e dificuldades econômicas. Os finais nunca são felizes e os filmes são recheados de atores que gritam. A fotografia escolhida faz parte da série “Nollywood”. *O que se vê na fotografia que integra o grupo selecionado?* Um homem negro, em um terreno baldio com vegetação meio seca e contornada por uma bruma, segurando as vísceras de um boi morto e com as quatro patas amarradas. Ele usa terno e gravata, e com um dos pés descalços pisa sobre o animal morto e mostra, como quem está “cheio de poder”, o pedaço de carne que falta no corpo do animal. Com um olhar mais minucioso, o espectador logo vê as lágrimas vermelhas que saem dos olhos do homem. Trata-se de uma imagem extasiante e misteriosa. Hugo, com a ajuda de um maquiador da indústria cinematográfica, a “Nollywood”, recria os personagens dos filmes de forma genial resultando em uma série de imagens pensativas.

A fotógrafa mexicana Lourdes Grobet dedicou sua vida, mais de 30 anos, documentando a luta livre nos ringues e foi justamente fora deles que produziu uma incrível série com fotografias das lutadoras. Mostrou essas imagens, entre outros trabalhos, no 9º PEF, em 2013. Deslocou sua fotografia do documental para a ficção ao criar esta série de retratos de lutadoras e lutadores. *Do que se trata a fotografia selecionada?* Vê-se uma mulher oferecendo uma mamadeira, contendo aparentemente chá, para um bebê que está em seu colo. Atrás da mulher se vê uma cortina e parte de um quadro com uma fotografia que parece ser de uma lutadora livre em pose ajoelhada. O que intriga o espectador é que esta mulher está com uma máscara ao alimentar um neném, em um ambiente que sinaliza ser de uma sala ou quarto,

ou seja, um ambiente doméstico. Neste ensaio, Grobet nega a literalidade ao fotografar uma “realidade de uma mãe cuidando de um filho” ao evidenciar a mulher com seu rosto coberto por uma máscara, objeto simbólico da cultura mexicana, que tanto serve para o anonimato, quanto para o ataque, uma arma para desconcertar e aterrorizar o adversário. Encantada com essa simbologia, Lourdes provoca estranhamento no espectador quando este se depara com algo totalmente inesperado sobre as fotografias que documentam o esporte nos ringues. De dentro de suas vidas privadas, realidade e ficção se embaralham: os retratos das lutadoras mostram bem mais do que o momento de emoção do espetáculo da luta livre, tão difundido pelas mídias de massa.

A fotógrafa equatoriana Lucia Chiriboga veio ao segundo Paraty em Foco, em 2006, e apresentou seu ensaio sobre a espiritualidade e a cultura do povo andino. *O que mostra a fotografia escolhida?* Uma menina com traços indígenas que olha fixo para a frente e ao fundo muitas outras crianças que lembram fotografias antigas e deterioradas num tom de cinza que diferencia e as separam da menina da frente. Um detalhe de parte do rosto de uma outra criança – apenas os olhos – e que se posiciona no ombro da menina da frente também enche de mistério essa narrativa. Ao criar uma “narrativa enviesada” (CANTON, 2009), Lucia faz com que o olho do espectador vagueie e escaneie a imagem para que se detecte as camadas de tempos que aderem a ela. Como a própria artista disse,

En éste primer ensayo, profundizo en la confrontación de imágenes históricas con fotografías de mi autoría, estilo que será una constante en mi obra. Se trata de una tentativa, a través de las técnicas de montaje o doble exposición, de rebasar los límites de la fotografía como documento, para aproximarme a factores subjetivos, culturales y de identidad. (CHIRIBOGA, portal Nomines, 2004).

Com essa técnica, Chiriboga esvazia o “momento decisivo bressoniano” e tira a fotografia do contexto histórico. A montagem minuciosa da artista faz que a fotografia adquira dois planos que demarcam tempos diferentes de uma mesma espiritualidade e cultura. A montagem com as fotografias antigas das crianças no plano de trás lembram um mural pintado em uma parede.

A fotógrafa alemã Loretta Lux esteve por aqui no quinto festival, em 2009. A fotografia escolhida para representar o trabalho de Lux leva o título de “The Waiting Girl”. *O que ela exhibe?* Num primeiro olhar, confunde-se com uma pintura, cuja paleta de cores é com tons bem pastéis. Mas, fazendo uma leitura mais detalhada, percebe-se que se trata de uma fotografia. Uma menina sentada num sofá de veludo, estilo neoclássico, ao lado de um gatinho. Enquanto o gato está em posição de absoluto relaxamento, a menina tem um olhar

sério e adulto. O jornalista Antonio Gonçalves, do *Estado de S. Paulo* colheu depoimento de Loretta em que ela conta que gastou meses para realizar a fotografia “The Waiting Girl”, pois as duas poses, da menina e do gato, precisavam ser exatamente essas. A artista passou meses para finalizar uma fotografia, já que queria ter o controle absoluto sobre a obra final. Segundo Fernandes, o projeto estético contemporâneo vai ao encontro “dessa diversidade sem limites e da multiplicidade dos procedimentos” nas quais se encaixa o trabalho da artista. Ela explica o rigor necessário para seu processo criativo:

Vejo-me como pintora que usa a câmera como ferramenta. Penso como pintora quando estruturo minhas composições, organizando formas e cores ao encenar a fotografia e trabalhar na tela do computador. Meu processo de trabalho é muito mais próximo da pintura do que da fotografia, já que é bastante demorado e eu às vezes produzo apenas de três a cinco imagens por ano. Defino-os como retratos imaginários, porque não são de fato sobre as crianças que fotografei. Pra mim, uma obra de arte precisa transcender o seu tema. As crianças em minhas imagens servem como metáforas para a inocência e o paraíso perdido da infância. (LUX, entrevista à Mario Gioia, *Folha de S. Paulo*, 3 set. 2009).

O artista visual Arthur Omar participou do quinto festival, em 2009, e apresentou a sua já consagrada série “Antropologia da Face Gloriosa”. *O que expressa a imagem aqui designada?* O rosto de uma menina com olhar frontal, fixo, sério e um terceiro olho que baila pela face dela trazendo um movimento à imagem fixa. É muito mais do que um registro documental por onde o artista começou nos anos 1970, atraído pelo êxtase do carnaval. Como diz Rouillè (1998), a fotografia deve buscar sua própria metamorfose, deixar de lado a busca pelo real e seguir à procura de superar seus limites e Omar declarou como sua fotografia se afastou do documental rumo a uma ficção sem limites:

Quando me afastei fisicamente do espaço documental do Carnaval, e me concentrei no pós-fotografar, inaugurei a etapa antropológica propriamente dita. Uma antropologia autêntica, fundada na estética, no olhar e na simulação. Um método completo e um verdadeiro campo de investigação, com técnicas e tarefas específicas. Um longo trabalho sobre a imagem, sem a câmera, organizando, comparando, conceituando, planejando e, principalmente, nomeando a imagem.

Existe, portanto, um elemento fortemente documental em *Antropologia da face gloriosa*. É o corpo a corpo com a realidade, típico de todos os meus trabalhos, seja na Amazônia, seja no Afeganistão. Ao mesmo tempo, há uma operação formal, cujo ponto de partida, ainda colado ao momento fotográfico original, levará a uma transformação da imagem, praticamente criando um ser novo. (OMAR, Revista *Zum*, 2018⁸⁶).

⁸⁶ Ver artigo do artista no site da *Revista Zum*, 9 fev. 2018. Disponível em: <<http://twixar.me/2YBn>>. Acesso em: 6 jun. 2019.

Grupo 5

O quinto grupo é o dos artistas que conseguem transformar a fotografia documental em uma imagem enigmática e misteriosa: Cia da Foto e Thomas Hoepker. Segundo Poivert (2015), a chamada “estetização do fotojornalismo” é uma característica recente da fotografia contemporânea, ela se dá quando existe uma articulação entre arte e mídia sob a bandeira das imagens históricas.

O coletivo Cia de Foto esteve presente como convidado no primeiro, sexto e nono festivais, a saber, em 2005, 2010 e 2013, respectivamente. Como relata esta pesquisa, a importância desse coletivo é imensa e foi primordial para o evento, tanto que retornaram por três vezes. Marcaram pela atuação como coletivo e se destacaram na defesa de suas ideias para atuar como tal, inclusive se posicionando na acalorada polêmica acerca da assinatura coletiva de autoria da fotografia realizada. Pois bem, a imagem selecionada foi leiloada no primeiro evento e também faz parte da Coleção Pirelli Masp desde 2010. *O que se vê na obra?* O título da fotografia é Rua 25 de Março e isso já é uma pista para que o espectador (brasileiro) imagine se tratar de rua no centro da capital paulista. A imagem do homem que fuma, sorumbático e melancólico, caminhando pelo asfalto e não pela calçada, num contra luz perfurado por apenas uma resma de reflexo, remete-nos à vida contemporânea nos grandes centros urbanos. O tratamento da imagem no *photoshop*, uma das “fórmulas” desenvolvidas pelo coletivo Cia de Foto e, coletivamente aplicadas em seus métodos de trabalho, faz que produzam o que Rouillè (1998) chamou de “fotografia-matéria”.

Por ter-se liberado das limitações da transparência documentária e das servidões funcionais, a “fotografia-matéria” é o espaço onde são inventadas novas soluções, atitudes inéditas, formas extraordinárias que abrem tanto à arte quanto à fotografia um campo de possíveis. (ROUILLE, 1998, p.308).

O fotógrafo alemão da Agência Magnum, Thomas Hoepker, esteve no terceiro festival, em 2007, quando apresentou suas fotografias e os novos desafios que a conceituada agência desenvolvia, na época, como projetos híbridos de junção de imagens paradas com imagens em movimento. Entre elas, falou de sua famosa foto do dia do ataque terrorista de 11 de setembro. *O que mostra a fotografia escolhida?* Cinco jovens sentados à beira de um rio. A grande maioria dos espectadores pode identificar, ao fundo, a ponte de Nova York, Brooklyn Bridge, nos EUA, perto de onde ocorreu o ataque terrorista às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, o mais conhecido do globo terrestre tal foi a extrema divulgação em todos os tipos de mídias. Na imagem, os jovens estão conversando serenamente em posições que não indicam tensões, pelo contrário, alguns deles parecem extremamente relaxados. Esta fotografia ficou

alguns anos sem ser publicada, pois o próprio autor, que estava passando pelo local e apenas fez um clique, achou que ela “não era verdadeira” e poderia ser mal compreendida nos dias posteriores ao ataque, já que transmitia uma insensibilidade por parte dos jovens. De fato, depois de publicada, causou indignação no público e aos que nela aparecem como, por exemplo, Walter Sipser que, indignado, disse que no momento da fotografia conversavam e “estavam profundamente chocados com o ataque”.⁸⁷ Pode-se considerar essa fotografia, a única entre todas selecionadas, como um típico “instante decisivo”, e assim verifica-se que ela representa a reflexão de Fontcuberta (2010, p.57): “Toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira [...] a fotografia mente sempre, mente por instinto, mente por que sua natureza não lhe permite fazer outra coisa”. Talvez justamente esse afastamento da literalidade, do documental da tragédia, tenha levado esta fotografia documental ao mercado de artes.

Grupo 6

O sexto e último grupo é composto dos artistas que quase não incluem a presença humana em suas fotografias. Os três têm práticas distintas e são voltados para temas e linguagens diversificados: Pedro Motta, George Rousse e Sofia Borges.

Pedro Motta esteve no décimo festival, em 2014, e apresentou diversos ensaios, entre eles a série “A Natureza das Coisas”, de 2013. *O que se observa na imagem indicada no conjunto?* Uma árvore em cima de um morro cortado abruptamente. De cima para baixo, vê-se o desenho – em branco – da raiz da árvore na terra onde há a cissura. Tem-se aqui a fotografia expandida que conceitua Fernandes (2006), pois Motta busca “a diversidade sem limites” e “a multiplicidade de procedimento” para construir o seu projeto e percurso estético, uma vez que usa o desenho à lápis intervindo diretamente na fotografia. Mesmo sem a presença humana na imagem, o conceito elaborado previamente pelo artista remete o espectador ao pensamento crítico. Ele não vê figura alguma na imagem, mas sabe que aquela imagem é produto da ação das mãos do homem. “Cada vez mais o que temos é a apresentação de uma ideia de um conceito orquestrando o trabalho do artista...” (FERNANDES, 2006, p.16).

O fotógrafo francês George Rousse teve uma participação bem além do que uma entrevista ou um *workshop* quando veio ao sexto Paraty, em 2010, mostrar seu trabalho. Ele produziu uma obra *in loco* na cidade de Paraty. *O que mostra a fotografia de Rousse?* Vê-se

⁸⁷ Ver resposta dos retratados, disponível em: <<http://twixar.me/hhsn>>. Acesso em: 13 jun. 2019.

um objeto vermelho, uma parede de ripas de madeira, que parece estar suspensa e flutuante no ar. O ambiente é um galpão aberto, coberto por telhas de barro, paredes descascadas e, ao fundo, o mar e o horizonte recortado por alguns morros. A tonalidade da fotografia é cinza, indicando um dia nublado, e isso dá ao quadrado vermelho centrado na imagem uma posição de alto destaque e ao mesmo tempo de mistério. A imagem exclui a presença humana o que a deixaria fria e distante. Mas o quadrado vermelho possui transparência, flutua e torna-se o enigma da imagem. O francês calcula matematicamente a fatura de sua instalação com as madeiras, escolhe uma cor para pintá-las e de um único ponto realiza o clique fotográfico que origina a surpreendente imagem a qual joga com a perspectiva tridimensional/bidimensional. Ele escolhe locais abandonados para suas intervenções, no intuito de chamar atenção para o descaso do homem com as suas próprias construções.

Por fim, Sofia Borges esteve no décimo Paraty, em 2014, antes de ter publicado, em 2016, seu primeiro livro, “O Pântano”, que contém fotografias de sete anos de trabalho e muitas das quais foram mostradas e discutidas na entrevista. *O que denota a fotografia de Sofia aqui eleita?* Missão complicada é responder tal questionamento e realizar uma análise formal daquela imagem. Para concordar com Sofia – “o nada”. Não é simples identificar o que é aquele ser que plaina na imagem e que parece um “feto” de algum animal, ou parte de um cérebro, enfim, somente um especialista em biologia ou arqueologia pode identificar do que se trata. Sofia não quer repostas para suas imagens e sim quer o problema, repete em seus depoimentos a pergunta: “o que são imagens?”. A artista quer discutir questões em torno do tema da matéria e do significado, do consciente e do inconsciente, da representação e da realidade, não lhe interessa o caráter indicial da fotografia, menos ainda o seu significado. Por isso, percorre lugares nos quais já se encontram representações como museus de história natural, aquários, cavernas com pinturas rupestres, centros de pesquisas. Parece-me um pouco com o que Fried (2010) comenta sobre o percurso de Thomas Demand, que monta maquetes de papelão de lugares onde tenham ocorrido crimes e depois as fotografa cuidadosamente com o objetivo de ficarem isentas de traços de indicialidade, marca ou vestígios da presença humana ou de seus feitos, mas se parecem muito com o local real. O que Demand cria são lugares e coisas desprovidas de qualquer traço que não a própria maquete: “– ou ainda ele pretende substituir uma ou mais imagens midiáticas de uma determinada cena – com uma contraimagem de *intenção puramente artística...*”. (FRIED, 2016, p.326). Como Demand, o trabalho de Sofia causa estranhamento, ainda mais quando a artista agrega suas imagens de forma incongruente, por exemplo, posicionando a foto de um coelho ao lado de um autorretrato e/ou ao lado de uma pintura rupestre. Ainda como Demand, toda ação de Sophia

é repleta de intencionalidade ao estabelecer vários graus de representações e negar a literalidade, – na capa de um dos livros de Sofia está estampada a seguinte frase: “imagens não existem”.

Postura Contemporânea

Ao elencar e destacar 24 fotógrafos dentre as onze edições do Festival Paraty em Foco acredito que obtive êxito na demonstração da minha tese de que o evento se destacou e agenciou **a noção do que é contemporâneo no campo da fotografia brasileira**. Outras seleções poderiam ter sido feitas, com o mesmo êxito, evidenciando outros artistas participantes do Festival Paraty em Foco no período estudado, que compreendeu mais de uma década. Portanto, partindo do pensamento elaborado por Anne Cauquelin de que a arte contemporânea é legitimada por uma engrenagem,⁸⁸ vejo o Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco como uma das peças integrantes desse mecanismo, pois apresentou artistas nacionais e internacionais conectados com as narrativas pós-modernas. E quais seriam essas narrativas?

Para entender essas novas narrativas, julguei necessário explanar, no Capítulo 3, as mudanças nas práticas e poéticas dos artistas que, a partir dos anos 1960, romperam com a estética modernista, principalmente, no que se tratava às experimentações abstracionistas que pareciam estranhas ao grande público. Sem se preocupar com os rótulos sobre que tipo de arte estavam operando,⁸⁹ estabeleceram uma nova visão em que arte e vida se embrenharam com o surgimento de narrativas não lineares em torno de tópicos relacionados com o cotidiano (feminismo, ecologia, memória, afetividade, corpo, identidade, vida íntima, e até coisas banais da vida real). Na fotografia, especificamente, verificam-se três focos de influência para novas práticas e novos percursos poéticos no Canadá, EUA e na Alemanha, por volta dos anos 1980. No Brasil, tudo indica que essa mudança começou na década de 1990, como foi

⁸⁸ Ao ser questionado sobre se o festival participava da legitimação da fotografia contemporânea, Iatã respondeu: “O Paraty sem dúvida nenhuma entrou no processo de legitimação da fotografia contemporânea, mas não legitimando o artista ou a artista, a personagem, o protagonista e, sim, legitimando o conjunto de ações, o festival deu evidência a um conjunto de ações. Então, entender essa diferença é fundamental para não fazer confusão, ou seja, nós não somos legitimadores de indivíduo, nós somos legitimadores de processos. No caso específico dos últimos festivais, a gente mostrou estar atendo com o que vinha acontecendo na sociedade fotográfica mundial e brasileira. Aquele momento do festival era um momento de profunda reflexão sobre o que estava acontecendo na fotografia e isso fortalecia o processo.” (CANNABRAVA, entrevista à Mônica Zarattini, 2015).

⁸⁹ Uma mudança começa a se operar muito espontaneamente na efervescência dos anos 1960: muitos artistas deixaram de se perguntar que tipo de arte estavam fazendo e, assim, transitaram indistintamente entre diversas linguagens, incorporaram técnicas ainda mais alheias à tradição artística, como a serigrafia, o xerox ou meios eletrônicos insipientes, e realizaram experiências híbridas que hoje chamamos de *performances*, instalações, ações, proposições, e outras tantas coisas difíceis de nomear. (ENTLER, 2009).

demonstrado pelos movimentos elencados no Capítulo 4, o qual traçou um breve panorama em torno da fotografia nas últimas décadas do século XX, no país. Mesmo não tendo um distanciamento histórico suficiente, penso que a seleção das 24 imagens do Festival Paraty em Foco entre 2005 e 2015 podem ilustrar e funcionar como um “raio-X” acerca da fotografia contemporânea. Percebe-se que ela é bem mais do que um nome, muito mais que um estilo, um movimento, uma tendência ou uma moda. Concordando com Entler (2009), a “fotografia contemporânea é uma postura” e esse conjunto de imagens nacionais e internacionais demonstra que não há uma definição final que encampe tantas e diferentes formas de expressão.

Com contornos escorregadios, resta apreender que, mais do que um procedimento, uma técnica, uma tendência estilística, a fotografia contemporânea é uma postura. Algo que se desdobra em ações diversificadas, mas cujo ponto de partida é a tentativa de se colocar de modo mais consciente e crítico diante do próprio meio. (ENTLER, 2009, p.1).

O que pude detectar é que os artistas e fotógrafos buscam imagens enigmáticas e pensativas e, com isso, reconfiguraram o estatuto da fotografia. Dentro do conjunto de imagens comentadas, verifiquei que alguns fotógrafos usam procedimentos parecidos para temas diversos, como os que se utilizam de programas de computadores. Outros tratam do mesmo tema com práticas distintas como, por exemplo, aqueles que discutem identidade/corpo. Outros têm múltiplos temas e heterogêneos percursos criativos para a fatura do seu retrato. Alguns artistas articulam a discussão em torno da representação e do caráter indicial da fotografia. Outros estruturam suas fábulas fotográficas com estratégias díspares. E até mesmo alguns fotógrafos encontram êxito com a fotografia documental no campo artístico. Nesse sentido, Poivert (2015) alerta para a inútil tentativa de categorização, preferindo tratar a fotografia contemporânea como um fenômeno:

A fotografia contemporânea não é então, repitamos para terminar, uma “categoria” da arte contemporânea, assim como tampouco se limita à uma única produção casando com os princípios da produção plástica contemporânea qualquer que seja sua diversidade. A pluralidade da fotografia contemporânea faz dela um fenômeno, não uma corrente ou um movimento, mas um momento onde a flutuação de valores da fotografia se encontra na sua amplitude máxima e sob vertentes diversas. (POIVERT, 2015, p.142).

Seja fenômeno, seja postura, o que se constatou nesta pesquisa é que a recente fotografia contemporânea se veste com uma pluralidade incrível no fazer, nos procedimentos, nas técnicas, nos percursos poéticos e nas estratégias; não se preocupa em se encaixar em movimentos, desdenha classificações como aqueles “ismos” da arte moderna. Não se incomoda também com princípios tão caros à arte moderna como as ideias de autoria e de

originalidade. O que a fotografia contemporânea tem em comum é o fato de se afastar da literalidade quando realiza sua metamorfose e reconfigura seu estatuto enterrando postulados como “a foto é literalmente emanção do seu referente” (BARTHES, 1984, p.121). O fotógrafo contemporâneo sai em busca de uma zona de indeterminação entre duas ideias de imagem: “a noção comum de imagem como duplo de uma coisa e a imagem concebida como operação de uma arte”. (RANCIÈRE, 2012, p.103). E encontra a imagem pensativa, a imagem-enigma para sua poética estabelecendo uma relação onírica com os vestígios e traços deixados nas impressões fotográficas. E, a partir daí, idealiza e arquiteta todo tipo de narrativa, imaginário, ficção ou fábula.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, P. Pesquisa em Ciências Sociais. *In*: Sedi Hirano (org.) **Pesquisa social-projeto e planejamento**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- ALPHONSUS, L...[et al.]; curadoria Ligia Canongia. **Arte Foto**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2002.
- ARANHA, C.S.G. et al. Cultura de visualidades: aproximações da linguagem artístico-visual. *In*: **Espaços da mediação**. ARANHA, C.S.G. & CANTON, K. (Orgs.). São Paulo: PGEHA/MAC USP, 2011.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BELTING, H. **Antropologia da imagem – Para uma ciência da imagem**. Lisboa: KKYM+EAUM, 2014.
- BOURDIEU, P. et al **A profissão do sociólogo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BUCCI, E. Ubiquidade e instantaneidade no teleespaço público: algum pensamento sobre a televisão. *In*: **Revista Caligrama** (São Paulo. Online), v. 2, n. 3, 27 dez. 2006.
- BÜGER, P. **Teoria da Vanguarda**. Lisboa: Vega, 1993.
- CAMERA, P. Breve panorama sobre a difusão da fotografia na cidade de Curitiba (1938-2004). *In*: **Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Embap, 2011. Disponível em: <http://twixar.me/0Gqn> Acesso em: 06 jan.2019.
- CANONGIA, L. **O legado dos anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANTON, K. **Novíssima Arte Brasileira**. Um guia de tendências. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.
- CANTON, K. **Temas da arte contemporânea**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.
- CARVALHO, V. de Cotidiano e experiência na fotografia contemporânea. *In*: **Revista Em Questão**. Porto Alegre:UFRGS v.17, nº1, p.195-209, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/18543> Acesso em: 14.dez.2018.
- CARTIE-BRESSON, H. **The decisive moment**. Göttingen: Steidl, 2014.
- CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea: Uma Introdução**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

CHERMONT, F. et. al. **NAFOTO 20 anos, 1991 a 2011**, 1ª ed. São Paulo: Terra Virgem, 2011.

CHIODETTO, E. **Geração 00: A nova fotografia brasileira**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2013.

COSTA, H. & SILVA, R. R. da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

COTTON, C. **A fotografia como arte contemporânea**. 2ªed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

D'AGATA, A. **Anticorps**. Paris: Éditions Xavier Barral, 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. 13ª ed. Campinas: Papirus Editora, 2010.

ENTLER, R. Rodrigo Braga num sentido extra moral. In: **Icônica**, 2011. Disponível em: <http://twixar.me/bKPn> Acesso em: 28 abr.2019.

ENTLER, R. Um lugar chamado fotografia, uma postura chamada contemporânea. in: CHIODETTO, Eder; MONTEROSSO, Jean-Luc. **A Invenção de um Mundo – Coleção da Maison Européenne de la Photographie** (Catálogo da Exposição). São Paulo: Itaú Cultural, 2009. Acesso em: 22.jun.2017. Disponível em: <http://twixar.me/dKPn>

FABBRINI, R. N. **A arte depois das vanguardas**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

FABBRINI, R. N. Imagem e enigma. In: **Revista Viso – Cadernos de estética aplicada**. nº 19, jul-dez/2016. Acesso em: 22.mai.2017 Disponível em: http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_19_RicardoFabbrini.pdf.

FERNANDES JUNIOR, R. **Labirinto e identidades: panorama da fotografia no Brasil [1946 – 98]**, São Paulo: Cosac & Naify, 2003

FERNANDES JUNIOR, R. Processos de Criação na Fotografia. In: **Revista FACOM**, nº 16, agosto/2006 Acesso em: 12.mai.2017 Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens.pdf

FERRY, S. **Violentología – Un manual del conflicto colombiano**. Bogotá: Icono, 2012.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Annablume, 2011.

FONTCUBERTA, J. **O beijo de Judas. Fotografia e verdade**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

FOSTER, H. **El retorno de lo real. La vanguardia a finales de siglo**. Madrid: Ediciones Akal, 2001.

FREITAS, A. Arte à mão armada: vanguarda e militância em Carlos Zílio. *In: Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SP – UNICAMP. Campinas de 6 a 10 de setembro de 2004. Disponível em: Acesso em: 01.fev.2019 Disponível em: <https://bit.ly/2WyOyxU>.

FRIED, M. **Why photography matters as art as never before**. 3º ed. New Haven: Yale University Press, 2010.

FRIED, M.; GEMIN, D.; ALMEIDA, J. Thomas Demand e suas alegorias da intenção; “exclusão” em Candida Höfer, Hiroshi Sugimoto, e Thomas Struth. **ARS (São Paulo)**, v. 14, n. 28, p. 313-351, 28 dez. 2016.

GERVEREAU, L. **Ver, compreender, analisar as imagens**. Lisboa: Edições 70, 2007.

GREENBERG, C. **Arte e cultura: Ensaaios críticos**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

GROYS, B. **Arte, Poder**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

HUYSEN, A. Mapeando o pós-moderno. *in: HOLANDA, H.B. (Org.), Pós-Modernismo e Política*. 2ºed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

JAMESON, F. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *In: Revista Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, nº12, pp. 16-26, junho/1985.

JAMESON, F. **A virada cultural: reflexos sobre o pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KOSSOY, B.; ENTLER, R. Fotografia brasileira: Nova Geração. *In: Revista Photo*, nº 329, abril de 1996.

LOPES, M. I. V. de **Pesquisa em Comunicação**. 6ºed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MAGALHÃES, A., PEREGRINO, N. **Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo**. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MAKHUBU, N. Politics of the strange – revisiting Pieter Hugo’s Nollywood. *In: African Arts*, v.46 nº1 Spring, 2013 p.50-61. Disponível em <http://twixar.me/5sKn> Acesso em: 2 abr. 2019.

OMAR, A. **Antropologia da Face Gloriosa**. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

PELBART, P. Tempos agonísticos. *In*: CANTON, K. e PESSOA, F. (orgs.) **Sentidos e arte contemporânea**. Vitória: Vale, 2007.

POIVERT, M.; EICHENBERGER, A. A fotografia contemporânea tem uma história? *In*: **Palíndromo**, nº 13, jan/jun 2015. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/5884> Acesso em: 10 jun. 2019.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

REIS, R. **Ninguém é de ninguém**. Rio de Janeiro: Edições de janeiro/Olhavê, 2015.

ROUILLÉ, A. Da arte dos fotógrafos à fotografia dos artistas. *In*: **Revista do IPHAN**, Rio de Janeiro, número 27, p.302-311, 1998.

SZARKOWSKI, J. **The photographer's eye**. 3ª ed. New York: MoMa, 2007.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SOUGEZ, M-L. (coord.); FELGUERA, M.S.G.; GALLARDO, H.P.; VEGA, C. **Historia general de la fotografia**. Madrid: Cátedra, 2007.

SOUZA, R.F. – “Retratos de um relacionamento: Nan Goldin e a fotografia da vida íntima” *In*: **VIII EHA, Encontro da História da Arte**, 2012.

TACCA, F. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. *In*: **Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol.18, no.1, Rio de Janeiro, mar. 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2MP04AQ> Acesso em: 1.fev.2019

VASCONCELLOS, C. **Noturnos São Paulo**. São Paulo: Bookmark, 2002.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. São Paulo: Editora 34, 1993.

ZERWES, E.; COSTA, C.E. Os Colóquios Latino-Americanos de Fotografia e a institucionalização de uma fotografia brasileira. *In*: **Revista de Estudios Brasileños**, v.4, nº 8, 2017. Disponível em: <http://twixar.me/dmCK> Acesso em: 30 jan. 2019.

Teses e Dissertações

MEJIDO, Rosa: Imagens híbridas da cultura brasileira nas fotocollagens de Christine Burrill. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2006. Disponível em: <http://twixar.me/1Ys3>. Acesso em: 3 fev. 2019.

Catálogos e relatórios de atividades

CATÁLOGO DO LEILÃO, 3º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2007].

CATÁLOGO DO LEILÃO, 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2009].

CATÁLOGO DO LEILÃO, 6º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2010].

CATÁLOGO DO LEILÃO, 8º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2012].

CATÁLOGO DO LEILÃO, 10º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2014].

CATÁLOGO DO LEILÃO, 11º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Catálogo [São Paulo], [2015].

CATÁLOGO RPCFB. Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil: catálogo [São Paulo], [2011].

PARATY EM FOCO/2006. 2º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2006].

PARATY EM FOCO/2007. 3º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2007].

PARATY EM FOCO/2008. 4º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2008].

PARATY EM FOCO/2009. 5º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2009].

PARATY EM FOCO/2010. 6º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2010].

PARATY EM FOCO/2011. 7º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2011].

PARATY EM FOCO/2012. 8º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2012].

PARATY EM FOCO/2013. 9º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2013].

PARATY EM FOCO/2014. 10º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2014].

PARATY EM FOCO/2015. 11º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo [São Paulo], [2015].

PARATY EM FOCO/2008. 4º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo especial com fotografias [São Paulo], [2008].

PARATY EM FOCO/2012. 8º Festival Internacional Paraty em Foco: catálogo especial com fotografias [São Paulo], [2012].

RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Relatório [São Paulo], [2006].

RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 5º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Relatório [São Paulo], [2009].

RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 9º Festival Internacional de Fotografia – Paraty em Foco: Relatório [São Paulo], [2013].

Jornais e Revistas

BRANDÃO, L. Diretor troca Paraty em Foco por festivais em Santos e no interior do Rio. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 dez. 2015.

CITO, T. Exposição Tutto Citto. 10 set. 2008. **Galeria Zoom**. Disponível em: <http://galeriazoom.com/exposicao/tutto-cito/> Acesso em 11 nov. 2018.

COELHO, A. Paraty 2008 deixou saudades. **O Globo**. Rio de Janeiro, 22 set. 2008.

DIÁRIO DA MANHÃ/GOIÂNIA. Imagem é o foco de Paraty. **Diário da Manhã-Goiânia**. Goiânia, 13 set. 2008

ELIAS, E. A hora e a vez dos coletivos fotográficos. **Revista Fotografe Melhor**, nº148, jan. 2019.

ELIAS, E. Paraty em Foco cresce e se torna referência entre festivais. **Revista Fotografe Melhor**, nº125. São Paulo, 2007.

ESTEVES, J. Ralph Gibson – Um mestre do *design* fotográfico. **Revista Fotografe Melhor**. São Paulo, ago. 2008.

- FINOTTI, I. Hoje eu tô solteira. **Revista Serafina. Folha de S. Paulo.** São Paulo, ago. 2012.
- FOTOGRAFE MELHOR. Edição 2006 consolida importância do Paraty em Foco. **Revista Fotografe Melhor.** São Paulo, 2006.
- GIOIA, M. 'Vida e morte andam de mãos dadas'. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 22 set. 2009.
- GIOIA, M. Paraíso perdido. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 3 set. 2009
- GONÇALVES, A. O mundo é das mulheres em Paraty. **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 26 set. 2009.
- GONÇALVES, A. O autorretrato como meio de se integrar a natureza. **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 23 ago 2016.
- GONÇALVES, A. Paraty recebe estrelas da fotografia contemporânea. **O Estado de S. Paulo.** São Paulo, 23 set. 2009.
- LAMAS, J. Alegria contida. **Revista Bravo.** São Paulo, set. 2012.
- LONGMAN, G. Exposição 'Mulheres Radicais' transforma corpo feminino em sujeito. **Folha de S. Paulo.** São Paulo. 4 set. 2018. Disponível em: <http://twixar.me/BXc3>. Acesso em: 03 fev. 2019.
- MALTZ, R. O acaso pensado do fotógrafo Peter Funch. **O Globo.** Rio de Janeiro, 16 set. 2012.
- MANCZYK, N. Diversidade fotográfica marca o Paraty em Foco. **Revista Fotografe Melhor,** nº158, nov. 2009.
- MARCOS, J. R. El objetivo afilado de Joan Fontcuberta. Entrevista. **El País.** Madri, 27 abr. 2016
- MARTÍ, S. Argentino leva psicodelia barroca ao Paraty em Foco. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 29 set. 2012.
- MARTÍ, S. Obras do acaso. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 13 jul. 2012
- MARTIN, S. Pieter Hugo fotografa África fantástica. Entrevista Pieter Hugo. **Folha de S. Paulo,** São Paulo, 21 set. 2011.
- MONTEIRO, C. Dinâmica de grupo. **Revista O Globo.** nº 271. Rio de Janeiro, 4 out. 2009.
- PERSICHETTI, S. A minha imagem é a de denúncia. Entrevista Pieter Hugo. **O Estado de S. Paulo,** São Paulo, 21 set. 2011.
- PERSICHETTI, S. 'Utilizo a foto para me aproximar da pintura'. **Estado de S. Paulo.** São Paulo, 9 set. 2010.

RODRIGO, M. Arte como um grande negócio. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, 21 set. 2008

SIDDONS, E. Pieter Hugo's best photograph: the hyena men of Nigeria. **The Guardian**. Londres, 19 jul. 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2018/jul/19/pieter-hugo-best-photograph> Acesso em: 16 abr. 2019.

WEDRE, C. Imagens em ação. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 set. 2012.

WREDE, C. A vida da gente. **O Globo**. Rio de Janeiro, 12 abr. 2012.

ZARATTINI, M. Olhares – Imagens como documento. **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 3 out. 2012

Sites e Blogs

ANDUJAR, C. Seminário Visão Yanomami. **Instituto Inhotim**. Disponível em: https://www.inhotim.org.br/claudiaandujar/?page_id=27 Acesso em: 23 fev. 2019

BELÉM, A. Fotosite – 10 anos **Site Olhavê**. São Paulo, 1 abr. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/5suWxb> Acesso em: 09.abr.2018.

BOAVENTURA, J.; RODRIGUES, M., Festival de *selfies*, primeira noite do 11º Paraty em Foco. **Blog PEF**, 2015. Disponível em: <https://medium.com/paraty-em-foco/festival-de-selfies-99dfba0042e8> Acesso em: 29 mai 2019.

BRASIL, J. Do **Arquivo Jornal do Brasil**. 22 jun. 1968. Disponível em: <https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19680622&printsec=frontpage&hl=en> Acesso em: 22 jan. 2019.

BROWNE, A. Everything Is Illuminated | Rinko Kawauchi at the Hermès Gallery. **The New York Times. Style Magazine**. New York, 18 maio 2011. Disponível em: <https://tmagazine.blogs.nytimes.com/2011/05/18/everything-is-illuminated-rinko-kawauchi-at-the-hermes-gallery/> Acesso em 29 abr. 2019.

CAMARGO, D. Caldeirão do Diabo – André Cypriano. **Site Galeria Zoom**. Paraty, set. 2006. Disponível em: <http://galeriazoom.com/exposicao/caldeirao-do-diabo/> Acesso em: 20 fev. 2019.

CARVALHO, R. Symbiosis – Roberta Carvalho. **Canal You Tube**. 19 jun. 2012. Disponível em: <<http://twixar.me/7Wx3>>. Acesso em: 12 jun. 2018

CHIODETTO, E. Preciosidades do Mês disfarçam crise. **Folha de S. Paulo**. 23 abr. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2304200307.htm> Acesso em: 2 fev. 2019.

CHIRIBOGA, L. Del fondo de la memoria. **Site Homines**. Equador, 17 set. 2004. Disponível em: https://www.homines.com/fotografia/lucia_chiriboga/index.htm Acesso em 15.abr.2019

COUTO, M. A. Sobre Apreensões, de Bob Wolfenson. **Site Olhavê**. São Paulo, 25 nov.2010 Disponível em: <https://olhave.com.br/2010/10/sobre-apreensoes-de-bob-wolfenson/> Acesso em: 2 abr. 2019.

DANIEL, M. Belas, censuradas e do lar. **Riscafaca**. 28 abr. 2016. Disponível em: <http://riscafaca.com.br/historia/belas-censuradas-e-do-lar/> Acesso em: 28 jan. 2019

DO RIO FILMES. Vídeo com depoimento de Sofia Borges. **Prêmio Pipa**, 2017. Disponível em: <http://www.premiopipa.com/pag/artistas/sofia-borges/> Acesso em: 13 jun.2019.

EL PAÍS Serie de 10 grabados de Marilyn Monroe por Andy Warhol en uno de los *stands* de la feria. **El País**. 9 dez. 2006. Disponível em: https://elpais.com/diario/2006/12/09/cultura/1165618801_740215.html Acesso em: 25 abr. 2019

FUNARTE Sobre a instituição. **Fundação Nacional de Artes**. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/a-funarte>. Acesso em 13 jun. 2018.

GAGLILIONE, I. Documentário Imaginário. **O Benedito**. São Paulo, 31 jul. 2014. Disponível em: <https://obenedito.com.br/documentario-imaginario/> Acesso em: 29 abr. 2019.

GANDRA, A. Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não têm TV no Brasil. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 21 fev. 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil> Acesso em: 10 ago. 2018.

GARAPA, COLETIVO. George Rousse no Paraty em Foco 2010. **Vimeo**. Disponível em: <https://vimeo.com/15113050> Acesso em: 13 nov.2018

GONZALEZ, A. L. Caio Reisewitz. **Não tem coisa certa**. 23 abr. 2008. Site Singularity. Disponível em: <http://singularity.ie/contemporary-photography/caio-reisewitz-nao-tem-coisa-certa> Acesso em 14 jun. 2019.

GUIMARÃES, S. Cristina de Middel. **Tv Cultura Digital. Programa Metrôpolis**. Canal You Tube. São Paulo, 4 out. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GZomSE1iy4A> Acesso em: 21 mar. 2019

HEYLER, J. Cindy Sherman. **The Broad Art Foundation**. Disponível em: <http://twixar.me/Ll63>

MAGYAR, A. Stainless – Sindorim. **Canal You Tube**. Disponível em: <http://twixar.me/Qm4n>. Acesso em: 10 maio 2019.

MARSMAN, E. Heerlijke eenvoud in Bourgondisch stadje. **Site nrc.nl**. Amsterdã, 8 out. 2008

MONTERO, C. A. A Mistura Intoxicante de Verdade e Ficção da Fotógrafa Cristina de Middel. 4 maio 2015. **Site Vice**. Disponível em: https://www.vice.com/pt_br/article/vv4npb/a-mistura-intoxicante-de-verdade-e-ficcao-da-fotografa-cristina-de-middel Acesso em: 30 abr. 2019

NORBIATO, L.P. Now Show. **Site Revista Select**. São Paulo, 21 ago. 2013. Disponível em: <https://www.select.art.br/no-show/> Acesso em: 17 fev. 2019.

NYT. The 45 Places to Go in 2012. **New York Times**. 6 jan. 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2012/01/08/travel/45-places-to-go-in-2012.html> Acesso em: 8 abr. 2019

OLIVA, D. Cristina de Middel quer problemas. **Blog Entretempos. Folha de S. Paulo**. São Paulo, 16 jul. 2013. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2013/07/16/cristina-de-middel-quer-problemas/?loggedpaywall> Acesso em: 15 mar.2019.

OLIVA, D. Jeito austero de Rinko Kawauchi esfria noite de abertura do Paraty em Foco. **Blog Entretempos. Folha de S. Paulo**. São Paulo, 25 set. 2014. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2014/09/25/jeito-austero-de-rinko-kawauchi-esfria-noite-de-abertura-do-paraty-em-foco/> Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVA, D. Marcelo Brodsky aproxima refugiados que tentam cruzar o Mediterrâneo de exilados de ditaduras. 15 nov. 2016. **Blog Entretempos. Folha de S. Paulo**. Disponível: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2016/11/15/marcelo-brodsky-aproxima-exilados-de-ditaduras-a-refugiados-que-tentam-atravesar-o-mediterraneo/> Acesso em: 19 nov. 2018.

OLIVA, D. Modelo do ‘Paraty’ torna festival pouco participativo para o público. **Blog Entretempos. Folha de S. Paulo**. São Paulo, 27 set. 2014. Disponível em: <https://entretempos.blogfolha.uol.com.br/2014/09/27/modelo-do-paraty-torna-evento-pouco-participativo-para-o-publico/> Acesso em: 26 jun. 2019

OLIVEIRA, M. Perfil Luiz Humberto. **Site Olhavê**. 10 mar. 2014. Disponível em: <http://olhave.com.br/2014/03/perfil-luis-humberto/> Acesso em: 18 jan. 2019

OMAR, A. Arthur Omar e o glorioso da face carnavalesca. **Site Revista Zum**. São Paulo, 9 fev. 2018. Disponível em: <https://revistazum.com.br/ensaios/arthur-omar-face-carnavalesca/> Acesso em: 19.maio.2019.

PARATYONLINE 4º dia do Paraty em Foco – Workshop: Jornalismo na TV / Quase íntimo: Evan Baden. **Site ParatyOnLine.com**. Paraty, RJ, 23 set. 2011. Disponível em: <http://www.paratyonline.com/jornal/2011/09/paraty-em-foco-workshop-jornalismo-evan-baden-eventos/> Acesso em: 8 fev. 2018.

PERSICHETTI, S. Fotorjournalismo Pt.1 **TV EDUK**. Canal You Tube. São Paulo, 2 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s7UKAE-4FXU&t=101s> Acesso em: 18 jan.2019.

QUINTAS, G. Entrevista Milton Guran. **Site Olhavê**. 30 mar. 2010. Disponível em: <https://olhave.com.br/2010/03/entrevistando-milton-guran/> Acesso em: 2 jan. 2019

SANCHÉZ, M.; STEEL, M. Versus Photo. **Revista Ojos Rojos**, nº21, 2011. Disponível em: <http://twixar.me/BWnn>). Acesso em: 20 mar. 2019.

VIVES, R. La noche e los recuerdos del futuro: entrevista a Alejandro Chaskielberg. **Nano Festival de Fotografia**, B. Aires, jul. 2015. Disponível em: <http://www.nanofotofest.com.ar/2015/07/la-noche-y-los-recuerdos-del-futuro-entrevista-a-alejandro-chaskielberg/> Acesso em: 10 mai. 2019.

ZUM. Cobertura completa do Paraty em Foco 2015. **Portal Revista Zum. Radar**. São Paulo, 28 set. 2015. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/cobertura-paraty-em-foco-2015/> Acesso em: 24 jun. 2019.

Site de artistas

ANDERSON, C. **Site Magnum/ Christopher Anderson**. Disponível em <https://www.magnumphotos.com/photographer/christopher-anderson/> Acesso em: 17 abr. 2019.

AZEVEDO, O. **Site do artista/ Orlando Azevedo**. Disponível em: <https://www.orlandoazevedo.com.br/> Acesso em: 12 jan. 2019.

BALDESSARI, J. Untitled, 1986. **MoMa**. Disponível em: <<http://twixar.me/9Cvn>>. Acesso em: 18 maio 2019.

BECHER, B.; BECHER, H. Framework Houses, 1959-1973. **MoMa**. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/127884> Acesso em: 7 abr. 2019.

BORGES, S. **Site da artista/ Sofia Borges**. Disponível em: <https://sofiaborges.carbonmade.com/> Acesso em: 24.abr.2019.

BOTMAM, M. **Site do artista/ Machiel Botman**. Disponível em: <http://machielsbotman.com/> Acesso em: 17 abr. 201

BRAGA, L. **Site do artista/ Luiz Braga**. Disponível em: <http://www.luizbraga.fot.br/cor.html> Acesso em: 23 fev. 2019.

BRAGA, R. **Site do artista/ Rodrigo Braga**. Disponível em: <https://www.rodrigobraga.com.br> Acesso em: 23 fev. 2019.

CHAMBI, M. Martin Chambi – Señora Montes, Montes House, Cuzco, 1924. **MoMa**. Disponível em: <http://twixar.me/Kts3> Acesso em: 6 fev. 2019

CLOSE, C. Chuck Close – Self-portrait, 1991. **MoMa**. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/84179?artist_id=1156&locale=pt&page=1&sov_referrer=artist Acesso em: 15 jun. 2019.

DIVENDAL, L. Site do artista/ Leo Divendal. Disponível em: <https://www.leodivendal.nl/atelier/> Acesso em: 8 jan. 2019.

ERVITT, E. Site Magnum/ Elliott Erwitt. Disponível em: https://pro.magnumphotos.com/C.aspx?VP3=CMS3&VF=MAGO31_10_VForm&ERID=24KL53Z1OG Acesso em: 1 fev. 2019.

FARKAS, T. Praia de Copacabana. 1940. **Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <http://fotografia.ims.com.br/#/search/farkas> Acesso em: 12 mar. 2019.

FERRY, S. Site do artista/ Stephen Ferry. Disponível em: <https://stephenferry.com/violentologyimages> Acesso em: 29 mar 2019.

FOTO, C. de Cia da Foto – Rua 25 de Março. 2008. **Coleção Pirelli-Masp**. Disponível em: <https://colecaopirellimasp.art.br/autores/287/obra/1069> Acesso em: 16 mar. 2019.

GARDUÑO, F. Site da artista/ Flor Garduño. Disponível em: <https://www.florgarduno.com/> Acesso em: 24 jan.2019.

GILDEN, B. Site do Artista/ Bruce Gilden. Disponível em: <https://www.brucegilden.com/a-beautiful-catastrophe> Acesso em: 17 mar. 2019.

GROBET, L. Site da artista/ Lourdes Grobet. Disponível em: <http://lourdesgrobet.com> Acesso em: 10 maio 2019.

HINOJOSA, J. Site do artista/ Javier Hinojosa. Disponível em: <http://www.javierhinojosa.com/index2.html> Acesso em: 14 maio 2019.

HOEPKER, T. Site Magnum/ Thomas Hoepker. Disponível em: <https://www.magnumphotos.com/photographer/thomas-hoepker/> Acesso em: 11 fev. 2019.

JAGUARIBE, C. Site da artista/ Claudia Jaguaribe. Disponível em: <http://claudiajaguaribe.com.br/> Acesso em 24 dez. 2018.

KOSSUTH, J. Joseph Kossuth – One and Three Chairs, 1965. **MoMa**. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/81435> Acesso em: 1 jun. 2019.

LANGE, D. Dorothéa Lange – Migrant Mother, Nipomo, Califórnia, mar. 1923. **MoMa**. Disponível em:

https://www.moma.org/collection/works/50989?artist_id=3373&locale=pt&page=1&sov_referer=artist Acesso em: 7 jan. 2019.

MAIOLINO, A. M. **Site da artista/ Anna Maria Maiolino.** Disponível em: <https://annamariamaiolino.com/pt/index.html> Acesso em: 20 dez. 2018.

MIDDEL, C **Site da artista/ Cristina de Middel.** Disponível em: <http://www.lademiddel.com/> Acesso em 8 jan. 2019.

MINKKINEN, A. R. **Site do artista/ Arno Rafael Minkkinen.** Disponível em: <http://www.arnorafaelminkkinen.com/> Acesso em: 19 abr. 2019.

MODOTTI, T. Tina Modott – Woman with flag, 1928. **MoMa.** Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/88788?artist_id=4039&locale=pt&page=1&sov_referer=artist Acesso em: 15 jan. 2019.

MOHOLY-NAGY, L. **Moholy-Nagy Foundation.** Disponível em: <https://moholy-nagy.org/art-database-gallery/> Acesso em 15 fev 2019.

MONTEIRO, E. **Site do artista/ Edu Monteiro.** Disponível em: <http://twixar.me/Z65n>. Acesso em: 30 maio 2019.

MOREIRA, C. **Site do artista/ Carlos Moreira.** Disponível em: <https://www.carlosmoreira.com.br/galeriasantos.html> Acesso em: 4 fev. 2019.

OPPENHEIM, D. **Site do artista/ Dennis Oppenheim.** Disponível em: <https://www.dennisaoppenheim.org/readingposition> Acesso 4 jun. 2019.

OPPIDO, G. **Gal Oppido/ Galeria Lume.** Disponível em: <http://www.galerialume.com/pt/artistas/gal-oppido> Acesso em: 26 fev. 2019.

PRINCE, R. Untitled (cowboy). **The Metropolitan Museum of Art.** Disponível em: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/2000.272/> Acesso em: 19 dez. 2018.

RAUSCHENBERG, R. Robert Rauschenberg – Canyon, 1959. **MoMa.** Disponível em: <https://www.moma.org/artists/4823> Acesso em: 18 jun. 2019.

REIS, R. **Site do artista/ Rogério Reis.** Disponível em: <http://twixar.me/hsvn>>. Acesso em: 16 maio 2019.

SCAVONE, M. **Site do artista/ Márcio Scavone.** Disponível em: <http://www.marcioscavone.com.br/#/pt/home> Acesso em 28 nov. 2018.

STIEGLITZ, A. Alfred Stieglitz – *Fountain* (photograph of assisted readymade by Marcel Duchamp). 1917. **MoMa.** Disponível em: <https://www.moma.org/interactives/exhibitions/2010/originalcopy/works05.html#1> Acesso em: 22 jun. 2019.

STUPAKOFF, O. **Site IMS/ Coleção Otto Stupakoff**. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/otto-stupakoff/> Acesso em: 23 mar 2019.

UMBRICO, P. **Site da artista/ Penelope Umbrico**. Disponível em: <<http://twixar.me/s1Tn>>. Acesso em: 13 maio 2019

VASCONCELLOS, C. **Site do artista/ Cassio Vasconcellos**. Disponível em: <https://www.cassiovasconcellos.com.br/galeria/noturnos-sao-paulo/> Acesso em: 7 fev. 2019.

WALL, J. The Storyteller. **The Metropolitan Museum of Art**. Disponível em: <https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/2006.91/> Acesso: 23.fev.2019/

ZILIO, C. **Site do artista/ Carlos Zilio**. Disponível em: <http://www.carloszilio.com/?page=galeria70&id=3> Acesso em: 20 jan. 2019.

Entrevistas realizadas pela pesquisadora

AMADO, Isabel. 2018. Entrevistas gravadas em 08/11/2018. Duração 00:10:23 e 01:18:23.

BENEDICTO, Nair. 2019. Entrevistas gravadas em 30/01/2019. Duração – 00:51:08 e 00:24:01.

BRANCO, Sergio. 2018. Entrevistas gravadas em 24/05/2018 – 01:09:23 e 24/05/2018 – 00:27:59.

CANNABRAVA, Iatã. 2015 e 2018. Entrevistas gravadas em: 28/12/2015. Duração – 00:55:48; 30/04/2018. Duração – 00:55:40; 14/06/2018. Duração – 00:41:45; 25/09/2018. Duração – 01:11:37; 02/10/2018. Duração – 00:32:45; 02/10/2018. Duração – 00:51:52; 10/10/2018. Duração – 01:10:52; 31/10/2018. Duração – 00:37:27 e 31/10/2018. Duração – 00:34:09.

CARRERAS, Claudi. Entrevista gravada em 11/15/2018. Duração – 01:25:38.

CERMELLI, Mariza. Entrevista gravada em 19/10/2018. Duração – 01:16:52.

CHERMONT, Fausto. Entrevista por telefone em 26/02/2019.

CHIODETTO, Éder. Entrevista gravada em 21/11/2018. Duração – 01:12:25.

EDINGER, Claudio. Entrevista por e-mail, 21/11/2018.

ESTEVES, Juan. Entrevistas gravadas em 14/11/2018. Duração – 02:15:51 e 00:21:35.

FEIJÓ, Claudio. Entrevista gravada em 12/09/2018 – 01:24:22.

FERNANDES, Rubens. Entrevistas gravadas em 18/12/2018. Duração – 01:21:39 e 26/12/2018 – 00:43:12.

FIGUEIROA, Pio. Entrevista gravada em 14/09/2018. Duração – 01:44:14.

GAISO, Pisco del. Entrevista gravada em 24/04/2018. Duração – 01:03:28.

GRECO, Marcelo. Entrevista gravada em 20/04/2018. Duração – 01:51:23.

GURAN, Milton. Entrevista por telefone em 18/05/2019.

HANTZSCHEL, Ricardo. Entrevista gravada em 30/11/2018. Duração – 00:47:48.

HUSCHEL, Helena. Entrevista gravada em 05/05/2019. Duração – 01:06:06.

JAGUARIBE, Claudia. Entrevista gravada em 05/11/2018. Duração – 00:54:04.

MAGALHÃES, Angela e PEREGRINO, Nadja. Entrevista gravada com a dupla em 21/09/2018. Duração – 01:07:05.

MARINHO, Luiz. Entrevista gravada em 16/04/2018. Duração – 01:32:51.

MASCARO, Cristiano. Entrevista por telefone em 04/09/2018.

MECARELLI, Giancarlo. Entrevista gravada em 21/03/2018. Duração – 01:55:58.

MUYLAERT, Eduardo. Entrevista gravada em 29/11/2018. Duração – 00:38:54.

PAIVA, Joaquim. Entrevista por e-mail em 25/05/2019.

PERSICHETTI, Simonetta. Entrevista gravada em 13/11/2018. Duração – 01:16:10.

SCAVONE, Marcio. Entrevista gravada em 08/10/2018. Duração – 00:30:38.

VILAS BOAS, Thelma. Entrevista por telefone no dia 21/11/2018.

VIRGÍNIA, Talita. Entrevistas gravadas em 23/05/2018 Duração – 00:24:45; 23/05/2018. Duração – 01:06:23; 16/10/2018. Duração – 00:14:26 e 16/10/2018. Duração – 01:46:36.

TABELAS

Tabela I – Atividades do Festival

	Encontros e Entrevistas	<i>Workshops</i>	Exposições	Projeções	Leilão	Lançamento de Livros	Leitura de Portfólio	Convocatória	Público Estimado
1º PEF 2005	05	Não	02	Não	Sim	Não	Não	Não	80
2º PEF 2006	06	06	04	Sim	Não	Não	Não	Não	400
3º PEF 2007	11	15	07	Sim	Sim	Sim (01)	Não	Sim	800
4º PEF 2008	13	17	08	Sim	Não	Sim (09)	Não	Não	2000
5º PEF 2009	15	19	10	Sim	Sim	Sim (17)	Sim	Não	3000
6º PEF 2010	15	22	12	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	4000
7º PEF 2011	15	28	20	Sim	Sim	Sim (08)	Sim	Sim	4500
8º PEF 2012	12	23	14	Sim	Sim	Sim (12)	Não	Sim	5000
9º PEF 2013	13	21	17	Sim	Não	Sim (17)	Sim	Sim	5000
10º PEF 2014	12	22	19	Sim	Sim	Sim (16)	Sim	Sim	5000
11º PEF 2015	16	30	13	Sim	Sim	Sim (19)	Não	Sim	4500

Tabela II – Artistas convidados

	Artistas Brasileiros	Artistas Estrangeiros	Destaques
1º PEF (2005)	Antonio Guerreiro Araquém Alcântara Cristiano Mascaro Dom João de Orleans e Bragança Klaus Mitteldorf Luiz Garrido Marcelo Greco Marcelo Soubhia Marcio Scavone Pio Figueiroa Pisco Del Gaiso Thelma Vilas Boas Thomaz Farkas		Cia de foto
2º PEF (2006)	André Cypriano João Roberto Ripper Otto Stupakoff Thomaz Farkas Cristiano Mascaro; Dom João de Orleans e Bragança	Marcelo Brodsky (Argentina) Lucia Chiriboga (Equador) Jorge Luiz Alves Pupo (Cuba)	Lucia Chiriboga
3º PEF (2007)	César Barreto Marcos Piffer Claudia Jaguaribe Tuca Vieira	David Alan Harvey (EUA) Thomas Hoepker (Alemanha) Pierre Devin (França) Leo Divendal (Holanda)	Thomas Hoepker

	Bob Wolfenson JR Duran Nair Benedicto Marlene Bergamo Walter Carvalho Walter Firmo David Griffin Luciano Candisani Matthew Shirts Felipe Chaimovich Cassio Vasconcelos Joaquim Paiva	Christopher Anderson (Canadá)	
4° PEF (2008)	Amir Klink Claudio Edinger Evandro Teixeira Luiz Braga Orlando Azevedo Nair Benedicto Rogério Reis Magnólia Costa Simonetta Persichetti Guilherme Planel Domingos Peixoto Wania Corredo Wilton Junior Severino Silva	Jay Colton (EUA) Machiel Botman (Holanda) Ralph Gibson (EUA) Pierre Devin (França) Bruce Gilden (EUA) Francesco Cito (Itália)	Machiel Botman

<p>5º PEF (2009)</p> <p>Tema: Blogosfera</p>	<p>Miguel Chikaoka Tiago Santana Eduardo Queiroga Alexandre Belém Luciana Cavalcanti Rodrigo Braga (2 mesas) Mateus Sá Ignacio Aronovich Louise Chin Alexandre Sequeira Rosangela Rennó Lula Marques Orlando Brito Arthur Omar Pedro Martinelli</p>	<p>Francesco Zizola (Itália) Alessandra Sanguinetti (EUA) Gerardo Montiel Klint (México) Claudine Doury (França) Coletivo Pandora/ Hector Mediavilla (Espanha) Loreta Lux (Alemanha Oriental)</p>	<p>Rodrigo Braga</p> <p>Alessandra Sanguinetti</p> <p>Loreta Lux</p> <p>Arthur Omar</p>
<p>6º PEF (2010)</p> <p>Tema: Inventários da Terra</p>	<p>Anderson Schneider André Vieira Jonne Roriz Bárbara Wagner Mari Stockler Maureen Bisilliat Cris Bierrenbach Marcelo Zocchio João Castilho Francilins Bob Wolfenson Amir Klink João Wainer Dirceu Maués</p>	<p>Georges Rousse (França) Coletivo Kameraphoto (Portugal) Alfredo de Stefano (México) Olivio Barbieri (Itália) Claudia Hinterseer (Holanda) Kadir Van Lohuizen (Holanda) Alejandro Chaskielberg (Argentina)</p>	<p>Georges Rousse</p> <p>Cris Bierrenbach</p> <p>Alejandro Chaskielberg</p> <p>João Castilho</p>

	Coletivo Garapa Egberto Nogueira Cia de Foto Galeria Experiência		
7° PEF (2011) Tema: #FUTURO	Roberta Carvalho Ricardo Macedo Claudia Jaguaribe Caio Reisewitz Olivia Arthur Miguel Rio Branco Luiz Carlos Felizardo Leopoldo Plentz João Urban Gustavo Pellizon Custódio Coimbra Eder Chiodetto Maurício Lissofsky Marcelo Dantas Patrícia de Filippi David Riecks Sergio Burgi Carlos Carvalho	Pieter Hugo (África do Sul) Coletivo Versus (Perú) Evan Baden (EUA) Constant Dullaart (Holanda) Marcel Feil (Holanda) Penelope Umbrico (EUA)	Pieter Hugo Penelope Umbrico
8° PEF (2012) Tema: A arte da fotografia como documento	Agnaldo Farias Thyago Nogueira Jorge Bodanzky Tiago Santana Henrique Siqueira	Pietro Paolini (Itália) Michele Borzoni (Itália) Rodrigo Gómez Rovira (Chile) Peter Funch (Dinamarca) Michel Munneke (Holanda)	Peter Funch Marcos López

	Sergio Burgi Joaquim Marçal Maurício Lima Eduardo Bueno Fernando Bueno Cristiano Mascaro	Martin Parr (EUA) Marcos López (Argentina)	
9º PEF (2013) Tema: Extremos	Eduardo Saron Thyago Nogueira Adriana Rattes Jéssica Mangaba Pangéia de Dois Guilherme Peters Gui Mohallen Breno Rotatori César Charlone Cao Guimarães Bernardo Carvalho Rosangela Rennó Cia de Foto Claudí Carreras Diógenes Moura Rubens Fernandes Junior	Cristina de Middel (Espanha) Pep Bonet (Espanha) José Bautista (Espanha) Lourdes Grobet (México) Stephen Ferry (EUA) Li Zhensheng (China)	Cristina de Middel Lourdes Grobet
10º PEF (2014)	Pedro Motta Rodrigo Braga Mauricio Lissovsky Sofia Borges Agnaldo Farias Nair Benedicto Evandro Teixeira	Rinko Kawauchi (Japão) Niels Stomps (Inglaterra) Javier Hinojosa (México) David Alan Harvey (EUA)	Pedro Motta Rogério Reis Rinko Kawauchi Sofia Borges

	Rogério Reis Alex Flemming João Castilho Leticia Ramos		
11º PEF (2015)	Agnaldo Farias Ailton Krenak Christian Cravo Andrés François João Roberto Ripper Tuane Eggers Alexandre Urch Claudio Feijó	Antoine D'Agata (França) Fariba Farshad (Inglaterra) Max Pam (Austrália) Micha Bruinvels Francisco Mata Rosas (México) Horácio Fernández (Espanha) Marcelo Brodsky (Argentina) Rodrigo Alonso (Argentina) Arno Rafael Minkkinen (Finlândia)	Antoine D'Agata Arno Rafael Minkkinen

Tabela III – Artistas convidados para o Mês Internacional da Fotografia

	Convidados Nacionais	Convidados Internacionais
1º Mês Internacional da Fotografia (1993)	<p> Coleção Joaquim Paiva – coletiva Fotografia Brasileira Contemporânea anos 50 a 90 – coletiva A Pose que revela – retratos do Museu Lasar Segall Fotografia Construída – coletiva Redescobertas – coletiva Impulses – coletiva Abrafoto – coletiva </p>	<p> Graciela Iturbide (México) Eduardo Gil (Argentina) Michael Gasarian (França) Keiichi Tahara (Japão) Annie Leibovitz (EUA) Marc Riboud (França) Robert Doisneau (França) Walter Rosenblun (EUA) Pepe Diniz (EUA) Andreas Müller-Pohle (Alemanha) Alain Fleischer (França) </p> <p> Coletivas: México, Inglaterra, Latino-americanos, Argentina, Japão, Itália, Croácia, Pré-rafaelita (vários países) </p>
2º Mês Internacional da Fotografia (1995) Tema: “Identidade”	<p> Mario Cravo Neto Ernesto Baldan Claudio Edinger Aristides Alves Claudia Jaguaribe </p> <p> Simulação – coletiva Contatos e Confrontos – coletiva Texturas – coletiva Coletiva Brasileira de Retratos </p>	<p> Henri Cartier-Bresson (França) Boaz Tal (Israel) Ajamu (Inglaterra) Joseph Koudelka (República Tcheca) Martin Chambi (Peru) Ko Yamada (Japão) Julian Germain (Inglaterra) Carlos Freire (França) Michael O’Neill (EUA) Willian Rapp (França) </p>

	Investigação Brasil – coletiva Bienal Fotojornalismo Brasileiro – coletiva	Kurt Butchwald (Alemanha) Joy Gregory (Inglaterra) Coletivas: Cuba, EUA , Peru, França
3º Mês Internacional da Fotografia (1997) Tema: “Paixão”	Vânia Toledo Márcio Rebelo Walter Firmo José Medeiros Thomaz Farkas Na fronteira dos Sentidos – coletiva Coleção do Imperador – coletiva Brasil na Máquina do tempo – coletiva Íris Foto 50 anos – coletiva Fotografia Pensante – coletiva Verde Lente – coletiva Bit Foto – coletiva 100 anos de Canudos – coletiva Fragmentos da História do Teatro Brasileiro – coletiva Monumento a Ramos de Azevedo – coletiva Fotógrafo Desconhecido – coletiva	Seydou Keita (África) Rotimi e Alex Hirst (África) Luis Gonzalez Palma (Guatemala) Milagros de las Torres (Peru) Jill Harley (EUA) Florio Puenter (Suíça) Irene Torrebiante (Guatemala) Peeter Linnap (Estônia) Dennis Callwood (EUA) Fernando Castr (Peru) Johnny Jensen (Dinamarca) Paul Winternitz (EUA) Maya Goded (México) Bernard Plossu (França) Kerri Pickett (EUA) Vida Yavanovich (México) Coletivas internacionais: EUA, Venezuela, Equador, Peru, Chile, México
4º Mês Internacional da Fotografia (1999) Tema: “Transformação”	Hildegard Rosenthal Marcelo Arruda Adriano Gambarini Monica Caldiron Penna Prearo David Drew Zingg	Jacques Henri Lartigue (França) Alec Lokey (EUA) Flor Garduño (México) Marcelo Salinas (Chile) Daniel Pajuelo (Peru) Sergio Urdayo (Peru)

	<p> Eduardo Muylaert Pierre Verger Valério Vieira Tika Tiritilli Manuel da Costa Afonso Celso Andrade Edouard Fraipont Marcelo Araújo João Luis Musa Austero Penteado Louise Chin e Ignácio Aronovich Carrieri Cristiano Quintino Retrospectiva 60 anos Foto Cine Clube Bandeirantes – coletiva A Última Chapa – coletiva Coletiva Contemporânea – coletiva Transformações/ARFOC – coletiva Todos Canaviais – coletiva Enigmas – coletiva Ruídos Entre Imagens – coletiva Minas, Minas – coletiva Perspectivas – coletiva </p>	<p> Patrick Pardini (França) Marik Baudreau (Canadá) Luis Mallo (Cuba) Luc Chessex (Suíça) Coletivas: Chile, Peru, México </p>
--	--	--

<p>5º Mês Internacional da Fotografia (2001)</p> <p>Tema: “Raízes e Asas”</p>	<p>Claudia Andujar Luzia Simons Tiago Santana Zeca Guimarães Marcelo Greco Odiros Mlászlo Luis Humberto Thomaz Farkas Fabio Cabral Marlene Bergamo Fabiana Figueiredo José Bassit Letícia Valverdes Evelyn Ruman Paulo Angerami Pierre Verger Roberto Linsker Eustáquio Neves Rui Faquini Neide Jallageas Egberto Nogueira Zeka Araujo Mari Stockler Ricardo Barcellos Rodolfo Lindemann Alexandre Meneghini André Valentim Izan Petterle Inês Rabelo Helga Ancona Adenor Gondim</p>	<p>Christine Burriel (EUA) Heike Baranowsky (Alemanha) Anke Cott (Alemanha) Sibylle Bergemann (Alemanha) André Kertész (Hungria/França) Miyoshi Kazuyoshi (JAPÃO) Florio Punter (Suíça) Kazimir Zgorecki (Polônia) Jean Marquis (França) Mathesie (Alemanha)</p> <p>Coletivas: Peru</p>
---	--	---

	<p>Dudu Cavalcanti Joaquim Paiva Paulo Velloso Walter Firmo Chico Albuquerque Manlio Klaus Mitteldorf Andrea Monteiro</p> <p>Coletiva de Jovens Fotógrafos Sinais de Vida – coletiva 40 anos da APAE – coletiva Lance! – coletiva Pose detida – coletiva Realidades construídas – coletiva Retrospectiva ARFOC – coletiva Fronteiras – coletiva Duas sequências e duas fotografias – coletiva Brasil e África, Similaridades – coletiva Caverna Digital – coletiva</p>	
6º Mês Internacional da Fotografia (2003)	<p>Haruo Ohara Cliff li Gal Oppido Rogério Assis Alexandra Pescuma Coletiva SX-70</p>	<p>François Kollar (França) Jean Claude Wicky (Suíça) Martin Chambi (Peru) Tina Modotti (Itália) Fay Godwin (Inglaterra) Evgen Bavar (Eslovênia) Wols (Alemanha) Yul Brynner (EUA)</p>

	Labirinto e Identidades – coletiva Projeto Alcatrazes – coletiva CCA/Luzenças – coletiva Coleção Pirelli – coletiva	Coletivas: África
7º Mês Internacional da Fotografia (2005)	Daniella Pusset Roberto Setton Emidio Luisi Ricardo Alcaide Marcelo Greco Victor Ribeiro Silvio Pinhatti Marcelo Reis Salete Goldfinger Kenji Ota Alberto Bitar Fabiana Figueiredo Hilton Ribeiro Rosa de Luca Juan Esteves Caixa Preta – coletiva Ensaios quase óbvios – coletiva O Retrato como Imagem do Mundo – coletiva Fotografia e cidadania na Febem – coletiva Olhares Paulistanos – coletiva Coletivo Fotográfico – coletiva Os Gigantes Vermelhos – coletiva Rogério Canella e Nicolás Robbio – coletiva Herança Cultural – coletiva	Patrick Glaize (França) Elliott Erwitt (EUA) Gitta Seiler (Alemanha) Bernard Plossu (França) Inge Morath (Áustria) Coletivas: França

<p>8º Mês Internacional da Fotografia (2007)</p>	<p>Rosa Gauditano André Chassot Gal Oppido Tika Tiritilli Vidal Cavalcante Gustavo Moura Leonardo Crescenti David Helman Carlos Moreira Fernando Costa Netto Penna Prearo Ricardo Rojas Manuk Poladian Marcio Disperatti Antonia Domingues Adi Leite</p> <p>A Fotografia na Bahia 1839-2006– coletiva Fragmentos Modernismo na Fotografia Brasileira – coletiva Outra objetividade – coletiva Cidadania...Brasileiros – coletiva Lugares – coletiva Unidos do SambaPhoto – coletiva Lá e cá, retratos – coletiva Dois cravos – coletiva Cidade Invertida – coletiva Canal*Motoboy – coletiva</p>	<p>Peter Granser (Áustria) Carlos Díez Polanco (Espanha) Michael Wesely (Alemanha) Raymond Depardon (França) Bob Gruen (EUA) Dominika Debska (Austrália)</p> <p>Coletivas: EUA, Peru</p>
---	--	--

ANEXOS

Anexo I - Biografia dos 30 entrevistados para esta pesquisa.

Angela Magalhães (1954) / Nadja Peregrino (1949)

Entrevista gravada com a dupla em 21/09/2018. Duração – 01:07:05

Sobre: Angela é formada em jornalismo, em 1980, foi bolsista da Fulbright/Capes no International Center of Photography /Aperture Foundation NY, 1988/89. No Instituto Nacional de Fotografia da Funarte (1979-2003), coordenou as **Semanas Nacionais de Fotografia** (1982-1989) e diversas mostras. Junto com Nadja Peregrino, recebeu os prêmios da Rio Arte e Fundação Vitae e publicou os livros *Fotografia no Brasil: um olhar das origens ao contemporâneo* (MINC/Funarte, 2004); e *Fotoclubismo no Brasil – o legado da Sociedade Fluminense de Fotografia* (SENAC, 2012).

Sobre: Nadja é mestra em Comunicação pela UFRJ em 1990 com tese publicada no livro *O Cruzeiro - A revolução da fotorreportagem* (1991). Professora, desde 2002, do Curso de Pós-Graduação Fotografia e Imagem da Universidade Cândido Mendes. Atuou na Funarte (1977-1990) e no Centro de Artes da UFF (1990-1998), organizando exposições de renomados fotógrafos brasileiros e estrangeiros; Como curadora associada independente, realizou diversas mostras, como *La revue O Cruzeiro* (Chalon Sur Saun, França, (2006); *Physis Soma, o corpo, a expressão e a poética do movimento* (Casa das Rosas, São Paulo, 2014); *Fotografia arte Plural* (ICON Galeria, RJ, 2018). Integrou a seleção dos prêmios e portfólios: Marc Ferrez (Funarte, 2010) e ArtePará (Belém, 2010), FotoRio (2016 -17), Paraty em Foco e Premio Pierre Verger, 2017. Entre os últimos textos publicados destaca-se *Flutuações da fotografia contemporânea*, Colóquio Fotografia Bahia, UFBA, 2017. Atualmente, ao lado de Angela Magalhães, é curadora da ICON Galeria, atuando com a exibição e venda de fotografias.

Claudi Carreras (1973)

Entrevista gravada em 11/15/2018. Duração – 01:25:38

Sobre: Claudi é curador independente, editor, produtor cultural e pesquisador licenciado em fotografia e doutorado em Belas Artes pela Universidade de Barcelona.

Foi curador de exposições individuais e coletivas que viajaram pelo mundo em mais de 50 países em 4 continentes, entre elas, Labirinto de Olhares, Resiliência, E.CO, Cuba Mía, Transnacionais, Cotidiano Latino / US, Fotonovela, Arquivo Ex Machina e Cidades Visíveis. Foi diretor da primeira Reunião de Coletivos Ibero-americanos realizada em São Paulo em 2008 do primeiro Encontro de Grupos Fotográficos da Europa e da América Latina que percorreu a Europa e a América e teve continuidade no Brasil em 2015. Assessor do Fórum Latino-Americano de Fotografia de São Paulo desde sua origem e curador da exposição nas duas últimas edições, 2013 e 2016.

Curador geral do Festival de Paraty em Foco do Rio de Janeiro de 2011 a 2015.

Curador para a edição de América Latina da Photoquai Bienal em 2013 e 2015 (Museu Quai Branly, Paris). Como jurado, participou do World Press Photo 2017, do POY Latam e de diferentes bienais e concursos. Ele é um Joop Masterclass Nominator na World Press Photo. Sócio Fundador e editor da Editora Madalena do Brasil que já publicou mais de 20 títulos. Ele também colabora com editoras internacionais, como RM e Gustavo Gili, onde participou de vários projetos. Em 2015 e 2016 coordenou as atividades visuais do Ministério da Cultura de Quito como diretor do projeto FLUZ. Atualmente, dirige uma nova plataforma para a difusão e promoção de narrativas visuais; Projetos VIST (Visual Story Telling Projects) e o projeto afro-americano no Image Center da Cidade do México.

Claudia Jaguaribe (1955)

Entrevista gravada em 05/11/2018. Duração – 00:54:04

Sobre: Claudia é formada em história da arte, artes plásticas e fotografia, pela Boston University, EUA. Desenvolve um trabalho voltado para a questão da paisagem urbana, do meio ambiente, e principalmente questões voltadas para a representação do real enquanto um registro conceitual. Ao misturar realidade e subjetividade, estimula a percepção que temos do que estamos vendo criando camadas de entendimentos e narrativas. Expande os formatos tradicionais da fotografia, transforma imagens em fotoesculturas, integrar e utiliza o vídeo e a

internet em suas instalações. Sua produção desde o início foi ligada a pesquisa editorial. Tem 13 livros publicados e reconhecidos pela singularidade da integração fotográfica e projeto gráfico. Em 2013 co-fundou a editora de fotolivros Editora Madalena. Seus trabalhos estão em diversos museus e coleções brasileiras e internacionais tais como Museu de Arte Moderna – São Paulo, Inhotim – Instituto de Arte Contemporâneo – Brumadinho, Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles – Rio de Janeiro, Victoria and Albert Museum, Maison Européenne de la Photographie – Paris, Instituto Ítalo Latino Americano – Roma entre outros.

Claudio Edinger (1952)

Entrevista por e-mail, 21/11/2018

Sobre: Claudio iniciou sua carreira em meados dos anos 1970, enquanto estuda Economia na Universidade Mackenzie. Em 1975 expõe suas fotos pela primeira vez, no Museu de Arte de São Paulo – MASP. No ano seguinte muda-se para Nova York, onde mora por 20 anos. Durante esse tempo nos Estados Unidos, Edinger desenvolve vários projetos pessoais e também trabalha como fotógrafo para as revistas Time, Newsweek, Life, Rolling Stone, Vanity Fair, e para a revista de domingo do jornal New York Times. Em 1977 estuda com Philippe Halsman (1906-1979), o famoso fotógrafo letão naturalizado americano, autor de mais de cem capas da revista Life. Depois de fotografar por dois anos os judeus hassídicos do Brooklyn, onde morou, Edinger tem a primeira exposição em solo americano, no International Center of Photography – ICP-NY, em 1978. De 1979 a 1994 é professor de fotografia na Parsons The New School for Social Research e também no International Center of Photography (1992-1994). Nesta época publica os livros Chelsea Hotel (Abbeville Press, 1983) e Venice Beach (Abbeville Press, 1985). Ambos recebem a Leica Medal of Excellence. Em 1989 e 1990, Edinger fotografa os pacientes do Juqueri, o maior asilo para doentes mentais da América Latina, com 3500 pacientes. Com este trabalho recebe o Prêmio Ernst Haas. Em 1996 volta ao Brasil e em sete anos publica sete novos livros.

Claudio Feijó (1946)

Entrevista gravada em 12/09/2018 – 01:24:22

Sobre: Claudio é pedagogo, psicólogo clínico e fotógrafo; ex-diretor e professor da Escola de Fotografia Imagem-Ação desde 1972; tem vasta experiência na área de ensino (como professor, diretor, orientador educacional e colaborador); foi consultor técnico da Polaroid do Brasil de 1989 à 1999; tem trabalhos fotográficos na Polaroid World Collection , na Coleção Masp-Pirelli, na Fototeca Cubana, além de em diversas coleções particulares; ainda na área de fotografia, foi premiado pelo Banco Real/ Fundação Roberto Marinho e com a Bolsa Marc Ferrez/Funarte; tem coordenado a Oficina Descondicionamento do Olhar desde 1986, por todo o país, nas mais diversas áreas de atuação (corporativa, educacional e de desenvolvimento criativo).

Cristiano Mascaro (1944)

Entrevista por telefone em 04/09/2018

Sobre: Cristiano é fotógrafo e tem na arquitetura das cidades um dos eixos fundamentais de sua obra. Arquiteto formado pela FAU/USP, onde obteve também título de mestre e doutor.

Atuou como repórter fotográfico na revista Veja, nos anos 1960. fez sua primeira exposição individual, Paisagem Urbana, em 1974, na Galeria Enfoco. Dois anos depois, o fotógrafo realiza um ensaio especialmente para a Pinacoteca do Estado, abordando dois bairros contíguos ao museu: Bom Retiro e Luz.

Ganhou a Bolsa Vitae de Artes e 3 prêmios Abril de Fotojornalismo. Em 2006, participa como arquiteto homenageado da VI Bienal Internacional de Arquitetura e Design apresentando a exposição “O Brasil em X, em Y, em Z” e em 2007 recebe o Prêmio Especial Porto Seguro de Fotografia pelo conjunto de sua obra.

Atualmente, Cristiano Mascaro é fotógrafo independente e dedica-se a projetos pessoais.

Eder Chiodetto (1965)

Entrevista gravada em 21/11/2018. Duração – 01:12:25

Sobre: Eder é curador especializado em fotografia, com mais de 70 exposições realizadas nos últimos 10 anos no Brasil e no exterior.

Mestre em Comunicação e Artes pela ECA/USP, jornalista, fotógrafo, curador independente e autor dos livros *O Lugar do Escritor* (Cosac Naify), *Geração 00: A Nova Fotografia Brasileira* (Edições Sesc), *Curadoria em Fotografia: da pesquisa à exposição* (Ateliê Fotô/Funarte), entre vários outros. Nos últimos anos tem realizado a organização e edição de livros de importantes fotógrafos como Luiz Braga, German Lorca, Criatiano Mascaro, Araquém Alcântara e Ana Nitzan, entre outros. É curador do Clube de Colecionadores de Fotografia do MAM-SP desde 2006.

Realizou a curadoria de importantes mostras tais como *Olhar e Fingir – Fotografias da Coleção Auer* (MAM-SP, 2009); *A Invenção de um Mundo – Acervo da Maison Européenne de la Photographie* (Itaú Cultural, 2009); *Geração 00: A Nova Fotografia Brasileira* (Sesc Belenzinho, 2011) e *O Elogio da Vertigem: Coleção Itaú de Fotografia Brasileira* (Maison Européenne de la Photographie, Paris, 2012), *Mytologies* (Shisheido Galery, Tóqui, 2012), *Poder Provisório* (MAM-SP, 2014), entre outras. Chiodetto atua também como consultor de importantes prêmios internacionais tais como Prix Pictet, Paul Huf Award, Talent FOAM, Lens Culture, Joop Swart Master Class World Press Photo e Photoville/Fence. Desde 2011 Chiodetto coordena o Ateliê Fotô, espaço de encontro dos Grupos de Estudos e Criação em Fotografia, orientando o trabalho de mais de 60 fotógrafos por semana.

Eduardo Muylaert (1945)

Entrevista gravada em 29/11/2018. Duração – 00:38:54

Sobre: Eduardo é fotógrafo e advogado. Publicou “O Espírito dos Lugares” (Editora Terceiro Nome, 2003), “Boa Noite, Paulicéia!” (Pinacoteca, SP, 2006) e participou das obras coletivas “RIO/SAO – doze visões de duas cidades maravilhosas” (Formarte, 2003), “Povos de São Paulo” e “Peuples de São Paulo” (Editora Terceiro Nome, 2004). Participou de exposições internacionais como “Brasiliens Gesichter” (Ludwig Museum, Koblenz, Alemanha, 2005), “Peuples de São Paulo” (Point Ephémère, Paris, França, 2005), “Focus in your world”, do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas (ECO 92), “El arte y el fútbol” (Assunção, Paraguai, 1999) e “Uma coleção: Fotografias do Museu de Arte Moderna de São Paulo” (Galeria 68 Elf e Espaço Cultural Exit Art, Colônia, Alemanha; Espaço Cultural Kultur Fabrik, Esch-sur-Alzette, Luxemburgo, 2001; e MAM-SP, 2002). Foi o curador brasileiro da mostra “Nos limites da fotografia”, organizada em São Paulo pelo Governo Francês e o Sesc-Pompéia, em 1996. Foi coordenador setorial dos 3o e 4o Mês Internacional da Fotografia de

São Paulo (1997 e 1999). Participou de manifestações como “Foto São Paulo”, onde coordenou o grupo “O Largo de São Francisco e a Faculdade de Direito” (São Paulo, 2001), “Povos de São Paulo”, onde coordenou o grupo “A cozinha dos Imigrantes” (São Paulo, 2004) e “Expedição Mananciais”, onde coordenou o grupo “Patrimônio Histórico de Paranapiacaba” (São Paulo, 2008). Suas principais exposições em São Paulo são “CaraHavana” (IQArtGallery, coletiva, SP, 2008), “Boa Noite, Paulicéia!” (Pinacoteca, SP, 2006), “Veracidade” (coletiva, MAM, 2006), “Seis fotógrafos para cada cidade” (coletiva, Galeria Euroarte, 2005), “Ponte Cultural França-Brasil” (coletiva, Nossa Caixa, 2005), “O Espírito dos Lugares” (Galeria Nara Roesler, 2003); “Meus amigos” (coletiva, MAM – Villa Lobos, 2003); “Tiras compridas do Brasil” (Galeria Millan, 1999); “Fazenda Pinhal, Cem anos de fotografias” (coletiva, SESC-São Carlos, 1998, e Museu da Casa Brasileira, 2001); “Ensaio e confrontos” (coletiva, Galeria Métier, 1999); “No horizonte do Brasil” (coletiva do banco J.P. Morgan, MAM-SP, 1999); “Paris de novo” (Banco Francês e Brasileiro, 1998); “Nova Iorque” (Bar Balcão, 1997); “Réplicas” (Espaço Mirante, 1996); “Série NY” (Coletiva, Espaço Mirante, 1996); “Paris – Fragmentos 70/95” (Bar des Arts, 1995); e “Transferências” (Bar do MIS, 1993)

Fausto Chermont (1961)

Entrevista por telefone em 26/02/2019

Sobre: Fausto foi diretor-fundador do NAFOTO - Núcleo dos Amigos da Fotografia, que por 20 anos realizou o Mês Internacional da Fotografia de São Paulo. No MIS - Museu Da Imagem e do Som por quase dez anos 1993 / 2003, coordenou, organizou e curou diversos projetos nas áreas de fotografia e de novas tecnologias, sendo também membro do conselho, que também presidiu como interino entre 1999 e 2001. Os principais projetos de Curadoria foram: “SOS-Pantanal”, 1997, “Geraldo de Barros, uma homenagem”, 1998, e “Valério Vieira, Photographo e Pintor”, 1999.

Em 2011 publica seu primeiro livro autoral “São Paulo Século XXI” acompanhado da exposição com o mesmo título. Desde o ano de 2014, está produzindo uma série curtas e media metragens sobre a história da fotografia. A partir de agosto de 2015 até dezembro de 2017, realiza o programa de entrevistas “foco_critico” sobre fotografia ao vivo na internet, totalizando 60 entrevistas num total de 100 programas.

Em 2016 e 2017 concebe e cura o projeto “Raros Vintages e Inéditos” que recupera

exemplares originais e recontando a história de mais de 100 exposições entre os anos de 1971 e 2014. Atua regularmente como curador de exposições individuais e coletivas no cenário de galerias e instituições de São Paulo.

Giancarlo Mecarelli (1946)

Entrevista gravada em 21/03/2018. Duração – 01:55:58

Sobre: Giancarlo é o fotógrafo e diretor de arte, trabalhou para inúmeras agências de publicidade. Ele é italiano e no Brasil começou como ilustrador publicitário, foi diretor de arte nas agências paulistas e cariocas, tais como Standard Propaganda, Alcântara Machado, D.P.Z., McCann Erickson, Denison. Na Europa foi diretor de arte em Barcelona, Madri e Milão nas agências Youg & Rubican, J.W.Tompson, McCann Erickson. Ao conhecer a cidade de Paraty/RJ, em 2004, sua vida mudou de rumo, aos 58 anos de idade. Criou e fundou o Festival Internacional Paraty em Foco no ano de 2005 e, ainda hoje é o diretor e trabalha na preparação da sua 15^a edição. Em Paraty, também fundou a Galeria Zoom, especializada em fotografia. Ela teve intensa programação com mais de 40 exposições durante doze anos. Meccarelli, além de curador das exposições de sua galeria, também participou, como fotógrafo, de várias exposições, por exemplo, em 1996, expôs o ensaio “Donne per Forza” na Escola Panamericana de Artes de São Paulo.

Helena Huschel (1976)

Entrevista gravada em 05/05/2019. Duração – 01:06:06

Sobre: Helena é *designer*, produtora cultural e neta da vó Lebre da Casa. Depois de dez anos exercendo *design* se voltou para o mundo da arte contemporânea. Começou esta aproximação pelo núcleo educativo da Bienal de SP. Conheceu a produção cultural quando, durante a formação da Escola São Paulo, foi responsável pela produção e expografia de suas mostras. Em 2009 iniciou trabalhos independentes como o OFF Paraty em Foco, a Galeria As, a galeria da Casa de Quem e as Exposições do Café Suplicy, todos utilizados como plataforma para apresentar trabalhos de jovens artistas. Em 2010 foi parar no Estúdio Madalena onde produziu o Festival Internacional de Fotografia - Paraty em Foco por dois anos, a Expedição Fotográfica Rio Pinheiros e o I Encontro de Pensamento e Reflexão na Fotografia. Começou a frequentar Bragança Paulista em 2013 quando passou a fazer parte da equipe de produção do Festival Arte

Serrinha e a coordenar os processos educativos da Fazenda Serrinha. A partir de agora sua vida se mistura com a da Casa Lebre, trabalhando com design e produção, apoiando e desenvolvendo projetos que estimulam o pensamento, a criação e a experimentação.

Iatã Cannabrava (1962)

Entrevistas gravadas em: 28/12/2015. Duração – 00:55:48; 30/04/2018. Duração – 00:55:40; 14/06/2018. Duração – 00:41:45; 25/09/2018. Duração – 01:11:37; 02/10/2018. Duração – 00:32:45; 02/10/2018. Duração – 00:51:52; 10/10/2018. Duração – 01:10:52; 31/10/2018. Duração – 00:37:27 e 31/10/2018. Duração – 00:34:09

Sobre: Iatã é fotógrafo, curador e agitador cultural, desenvolveu ao longo de sua carreira trabalhos documentais com a paisagem urbana das cidades, especificamente das periferias das grandes metrópoles, no seu ensaio *Uma Outra Cidade* e na série de trabalhos que realizou a partir do início do século XXI. Participou de mais de 40 exposições, foi ganhador dos prêmios P/B da Quadrienal de Fotografia de São Paulo em 1985, do concurso Marc Ferrez da FUNARTE, em 1987, e de dois prêmios da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, em 1996 e 2006. Tem 3 fotolivros publicados: *Casas Paulistas*, em 2000, *Uma Outra Cidade*, em 2009 e *Pagode Russo*, em 2014; suas fotografias integram as coleções MASP-Pirelli, Galeria Fotoptica, Joaquim Paiva, MAM/São Paulo, Fundação Marcos Amaro e Museu Afrobrasileiro e estão publicadas em doze livros de autoria coletiva. Como agitador cultural, foi presidente da União dos Fotógrafos de São Paulo de 1989 a 1994, foi o fundador da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil (RPCFB) em 2010, criou e dirige o conjunto de empresas do Estúdio Madalena (editora, livraria, escola, produtora cultural e documentação fotográfica), onde fez a curadoria e organizou mais de 100 exposições, ministra workshops desde 1996, além de projetos especiais, como: *Revele o Tietê que Você Vê*, em 1991; *Foto São Paulo*, em 2001; *Povos de São Paulo – Uma Centena de Olhares sobre a Cidade Antropofágica*, em 2004; *Expedição Cívica, Ecológica e Fotográfica De Olho nos Mananciais* em 2008 e o Encontro de Coletivos Fotográficos Ibero-americanos na cidade de São Paulo em 2008 e na cidade de Santos em 2014. Dirigiu o festival Paraty em Foco por 10 edições, coordena o Fórum Latino-americano de Fotografia de São Paulo, realizado pelo Itaú Cultural, já há 5 edições, foi um dos criadores do Valongo Festival Internacional da Imagem, dirigindo suas duas primeiras edições. Na última década tem integrado diversos jurados internacionais:

POY-Latan, 2008; World Press Photo, 2012; Nikon 2013 E Syngenta Photography Awards, 2014

Isabel Amado (1963)

Entrevistas gravadas em 08/11/2018. Duração 00:10:23 e 01:18:23

Sobre: Isabel foi, de 1988 a 1996, coordenadora da *Galeria Fotoptica*, em São Paulo, a primeira galeria de fotografia no Brasil, fundada por Thomaz Farkas, um dos pioneiros da moderna fotografia brasileira. Nesse período, realizou 74 exposições dos principais fotógrafos brasileiros, e a partir de 1997 passou a coordenar o Departamento de Fotografia do *Museu da Imagem e do Som* (MIS) de São Paulo, permanecendo até 2000. Desde a década de 1990 participa de diversos grupos e festivais de fotografia, como as IV e V *Semanas Paulistas de Fotografia* (1990/1991); *Núcleo dos Amigos da Fotografia – Nafoto* (1991/1997) e *Mostra Internacional de Fotografia* (1996). Criou e coordenou o *1º Leilão de Fotografia da Bolsa de Arte* (2008) e os leilões do *Festival Paraty em Foco* de 2007 a 2012. Participou do Festival de Fotografia de Tiradentes em 2014 e do Fórum Latinoamericano de Fotografia em 2015. Recentemente foi curadora das exposições, “RAMOS” de Julio Bittencourt na Galeria da Gávea, “Paulo, José e Ademar, três fotógrafos Modernos” na SP-Arte/foto, “Gertrudes Altchulz Uma Mulher Moderna” na Casa da Imagem/SP e “Marcel Giró Moderno” na Galeria Bergamin e Gomide em São Paulo. Foi responsável pela seleção das 297 fotografias *vintages* pertencentes ao acervo do Fotocineclube Bandeirante - FCCB e viabilizou o comodato desta coleção ao MASP em 2015. Em 2016 viabilizou e coordenou a aquisição de 25 fotografias *vintages* ao MoMA, Museu de Arte Moderna de NY e 12 fotografias *vintages* a TATE Modern de Londres. É sócia da Galeria da Gávea, especializada em fotografia brasileira contemporânea e desde 2009 participa anualmente com *stand* nas feiras: SP- Arte; SP-Arte/Foto; Arte/Rio

Joaquim Paiva (1946)

Entrevista por e-mail em 25/05/2019.

Sobre: Joaquim é fotógrafo, colecionador de fotografia, faz seus diários autobiográficos e visuais desde 1998. Última mostra individual como artista: *Maison Européenne de la Photographie*, Paris, 2016, em cuja coleção há obras suas. Integra também as coleções do acervo da Bibliothèque Nationale de France, do Museum of Fine Arts Houston, do MAM-

Rio, entre outros. Publicou recentemente os livros “Farsa truque ilusões”, “Elson faz 70” e “Foto na hora-lembrança de Brasília”, este na Cidade do México. O livro de artista “128 diários” está na coleção da Universidade de Stanford - EUA e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Mais da metade de sua coleção de fotografias encontra-se no MAM-Rio desde 2005: são 1.963 obras de 315 fotógrafos brasileiros e estrangeiros.

Juan Esteves (1957)

Entrevistas gravadas em 14/11/2018. Duração – 02:15:51 e 00:21:35

Sobre: Juan é graduado em Jornalismo, trabalhou na Folha de S.Paulo por 12 anos, onde foi fotojornalista, editor de fotografia e escreveu como crítico para o caderno Ilustrada. Foi colunista da revista Iris Foto e do portal Fotosite, do qual foi editor, posteriormente colaborando para Revista Fotosite. É articulista da revista Fotografe e do blogdojuanesteves.tumblr.com. Publicou 7 livros autorais e participa em mais de 200 publicações em países como Inglaterra, Itália, EUA, Espanha, França, Japão, China entre outros onde também expôs suas imagens em cerca de 280 exposições entre coletivas e individuais. Suas fotografias estão nas coleções do MASP, MAM RJ e SP, MAC-USP, IMS, MAB-FAAP, PINACOTECA DO ESTADO, ITAU CULTURAL, MON e Musée d’Elisée, Lausanne Suíça e na Bibliothèque Nationale de France, Paris, entre outras.

Luiz Marinho (1975)

Entrevista gravada em 16/04/2018. Duração – 01:32:51

Sobre: Luiz é fotógrafo, empresário, representante oficial da Leica Camera AG e Ilford UK no Brasil, ex-diretor executivo do Paraty em Foco (2006 - 2008).

Marcelo Greco (1966)

Entrevista gravada em 20/04/2018. Duração – 01:51:23

Sobre: Marcelo desenvolve cursos e oficinas de fotografia autoral no museu Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). Foi curador geral do 4 ° Festival Internacional Paraty em Foco em 2008. Desde 2012 desenvolve projeto de intercâmbios culturais e residências artísticas. Realizou residências artísticas com a Rietveld Academy of Art, Amsterdam,

atuando em parceria com os fotógrafos holandeses Leo Divendal e Machiel Botman. Trabalha com narrativas visuais que aproximam a experiência vivida em biografias ilusórias, e as relações entre ficção e realidade: projetos Internal Affair – 2013, Sombras Secas – 2015 e, atualmente, a etapa Abrigo no Luto. Os livros publicados desta série foram selecionados para fazer parte da Library of Congress – USA. Atualmente participa do projeto Missão Lance Ventoux, que tem por objetivo desenvolver intercâmbio cultural e artístico entre Brasil e França na região da Provence.

Marcio Scavone (1952)

Entrevista gravada em 08/10/2018. Duração – 00:30:38

Sobre: Márcio produziu retratos icônicos de Pelé, Roberto Burlemax, Fernanda Montenegro e Oscar Niemeyer são referências na fotografia brasileira. Suas fotografias foram premiadas com Leão de Ouro em Cannes e o grande Clio em Nova York. Foi escolhido como um dos 50 fotógrafos do mundo para entrar no livro comemorativo dos 50 anos das câmaras Hasselblad. Membro da Academia Paulista de Letras desde 2017.

Mariza Cermelli (1976)

Entrevista gravada em 19/10/2018. Duração – 01:16:52

Sobre: Mariza é produtora cultural, nascida em Paraty. Se dedicou por 14 anos a produção da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e 9 ao Paraty em Foco, festivais culturais em sua cidade natal. Nesse tempo se aventurou no mundo do cinema, mas sentiu que sua paixão estava em trabalhar com cultura em sua cidade. Desde 2016 se envolveu com educação, fazendo parte do Conselho Diretor da escola Waldorf onde sua filha, Maria, estuda. Desde 2017 se dedica a produção da Cachaça Maria Izabel, com sua mãe, onde se sente mais próxima a natureza.

Milton Guran (1948)

Entrevista por telefone em 18/05/2019

Sobre: Milton é um antropólogo e fotógrafo brasileiro. Trabalhou no Museu do Índio entre 1986 e 1989. É o realizador do festival FotoRio. Atualmente é vice-presidente do Comitê Científico Internacional do Projeto Rota do Escravo da UNESCO. Publicou, em 1979, o livro *Encontro na Bahia*, sobre a primeira reunião da União Nacional dos Estudantes - UNE depois do fechamento da entidade pela ditadura militar em 1968. O livro “Encontro na Bahia 79” ganhou reedição em 2019, editado pela CUCA - Circuito Universitário de Cultura e Arte da UNE. Radicado em Brasília, fundou em 1980 a Agência Ágil Fotojornalismo. Entre 1980 e 1983, é presidente da União dos Fotógrafos de Brasília e secretário da Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj. A partir de meados dos anos 80 passa a se dedicar ao estudo da antropologia visual; especializando-se na questão indígena, torna-se fotógrafo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, entre 1986 e 1989. Obteve o grau de mestre em comunicação social pela Universidade de Brasília - UnB, em 1992 e o de doutor em antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (França) em 1996. Recebe a Bolsa Vitae de fotografia em 1990. Seu trabalho se desenvolve em três eixos, que se superpõem e se complementam: expressão pessoal, documentação social e pesquisa, jornalismo. A matéria-prima é sempre a realidade social, ora tratada como informação jornalística, ora como objetivo de estudo e reflexão antropológica. Seu trabalho pessoal é em preto-e-branco.

Nair Benedicto (1940)

Entrevistas gravadas em 30/01/2019. Duração – 00:51:08 e 00:24:01

Sobre: Nair é licenciada em Radio-TV pela ECA-USP em 1971. O sonho de trabalhar com televisão ficou inviabilizado por ter sido presa política e não poder apresentar atestados de conduta moral exigidos apesar de ilegais. A Fotografia abriu portas. Com outros fotógrafos fundou a Agência F4 de Fotojornalismo e Documentação, uma cooperativa que durou 13 anos (de 1978 a 1991) e deixou vários filhotes. O foco principal de seus trabalhos tem sido as questões sociais, a mulher, a criança e ecologia, particularmente na América Latina. Ganhou muitos prêmios. Fez parte do grupo que fundou o Nafoto, na perspectiva de inserir a fotografia brasileira nos circuitos Internacionais, através de intercâmbios e da realização do “Mês Internacional da Fotografia” durante 20 anos. Em 2015, foi a fotógrafa homenageada no

evento Fest Foto de Porto Alegre, RS, com o lançamento do seu livro *Viver*. Em 2017 recebeu o Prêmio Brasil Fotografia Especial. Seus trabalhos estão em revistas nacionais e estrangeiras e em vários museus, entre eles: MASP de São Paulo, MAM do Rio de Janeiro, BELAS ARTES de Buenos Aires, SMITHSONIAN de Washington e MOMA de Nova York., Através da N-Imagens faz trabalhos, palestras, workshops, edições e cessão de imagens desde 1991.

Pio Figueiroa (1974)

Entrevista gravada em 14/09/2018. Duração – 01:44:14

Sobre: Pio é fotógrafo e diretor de cena, iniciou sua carreira no fotojornalismo, no Recife, cidade onde nasceu. Fundador do coletivo Cia de Foto (2003/2013), seus trabalhos integraram mostras importantes, como *Ver do meio* – Instituto Tomie Ohtake (São Paulo, 2015); *Carnaval*, no Wexner Center (Ohio, EUA, 2014); *Marcha*, no Masp (São Paulo, 2013); *Agora*, no Museu Berardo (Lisboa, 2012). Sua pesquisa se pauta por uma estratégia com um forte traço do repertório adquirido no fotojornalismo, mas que se expressa no campo da arte. Sua atuação nos últimos 10 anos, serviu de parâmetro para uma grande revisão que foi feita na fotografia brasileira. É editor da Revista Latino Americana de fotografia *Sueño de la Razón* <https://www.suenodelarazon.org>, e editor do blog *Icônica* <https://www.iconica.com.br>

Pisco del Gaiso (1966)

Entrevista gravada em 24/04/2018. Duração – 01:03:28

Sobre: Pisco fotografa profissionalmente desde 1989. Nos anos 90, foi um dos fundadores do *Jornal Hardcore*, dedicado ao segmento surf e colaborador da Revista *TRIP*, quando foi contratado pela Folha de S. Paulo, onde cobriu as Olimpíadas de Barcelona em 1992 e a Copa do Mundo dos EUA em 1994. Nesse ano, recebeu o Prêmio Internacional de Fotografia “King of Spain”, pelo trabalho sobre os Índios Guajás realizado no Estado do Tocantins. Trabalhou também na revista *Placar* onde cobriu a Copa do Mundo de 1998. Foi editor do *Fotosite*, um dos melhores e maiores sites brasileiros de fotografia, que ele ajudou a fundar no ano 2000, juntamente com três outros fotógrafos. Em 2014, participa do livro “*Baré, o povo do rio*” etnia indígena que habita a calha do Alto Rio Negro, entre Amazonas e Pará, editado pelo SESC. Entre 2011 e 2014, filmou e dirigiu séries como o projeto itinerante *Cine Amazônia*

(circuitos Peru e Cabo Verde) e projeto de Meliponicultura, na comunidade da Ilha das Onças, região insular de Belém – PA. Atualmente, continua se dedicando à produção de documentários, especialmente em filme.

Ricardo Hantzschel (1964)

Entrevista gravada em 30/11/2018. Duração – 00:47:48

Sobre: Ricardo é jornalista formado pela PUC-SP e pós-graduado em Fotografia e Mídia pelo Senac-SP é fotógrafo profissional há trinta anos. Docente do ensino superior, foi professor do Bacharelado em Fotografia do Centro de Comunicação e Artes do Senac, desenvolvendo e ministrando disciplinas na Graduação e Pós-Graduação de 2000 à 2015. Em 2014 conquistou o Prêmio Funarte Marc Ferrez, com o ensaio SAL, trabalho exposto posteriormente no Instituto Tomie Ohtake, SP e na Bienal de Florença, Itália, ambos em 2015. Em 2003 foi vencedor do prêmio Porto Seguro de Fotografia, com o ensaio Cidade Múltipla, trabalho que conquistou também o edital da Caixa Cultural Sé em 2010. Figura no acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo desde 2001 com o ensaio Cidade Casual, trabalho exposto no Museu da Imagem e do Som em 2000. Desenvolve o projeto educacional em linguagem visual Cidade Invertida desde 2006, com atuação em entidades da periferia, faculdades, museus e eventos fotográficos. O projeto foi premiado em 2006 e 2008 pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e novamente reconhecido em 2010 através do Prêmio Comgás de patrocínio Sócio Cultural.

Rubens Fernandes (1949)

Entrevistas gravadas em 18/12/2018. Duração – 01:21:39 e 26/12/2018 – 00:43:12

Sobre: Rubens é pesquisador e Curador de Fotografia, doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, professor e diretor da Faculdade de Comunicação da FAAP. Curador do Prêmio FCW de Arte – Ensaio Fotográfico desde 2003. Realizou inúmeras mostras no Brasil e no exterior. Em 2016 foi curador das exposições “Fotografia Publicitária Brasileira”, na Casa da Imagem, da Secretária Municipal de Cultura de São Paulo; “Ver sem Pressa”, fotografias de Lily Sverner, na FASS Galeria, SP, entre outras. Em 2017 foi curador das exposições “Romance Postal” na Galeria Utópica, SP; “Retrato – território da fotografia” no Museu de Arte Brasileira – MAB-FAAP, SP. Em 2018 foi curador das exposições “Theodor

Preising – Sinfonia de uma Metrópole”, na Galeria do SESI, SP; “German Lorca – Mosaico do Tempo|70 anos de fotografia”, no Itaú Cultural, SP. Em 2019, curador da mostra “O que os Olhos alcançam – Cristiano Mascaro”, SESC Pinheiros. Recebeu o Prêmio da Associação Paulista de Crítica de Arte – APCA – de melhor curadoria em 1995 (mostra de Mário Cravo Neto no MASP) e 2006 (mostra de Geraldo de Barros na Galeria Brito Cimini); e Prêmio Marc Ferrez de Fotografia em 2014 (Pesquisa). É autor de “Yalenti”, sobre o fotógrafo modernista José Yalenti, editora Madalena, 2019; “Papéis Efêmeros da Fotografia”, ed. Tempo d’Imagem, 2016; “Sobras e Fotoformas”, fotografias de Geraldo de Barros, ed. Cosac Naify, 2006; “Labirinto e Identidades - panorama da fotografia brasileira 1946-1998” ed. Cosac Naify, 2003, entre outros.

Sergio Branco (1961)

Entrevistas gravadas em 24/05/2018 – 01:09:23 e 24/05/2018 – 00:27:59

Sobre: Sergio é jornalista graduado pela PUC-Campinas. Começou em redação aos 19 anos como aprendiz (foca) do renomado jornalista José Hamilton Ribeiro, no Jornal de Hoje. Passou ainda pelos jornais Correio Popular e Diário do Povo, todos de Campinas, e pelos jornais Folha de S.Paulo e DCI/ShoppingNews e pelas revistas revista Duas Rodas e Carro Hoje. É diretor de redação da revista Fotografe Melhor desde 2001. Foi criador e presidente do júri dos concursos nacionais Leica-Fotografe e Universitário de Fotografia. É pós-graduado em Formação de Escritores de Não-Ficção e Literatura para Crianças e Jovens pelo ISE Vera Cruz.

Simonetta Persichetti (1958)

Entrevista gravada em 13/11/2018. Duração – 01:16:10

Sobre: Simonetta é jornalista e crítica de fotografia. É mestre em Comunicação e Artes pela Universidade Mackenzie, Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP, e pós-doutora em Jornalismo pela ECA. Ligada ao PPGCOM da Faculdade Cásper Líbero. Já publicou 23 livros sobre fotógrafos brasileiros. Colabora com o jornal Estado de S. Paulo desde 1996. Ministra palestras sobre fotografia pelo Brasil.

Talita Virgínia (1986)

Entrevistas gravadas em 23/05/2018 Duração – 00:24:45; 23/05/2018. Duração – 01:06:23; 16/10/2018. Duração – 00:14:26 e 16/10/2018. Duração – 01:46:36

Sobre: Talita é bacharel em fotografia pelo Centro Universitário Senac. Começou a trabalhar com artes na ONG Associação Meninos do Morumbi, ministrando aulas de fotografia básica para adolescentes, cuidando do acervo e fotografando os eventos da associação, em 2004. Em 2005, passou a trabalhar junto ao Estúdio Madalena, onde coordenou e produziu diversas iniciativas culturais relacionadas à imagem, como o Paraty em Foco (10 edições), O Fórum Latino-Americano de Fotografia do Itaú Cultural (2 edições), Encontro Pensamento e Reflexão na Fotografia no MIS-SP, Encontro de Coletivos Fotográficos Ibero-Americanos no Centro Cultural da Espanha em SP, I Encontro da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil, a publicação “O fazer cultural na fotografia brasileira”, em 2011, ARCOMadrid 2013, Virada Cultural, Pavilhão do Brasil na Expo Milano 2015, entre outros. Depois de cursar um mestrado em Criação e Desenvolvimento de Projetos Fotográficos na Escola Blank Paper, em Madri, Espanha, retorna ao Brasil onde atualmente trabalha como programadora e produtora cultural no Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Thelma Vilas Boas (1967)

Entrevista por telefone no dia 21/11/2018

Sobre: Thelma é artista e mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes da Universidade do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela UNIPSP, estudou fotografia na Sir John Cass College em Londres, Pós-Graduação em Cinema Documentário pela Fundação Getúlio Vargas, Pós-Graduação em Arte e Filosofia pela PUC RJ. Atuou 20 anos como fotógrafa de moda, recebendo o Prêmio Abit de Melhor Fotografa em 2000. Em 2006 deixa de fotografar comercialmente e inicia pesquisa em arte publica. Em 2011 transfere sua residência para o Rio de Janeiro e recebe o Prêmio Porto Seguro. Passa a desenvolver práticas artísticas com o dispositivo da comensalidade em espaços independentes como o CAPACETE (RJ) e SARACURA (RJ). Participou em 2016 do Move Arts Japan, iniciativa do curador japonês Masato Nakamura para ativar espaços de cultura em regiões periféricas do Japão. É a propositora da práxis Lanchonete <>Lanchonete e atual coordenadora das práticas artísticas pedagógicas na Ocupação Bar Delas (RJ). Em 2019 participa também do projeto Casa do

Povo: uma instituição do comum, em São Paulo e é professora convidada no curso DESILHA na cidade do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Anexo II – Levantamento dos 17 anos de atividades de fotografia da FUNARTE**Concepção e organização: Angela Magalhães****Assistente: Andreza Abre**

Entre tantas contribuições significativas para o desenvolvimento e difusão da fotografia brasileira destacamos a atuação da Funarte, a partir de 1979, como marco singular para o estabelecimento de uma política nacional de atuação governamental. Isso possibilitou o mapeamento de expressivos movimentos artísticos e acervos da fotografia brasileira pelo país. Desta forma, o levantamento de atividades que aqui apresentamos (1979-1995) expressa a intensa e dedicada atuação de uma equipe de pesquisadores, fotógrafos, curadores que, por vários anos, coordenaram atividades de ponta no Núcleo de Fotografia / Instituto Nacional de Fotografia da Funarte.

Inicialmente, sob a coordenação do fotógrafo Zeka Araújo (1979-1982), o Núcleo de Fotografia da Funarte (1979), abriu as portas para um amplo universo de autores, propiciando a inserção de suas obras no circuito das galerias de arte. Posteriormente, transformado no Instituto Nacional de Fotografia (1984), sob a direção do historiador e fotógrafo Pedro Vasquez (1982-1986), o Infoto viria solidificar as bases de um programa nacional dedicado exclusivamente à fotografia no âmbito do Sistema Federal de Cultura. Na gestão do fotógrafo Walter Firmo (1986-1990), serão intensificados programas de mapeamento da produção fotográfica regional, do intercâmbio de ideias (Semana Nacional de Fotografia – 1982-1989) bem como o apoio à realização de pesquisas na área. Nos anos seguintes (1990-2003), sob a coordenação da curadora e pesquisadora Angela Magalhães, projetos lançados em décadas anteriores serão mantidos – Prêmio Marc Ferrez; Coleção Luz e Reflexão; seleção de portfólios; mostras regionais, bem como outros serão instituídos – Prêmio Nacional de Fotografia (1995-1998), em clara consonância com as necessidades da área.

Embora incompleto, este levantamento parcial de atividades fotográficas da Funarte, que ainda está por ser concluído, sinaliza caminhos para futuras pesquisas na área. Afinal, aqui estão relacionados autores, projetos e eventos marcantes da fotografia no século XIX, XX e XXI, que permitiram constituir a espinha dorsal da história da fotografia no Brasil. Cabe, portanto, aos estudiosos, aprofundar os temas trazidos.

Angela Magalhães

1979

EXPOSIÇÕES

Nossa Gente (coletiva de 68 fotógrafos)

Antonio Teixeira (retrospectiva patrocinada pelo Jornal do Brasil sobre o trabalho do fotógrafo do JB, Antonio Teixeira)

Lazer (coletiva de 52 fotógrafos)

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Lançamento de Cartões Fotográficos de Natal

Mostra de Fotografia 1: Nossa Gente/MEC/FUNARTE

Mostra de Fotografia 2: Antonio Teixeira /FUNARTE

Mostra de Fotografia 3: Lazer/MEC/FUNARTE

APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCEIRA

Festa - fotografia: Lena Trindade/Espaço Planetário da Gávea/FUNARTE/INAP

1980

EXPOSIÇÕES

Carnaval de Malta: Augusto Malta (reproduções de fotos de Augusto Malta - período de a do acervo do Museu da Imagem e do Som)

Fotógrafos Mexicanos (coletiva)

Brasília Anos 20 (coletiva de fotógrafos brasilienses, organizada pela União de Fotógrafos de Brasília)

Visita do Papa ao Brasil (coletiva)

Revolução de 30 (trabalho em conjunto com o Centro de Documentação e Pesquisa em História Contemporânea - FGV)

Nada levarei quando morrer, aqueles que mim deve cobrarei no inferno (individual de Miguel Rio Branco)

Classe Média Brasileira (coletiva 39 fotógrafos)

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Mostra de Fotografia 4: Carnaval de Malta/FUNARTE/KODAK

Mostra de Fotografia 5: Fotógrafos Mexicanos/FUNARTE/KODAK

Mostra de Fotografia 6: Classe Média Brasileira/FUNARTE/KODAK

Mostra de Fotografia 7: Visita do Papa ao Brasil/FUNARTE/KODAK

Mostra de Fotografia 8: Revolução de 30/FUNARTE/KODAK

Brasília Anos 20 (produção e edição da agência Ágil Fotojornalismo de Brasília)

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCEIRA

PhotoMostra 80/FUNARTE/PUC

PALESTRAS E CONFERÊNCIAS

“Situação da fotografia nos Estados de origem dos conferencistas e critérios para seleção de fotos para exposição Classe Média”: Miro de Souza (SP), Juvenal Pereira (MA), José Albano (CE), Zeka Araújo (RJ) e Célio Apolinário (MG).

“Luz, fotografia e você”(slides de Ansel Adam, E. Weston, Paul Stand e Eugene Stand e Eugene Smith/por Dick Welton)

“História da fotografia no Brasil- 1a. parte”: Bóris Kossoy

“Causas das recentes demissões e sucessivas reduções de verba nos últimos anos nos departamentos fotográficos das Revistas Veja e Isto É”: Sérgio Sbragia e Américo Vermelho

“A fotografia no México”: Aníbal Ângulo

“Fotografia e o direito autoral”: Armando Rosário e Manilo Marat

“Fotografia e o direito do autor”: Newton Paulo Teixeira dos Santos

“O direito autoral e a regulamentação da profissão”: Raimundo Teixeira Mendes

“Audiovisual, linguagem e técnica”: Paulino Cabral Melo

“O Clube de criação e a valorização do profissional da fotografia”: Carlos Martins

“Agência fotográfica e o mercado de trabalho”: Emanuel dos Santos

“A pesquisa no campo da fotografia”: Bóris Kossoy e Aduino Novaes

“Classe Média” (audiovisual): Beth Kok

“Apresentação do trabalho de William Burke”: William Burke

“Apresentação do trabalho de Eliane O’Neil

“Função social da fotografia no contexto histórico”: Pedro Vasquez

“Tendências e contradições da fotografia brasileira contemporânea”: Nair Benedicto, Luis Humberto e Zeka Araújo

“Experiências criativas em fotografia: a criança fotografa”: Lourdes Grybowski

“A fotografia na Itália”: Lionello Fabbri

SEMINÁRIO

“O Ensino da Fotografia”: profs. RJ e SP

“Arquivamento, indexação de fotos e preservação do material fotográfico”

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS / SLIDES

I Mostra de Audiovisuais

“Pantanal Matogrossense”: Luis Cláudio Marigo

“Inútil Paisagem”: Miro

“Feira Livre”: Zé Roberto, Lena Trindade e Bira Soares

“Ampullaria Ariete”: Paulino Cabral de Mello e Paulo S.M. Barbosa

“Rio, ... de ... de 19..”: Paulino Cabral de Mello e Paulo S.M. Barbosa

“Populorum Progressio”: Paulino Cabral de Mello

“Mar Morto”: Paulino Cabral de Mello

“África”: José Roberto Sanseverino

“Proposição nº 1”: Paulino Cabral de Mello

“Romae”: Paulino Cabral de Mello

“Funeral do J.K.”: Juvenal Pereira

“Microvisões”: Paulo S.M. Barbosa

“O Parque”: Eugenio Lira

“O Jogo do Jawari”: Milton Guran, Juvenal Pereira, Wladimir Carvalho

“Latakh”e “Benares”: Luis Cláudio Marigo

II Mostra de Audiovisuais

“Gente da Ásia”: J.P.Guimarães

“O negócio é botar ovo e deixar de galinhagem”: Anne de Moura, Maria Amália Silva, Laura Bedran, Gustavo e Silvia Cavallari

“Altiplano”: José Roberto Sanseverino

“A Gente das areias do Ceará”: Luiz Cláudio Marigo

“The Show must go on”: Paulino Cabral de Mello

“Chancelaria”: J.P.Guimarães

“Carnaval, a cor do sonho”: Edson Meirelles

“A luta pela tradição dos índios”: Luiz Cláudio Marigo

“Jacarezinho”: João Evangelista Lima de Medeiros, Marcelo Lartigue e José G.Couto de Oliveira

“Tropicália”: Ipojuca Pedroso Ludwig

“Praia da Raposa”: Luiz Cláudio Marigo

III Mostra de Audiovisuais

“Mario Barata”: Guy Gonçalves e Maurício Valladares

“José Maurício Nunes Garcia”: produção Coordenação Pro-Memus/FUNARTE

“Classe Média”: Beth Kok, Carlos Augusto Bertolucci, Samuel de Queiroz Moreira e Paulo Tatit

“Quem pegar neste dinheiro terá muita sorte na vida”: Verônica Falcão

“África”: José Gatti e Raquel Rolnik

“Recife, casa, pitanga e mercado”: Edson Meirelles e Flávio Bastos

“O sonho de uma flor”: Jackson Luis Pereira Seixas

“Visão comum, cidadão qualquer”: Goya Castro e Eva Joory

Mostra Livre de Slides

1981

EXPOSIÇÕES

Arquivo Djanira (com a colaboração do Centro de Documentação da FUNARTE, baseada em material doado pela artista a Funarte)

Foto Paraná (coletiva de 28 fotografos paranaenses)

Dois Anos de Agência F4 (coletiva de 14 fotografos da Agência F4)

Brasília: Sonho do Império, Capital da República: fotos de Luis Humberto Martins Pereira

Auto-Retrato: coletiva nacional de 73 fotografos brasileiros

Fotografia Sem Câmara (individual de Regina Alvarez)

Cartões-postais fotográficos (individual de Sebastião Barbosa)

Fotografia - Ponto de Vista da Criança (exibição de fotos feitas por 20 crianças, de 5 a 10 anos, de distintos níveis sociais, que receberam câmaras fotográficas da Funarte para documentar o seu mundo familiar e social. Projeto coordenado por Luis Eduardo Soares e Sergio Sbragia)

Hermínia de Mello Nogueira Borges - fotografias das décadas de 20 a 40 (individual)

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS / SLIDES

II Mostra Livre de Slides

nº de fotografos participantes: 52

III Mostra Livre de Slides sobre carnaval

nº de fotógrafos participantes: 23

10 anos de Audiovisual - Frederico de Moraes

Foram apresentados e debatidos com o autor, 18 audiovisuais, num total de 2 mil slides sobre temas que iam desde a devastação das terras de Minas Gerais, onde nasceu, até as artes plásticas na América Latina.

IV Mostra de Audiovisuais

“Espelho de minh’arte: Maria Cecília Castro Pinto

“Apenas o começo”: Angela Teixeira de Freitas

“Réquiem para um galo”: Ricardo G. Ramos

“Da Itália à Tropicália”: Victor Giudice

“Um pé de cana não é nada, juntando é um canavial”: Valdir Afonso

“Estação ecológica do Taim”: Luis Claudio Marigo

“Quem pegar este dinheiro terá muita sorte na vida”: Verônica Falcão

“Visão comum cidadão qualquer”: Goya Castro, Eva Joory

“Sensações”: Ayrton de Magalhães

“Projeções”: José Buarque Borges

“Em cima do muro”: Glênio Bonder

“O inventor da arte”: Claudia Moreira Rangel, Beth Pereira, Lilian Siegle

“Contatos”: Eduardo Velasquez

“Cidades monumento nacional”: EMBRATUR/MOBRA

“A Terra a quem trabalha”: Regina Alvarez

“Viagem pelo São Francisco”: EMBRATUR/MOBRA

“A Viagem”: Ayrton de Magalhães

“Pacificações dos índios Beíço-de-pau”: João Américo Peret

“Costumes dos índios Tupy”: João Américo Peret

“Itaipu”: Luis Antonio Moreira Kingston

“Mário Barata”: Guy Gonçalves, Maurício Valladares

“Aqui Jazz”: Luís Edmundo de Castro

“Reflexões a cor sobre uma data cívica”: Edson Meirelles

“Carnaval, a cor do sonho”: Edson Meirelles, Flávio Bastos

“Noite de Jazz”: Patrício Ortiz Estay, Flávio Bastos, Maria Lúcia Guimarães

PALESTRAS/ENCONTROS

“Organização, temário e resultado do II Colóquio Latino-Americano de Fotografia”, realizado na Cidade do México em maio: Zé de Boni/SP, Juan Carlos Aramayo/BH, Zeka Araújo/FUNARTE

“Agência: uma opção para o fotógrafo”: Nair Benedicto/SP, Juca Martins/SP

“10 Anos de Audiovisual: debate com Frederico de Moraes

“Auto edição de livros de fotografia”: Luis Humberto Martins Pereira/DF

“Auto edição de cartões postais”: Sebastião Barbosa/RJ

“Fotografia - ponto de vista da criança”: Sérgio Sbragia, Luis Eduardo, Ana Maria, Augusto Rodrigues, Ana Cristina

“Debate do livro Ensaios sobre fotografia de Susan Sontag”: Humberto Medeiros e Joaquim Paiva

“Reuniões abertas de leitura do livro “La chambre claire: note sur la photographie” de Roland Barthes: tradução de Eliana Aguiar

“Encontro Nacional de Fotógrafos com o tema Política profissional e produção fotográfica”: Luis Humberto, Pedro Martinelli, Juca Martins/SP.

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS/CARTAZES

Brasília: sonho do império, capital da república: Luis Humberto Martins Pereira

Mostra de Fotografia 9: Fotografia sem Câmera/FUNARTE

Mostra de Fotografia 10: Hermínia de Mello Nogueira Borges - fotografias da década de 20 e 40/FUNARTE

Como água entre as mãos - Panta Astiazaran(fotos e edição)

Rosa Flor - Gabriel Henrique/FUNARTE

Cartões Fotográficos - Sebastião Barbosa

Cartaz Fotografia - Ponto de Vista da Criança

Cartaz Auto-retrato

PROJETO ITINERÂNCIA

Nossa Gente

Antônio Teixeira

Lazer

Carnaval de Malta

Classe Média Brasileira

Visita do Papa ao Brasil

Fotografia Sem Câmara

Coisas do Brasil - seleção de imagens das mostras Nossa Gente/Lazer/Classe Média Brasileira e Visita do Papa ao Brasil: Museu Carrillo Gil - México

Estados: SC/PE/MT/BA/ES/DF/PB/MTS/PE/AL/RJ/PR/SE/México

CENTRO DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Elaboração do ante-projeto de um Centro que visava preservar e restaurar a memória fotográfica brasileira e que possuía entre seus objetivos específicos a prospecção de arquivos fotográficos brasileiros públicos e privados nas esferas federal, estadual e municipal; a formação de pessoal especializado (restauradores, arquivistas, fotógrafos, pesquisadores); a pesquisa de técnicas de conservação e restauração e a pesquisa do histórico da fotografia no Brasil.

1982

EXPOSIÇÕES

Quatro Fotógrafos de Publicidade : Clube de Criação do Rio de Janeiro e São Paulo/FUNARTE

Figuras e Cenas de Carnaval : Walter Firmo, Humberto TDC, João Poppe e Ricardo de

Hollanda/FUNARTE

Exteriores : coletiva-13 fotógrafos/FUNARTE

Mário de Andrade: turista aprendiz, aprendiz de fotógrafo : Arquivo Mário de Andrade/IEB/USP

Tempostal - A fotografia nos postais de 1900 a 1920 : coleção Antonio Marcelino/FUNARTE

Mostra de Fotografia 11 - O Trabalho

Fotografia nas copas do mundo

Revolução de 32 - A fotografia e a política: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC/Subsetor de Audiovisual

Sebastião Salgado - Fotografias

Cartemas - A fotografia como suporte da criação : Aloísio Magalhães

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS/SLIDES

V Mostra de Audiovisuais

“Bonde”: Paulo Rodrigues Jr.

“A Morte”: Paulo Rodrigues Jr.
 “Acalanto a Ouro Preto”: Túlio Vasquez
 “Elke Maravilha, Chacrinha, Clodovil, Carmem Miranda, o Papa e outros mais”: Josemar Ribeiro
 “Boi-Pintadinho”: Paulo Rodrigues Jr.
 “O artesão”: Paulo Rodrigues Jr.
 “O aleijadinho”: Armando Pinto Valente
 “O livro”: Ernesto José C.R. Catharino
 “A casa tomada”: Paula Cabral de Menezes
 “Caso sério”: Eva Joory
 “Tahuantinsuyo”: Marli Serafim e Mario Franco
 “Dayr dos Santos”: Paulino Cabral de Mello
 “The show must go on”: Paulino Cabral de Mello
 “Em toda e qualquer esquina”: João Alexandre Zainko e Roberto Cadinelli
 “Uma visão da comunidade de Padre Miguel”: Realização dos alunos das escolas municipais do bairro de Padre Miguel
 “Populorum Progressio I”: Paulino Cabral de Mello
 “Populorum Progressio II”: Paulino Cabral de Mello
 “Paisagem”: Eduardo Velasquez
 “Silêncio”: Carlota Oswald e Eva Joory
 “Não há tempo a perder”: Basílio Santiago, Beto Coimbra, Eulalie Ligneul, Helena Xavier e Sílvia Antuori
 “Lagoa Rodrigo de Freitas”: Bernadete L.Costa Pinto, John Vincent Fernandes, Mércia Shueck e Vera Helena Csényi
 “Cuba, uma ilha latina”: Eduardo Tavares
 “Copacabana via aérea”: Maria Ignez Imbassahy, Maria Teresa Eiras e Mônica Isabel Cordeiro Quiroba
 “Ponto de vista”: Paulo Bittar
 “Os artesãos do Padre Cícero”: Maurício Albano
 “Energia”: Ayrton de Magalhães
 “Puxando o barro”: Maurício Albano
 “Álbum da Emília - aspectos dos primeiros cinco anos de vida de uma menina”: José Albano e Regina Moreira Lima
 “Artistas de rua”: Luis Alberto Gudino
 “Sabiaguaba - alegrias e frustrações de uma experiência de vida semi-alternativa”: José Albano
 “Álbum”: Maria Ignez Imbassahy, Maria Teresa Eiras e Mônica Isabel Cordeiro Queiroga
 IV Mostra livre de slides - n.º de slides:1615

PROJETO ITINERÂNCIA

Carnaval de Malta
 Trabalho
 Antonio Teixeira - retrospectiva
 Nossa Gente
 Lazer
 Classe Média Brasileira
 Visita do Papa ao Brasil
 Origens e expansão da fotografia no Brasil - séc. XIX : Bóris Kossoy
 Fotografia sem câmera: Regina Alvarez
 Hermínia Mello - Fotografias das décadas de 20 e 40
 Revolução de 30
 Revolução de 32
 Mário de Andrade: turista aprendiz, aprendiz de fotógrafo
 Tempostal - A Fotografia nos postais de 1900 a 1920

Estados: DF/CE/RN/PA/MS/SP/SC/ES/PR/RO/AC/SE/RJ/MG/AP/BA/PE

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

Exposição “Serra da Bocaina, preservação inadiável/SPHAN/FUNARTE

Concurso “Fotografe o Nordeste” (Concurso Copene de fotografias) apoio da Fundação Cultural da BA/FUNARTE

Mário de Andrade: turista aprendiz, aprendiz de fotógrafo

Tempostal: coletiva/45 fotografos

Projeto Interação entre Educação Básica e os Diferentes Contextos Culturais, desenvolve o sub-projeto “Fotografia Sem Câmara”, mediante convênios com as seguintes entidades:

Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (CE);

Fundação Escola do Trabalho (Lajes-SC);

Centro Josué de Castro (Olinda-PE) e

Sociedade de Estudos de Cultura Negra do Brasil (BA).

I SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Rio de Janeiro/RJ – agosto

no. de palestras: 4

no. de palestrantes: 14

Palestras

“O direito autoral na fotografia”: José Carlos Costa Neto, Pres. CNDA;

“Fotolinguagem”: Muniz Sodré e

“Plantão fotográfico”: Museu Lasar Segall - Luiz Paulo e Clóvis Loureiro

Exposição

“Painel das regiões”

PALESTRAS E ENCONTROS

“A história de foto Clube no Brasil, e a ligação entre o foto Clube e o movimento fotográfico hoje”: Eduardo Salvatore/SP, Moracy de Oliveira/SP e Paulo Sérgio Duarte/RJ

“A fotografia como integrante da linguagem publicitária”: José Montserrat Filho e Celso Japiassú

“Mostra Exteriores - dificuldades e recursos utilizados pelos profissionais para realização de cada trabalho”: Zeka Pinheiro Guimarães e Alan Barki

**LANÇAMENTO DE
LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS/CARTAZES**

Sebastião Salgado - Fotografias/FUNARTE

Quatro Fotógrafos de Publicidade

**Cartemas - a fotografia como suporte de criação/FUNARTE
(Aluisio Magalhães)**

**Tempostal - A Fotografia nos postais de 1900 a 1920, coleção
Antonio Marcelino/FUNARTE**

**Revolução de 32 - a fotografia e a política/CPDOC - Fundação
Getúlio Vargas/FUNARTE**

Mostra de Fotografia nº.11 - Trabalho/FUNARTE

PROJETO PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Atento para o desenvolvimento do acervo fotográfico brasileiro e consequentemente de sua história; para o lamentável estado de conservação do acervo conhecido; para a falta de pessoal técnico habilitado para preservar e recuperar matrizes e o desconhecimento de procedimentos compatíveis com as diferentes regiões climáticas do país, o Núcleo de Fotografia da Funarte desenvolve o projeto, prioritariamente, através de convênios firmados pela FUNARTE com as instituições que coordenariam as atividades na cidade do estado em questão.

Em 1982 foram iniciados os seguintes projetos:

“Fotógrafos Pioneiros do Paraná”: Fundação Cultural de Curitiba;

“Estudo Fotográfico da Formação de Ijuí”: Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do RS”;

“História da Fotografia no Maranhão 1850 a 1950”: Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão e

“Resgatando velhas imagens”: Museu Municipal e Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul/Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

1983

EXPOSIÇÕES

José Oiticica Filho - A ruptura da fotografia nos anos 50

Intuições em preto e branco: Antônio Augusto Fontes e Américo Vermelho

Documentando raízes - polacos e judeus: João Urban e Sérgio Zalis

O retrato brasileiro - 1840 a 1920 (organizada a partir da coleção de Francisco Rodrigues do acervo da Fundação Joaquim Nabuco-PE)FUNARTE

Cravo Neto fotografa esculturas de Mário Cravo

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS/SLIDES

VI Mostra de Audiovisuais

- “La fuerza feminina”: Paulo Bittar
 “Natureza”: Paulo Bittar
 “Terceiro movimento”: Eva Joory
 “Conflito de gerações às avessas”: Alceu Prudente Júnior e Marcelo Bertolini Torok
 “E se houvesse a chance de fazer tudo outra vez...”: Josemar Ribeiro
 “Sem texto”: Eduardo Fernandes de Mello
 “Mulé de bigode paga dobrado”: Cláudia O.Penna, Monica T.Borges, Patrícia N.Zacharias e Stella S.Ramos
 “Instantes intensos”: Eduardo Velasquez
 “O jardim das delícias”: Henrique Obino Cirne Lima e Christina Maria Ferreira
 “Uma luta pela terra”: Lourdes Maria Grzybowski
 “El mundo quechua aymara”: Paulo Bittar
 “Serra da Mantiqueira”: Paulo Bittar
 “Montañas Andinas”: Paulo Bittar
 “Bumerangue coração”: Lilian Santos
 “Kitsch”: Ana Periard
 “Catarsis”: Ana Cristina Campos, Cecília Leal, Henrique Sodré e Julio Camargo
 “Com a bomba nuclear nem tua mãe vai te salvar”: Alfredo Sirkis, Ana Cristina P.Campos, Cecília Leal de Oliveira, Elizabeth Formaggini, Maria da Luz, Maurício Lissovsky e Vanessa Lea
 “Os 409 anos de Niterói”: Julio Cesar Cerino
 “O ballet de A à Z”: Julio Cesar Cerino
 “O marco brasileiro”: Vasco de Azevedo Acioli
 “Arquitetura e vida”: Márcio J.Pinto e Luis Carlos Homem
 “Retalhos do paraíso”: Carlos Potyguar
 “Luxo para todos”: Joice Cesar Pires e Mônica Souza Silva
 “Caras e caretas”: Bira Soares
 “Cobra norato”: Bira Soares
 “Homenagem a John Lennon”: Cecile Yessouroun
 “Transamazônica - 10 anos de ocupação”: Cezar Terin
 “A praça é do povo”: Bitt & Carlos
 “Ilha”: Bruno Tausz
 “Porto das Caixas”: Lydia Moraes Correia, Jozias Benedicto e Cecília de Paula Machado
 “Amém”: Paulo Emílio da Silveira Lemos
 “Ponto”: Paulo Emílio da S. Lemos
 “Terra”: Beatriz Dantas e Paulo Emílio Lemos
 “Matadouro”: Paulo Emílio Lemos e Beatriz Dantas
 “Ovocaipira”: Paulo Emílio Lemos e Beatriz Dantas
 “Presuntos”: Paulo Emílio Lemos e Beatriz Dantas
 “Para não dizer que não falei dos mortos”: Paulo Emílio Lemos e Beatriz Dantas
 “Imprimatur”: Paulo Emílio Lemos e Beatriz Dantas
 “Festa do divino”: Paulo Emílio Lemos
 “Sepultura Perpétua”: Jozias Benedicto
 “O dono do cotidiano”: Augusto Moura, Soraya Ocanha, Lincoln
 “Abandono”: Carlos Levitanus, Maria de Lourdes Magalhães, Regina Lúcia Jourdan, Robson Simões de Almeida, Sandra Maria Lucia Pereira Gonçalves
 “Siderópolis: visões”: Antonio Sagesse
 “Arrocho salarial”: Paulo Eduardo Bahia, César Tartaglia
 “A nova política salarial”: Paulo Eduardo Bahia, César Tartaglia
 “Condições de trabalho”: Paulo Eduardo Bahia, César Tartaglia
 “Reflexão iconográfica sobre o espaço”: Jorge Luiz Cruz
 “O homem e a terra”: Jorge Luiz Cruz
 “Ao ritmo das cores”: Nilton Pessanha Saraiva e Sergio Viola
 “Mucuripe”: José Guedes Martins Neto
 “Dança contemporânea”: Emanuel Coutinho

“Outdoor mulher”: Carlos Fadon Vicente
 “Nos bastidores do carnaval”: Jorge Bodansky & Jorge Hirata
 “Semi-ótica-pornô”: Mônica Frota
 “Fotoarte”: Marinho Neto
 “Uma fotografia aérea”: Bira Soares
 “A cidade se transforma”: Bira Soares
 “Cristina Maetinelli ou voa e canta enquanto resistirem as asas”: Verônica Falcão
 “O prazer é nosso”: Cecília Simonetti, Lais Tapajós, Nair Benedicto, Regina Lemos, Vera Simonetti
 “Mamãe, papai e nós - a fotografia como documento familiar”: Joaquim Antônio, Maurício e José Albano entre outros
 “Reflexos e relações”: José Carlos de Oliveira
 “Radioecologia”: João César Almeida e Pedro Barbosa Teixeira
 “Em busca da identidade”: João César Almeida Récio e Pedro Barbosa Teixeira
 “Em busca de uma vida melhor”: Gilda Vieira, Roberto Duarte, Vera Csényi
 “Uma experiência alternativa em fotografia”: Regina Alvarez

PROJETO ITINERÂNCIA

Cartemas - a fotografia como suporte da criação: Aluisio Magalhães
 Sebastião Salgado - Fotografias
 Exteriores
 Nossa Gente
 Antônio Teixeira
 Carnaval de Malta
 Classe Média Brasileira
 Visita do Papa ao Brasil
 Revolução de 30
 Lazer
 Mostra fotográfica dos estudantes de comunicação do Rio de Janeiro
 Revolução de 32
 Tempostal
 Projeto Trêsporquatro: Rino Marconi/Metrô Carioca

PALESTRAS E SEMINÁRIOS

“O que é fotografia”: Cláudio Kubrusly/Galeria de Fotografia
 “Problema da edição de um livro de fotografias no Brasil”: Cravo Neto e Mário Cravo
 “Projeto Tresporquatro”: Rino Marconi
 “A fotografia põe a história no lugar”: Maurício Lissovsky/auditório do SENAC/RJ
 “Fotojornalismo em foco”: Luiz Carlos David, Rogério Reis, Ricardo Azoury, Dante Gastaldone e Pedro Vasquez/Centro de Filosofia e Ciências Humanas-UFRJ
 “Fotojornalismo e a experiência do Jornal de Brasília”: Luis Humberto Martins Pereira/FUNARTE-Curitiba
 “Direitos autorais na fotografia, regulamentação da profissão e a experiência da União dos Fotógrafos de São Paulo”: Nair Benedicto/FUNARTE-Curitiba
 “A leitura da imagem fotográfica contemporânea no Brasil”: Stefânia Brill/PA/FUNARTE
 “Profissionalização em fotografia”, organizada pelo Núcleo de Fotografia da Funarte em conjunto com os estudantes de comunicação social do RJ: Raul Pedreira, Walter Carvalho/Faculdades Integradas Estácio de Sá
 “Fotografia de publicidade: Luiz Garrido, Levindo Carneiro, Dick Welton, Carlos Martins
 “Aspectos científicos da conservação de suportes gráficos: Fundação Casa de Rui Barbosa

“Memória: resgate e registro: Pedro Vasquez

“Política cultural na área de produção fotográfica: Pedro Vasquez

“Projeção de filmes - Carnavalesca 1983

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

O retrato brasileiro (1840 - 1920) - fotografias da coleção Francisco Rodrigues 1840-1920: Fundação Joaquim Nabuco/FUNARTE

Fotografia: universos e arrabaldes: coleção Luz e Reflexão, Luis Humberto/FUNARTE

José Oiticica Filho - A ruptura da fotografia nos anos 50: José Oiticica Filho/FUNARTE

Romaria de São Francisco das chagas de Canindé: Pedro Vasquez/FUNARTE

Sobre fotografia: Sindicato dos jornalistas do Rio de Janeiro/FUNARTE

I Foto Sul: Bamerindus/FUNARTE

Sociofotografia: Gilberto Freyre/Fundação Joaquim Nabuco/FUNARTE

I Foto Centro-Oeste: Petrobrás/FUNARTE

Cravo: esculturas de Mário Cravo e fotografia de Cravo Neto: Edição Aries/promoção

INFOTO/FUNARTE

Origens e expansão da fotografia no Brasil: Bóris Kossoy/FUNARTE

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

Ciclo de cinema sobre fotografia: apoio Consulados da França, Alemanha Ocidental e Estados Unidos/local: Galeria de Fotografia da FUNARTE

Projeção do filme: Vida e sangue de polaco de Sílvio Back acompanhado a mostra “Documentando raízes”

Núcleo Bandeirante: Solar Grandjean de Montgny/João Paiva

Aonde vai valente?: 5 fotógrafos/Praça Tirandres

O tempo, o muro e o ar colorindo o gabinete fotográfico do MAM: Glacy Fatorelli/MAM-RJ/FUNARTE

Espaço de criação na fotografia de imprensa: João Ripper - Vice Presidente Regional da Federação Nacional dos Jornalistas, Cláudio Bojunga - Editor de Jornalismo Internacional da TVE

Fotografia, expressão pessoal: Centro Cultural SP

Mostra fotográfica “Cenas amazônicas”: Lima/Peru

I Foto Sul

Plantão fotográfico: Museu Lasar Segal

FotoBahia 83: Salvador/BA

FotoPará

Curso de preservação e pesquisa fotográfica com representantes de arquivo fotográfico, do arquivo nacional e coordenador do projeto conservação: Fundação Casa Rui Barbosa/RJ

Curso de preservação e pesquisa fotográfica para fotógrafo e laboratorista: Fundação Nacional de Salvador

Palestra de preservação e pesquisa fotográfica para bibliotecários, arquivistas, coordenadores de projetos fotográficos: Associação de fotógrafos da Bahia

Rota Andina: Shopping Center Gávea

Curso “O uso da linguagem fotográfica”: MAM/RJ

I Encontro Mineiro de fotografia/BH

Curso de fotografia: Ricardo de Hollanda/Aliança Francesa/FUNARTE

A juventude dos anos 80: Unesco/FUNARTE

Exú-Piá! Coração mágico de Macunaíma: fotos de Paulo Veríssimo

Repórteres da colônia - quando pacientes fotografam o seu mundo

I Mostra de fotografia dos Estudantes de Comunicação do Grande Rio: Metrô/Faculdade Estácio de Sá/FUNARTE

II SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Brasília/DF - agosto

n° de palestrantes: 19

n° de palestras: 5

n° de exposições: 12

n° de projeções de filmes: 1

Palestras

“O profissional da fotografia no Brasil hoje e o mercado de trabalho de trabalho”: Ricardo Malta, João Roberto Ripper, André Dusek, deputado Adhemar Ghisi;

“Fotografianas regiões”: Beatriz Dantas, Aristides Alves, Manoel Novais, Gentil Barreira, Patrick Pardini;

“Antropologia visual - Recursos audiovisuais em tecnologia”: Jesco Von Puttkaner, Altair Sales Barbosa - Dir. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Pedro Jorge - Prof. Cinema e TV UNB;

“A permanência dos materiais fotográficos”: João Sócrates e Sérgio Burgi, técnicos em preservação e

“Ensino da fotografia”: Claudio Feijó, Luiza Venturelli, Patrícia Canetti, Ricardo Holanda, Rosary Esteves

Oficinas

“Fotojornalismo”: Luiza Venturelli e Milton Guran

Exposições

“Beyond the flag”: Beatriz Schiller

“O fundo neutro e meus personagens”: Mario Cravo Neto

“Tempostal”: coleção Antonio Marcelino/Salvador Bahia

“Sebastião Salgado - Fotografias”

“Via sacra: Juazeiro”: Joaquim Paiva

“Outdoor Mulher”: Carlos Fadon Vicente

“Mostra de fotografias dos estudantes de Comunicação Social do Rio de Janeiro”

“Mostra de fotografias dos estudantes de Comunicação Social da Universidade Católica de Goiás”

“Mostra de fotografias dos estudantes de Comunicação da UNB”

“Fotografia sem Câmara”: Regina Alvarez

“V Documento do Centro-Oeste, I Foto Centro-Oeste”

“Fotografias de Luiza Venturelli e André Dusek”

Projeção de filme

“REPORTERS”: Raymond Depardon

PROJETO PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Apoio Externo:

“História da Fotografia no Maranhão - 1850/1950”: Secretaria de Estado de Cultura do Maranhão;

“História dos Bairros de Salvador”: Fundação Cultural do Estado da Bahia;

“Mauá, Ontem e Hoje”: Prefeitura Municipal de Resende;

“Memória Histórico-Fotográfica da Região Sul de Minas Gerais”: Universidade Federal de Minas Gerais;

“Estudo Fotográfico da Formação de Ijuí - 1890/1930”: Fundação de Integração e Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado - FIDENE;

“Resgatando Velhas Imagens”: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e

“Fotógrafos Pioneiros do Paraná”: Fundação Cultural de Curitiba.

1984

EXPOSIÇÕES

Impressões brasileiras: Edouard Boubat/Consulado Geral da França/FUNARTE

I Foto Centro-Oeste: coletiva de 63 fotógrafos da região Centro-Oeste

Imagens do garimpo em Itabira: coletiva de 13 fotógrafos mineiros. Organização de Rui César

Portugal: heranças de uma revolução: individual de Felipe Taborda

Visões Urbanas: Cristiano Mascaro, Vilma Slomp, Luiz Carlos Felizardo

Fotografia Francesa Hoje (coletiva de 16 jovens fotógrafos franceses) Consulado Geral da França/FUNARTE

Vestígios: Leonardo Carneiro, Martin Streibel e Roosevelt Campos Nina

A fotografia e os anos 50: coletiva de 16 fotógrafos/Fotóptica/MAC-USP

I Foto Sul: coletiva de 55 fotógrafos da região sul (série das mostras regionais)

Foto Nordeste (série das mostras regionais)

Beatriz Corrêa - fotografias

PROJETO ITINERÂNCIA

Ponto de vista da criança
 Origens e expansão da fotografia no Brasil - séc. XIX
 O fazer lúdico dos anciãos
 Documentando raízes
 I Foto Sul
 Natureza viva
 Cartemas - a fotografia como suporte de criação
 Brasil, meu olhar enternecido: Juvenal Pereira
 Revolução de 30
 Nossa Gente
 Carnaval de Malta
 Visita do papa ao Brasil
 Revolução de 32
 I Foto Centro-Oeste
 Intuições em preto e branco: Antonio Augusto Fontes e Américo Vermelho
 Sebastião Salgado - fotografias
 Antonio Teixeira
 Lazer
 Patagônia: Mário Roberto Guite Peixoto
 II Mostra de fotografia dos estudantes de comunicação social do Rio de Janeiro
 Visões urbanas: Cristiano Mascaro, Vilma Slomp e Luiz Carlos Felizardo
 Mostra coletiva de fotógrafos paraenses
 Mostra Trêsporquatro: projeto de Rino Marconi, montada na estação Carioca do metrô do RJ
 Fotoandança: Ricardo Azoury, Edson Meirelles e Ricardo Beliel
 I Foto Nordeste
 II Mostra de fotojornalismo do Ceará

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS

VII Mostra de Audiovisuais

“Só Francisco”: Armando Sylos
 “Fim de linha”: Evandro Lemos da Cunha
 “Minas: movimentos e momentos essenciais - Ouro Preto”: Alexandre A.S. Martins
 “Tiago”: Rino Marconi
 “Retrato de mulher”: Carmem Barroso
 “2º Encontro de mulheres”: Angela Freitas e Beth Salgueiro
 “O fazer lúdico dos anciãos”: Rosza Vel Soladz
 “Caxias... uma cidade”: Armando Pinto Valente
 “Kalahansa”: Claudio Wolff
 “Sem título”: Lilian Santos
 “Amazônia”: Nair Benedicto
 “Nanbiquara, um extermínio silencioso”: Vicente Carelli
 “Roda peão”: Patrick Pardini
 “Informação e opinião pública”: Mário Notari
 “Garimpeiros”: Evandro Lemos da Cunha
 “Este fato aconteceu”: Lourdes Maria Grzybowski
 “Chacal”: Vânia Bucchioni
 “Cimenalisfalto”: Ana Lúcia Oliveira de Castro
 “O mundo se transforma”: Ana Lúcia Oliveira de Castro
 “Três estações”: Rudy Afonso Louro
 “Arco-íris mudou de cor”: Alexandre Campbell Penna
 “Ah!”: Carlos Fadon Vicente

“Satélite”: Carlos Fadon Vicente
 “Transparências”: Carlos Siffert
 “Cio da terra”: Celso Sealetsky
 “Paredes a jato”: João Paulo Capobianco, Carlos Matuck e Waldemar Zaidler Júnior
 “O cavaleiro azul”: Zeca P. Guimarães
 “Chiquinho e Chiquita”: Padre Mário Notari e Julián Murguía
 “Pingo, meu maninho”: Padre Mário Notari e Julián Murguía
 “Nova York, um sonho”: Lau Polinésio e Eduardo Castanho
 “São Paulo”: Rudy Afonso Louro
 “Amores proibidos”: Jorge Luiz Cruz
 “Feira Livre”: Chico Assis Pereira
 “Morro da Conceição - uma batalha possível”: Jurema Arnaut, José Simões Pessoa e Marcio J. Pinto
 “Arqueologia no litoral do estado do Rio de Janeiro”: Dulce Barcellos G. de OLIVEIRA
 “Barroco - aspectos mineiros”: Carlos Eduardo Barata, Claudia de Carvalho, Denise Lauria Ferreira, Marcos M. de Sá, Marcos Olender, Sandra Baruki, Wallace de F. Caldas.

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Jornal fotografia n° 1 e n° 2/FUNARTE
 I Foto Nordeste (coletiva de fotógrafos nordestino): Banco do Nordeste do Brasil/FUNARTE
 A ilusão especular: Arlindo Machado - co-edição FUNARTE/Edição Brasiliense
 Corpo e alma - fotografia contemporânea no Brasil: apoio Air France/FUNARTE

I PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

n° de inscritos: 265
 projetos selecionados: 8
 Estados: SP/MG/PB/RJ/SC

“Fotografia de rua”: Clóvis Loureiro e Carlos Henrique de Souto
 “A visão fotográfica do operário sapateiro francano”: Fernando Cury de Tacca
 “Trabalhadoras/trabalhadeiras”: Maria Luiza de Melo Carvalho
 “Feira livre de Campina Grande, estado da Paraíba”: Roberto José Barbosa Coura
 “Pesquisa para elaboração de programa de cursos de fotografia para alunos de 1° grau: Rosa Van Der Linden
 “Presença norte-americana no Brasil: um registro visual”: Américo Vermelho
 “Pesquisa de meios e processos alternativos em fotografia”: Kenji-Ota
 “A arquitetura em madeira, alvenaria e concreto na região sul”: Leopoldo Plentz

III SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Fortaleza/CE - agosto

n° de palestras: 6

n° de palestrantes: 8

n° de exposições: 11

n° de oficinas: 2

n° de coordenadores de oficinas: 3

Palestras

“Ensaio no tempo”: Walter Firmo;
“Fotografia: Universo & Arraballes”: Luís Humberto;
“A preservação da produção fotográfica contemporânea”: Sérgio Burgi;
“O mercado de trabalho e o direito autoral”: Capibaribe Neto, Gentil Barreira e João Roberto Ripper;
“A Ilusão Espetacular”: Arlindo Machado e
“Fotografia em Publicidade”: Chico Albuquerque

Oficinas

“Linguagem Fotográfica”: Antonio Augusto Fontes e Walter Firmo
“Publicidade”: Chico Albuquerque

Exposições

“I FotoSul” (série das mostras regionais)
“I Foto Centro-Oeste” (série das mostras regionais)
“Portugal, herança de uma revolução”: Felipe Taborda
“Intuições em preto e branco”: Antonio Augusto Fontes e Américo Vermelho
“São Paulo, gigante intimista”: coletiva organizada pelo Centro Cultural São Paulo
“Ensaio no tempo”: Walter Firmo
“O retrato brasileiro”: coleção Francisco Rodrigues/Fundação Joaquim Nabuco-Recife-PE/FUNARTE
 ### **“Nosso Trabalho”**: fotografia profissional cearense
“1ª. Mostra de Repórteres Fotográficos do Nordeste”
“Ricardo Malta”

Mostra de Audiovisuais e Portfólios

PALESTRAS/SEMINÁRIOS

I Seminário Nacional de Ensino da Fotografia no Brasil:
 - Coordenação: Carmen Vargas
 - Coordenação de debates: Luciana Mota Gaspar,

- Comunicações apresentadas: Olício Pelosi (Baurú/SP); Luiza Venturelli e Luis Humberto M. Pereira (Brasília/DF); Juan Carlos Aramayo (Belo Horizonte/MG); Dante Gastaldoni e Ricardo de Holanda (Rio de Janeiro/RJ); Fernando Ponce de Leon (Recife/PE); Miguel Chikaoka (Belém/PA); Walda Maria Neira de M.S. Leite (Terezina/PI); Rino Marconi (Salvador/BA); Roberto Coura (Campina Grande/PB) e Edinice Mei Silva (Florianópolis/SC).

- Em associação com o Departamento de Multimeios da UNICAMP

Ensaio no tempo: Walter Firmo/RJ

Fotografia: Universos e Arrabaldes: Luis Humberto Pereira/DF

A Preservação da Produção Fotográfica Contemporânea: Sergio Burgi/RJ

O Mercado de Trabalho e o Direito Autoral: Capibaribe Neto(CE)/Gentil Barreira(CE)

A Ilusão Espacular: João Roberto Ripper(RJ)/Arlindo Machado(SP)

APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARceria

A fotografia contemporânea americana: local: MNBA/serviço de divulgação e relações culturais dos EUA/FUNARTE

I Mostra nacional de fotografia dos estudantes de comunicação social do Ceará

Osmar Villar - fotografias

Um pouco de fotojornalismo carioca: Espaço ECO de mostras-UFRJ/FUNARTE

Foto Nordeste: Espaço Cultural da Caixa Econômica Federal

Foto Bahia 84

II Mostra de fotógrafos dos estudantes de comunicação social do Rio de Janeiro

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Criado pela portaria no 13/84 e assinada pelo então Secretário da Cultura do Ministério de Educação e Cultura, investiu na implantação de uma política de preservação em prol da integridade física e da divulgação de imagens históricas e contemporânea, sendo suas principais linhas de atuação:

preservar a memória fotográfica brasileira;

fomentar a criação de núcleos regionais de preservação;

formar pessoal técnico especializado na área de preservação;

localizar, identificar e referenciar o acervo brasileiro existente;

pesquisar a história da fotografia no Brasil;

difundir informações técnicas através de publicações especializadas e

aperfeiçoar a tecnologia do material fotográfico existente.

Apoio Externo:

“Reconstituição Fotográfica da História do Acre”: Fundação Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura;

“Pesquisa e Preservação da Fotografia Histórica no Pará”: Delegacia Regional da Fundação Nacional pró Memória;

“História da Fotografia no Maranhão - 1850/1950”: Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão;

“História da Fotografia em Pernambuco”: Fundação Joaquim Nabuco;

“Pesquisa e Preservação Fotográfica do Projeto História dos Bairros de Salvador - Península Itapagipana”: Fundação Cultural da Bahia;

“Arquivo Fotográfico”: Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico da Bahia;

“Preservação dos Negativos de Vidro do Acervo do MIS”: Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro;

“O Rio de Janeiro de Pereira Passos”: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Solar Grandjean de Montigny;

“Mauá, Ontem e Hoje”: Museu de Arte Moderna de Resende;
 “Memória Histórica-Fotográfica da Região Sul de Minas Gerais - 1870/1930”: Fundação João Pinheiro/Universidade Federal de Minas Gerais;
 “Registro Fotográfico da Memória Artística, Histórica e Ambiental do Município de Vila Velha”: Universidade Federal do Espírito Santo;
 “Fotógrafos Pioneiros do Paraná”: Fundação Cultural de Curitiba;
 “Estudo Fotográfico da Formação de Ijuí - 1890/1930”: Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado;
 “Mostra de Fotos Antigas de Canela”: Prefeitura Municipal de Canela/RS e
 “Mostra de Fotografias Históricas de Dourados”: Fundação Cultural de Dourados/MS.

1985

EXPOSIÇÕES

Momento sucessório brasileiro - 1984/1985: coletiva nacional de 66 fotógrafos brasileiros
 Fotografismo: coletiva/8 fotógrafos
 Figuras e cenas do carnaval: João Poppe, Humberto TDC, Ricardo de Hollanda, Walter Firmo
 Alguns mestres da fotografia brasileira no séc.XIX: Gilberto Ferrez
 Impressões do Brasil: Edouard Boubat
 Portfólios: coletiva/6 fotógrafos
 Corpo e alma: coletiva de 7 fotógrafos
 MOSTRA DE AUDIOVISUAIS/SLIDES

VIII Mostra de Audiovisuais

“Projeto cria-ção Vidigal 84”: Sueli de Lima, Marcello Lipiani e Luciano Moura
 “Corredor, um oásis na cidade”: Laura Bedran, Beatriz Pimenta, João Modé, Sérgio Viola, Raimundo Bandeira de Mello
 “Uma cidade antiga chamada saudade”: Denize Arnizant de Mattos, Cláudia Ribeiro de Avillez
 “Viagem à Espanha - raízes”: Estefano Dominguez Alonso
 “Caledônia”: Carlos Eduardo Cintra
 “Não quero ser a próxima”: Nair Benedicto, Cecília Simonetti, Vera Simonetti, Sílvia C.Avasin, Laís Tapajós, J.R.Ripper, Juca Martins, Maurício Simonetti
 “Mulher no trabalho ... fora de casa”: Maria Nabuco, IBASE -Departamento Audiovisual
 “Pedras Altas”: Paulo Kuhlmann
 “Chapada, água, Pedra Verde”: Sérgio Guimarães
 “Registros”: Andrea Alves de Mattos
 “Cinqüentenário da morte de Padre Cícero”: João Luiz Bulcão, Chico Cariri
 “Quarup”: Eduardo Tavares
 “Festa de Nossa Senhora do Rosário do Serro”: Amauri Alves e Eleonora Gabriel
 “A dança e sua essência”: Emanuel Coutinho
 “Mad Radiofoto I”: Chang Chia, Sandra Ô, Hélio Carvalho, Graziela, Peres, Pedro Plá
 “Cosmografia I”: Paulo Pereira, Wagner Borba
 “Almeida Fleming, o poeta do megafone”: Beatriz Magalhães e Cláudia Lage
 “Álbum para photographias”: Juçara Palmeira Fernandes, Alfredo Miranda
 “Delírio meu delírio”: Graziela Peres
 “Os olhos da imaginação”: Maurício Rocha Bittencourt e Wolney Matahana
 “FAFICH: Heróis, mitos e outros”: Grupo Audiovisual e Departamento de Comunicação/UFMG/FAFICH
 “Fotogenia política”: Geoge Helt

“Bandeiras do divino”: Rogério Torres
 “Pelotas, a cidade e a gente”: Ruy Antunes, Luís Carlos W. Neto
 “A rua da ironia”: Geoge Helt
 “Dibonde”: Bira Soares
 “Tiradentes, cidade em ruínas”: Luiz Cruz
 “Matadouro de Tiradentes”: Luiz Cruz

PROJETO ITINERÂNCIA

Visões Urbanas: coletiva/3 fotógrafos
 Impressões do Brasil: Edouard Boubat
 I Foto Nordeste: Maceió/AL
 Lazer

IV SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Belém/PA – outubro
nº de palestras: 3
nº de palestrantes: 6
nº de coordenadores de oficinas: 6
nº de oficinas: 3
nº de exposições: 14

Palestras

“A função social da fotografia”: Mauricio Lissovsky e Luiza Venturelli
“Aspectos da linguagem fotográfica”: Alair Gomes e Cristiano Mascaro
“Fotografia brasileira contemporânea”: Joaquim Paiva e Pedro Vasquez

Oficinas

“Vivendo as imagens”: Claudio Feijó, Miguel Chikaoka e Rino Marconi
“Como organizar um portfólio “: Rosely Nakagawa e João Farkas
“Processamento em PB de cópias fotográficas de longa permanência”: Guilherme Fracornel

Exposições

“Fotografia Fidanza”
“BH, 24 Horas “: coletiva
“I FotoNordeste”
“Fotografismo”: coletiva
“Leopoldo Plentz Fotografias”
“Mostra Paulistas”: coletiva
“Espaço Livre Programado”: coletiva
“Coletiva de fotógrafos do Pará”
“Momento Sucessório Brasileiro”: coletiva
“Fotovaral”: coletiva

• Mostra de Audiovisuais e Portfólios

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Jornal Fotografia n°3 e n°4: FUNARTE
 Câmera na mão - col.Luz e Reflexão: Edgar Moura/Bolsa de Valores-FUNARTE
 A Fotografia no Brasil - 1840/1900: pesquisa de Gilberto Ferrez/Ed.Pró-Memória-FUNARTE
 Fotografismo: FUNARTE
 Criação do Boletim de Fotografia: INFOTO/FUNARTE
 Publicação das palestras da IV Semana

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Implantado através de um Termo de Cooperação Técnica, firmado em 13 de março de 1985 entre a Fundação Nacional de Arte e a Fundação Nacional Pró-Memória, com interveniência da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica desenvolve - dentro do Programa Nacional de Preservação e Pesquisa da Fotografia - um grande elenco de atividades técnicas e de pesquisas nas seguintes áreas principais:

estudo de sistemas e materiais acessórios adequados ao arquivamento e guarda permanente de materiais fotográficos processados, visando a preservação destes acervos em perfeitas condições de estabilidade e permanência (pesquisa integrada sobre invólucros, mobiliário e soluções de climatização e controle ambiental);
 desenvolvimento de técnicas e tratamentos de conservação - restauração de originais fotográficos de valor histórico e artístico;
 estudo de técnicas, rotinas e controle de qualidade necessários ao processamento fotográfico para máxima permanência, e desenvolvimento e otimização de procedimentos fotográficos para duplicação e reprodução de originais fotográficos;
 testes de materiais e produtos de fabricação nacional utilizados em preservação e conservação fotográfica (papéis, polímeros e adesivos para fabricação de invólucros, por exemplo), testes de envelhecimento acelerado e pesquisas sobre processos fotográficos históricos;
 divulgação de informações técnicas através de manuais e publicações especializadas;

treinamento de pessoal em preservação e conservação fotográfica (cursos, estágios e seminários) e assessoria técnica a instituições conveniadas.

Assessoria Técnica:

Departamento de Fotografia e Micro Filmagem da Biblioteca Nacional/RJ: Guilherme Fracornel;
Fotógrafos Pioneiros do Paraná: Fundação Cultural de Curitiba/FUNARTE;
Museu Villa Lobos, Museu da Imagem e do Som, Museu Histórico Nacional e Arquivo Nacional/RJ;
Arquivo Municipal de Caxias do Sul/RS e ao Museu Antropológico Diretor Pestana/Ijuí(RS);

Seminário:

coordenação do Seminário sobre formação de mão-de-obra para preservação na ABRACOR/RJ:

Solange Zúñiga/Sergio Burgi

Seminário sobre preservação e conservação de fotografias: INFOTO/FUNARTE

- Local: Auditório Petrobrás/RJ

- Apoio: Serviço de Divulgação de Relações Culturais dos EUA(USIS), Comissão Fullbright, IBEU, Biblioteca Nacional, Petrobrás/Transbrasil

- Convidados:

James Reily - Diretor do Photographic Preservation/Laboratory Rochester Institut of Tecnology

Grant B. Romer - Conservador Chefe do Internacional Museum of Photograph da Geogr. Eastman House

José de Boni - Fotógrafo de São Paulo

Jorge Sahione - Arquivo Nacional

Guilma Viruez - FUNARTE

Sergio Burgi

Apoio Externo:

“História da Fotografia no Maranhão - 1850/1950”: Secretaria de Cultura do Maranhão;

“História da Fotografia em Pernambuco”: Fundação Joaquim Nabuco;

“História dos Bairros de Salvador”: Fundação Cultural do Estado da Bahia;

“Arquivo Fotográfico”: Instituto Patrimônio Artístico Cultural da Bahia;

“Um fotógrafo norte-americano no Nordeste”: Universidade Federal da Bahia;

“Preservação e Conservação de Fotografias 1860/1950”: Fundação Alfredo Ferreira Lage;

“Acervos fotográficos de Diamantina”: Fundação João Pinheiro;

“Fotógrafos Pioneiros do Paraná”: Fundação Cultural de Curitiba;

“Formação Visual de Ijuí”: Fundação de Integração e Desenvolvimento Social do Nordeste do Estado;

“Resgatando Velhas Imagens”: Prefeitura Municipal de Caxias do Sul e

“Registro Fotográfico da Memória do Contestado”: Fundação Educacional do Alto Vale do Rio do Peixe, Caçador.

APOIO/PATROCÍNIO/PARCERIA

Projeto Viva

Fotógrafos Pioneiros do Paraná: Fundação Cultural de Curitiba/FUNARTE

Fotojornalismo Carioca: Espaço ECO

III Colóquio Latino Americano de Fotografia

1986

EXPOSIÇÕES

Multivisões: coletiva/8 bolsistas (concurso Marc Ferrez)
 Polaroid - imagens instantâneas: coletiva/5 fotógrafos
 José Medeiros - 50 anos de fotografia
 A imagem do corpo nú: coletiva/9 fotógrafos
 Fotografia brasileira - onze contemporâneos: INFOTO/Instituto Goethe
 Uma sensação do impossível: coletiva/6 fotógrafos
 Transformance: Andreas Müller Pohle
 Fantasias: Rogério Reis/Zeka Araújo

EXPOSIÇÃO EM PARCERIA

Fotografia Argentina 17 fotógrafos: Espaço Cultural do Consulado da Argentina
 José Medeiros - 50 anos de fotografia: Galeria Fotóptica/FUNARTE

PROJETO ITINERÂNCIA

Fotografismo
 Momento sucessório brasileiro: coletiva/66 fotógrafos
 BH, 24 horas: coletiva/18 fotógrafos
 Arnaldo Pappalardo - fotografias
 Publifoto 85: coletiva/9 fotógrafos
 Algumas imagens do Nordeste: Antonio Luis
 Coletiva dos fotógrafos do Pará
 Vestígios
 Procissões e romarias no Brasil
 Estados: PE/AL/MG/AP/SC/BA/SP/PA

V SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Curitiba/PR - agosto

nº de palestras: 6

nº de palestrantes: 11

nº de oficinas: 4

nº de exposições: 26

nº de coordenadores de oficinas: 7

Palestras

“Projeção e comentário de imagens de fotógrafos latino-americanos”: Charles Merewether

“Fotografia Brasileira Contemporânea”: Joaquim Paiva e Bóris Kossoy

“Noite Visual”

“A defasagem tecnológica como empecilho à criação fotográfica no 3º mundo”: Antonio Augusto Fontes, Cândido José Mendes, Mário Cardoso e Carmem Vargas - INFoto

“A fotografia e o direito autoral, uma perspectiva atual”: Hildebrando Pontes Neto

“O HAI-KAI e a fotografia”: Paulo Leminski

Oficinas

“A procura da imagem, a procura da palavra”: Stefânia Bril

“Composição em fotografia”: Ivan Lima

“Foto-acabamento em PxB - processamento em PxB para longa permanência da imagem fotográfica”: Guilherme Fracornel e Leopoldo Plentz

“Leitura crítica da imagem”: Ivan Lima, Stefânia Bril e Bóris Kossoy

Exposições

“A guerra do Contestado”

“Pequena mostra histórica do Teatro Guaíra”

“CHARGESHEIMER 1924/1972”

“Direitos Humanos”

“Doze fotógrafos Poblanos”

“Ensaios de Helmut Wagner”

“Fitas e bandeiras Venske”: Orlando Azevedo

“Fotografia Argentina Contemporânea”

“Fotografia Contemporânea do Rio Grande do Sul”

“Fotógrafos Pioneiros do Paraná”

“Gênesis”: Carlos Alberto Fontelles

“Interiores e não esqueça de levar o mapa”: Instalações de Rochelle Costi

“Imagens de nossa ilha”

“Luiz Carlos Felizardo - Fotografias recentes”

“LUNARA AMADOR 1900”

“Mostra de alunos da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná”

“Romeiros de Juazeiro do Norte”: Celso Oliveira e Gustavo Moura

“Sul do Brasil - Caleidoscópio de imagens”: Augusto Cury, Carlos A. J. Pereira e Paulo Fontes

“VII Mostra de Fotojornalismo do Paraná- I Mostra de Fotografia Contemporânea do Paraná”

“Multivisões”: Bolsistas do Prêmio Marc Ferrez

“Registros Pictográficos nos presídios de Curitiba”

“Retrospectiva do Fotoclube do Paraná”

“Cuba, imagens da história”: Fotografias do cubano Raul Corrales produzidas no período de 1946 a 1982

“Meninos sem terra”: Alberto Viana produzidas no período de 1985/1986

“5 Câmeras contam coisas”: João Urban, Márcio Santos, Nego Miranda, Vilma Slomp e Sig

“Política 1985”: Campanha para a Prefeitura de Curitiba

II PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de inscritos: 120

nº de selecionados: 2

Estados: RJ/SP

“Monografia sobre linguagem fotográfica”: Ivan Lima

“Shopping-Center: uma imagem de espelhos”: Antônio Saggese

ASSESSORIA/PALESTRA/SEMINÁRIO

Fotografia contemporânea Norte-Americana: Shirley I. Fisher - Galeria Espaço Alternativo/FUNARTE

Projeto do filme e palestra: América e Lewis Hine: Nina Rosenblun/Consulado Geral Americano/INFOTO/FUNARTE

Debate de fotografia no 3º mundo

Fotografia na Europa - estratégias de informação: Andreas Müller Pohle/Galeria de Fotografia

ASSESSORIA/APOIOS/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

II Semana Paulista de Fotografia

18º Festival de inverno de São João Del Rey

I Encontro de fotógrafos profissionais: Vitória da Conquista/BA

Postais de verão: Cláudia Laborne

Oficina: “Técnica como sintaxe da imagem”: promoção do INFOTO e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte/Coordenadoria do Patrimônio Cultural/Museu da Imagem e do Som do Paraná/período:

13 a 22 de abril/coord. Luiz Carlos Felizardo

Oficina: “Criação e publicação”: coord. José Albano/período: 18 a 21 de abril/Vitória da Conquista/BA

Visita ao Museu Municipal de Poços de Caldas para assessoria técnica para preservação de documentos fotográficos/Guilherme Fracornel

Fotojornalismo dos anos 80: tendências/exposição de 17 fotógrafos organizada pela Agência F4

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Assessorias:

Avaliação de acervos e outros serviços diversos relativos a preservação de acervos fotográficos no Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre/RS) e no Departamento de História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de SP ;

Elaboração do projeto, juntamente com representantes do corpo técnico da Biblioteca Nacional (RJ), para preservação de seu acervo fotográfico;

À Fundação Alfredo Ferreira Lage (Juiz de Fora/MG);

Ao Instituto do Patrimônio Estadual - IPAC (Salvador/BA);

Ao Museu Imperial (Petrópolis/RJ);

Ao Museu do Índio (RJ/RJ);

À Casa de Rui Barbosa (RJ/RJ) e

Ao Arquivo Nacional (RJ/RJ) e ao Pró-Documento da Fundação Nacional Pró-Memória, para organização do arquivo do presidente José Sarney.

Apoio Externo:

“Aspecto da Evolução da Fotografia em Sergipe”: Universidade Federal de Sergipe;

“Um fotógrafo americano no Norte e Nordeste”: Universidade Federal da Bahia;

“Recuperação da Memória Fotográfica de Poços de Caldas, MG”: Prefeitura Municipal de Poços de Caldas;

“Imagens Fotográficas de Uberlândia Ontem e Hoje”: Universidade Federal de Uberlândia/MG;

“Arquivo Fotográfico do INEPAC”: Secretaria de Estado de Ciência e Cultura;

“Realização do Projeto Memória”: Prefeitura Municipal de Maringá;

“Preservação da Memória Fotográfica de Pelotas”: Universidade Federal de Pelotas;

“Organização e Reprodução do Acervo Documentário de Jesco Von Puttkamer”: Universidade Católica de Goiás e

“Recuperação Fotográfica do Índio no Rio de Janeiro”: Fundação Nacional do Índio/RJ.

1987

EXPOSIÇÕES

Fantasia: Zeka Araújo e Rogério Reis

Uma sensação do impossível: coletiva de fotógrafos mexicanos, a saber: Genardo Suter, Gilberto Chen Charpentier, Jesús Sánchez Uribe, Laura Cohen, Rafael Doniz e Lourdes Almeida

Fotografia Cubana: Raul Corrales

70 impressões de Cuba: coletiva de fotógrafos cubanos, a saber: Arturo Cuenca, Gilda Pérez Rodríguez, Isabel Sierra, Mayra A. Martínez, Mario Dias Leiva, Ramón Martínez Grandal, Rogério López Marin

Imagens por computação gráfica: Carlos Fadon Vicente e Milton Montenegro

Revelação - Dez jovens da fotografia brasileira: Bettina Musatti, Claudia Laborne, Eduardo Kalif, Felipe Goifman, Flávio Souza, Marcelo Tabach, Masao Goto Filho, Octávio Cardoso, Walter Barreto, Wladimir Fontes

Doce suor amargo: Miguel Rio Branco

A força dos Andes: Haroldo de Faria Castro

I Foto Norte: coletiva/27 fotógrafos

Cuba imagens da história: Raul Corrales

PROJETO ITINERÂNCIA

I FotoNorte: coletiva de fotógrafos da Região Norte

A margem do olhar: Luis Braga

José Medeiros - 50 anos de fotografia

Antártida: Antônio Carlos D'Ávila

Itinerância com o SESC

BH, 24 horas

Algumas imagens do nordeste

Procissões e romarias no Brasil

Coletiva de fotógrafos do Pará

Vestígios

Uma sensação do impossível

Total de estados atingidos: 19

Total de exposições: 9

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS/SLIDES

IX Mostra de audiovisuais

Local: Auditório do BNDES - Rio de Janeiro/RJ

“Festa Negra”: Michele Petruccelli Pucarelli

“Trabalhadora da Cana. Quem é essa mulher?”: Iolanda Huzak

“O marco brasileiro”: Vasco de Azevedo Acioli

“Quem pare sente dor/Quem cria sente amor”: Lucila Scavone

“Tupinicipolis”: Manuela Andreozzi

“Só Sé”: Rubinho Chaves

“Índia”: Rogério Lessa de Curtis

“Cuba”: Luiz Eduardo Robinson Achutti

“Foto dança”: Emídio Luisi
 “Urbano”: Eloy Casagrande Jr., José Luiz Oubiña e Marcos Pereira
 “Abdomens Silva/O incrível sonho de Urbanóide”: Arnaldo Bloch
 “Bebes anos 50”: Vasco de Azevedo Aciolli
 “Abaixo a disciplina e viva o coração”: Lúcia B. Pitanguy Sampaio
 “A estrela que se apagou”: Armando Valente e Rogério Torres
 “Ponte o símbolo”: José H. Nunes Pires, Noberto V. Depizzolatti, Tayana C.Oliveira
 “Festa do Divino de São Luiz de Paraitinga”: Rosa Gauditano
 “Paixão e Passos”: Marco Aurélio Ramos e Maria Emília de Azevedo
 “Um trem que passou”: Rosary Esteves
 “Itatiaia”: Marcos José Issa
 “Fauna Brasileira”: João Paulo Capobianco
 “Juréia”: João Paulo Capobianco
 “Amazônia e sua realidade”: Eduardo Nilor de Souza Mendes
 “Arquipélago de Fernando de Noronha”: Frente Verde (Sociedade Ecológica Frente Verde)
 “Balbina, herança da velha república”: Eduardo Nilor de Souza Mendes
 “Cacos”: Vânia Bucchioni
 “Por dentro”: Marcelo Dau
 “Marginal II”: Marco Fonseca
 “Cláudio Wolff Arte Show”: Cláudio Wolff
 “Os olhos da imaginação”: Maurício Bittencourt

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Jornal Fotografia n° 5: FUNARTE

Feito na América Latina: reunião das comunicações do II Colóquio Latino-Americano de Fotografia realizado no México em abril/maio de 1981/Consejo Mexicano de Fotografia

Dulce Sudor Amargo: Miguel Rio Branco, 1987/Ed. Fondo de Cultura/México

Cultura brasileira- tradição/contradição: FUNARTE

I Foto Norte: FUNARTE

ASSESSORIA/APOIOS/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ para montagem de uma exposição sobre carnaval que acompanhou um Seminário sobre o mesmo tema do qual participaram antropólogos, sociólogos, filósofos e fotógrafos;

Aos funcionários da Embratel para a elaboração do projeto de concurso de fotografia;

A Eduardo Amaral para elaboração do projeto “Fotografe o seu bairro”;

Na organização da III Semana Paulista de Fotografia;

Na organização do II Encontro de Fotografia de Vitória da Conquista;

A Antonio Carlos D’ávila para a montagem da exposição “Antártida”;

À Riotur para elaboração de concurso de fotografia;

À Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Cultura e do Desporto do Estado do Acre para implantação do Núcleo de Fotografia de Rio Branco;

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul para implantação do Núcleo de Fotografia de Campo Grande;

À Lélia Salgado para organização , na França, de exposição fotográfica brasileira;

À Nécia Leonzini para organização, em Nova Iorque, de exposição fotográfica brasileira;

A Ells Barrent para organização, em Amsterdã, de exposição de fotógrafos brasileiros;

A Boris Kossoy na qualidade de curadoras assistentes da mostra “Brasil, Cenários e Personagens”

Ao Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto para montagem da exposição de Luis Fontana, fotógrafo ouropretano.

VI SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Ouro Preto/MG – agosto

n° de palestras: 4

n° de palestrantes: 8

n° de oficinas: 15

n° de exposições: 7

n° de coordenadores de oficinas: 16

Palestras

“A influência e a utilização da fotografia em outras formas de expressão artística”: George Helt, Iole de Freitas e Rafael França

“Noite Visual”: apresentação de portfólios

“A teoria e a prática fotográfica”: Cristiano Mascaro e Juan Carlos Aramayo

“Por uma reflexão em torno da fotografia latino-americana”: Diane Mines (Uruguai), Eduardo Gil (Argentina) e Pedro Meyer (México)

“A reprodução fotográfica da obra de arte”: Beto Felício

“A técnica como linguagem”: Luiz Carlos Felizardo

“A fotografia e o cinema”: José Medeiros e Walter Carvalho

“A fotografia em preto e branco”: Leopoldo Plentz

“Como arquivar e catalogar fotografias”: Cássia Maria Mello de Silva

“Como organizar um portfólio”: Rosely Nakagawa

“Fotografia e edição”: Sérgio Zalis

“Fotografia de rua, o ato de fotografar”: Carlos Moreira

“Leitura crítica da imagem”: David Zingg, José Albans, Luis Humberto e Walter Firmo

“Oficina de retoque”: José Albano

“Oficina da caixa mágica”: Beatriz Dantas e Luiz Felipe Cabral

“Processos alternativos dentro da fotografia”: Marcelo Kraiser

“Vivenciando as imagens fotográficas”: Cláudio Feijó

Oficinas

“A dança através da fotografia”: Emidio Luisi

“A fotografia como mídia impressa em capas de disco”:

Felipe Taborda

“A reprodução fotográfica da obra de arte”, Beto Felício

“A técnica como linguagem”, Luiz Carlos Felizardo.

“A fotografia e o cinema” José Medeiros e Walter

Carvalho.

“A fotografia preto e branco”, Leopoldo Plentz.

“Como arquivar e catalogar fotografias”, Cassia Maria

Mello da Silva.

“Como organizar um portfólio”, Rosely Nakagawa.

“Fotografia e edição”, Sergio Zalis.

“Fotografia de rua, o ato de fotografar”, Carlos Moreira.

“Leitura crítica da imagem”, com David Zingg, José

Albano, Luís Humberto e Walter Firmo.

“Oficina de retoque”, com José Albano.

“Oficina da caixa mágica”, com Beatriz Dantas e Luiz

Felipe Cabral

“Processos alternativos dentro da fotografia”, com

Marcelo Kraiser.

“Vivenciando as imagens fotográficas”, com Claudio Feijó

Exposições

“Imagens de Ouro Preto nas décadas de 20 a 50”: Luis

Fontana

“José Medeiros- 50 anos de fotografia”

“A imagem do corpo nu”: coletiva

“Aspectos da fotografia brasileira no século XIX”: coletiva de fotógrafos do século passado

“Coletiva de fotógrafos capixabas”

“Viver a Amazônia - I FotoNorte”: coletiva

“Coletiva de fotógrafos mineiros”

“Fotografia uruguaia hoje”: coletiva

“Coletiva de fotógrafos argentinos”

“Foto-grafia, Artes Plásticas, imagem, suporte. As Artes Plásticas contribuem para a fotografia, ou a fotografia contribui para as Artes Plásticas? “: resultante de projeto de pesquisa de Berenice Toledo e Bernardo Caro

“Setenta impressões de Cuba”: sete fotógrafos cubanos

“Retratos”: Milton Ellena Trópia

“Uma sensação do impossível”: seis fotógrafos mexicanos

“História em preto e branco, imagens de uma época - Sul de Minas - 1870/1930”: imagens de pesquisa de acervo

“Encerramento da VI Semana Nacional da Fotografia”: projeção de audiovisuais, avaliação do ENCONTRO e apresentação de carta de recomendação dos fotógrafos reunidos

LANÇAMENTO DE LIVROS

"Feito na América Latina": textos de destacados fotógrafos latino-americanos

"Notas" :Stefânia Bril, editora Prêmio Editorial

"I FotoNorte - Viver a Amazônia": catálogo da exposição montada simultaneamente na VI SNF, editado pela FUNARTE

MOSTRA DE AUDIOVISUAIS (ORGANIZAÇÃO RUBINHO CHAVES)

“Projeção de slides em bares e restaurantes”: Organização de Francisco da Costa e Juliano Serra

SIMPÓSIO

“Subsídios para a produção de uma crítica fotográfica no Brasil”: 39o Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC - Brasília/DF

Participantes: Carmen Vargas - “Uma teoria da fotografia: a propósito de sociedades pós-lettrados”
Joaquim Paiva - “Fotografia: crítica e teoria; ornitólogos e pássaros”
Pedro Vasquez - “A fotografia como possibilidade teórica”
Luís Humberto - “A necessidade da crítica da fotografia também”

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Começa a funcionar o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica, no Rio de Janeiro, viabilizando um efetivo apoio técnico aos acervos brasileiros, cuja necessidade há muito vinha sendo sentida.

Através dos projetos apoiados pelo chamado ‘apoio externo’, que o Programa viabilizava sua atuação nacional, dando apoio tanto a nível técnico (assessorias, cursos, treinamentos), quanto financeiro. A identificação de novos projetos se dava não apenas a partir de solicitações espontâneas oriundas de instituições públicas ou privadas de algum recanto do Brasil, mas sobretudo a partir de um trabalho de organização dessa demanda, trabalho esse que tenta racionalizar as atividades voltadas para a preservação de fotografias, nas cidades onde estão localizados acervos históricos. Entre as instituições apoiadas estão :

Fundação Alfredo Ferreira Lage de Juiz de Fora (MG)/FUNALFA;
Museu Histórico Municipal de Caxias do Sul (RS);
Instituto do Patrimônio Estadual de Salvador (BA) e
Biblioteca Nacional

Tem início a elaboração do “Guia de Acervos Fotográficos Brasileiros” e o “Manual de Catalogação de Materiais Fotográficos”.

Assessorias:

Fundação Oswaldo Cruz;
 Museu do Observatório Nacional;
 Museu Histórico Nacional;
 Fundação Casa de Rui Barbosa;
 Arquivo da Administração Central/SPHAN;
 Arquivo Público do Distrito Federal;
 Museu da Imagem e Som;
 Arquivo da Presidência da República;
 Arquivo Fotográfico da Light S.A.;
 Museu Ferroviário/Rede Ferroviária Federal S.A. e
 Participação na Comissão de Estudo de Conservação de Documentos da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Palestras/Cursos:

Palestra sobre “Conservação de Acervos Fotográficos”, para equipe do Programa de Preservação de Documentação Histórica/Pró-Documento;
 Palestra sobre “Conservação Fotográfica”, realizada na Universidade Federal de São Carlos/SP;
 Palestra sobre “Conservação Fotográfica”, realizada durante o Encontro Estadual de Museus/Secretaria Estadual de Cultura de S.P.;
 Palestra sobre “Controle de Qualidade” realizado durante a XII Conferência Nacional de Microfilmagem, no Rio, patrocinado pelo Centro Nacional de Desenvolvimento Micrográfico (CENADEM);
 Participação na 1ª Mesa Redonda de Centros de Excelência no Campo da Conservação de Papel e Material Fotográfico, patrocinado pelo Centro Interamericano de Microfilmagem e Restauração de Documentos, Libros y Fotografias e Organização dos Estados Americanos, Santo Domingo/República Dominicana;
 Curso sobre “Conservação Fotográfica”, ministrado na Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia/MG;
 Curso sobre “Conservação Fotográfica”, realizado na Fundação Joaquim Nabuco;
 Curso sobre “Conservação de Materiais não Convencionais”, realizado durante o 14o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, Recife/PE;
 Curso sobre “Conservação Fotográfica”, realizado no Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora/MG;
 Curso sobre “Conservação Fotográfica”, ministrado durante o I Festival Latino Americano de Arte e Cultura.

1988

EXPOSIÇÕES

Sahel, o homem em abandono e outras américas: Sebastião Salgado/FUNARTE
 I Foto Sudeste: coletiva/59 fotografias
 Aristides Alves - fotografias
 Preto no branco: coletiva/8 fotografias
 Nunes Vais - fotografias da Itália do final do séc. XIX e início do séc. XX
 Dois em um - luz, cor e experimentação: coletiva/17 fotografias
 Sedução: Domingues
 Holofractal: Eduardo Kac e Ormeo Botelho

Madeira Mamoré: imagem e memória: Marcos Santilli

PROJETO ITINERÂNCIA

I Foto Nordeste: Galeria de Furnas/FUNARTE

Sebastião Salgado - Fotografias

José Medeiros - 50 anos de Fotografia: Buenos Aires

Brasil, cenários e personagens: Fotogaleria Omega/La Plata-Argentina

III PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

Tema: “A face negra na sociedade brasileira”

nº de inscritos: 93

Trabalhos selecionados: 7

Selecionados: Eduardo Bentes Monteiro, Iatã Cannabrava, Jean Remy Davée Guimarães, Luiz Braga, Ricardo Salcedo Mitrani, Rosary Caldas Esteves Pereira e Ruy Varela

Estados: DF/SP/RJ/PA/GO/RS/Peru

VII SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Rio de Janeiro/RJ – novembro

nº de palestras: 3

nº de palestrantes: 3

nº de oficinas: 13

nº de exposições: 7

nº de coordenadores de oficinas: 16

Palestras

“O vídeo - impacto da imagem eletrônica”: Arlindo Machado, Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP

“A holografia”: Eduardo Kac, artista holográfico que criou, em 1983, a holopoesia

“A computação gráfica”: Ormeo Botelho, começou sua carreira como fotógrafo profissional

Oficinas

“A fotografia independente”: Rogério Reis

“A fotografia como mídia impressa em capa de disco”: Felipe Taborda

“A conservação e preservação fotográfica”: Sérgio Burgi e Sandra Baruki

“Descondicionamento do olhar - uma oficina de linguagem fotográfica”: Cláudio Feijó

“Fotografia de moda”: Cláudia Jaguaribe

“Fotografia e edição”: Sérgio Zalis

“Fotografia e história: Fotobiografia do mundo”: Maurício Lisovski

“História da fotografia no Brasil”: Rubens Fernandes Jr.

“Imagens intemporais: interpretação e registro”: Claus Meyer

“Leitura crítica de imagens”: Walter Firmo, Evandro Teixeira e Luiz Braga

“Leitura crítica de imagens”: Ricardo Chaves, Rubens Fernandes Jr. e Joaquim Paiva

“Linguagem fotográfica”: Clóvis Loureiro

“Processamento fotográfico para a permanência da imagem”: Guilherme Fracornel

“Linguagem e edição da fotografia em cor”: Pedro Lobo

Exposições

“Sebastião Salgado - Sahel, o homem em abandono”

“Fotógrafos peruanos - Um panorama da produção fotográfica desenvolvida atualmente no Peru”

“Holofractal - Exposição de holografia digital ou computação gráfica”: Eduardo Kac e Ormeo Botelho

“O negro - um século no cartão postal - Postais de diversas coleções particulares, abordando a presença do negro no cartão postal, no período de 1888-1988”

“Imagens da criança brasileira”

“O panorama da coleção de fotografia do MAM-RJ”

“Angola, maio de 1988”

Projeção de audiovisuais (Organizador Rubens Chaves)

Projeção de vídeos

Projeção de cromos (Organizador Wilson da Costa)

Visitas programadas

**“Centro de Preservação e Conservação da
Fotografia/PROPRESERV/INFoto/
FUNARTE”**

**“Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/ Departamento
Fotográfico”**

**“Visitas guiadas às exposições da VII Semana com o fotógrafo
Joaquim Paiva”**

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

A fotografia é a sua linguagem: Ed. Espaço & Tempo

Introdução à preservação e conservação de acervos fotográficos: técnicas, métodos e materiais: Sergio Burgi/FUNARTE

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

O negro - um século de cartão postal: Fundação Casa de Rui Barbosa

Fotografia - II Semana Campograndense

Jornadas de fotografia: Buenos Aires/La Plata

2ª Semana Campograndense de fotografia

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Assessorias:

Museu da Inconfidência, Ouro Preto/MG;

Fundação Oscar Niemeyer, RJ/RJ;

Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, RJ/RJ;

Arquivo Público Estadual do Espírito Santo;

SEMAC, RJ/RJ;

Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, RJ/RJ;

Arquivo Público de Mato Grosso do Sul;

Rio Doce Geologia e Mineração S.A.;

INEPAC - Secretaria Estadual de Cultura, RJ/RJ;

Universidade Federal Fluminense/Núcleo de Pesquisa e Documentação em História da Educação Fluminense;

Arquivo Nacional;

Museu Histórico Nacional;

Biblioteca Nacional;

Fundação Casa de Rui Barbosa;

Cursos:

1o Curso de “Treinamento em Preservação e Conservação de Acervos Fotográficos”:

Participantes:

Museu Antropológico Diretor Pestana/UNIJUÍ;

IPAC - Secretaria de Cultura/BA;

Arquivo Edgar Lemnroth/UNICAMP, SP;

Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora/MG;

Fundação Joaquim Nabuco, Recife/PE;

Museu da Imagem e do Som, RJ/RJ;

Arquivo Público do Distrito Federal;

SPHAN/CRD, RJ/RJ;

Apoio: VITAE

Curso de “Preservação Fotográfica”, realizado no Encontro Paulista de Preservação e Memória Fotográfica;

Palestras/Conferências:

Conferência sobre o “Centro de Conservação e Preservação Fotográfica”, realizada na Reunião Anual do American Institute for Conservation/Baltimore,EUA;

Congresso Brasileiro de Arquivologia, Brasília;

IV Seminário Nacional da Associação Brasileira de Conservadores e Restauradores de Bens

Culturais/Gramado, RS;

20 Encontro de Arquivos Privados do Brasil, RJ;

I Fórum Nacional de Museus da Imagem e do Som, RJ e

I Seminário de Materiais e Técnicas Aplicadas à Restauração de Documentos Fotográficos, RJ.

1989

EXPOSIÇÕES

Brasil, cenários e personagens: coletiva/57 fotografos

Mulheres fotografos anos 80: coletiva/35 fotografos

Prêmio Esso de Fotografia - retrospectiva

A mecânica do desejo: Antônio Sagge

Fotografos brasileiros residentes no exterior

VIII SEMANA NACIONAL DA FOTOGRAFIA

Local: Campinas/SP – novembro

nº de palestras: 2

nº de palestrantes: 2

nº de oficinas: 14

nº de coordenadores de oficinas: 19

nº de exposições: 10

nº de mesas redondas: 5

nº de projeções: 4

lançamento de livros: 3

Palestras:

“Hércules Florence: o inventor no exílio”: Boris Kossoy
“Preservação de acervos fotográficos”: Sérgio Burgi
“Procedimentos preliminares para organização de um acervo”: Cássia Maria Mello da Silva

Oficinas:

“A fotografia dentro da história da arte”: Annateresa Fabris
“A fotografia e a pequena história de Walter Benjamin”: Maurício Lissovsky
“Fotografia e expressão pessoal”: Luís Humberto M.Pereira
“Fotografia de rua - o ato de fotografar”: Milton Guran
“Fotografia a cores”: Pedro Lobo
“Laboratório preto e branco”: Francisco da Costa
“Iluminação da fotografia publicitária”: Mário Espinosa
“Fotografia sem câmera”: Regina Alvarez
“Holografia”: José Joaquim Lunazzi
“Antropologia visual”: Hélio Lemos Sôlha
“Imagem digitalizada”: Marcelo Costa
“Introdução prática de vídeo”: Equipe técnica do Centro de Comunicação da Unicamp, sob a responsabilidade de Donato Pasqual Júnior
“Leitura crítica de imagens”: José Roberto Ripper, Luís Humberto, Milton Guran e Walter Firmo
“Relato e troca de experiência”: Cláudio Feijó, João Roberto Ripper e Walter Firmo

Mesas Redondas:

“O uso da imagem como instrumento de pesquisa na Universidade”

- Desenvolvimento científico da imagem: Marcelo Costa Souza
- Tridimensionalidade na imagem: José Joaquim Lunazzi
- Fotografia enquanto análise antropológica: Etienne Samain

**- A utilização da iconografia na pesquisa histórica:
Hermelindo Tadeu Giglio**

Exposições:

**“Brasil, cenários e personagens”: coletiva/84 imagens de
57 fotógrafos**

**“Origens e expansão da fotografia no século XIX”:
imagens de acervo**

“Evolução do equipamento fotográfico”: MIS/Campinas

**“Hércules Florence (1824-1879): a fixação de uma
imagem”: MIS/Campinas**

**“Juntos para sempre: fotos de turma”: Centro de
Memória da Unicamp**

**“São Paulo em cartões postais”: Arquivo Edgard
Leuenroth/Unicamp**

“Iochin”: Milton Guran

“Mecânica do desejo”: Antônio Saggese

“Luminescência”: Pedro Vasquez

“Imagem por holografia”: José Joaquim Lunazzi

Projeções:

“Cromo Clip”: Wilson da Costa

“Rio de Memórias”: filme de José Inácio Parente

“150 Anos da Fotografia”: vídeo, realização da Globosat

“30 Fotógrafos Brasileiros”: vídeo de Sílvio Tandler

Lançamento de Livros:

“Olhares Refletidos”: Joaquim Paiva, Agil/Dazibao

**“Cores do Brasil”: coletânea de fotógrafos, Sver & Boccato
Editores**

**“Brasil, Retratos e Tradição”: coletânea de fotógrafos,
Sver & Boccato Editores**

Entrega do prêmio de fotografia “Augusto Rodrigues”, ao fotógrafo Luis Humberto: Universidade Santa Úrsula/FUNARTE

Comemoração dos 150 anos da fotografia com projeção de daguerreótipo e projeção do filme Rio de Memórias de José Inácio Parente e Patrícia Monte-Mor/SPHAN/Pró-Memória/FUNARTE

Luis Martin: Galeria de Fotografia/INFOTO/FUNARTE/Instituto Cultural Brasil-Argentina da Embaixada da República Argentina

Núcleo Permanente de formação em linguagem fotográfica/SP

Oficina: “Como editar fotografias e organizar um portfólio: coordenadores: Angela Magalhães, Nadja Peregrino e Marcelo Camargo, para o II Festival Latino-Americano de Arte e Cultura

II Festival de Inverno de S. João Del Rey

O circo: Luis Martin/Instituto Cultural Brasil-Argentina

Sebastião Salgado - Fotografias: Vitória/ES

Prêmio Esso de Fotografia

PROJETO ITINERÂNCIA

I Foto Norte: coletiva de fotografias

Sahel, o homem em abandono e outras histórias: Sebastião Salgado/local: MASP/apoio: FUNARTE

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Mulheres Fotógrafos Anos 80/FUNARTE

Foto Sudeste: FUNARTE

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

Apoio Externo:

“Preservação e valorização da memória visual”: Fundação de Ensino do Desenvolvimento do Oeste de Santa Catarina/FUNDEST;

“Acondicionamento do acervo fotográfico do CPDOC”: Fundação Getúlio Vargas;

“Acervo J.J.Oliveira”: Instituto Histórico Geográfico de Juiz de Fora;

“2a Fase do Projeto Memória Fotográfica de Brasília”: Arquivo Público do Distrito Federal;

“Fotografia - Arquivo e Laboratório”: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia;

“Recuperação do Acervo Fotográfico do Museu”: Museu da Imagem e Som;

“Projeto Florence”: Universidade Estadual de Campinas;

“Preservação e Conservação de fotografias em Juiz de Fora”: Fundação Municipal Alfredo Ferreira Lage;

“Preservação Fotográfica”: Prefeitura Municipal de São João Del Rei/MG;

“Acervo Fotográfico”: Prefeitura Municipal de Uberlândia/MG;

“Acervo Fotográfico”: Fundação Niterionense de Arte;

“Arquivo Fotográfico”: Fundação de Arte de Bento Gonçalves/RS;

“Arquivo Fotográfico Petropolitano”: Prefeitura Municipal de Petrópolis/RJ e

“Preservação Acervo Fotográfico da Casa da Memória”: Fundação Cultural de Curitiba.

Cursos/Palestras/Oficinas e etc.

Encontro “Preservação de Documentos Fotográficos”: palestras e oficinas ministradas por dois especialistas norte-americanos, Nora Kennedy e Peter Mustardo.

→ apoio: UNESCO, OEA e Biblioteca Nacional

→ palestras: realizadas na Sala Funarte, para cerca de 180 pessoas

→ oficinas: realizadas no Centro de Preservação e Conservação Fotográfica, para 10 profissionais da área (técnicos do Centro, Arquivo Nacional, Museu de Arte Moderna, Fundação Casa de Rui Barbosa e Biblioteca Nacional.

Curso “Reprodução e Duplicação em Preto e Branco para Arquivos Fotográficos”: participação de técnicos de instituições do Rio de Janeiro, Pernambuco, Santa Catarina e São Paulo;

Realização do evento “150 Anos da Fotografia”, no Paço Imperial, em comemoração ao seisquicentenário do invento da fotografia, na França. Constou da realização pública de daguerreótipos, primeiro processo fotográfico a ser entregue a domínio público;

Edição do Manual “Introdução à Preservação e Conservação de Acervos Fotográficos”: Centro de Preservação e Conservação Fotográfica

1990

EXPOSIÇÕES

Um olhar sobre o sudeste: coletiva/59 fotógrafos

PALESTRAS

Fotojornalismo nos anos 80 - as agências independentes: Angela Magalhães no encontro de curadores da Fotografie Biennale/Rotterdam-Holanda

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Jornal de fotografia: produção Alberto Viana/Curitiba-PR

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARceria

Exposição Cartier Bresson - Sebastião Salgado fotógrafos: Fundação Casa França-Brasil/FUNARTE
Exposição Espelho rebelde: MAM

PROGRAMA NACIONAL DE PRESERVAÇÃO E PESQUISA DA FOTOGRAFIA

1991

EXPOSIÇÕES

EAV-Processo nº 738.765/2: Mostra retrospectiva da Escola de Artes Visuais do Parque Laje

Matando o tempo a golpe de luz: Ed. Viggiani/Galeria Fotóptica/FUNARTE

Cinco anos de fotojornalismo na Revista Goodyear: fotografias produzidas para a revista Goodyear

Olho neles: Adriana Basbaum, Fernando Miceli, Gustavo Caldas e Sidney Lucas

Retratos de casamento: Jacqueline Joner/Galeria Fotóptica/FUNARTE

A morte da Alemanha socialista - maio 1989/outubro 1990 - antes e depois: Eduardo Achutti

PALESTRAS

Ciclo de palestras “A fotografia no século XIX - aspectos sociais e estéticos

“A fotografia e o discurso do real”: Annateresa Fabris

“Fotografia e sociedade na Europa: o caso de Nápoles”: Annateresa Fabris

“Fotografia e sociedade no Brasil: o caso de São Paulo”: Paulo César Goulart e Solange Ferraz de Lima

“Fotografia e sociedade no Brasil: o caso do Rio de Janeiro”: Pedro Vasquez

“Descobrimos a fotografia nos manuais: América 1840-1880”: Ricardo Mendes

“Arquitetura e fotografia”: Maria W. Carvalho e Silvia F. Santos Wolff

“Fotografia e artes plásticas - diálogo e confronto”: Annateresa Fabris

“Pintura e fotografia - a representação da natureza”: Vânia Carneiro de Carvalho

“Fotomontagem e pintura rafaélita”: Margot Pavan

“Pictorialismo e a imprensa: o caso da revista Cruzeiro”: Helouise Lima Costa

IV PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de inscritos: 203

Trabalhos selecionados: 5

Estado RJ

“Rio de Janeiro: um olhar cego sobre a cidade”: Antônio Augusto Fontes

“O esquadrão da morte na baixada fluminense”: Carlos Humberto TDC

“Transferências/interferências de imagens fotográficas instantâneas”: Cláudio Feijó

“O outro lado do retrato”: Jean Guimarães e Rosângela Rennó

“Dicionário da sintaxe fotográfica”: Pedro Vasquez

I ENCONTRO NACIONAL DE COORDENADORES DE EVENTOS FOTOGRÁFICOS

Local: Aldeia de Arcozelo/ Paty do Alferes/RJ

30 minutos de palestra, 30 minutos de debate

→ “Universidade Federal de Minas Gerais: Experiência na organização dos Festivais de Inverno”: Evandro Lemos e Beatriz Dantas;

→ “Projetos desenvolvidos pela Collector’s de São Paulo. Preparação do Encontro Latino-Americano”: André Boccato;

→ “A Semana de Fotografia de Curitiba”: Alberto Viana, Lúcia Camargo Rodrigo;

→ “O Projeto FotoBahia”: Aristides Alves;

→ “A experiência pioneira do grupo Fotoativa em Belém”: Miguel Chikaoka, Geraldo Ramos (MIS de Belém);

→ “Alguns comentários sobre eventos de fotografia no exterior”: Ivan Lima, Márcia Mello e Angela Magalhães;

→ “Relato da experiência de curadoria de exposição fotográfica no Museu da Fotografia da George Eastman House em Rochester, NY. Alguns aspectos do ensino da fotografia no Pratt Institute de N.Y.”: Rui César;

→ “As atividades da União de Fotógrafos de Brasília”: Almir Israel, Duda Bentes, Rinaldo Morelli e Sergio Seiffert;

- “Criação da Coopphoto e suas atividades em Juiz de Fora”: Paulo Bittar e Roosevelt Nina;
- “NAFOTO/Mês da Fotografia”: Isabel Amado;

CONSULTORIA

Organização da exposição “Turning the map - Camerawork Galery/Londres - Inglaterra

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Fotografia: usos e funções no século XIX: Annateresa Fabris/Ed. da Universidade de São Paulo/EDUSP

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO FOTOGRÁFICA

Visitas Técnicas do Centro:

Museu do Jardim Botânico;
 Memória da Eletricidade;
 Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro;
 INEPAC;
 Biblioteca Nacional;
 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;
 Setor Fotográfico do Museu da República;
 Fundação Oscar Niemeyer;
 Arquivo Nacional;
 Coordenação de Folclore e Cultura Popular/IBAC

Assessorias Técnicas:

Seção de Arquivos de Negativos da Divisão de Iconografia e Museus/Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo;
 Biblioteca da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro;
 IBPC: treinamento de fotógrafo;
 Arquivo Nacional: restauração do acervo fotográfico do Correio da Manhã, danificado por inundações;

Oficinas:

Organização e Preservação de Acervos Fotográficos promoção do IBAC, IBPC e Fundação Catarinense de Cultura. Florianópolis.

Trabalhos de laboratório fotográfico e ateliê:

Higienização de 9.500 positivos estereoscópicos em vidros do acervo Guilherme Santos para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro; finalização da higienização do último lote de negativos em vidro do mesmo acervo (4 mil imagens) e realização de trezentas folhas de contato;
 Fumigação das fotografias do Centro Espírita Júlio César;
 Conservação e restauração das fotos de cena feitas por Edgar Brasil para o filme Limite, de Mário Peixoto, sob a guarda do IBAC. Copiagem e montagem de fotos de cena de Limite para exposição realizada pelo IBAC durante o Festival de Cinema de Brasília;

Higienização de duzentas jaquetas de microfilmes da Fundação Rodrigo Mello Franco;
 Diagnóstico de fotografia em gelatina (1,00x1,40m) para a S.A.White Martins;
 Copiagem para exposição de 73 fotografias pertencentes ao acervo do Museu do Folclore Édison Carneiro;
 Testes em filmes aerofotograméticos do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro;
 Reprodução e ampliação de fotografias para o Arquivo Central do IBPC;
 Restauração fotográfica de álbum da Rede Ferroviária Federal.

1992

EXPOSIÇÕES

Máscaras da Bahia: Aristides Alves
 Assim é se lhe parece: Antônio Augusto Fontes
 Internacional Creative Exhibition.Panorama da fotografia mundial: Rotovision-Suíça/FUNARTE
 Terratempo: Pedro Lobo
 A face negra na sociedade brasileira: coletiva/8 fotógrafos selecionados no III Marc Ferrez
 Todo dia é dia de índio: Milton Guran

V PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de inscritos: 96
 Trabalhos selecionados: 6

“Cenário carioca contemporâneo em 3 dimensões”: Antônio Cláudio de Carvalho
 “Baixo São Francisco”: José Caldas
 “Via Láctea com filmes Hipersensibilizados”: Flávio Lobos Martins
 “Projeto de fotodocumentação da população ribeirinha da amazônia”: Júlio Bernardes
 “Animação em um só fotograma”: Pedro Lobo
 “Alguns cariocas”: Sérgio Zális

CONSULTORIAS

Exposição das Brasilien der Brasilianer.Photographie 1945-1990: maio/julho - Zurich/Suíça
 Rio de Janeiro - retratos da cidade - 1840/1992: Interior produção/Centro Cultural Banco do Brasil

LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS

Linguagem fotográfica e informação: Milton Guran - Ed.Rio Fundo/FUNARTE

.

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

Todo dia é dia de índio: durante a ECO/92/Riocentro
 CENTRO DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO FOTOGRÁFICA

Trabalhos de Laboratório Fotográfico e Ateliê:

Continuidade dos trabalhos de conservação, com o treinamento de técnicos do IBPC;
 Embalagem preliminar dos negativos e contatos da coleção Walter Pinto;
 Higienização preliminar (mecânica) da coleção de fotografias coloridas do Museu Mello Leitão, Santa Teresa/ES;
 Tratamento emergencial de fotografia do Museu Casa de Benjamin Constant;
 Continuidade dos trabalhos de reproduções para a Biblioteca Nacional;
 Trabalho de pesquisa para duplicação de negativos para a Fundação Oswaldo Cruz;
 Trabalhos de reprodução/revelação/ampliação para exposição Jouvett, Casa França Brasil;
 Acompanhamento aos trabalhos de conservação do PROFOTO, Biblioteca Nacional;
 Trabalho de conservação/restauração de álbum do Museu Ferroviário;
 Trabalhos de reprodução/revelação/ampliação de painéis para exposição “Retratos da Cidade”, Centro Cultural Banco do Brasil;
 Trabalhos de limpeza de negativos e ampliações de 120 cópias para o projeto “Luis Sá”, de Lucio Muruci;

Assessoria Técnica:

Museu Amazônico/Universidade do Amazonas;
 Biblioteca Nacional;

1993

EXPOSIÇÕES

Paisagem mágica: Zé de Boni
 Contrastes e confrontos: 10 fotógrafos de Brasília/União de fotógrafos de Brasília/FUNARTE
 Pinceladas de Luz: Cássio Vasconcelos/UFF/FUNARTE
 Ver o Círio passar: coletiva/28 fotógrafos - Museu do Círio/FUNARTE
 Advento à liberdade - um documento de mudança: Eva Mahn - Goethe-Instituto/FUNARTE
 Ladrões de Alma: coletiva/9 fotógrafos
 Passe de mágica: Milla Petrillo
 Retratos quase inocentes: coletiva/8 fotógrafos

SELEÇÃO DE PORTFÓLIOS

Comissão:

nº de inscritos: 109
 selecionados: 49

Estados: RJ/BA/SP/RS/PR/PA

VI PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de inscritos: 59
 Trabalhos selecionados: 5

“Ex-votos”: Cláudio Gontijo Guimarães
 “A lua como fonte de luz”: Peter Feibert
 “Rocinha”: Zeka Araújo

“Transamazônica: a fronteira do sonho”: Paula Gomes Sampaio

“Pluralidades”: José Fujocka Neto

PALESTRAS

Panorama de la fotografia Latinoamericana. Fotografia Brasileira Contemporânea: Angela Magalhães no encontro de fotografia latinoamericana/Caracas-Venezuela

PROJETO ITINERÂNCIA

Todo dia é dia de índio: Milton Guran - local: Prefeitura Municipal de Cascavel (Paraná)/FUNARTE

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCERIA

No trilho da imagem: fotografia e memória: palestras e workshops - Museu Casa de Benjamin Constant/FUNARTE

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO FOTOGRÁFICA

Assessoria Técnica:

Arquivo Central do IBPC: treinamento em conservação e preservação fotográfica de 2 técnicos; Museu de Astronomia e Ciências Afins/CNPq: orientação inicial para o projeto de duplicação de negativos de vidro e reprodução fotográfica ;

Parque Lage: consultoria técnica de projeto de reforma do laboratório fotográfico;

Museu Antropológico Diretor Pestana - FIDENE (Ijuí, RS): consultoria técnica ao projeto “Estudo fotográfico da formação de Ijuí”;

UNICAMP;

Biblioteca Nacional: PROFOTO - Projeto de Conservação e Preservação do Acervo Fotográfico;

Museu Imperial: projeto de “Conservação do Acervo Fotográfico”;

Edição de manuais e textos técnicos/Produção de vídeo

“Negativos de vidro - Conservação”: realização do Centro de Conservação e Coordenação de Cinema e Produção de Vídeo da FUNARTE;

- Programa: Procedimentos básicos de manuseio, higienização, estabilização, acondicionamento e guarda. O programa foi elaborado para ser utilizado em conjunto com materiais didáticos complementares (manuais, textos), bem como com o assessoramento técnico do Centro.

Publicação do “Manual Básico de Acondicionamento de Materiais Fotográficos”: de Márcia Mello e Maristela Pessoa;

Produção de folder de apresentação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica, com edição de slides e produção de textos;

Cursos intensivos sobre organização, preservação, conservação e reprodução de acervos fotográficos:

Treinamento em Preservação e Conservação Fotográfica para os responsáveis pelos Acervos Fotográficos dos Arquivos da UNICAMP, Campinas, SP.

Participação das seguintes instituições: Centro de Memória, Sistemas de Arquivos da UNICAMP (SIARQ), Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE), Arquivo Edgard Leuenroth

(AEL), Arquivos Multimeios, todas da UNICAMP, e também com a participação do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas.

Participação no Mês Internacional da Fotografia, com a realização do Seminário “Processos Fotográficos Históricos: pesquisa, prática, preservação e reprodução”: os temas foram desenvolvidos: pela pesquisadora Maria Ignez Turazzi (pesquisa), do Museu Casa de Benjamin Constant/IBPC, e pela equipe técnica do Centro de Preservação. O evento foi realizado pelo NAFOTO-Núcleo dos Amigos da Fotografia, São Paulo, SP;

Evento “No trilho da imagem: fotografia e memória”:

O Museu Casa de Benjamin Constant e o Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da FUNARTE, comemoraram o mês da fotografia (agosto) com uma ampla programação. As atividades incluíram:

Exposição:

“Poses e Trejeitos na Era do Espetáculo: A Fotografia e as Exposições universais no século XIX”: projeto de pesquisa de Maria Ignez Turazzi, contemplado com uma bolsa de artes da Fundação VITAE

Local: Museu Casa de Benjamin Constant/IBPC, patrocínio: FUJI PHOTO FILM DO BRASIL.

Mesas-redondas:

Debatendo: a história, informação, preservação e produção contemporânea de fotografias com os seguintes convidados: Pedro Vasquez, Ana Maria Mauad (UFF, Niterói), João Carlos Horta (IBAC), Sílvia Hunold Lara (UNICAMP), Márcia Ribeiro de Oliveira (Instituto Cultural Itaú, São Paulo), Aline Lopes de Lacerda (CPDOC - Fundação Getúlio Vargas), Helouise Costa e Margot Pavan (Arquivo do Estado de São Paulo), Joaquim Marçal F. de Andrade (PROFOTO - Biblioteca Nacional), Márcia Mello (MAM, RJ), Antonio Augusto Fontes, João Roberto Ripper (Centro de Documentação Imagens da Terra), Rosângela Rennó e Sérgio Zalis.

Local: Auditório do Centro Cultural Laurinda Santos Lobo.

Oficinas:

Concepção e Montagem de Portfólios e Exposições: Angela Magalhães, Marcelo Camargo (FUNARTE) e Nadja Peregrino (UFF) com a participação de fotógrafos, curadores, programadores do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outros e também de instituições como Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Cultura;

Prática de Processos Fotográficos Históricos: João Carlos Horta com a participação das seguintes instituições: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, MIS/São Paulo, entre conservadores, fotógrafos e jornalistas.

Organização de Acervos Fotográficos: Cássia Mello, com a participação de 27 pessoas de instituições como FUNAI e Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, DF; de Florianópolis, SC; São Paulo (Arquivo do Estado de São Paulo, Museu Paulista); Museu Hipólito da Costa, Porto Alegre, RS; Secretaria de Cultura do Ceará; UNICAMP e Museu Nacional de Belas Artes (RJ), entre outras.

Reprodução e processamento fotográfico para permanência: Francisco da Costa, com a participação de 15 pessoas de instituições do Rio de Janeiro (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Secretaria Municipal de Cultura, Casa de Rui Barbosa, Biblioteca Nacional, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro), São Paulo (FAU/USP, MIS) e Minas Gerais (UFOP/Ouro Preto e CECOR/UFMG) e fotógrafos (também do Espírito Santo);

Preservação de Acervos Fotográficos: Sandra Baruki e Nazareth Coury, com a participação de 15 pessoas das seguintes instituições: Museu Ferroviário/RFFSA, SESI-DN, Museu de Astronomia e Ciências Afins/CNPQ, Museu do Exército, Museu Nacional de Belas Artes, Projeto Portinari, Museu Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Arquivo do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro (no Rio de Janeiro), Biblioteca das Centrais Elétricas de Santa Catarina, CECOR/UFMG, Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora/MG),

Secretaria de Cultura do Ceará, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo do Estado de São Paulo, Museu Paulista (São Paulo).

Oficinas:

“Processos antigos”: com João Horta, na II Semana da Fotografia de Porto Alegre, promovida pela Coordenação de Cinema Vídeo e Fotografia/SMC;

“Organizacion, Classificacion, Conservacion, Reproduccion y Difusion de Grandes Archivos Historicos”: Sandra Baruki/FUNARTE e Márcia Mello/MAM, RJ, no “Encuentro Latinoamericano, Caracas, promovido pelo CONAC, Consejo Nacional de la Cultura, Dirección General Sectorial de Cine, Fotografia y Vídeo da Venezuela;

Visitas Técnicas:

Universidade Federal do Rio de Janeiro: turma de “Especialização em Conservação de Bens Culturais”, para aula de preservação fotográfica;

Universidade Federal do Rio de Janeiro: turma de graduação” em “Fotojornalismo” da ECO;
SESC: palestra de apresentação sobre preservação fotográfica, como parte do “Treinamento básico em Artes Plásticas”, com representantes das seguintes regionais: Manaus, AM; Salvador, BA; Brasília, DF; Goiânia, GO; Rondonópolis, MT; Campo Grande, MS; Curitiba, PR; Rio de Janeiro, RJ; Novo Hamburgo, RS; Florianópolis, SC; Chapecó, SC; Aracaju, SE; São José dos Campos, SP e Macapá, AP.

Pesquisas sobre técnicas, processos e sistemas de preservação e conservação de acervos fotográficos:

Desenvolvimento de técnicas e tratamentos de conservação/restauração de originais fotográficos. Como trabalho de pesquisa realizado neste ano, podemos citar:

Restauração do álbum de fotografias da Estrada de Ferro Central do Brasil, pertencente ao Museu Ferroviário;

Tratamento de Conservação e Restauração de fotografias do “Painel comemorativo Bacharéis de Ciências e Letras, 1903, Colégio Anchieta, Friburgo”: trabalho realizado com a Fundação Casa de Rui Barbosa - LACRE/Laboratório de Preservação e Restauração de Documentos;

Restauração de fotografia de grande formato do Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, DF.

Desenvolvimento e otimização de procedimentos para duplicação e reprodução de acervos fotográficos. Também, estudo de técnicas, rotinas e controle de qualidade necessários ao processamento fotográfico para máxima permanência.

Projeto de duplicação de negativos de vidro, tendo como base de estudos o acervo do Museu Botânico do Rio de Janeiro. Consultoria do especialista João Sócrates de Oliveira, em treinamento da equipe do Centro de Preservação

Projeto de remoção de base de negativos danificados de acetato e nitrato de celulose, tendo como base de estudos a Coleção Walter Pinto, da FUNARTE.

1994

EXPOSIÇÕES

Jogos e simulacros: coletiva/5 fotografos

Fotografias da Bauhaus: Instituto Goethe/FUNARTE

Esculturas de luz: Márcio Hudson

Medium: Carlos Fadon Vicente

Veluzcidade: Giovana Assis

Paisagens silenciosas: coletiva/10 fotografos

Sertões: Patrick Bogner

Hommage a trois - exposição comemorativa de 15 anos de fotografia da FUNARTE: Zeka Araújo,

Pedro Vasquez e Walter Firmo

Quem somos nós: Celso Oliveira e Thiago Santana

Leopoldo Plentz e Maurício Simonetti - Fotografias

Flagrantes e ensaios: coletiva/11 fotografos

Ruth Lifschits - Fotografia

Vestígios: coletiva/7 fotografos

VII PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de inscritos: 133

Trabalhos selecionados: 3

“Feira Livre”: Alexandre Cumpledo de Sant’Anna

“O Preto e Branco em exposição”: Cesar Barreto

“Filhos do rosário em nome do pai”: Eustáquio Neves

Estados: RJ/M

SELEÇÃO DE PORTFÓLIOS

Comissão:

selecionados: 38 fotografos

EXPOSIÇÃO	FOTÓGRAFOS	ORIGEM
ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA	ADENOR GONDIM	BA
LIBERTINOS/LIBERTÁRIOS	ALAIR GOMES, CÁSSIO VASCONCELOS, ERNESTO NETO, MARCOS BONISSON E MIGUEL RIO BRANCO	RJ/SP
CORPO	ALMIR ISRAEL, MARIA DE FÁTIMA, MARIA JOSÉ LESSA	DF/SP/RJ
CORES E GRAFISMO	6 FOTÓGRAFOS	RJ
FOTOATIVA	16 FOTÓGRAFOS	PA
FOTOFAGIA	CAO GUIMARÃES/ EUSTÁQUIO NEVES	MG

EXPERIMENTAÇÃO	4 FOTÓGRAFOS	RJ/SP
REGINA STELA	REGINA STELA	SP

PARCERIAS COM A FUNARTE

PARCEIRO	EXPOSIÇÃO	FOTÓGRAFOS	ORIGEM
GOETHE INSTITUT	REVENDO BRASÍLIA	4 3	BRASIL ALEMANH A
CENTRO DE ARTES UFF	CRIANÇA TAPEBA	JOSÉ ALBANO	CE
MUSEU DA REPÚBLICA	ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA	ADENOR GONDIM	BA
CENTRO DE ARTES UFF	FOTOFAGIA	2	MG
CENTRO DE ARTES UFF	IMAGENS DO CORPO	3	RJ/SP
GALERIA QUIRINO CAMPO- FIORITO	CORES E GRAFISMO	6	RJ
ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE	EM PROCESSO	7	RJ/SP
CENTRO DE ARTES UFF	INTERFERENCIAS	PAULO HENRIQUE BATISTA	SP

QUANTIFICAÇÃO DE ATIVIDADES

EXPOSIÇÕES	113
MOSTRA DE AUDIOVISUAIS	9
PALESTRAS	68
ITINERÂNCIAS	10
SEMANAS DE FOTOGRAFIA	8
PRÊMIO MARC FERREZ	8
LANÇAMENTO DE LIVROS/CATÁLOGOS/POSTAIS	
CO-PARCERIAS	
APOIOS/ASSESSORIAS	

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO FOTOGRÁFICA

Evento: “IV Treinamento em Conservação e Preservação Fotográfica”

Período: de 15 de agosto a 30 de setembro

Local: Centro de Conservação e Preservação Fotográfica

Apoio: Fundo Nacional de Cultura, Vitae e FUNARTE.

Participantes: 18

Prefeitura Municipal de Cascavel/PR;

Museu Histórico Padre Carlos Weiss, Universidade Estadual de Londrina/PR;

Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda/PE;

Biblioteca Nacional/RJ;

Museu Benjamin Constant/RJ;

Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade de Campinas/SP;

Museu Paulista/SP;

Museu Amazônico, Universidade do Amazonas, Manaus/AM;

Museu Antropológico, Universidade de Goiás, Goiânia/GO;

Museu Histórico e Artístico do Maranhão, São Luís/MA;

Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, MG;

Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG;

Instituto de Artes e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto/MG;

Universidade de Chile, Santiago/Chile;

Universidade Industrial de Santander, Bucaramanga/Colômbia;

Instituto Nacional de Patrimônio Cultural, Quito/Equador;

Banco Central del Ecuador, Quito/Equador;

Fundaimagem, Merida/Venezuela.

Programação:

Cursos:

“Conservação e Preservação”: Teórico e Prático

Coordenadoras: Nazareth Coury e Sandra Baruki

Total de horas/aula: 204

“Reprodução Fotográfica e Laboratório ”

Coordenador: Francisco Costa

“Elaboração e Análise de Projeto”

Coordenadora: Solange Zúñiga

Oficinas:

“Pioneiros da Fotografia”: Pedro Vasquez

“Processos Fotográficos Históricos”: Sergio Burgi

“Arranjo e Descrição de Acervos Fotográficos”: Cássia Mello

“A Fotografia no Rio de Janeiro”: José Inácio Parente

“A Química Aplicada à Conservação”: Anivaldo dos Santos Gonçalves

“Técnicas em Conservação Fotográfica: relato de experiência”: Márcia Mello

“Armazenamento de Documentos em Suportes Especiais”: Carlos Augusto S.Ditadi

Demonstrações

“Prática de Processos Fotográficos Históricos”: João Carlos Horta

“Archives - Serviços Especializados em Fotografia e Microfilmagem”: Sérgio Burgi

“Dritter - Papéis Especiais”: Gerson Hirdes

Vídeos Exibidos

“Conservação de Negativos de Vidro”: João Carlos Horta, realização Centro de Conservação e Preservação Fotográfica e Coordenação de Cinema e Vídeo, 1993.

“Rio de Memórias”: José Inácio Parente, 1988.

Instituições Visitadas

Biblioteca Nacional

Arquivo Nacional

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Fundação Casa de Rui Barbosa

CPDOC/Fundação Getúlio Vargas

Evento: “Premio Ensayo Fotográfico 1994”

Período: 30 de outubro a 13 de novembro

Local: Casa de Las Américas, Havana/Cuba

Oficina: “Preservación y Conservación de Acervos Fotográficos”

Coordenação: Sandra Baruki

Participantes: 33 alunos da Argentina, Colombia, Costa Rica, Cuba, México e Venezuela.

Total de horas/aula: 50 horas

Visitas técnicas: Instituto de História de Cuba, Centro Nacional de Conservación Restauración y Museologia, Biblioteca Nacional José Martí e Fototeca de Cuba.

Treinamento: “Conservação de slides, política de descarte e atualização de técnicas norte-americanas”

Período: 28 de novembro a 02 de dezembro

Local: Centro de Conservação e Preservação Fotográfica

Coordenação: Nora Kennedy e Peter Mustardo

Participantes: Equipe do Centro de Conservação

Arquivo Edgard Leurenroth

Arquivo Público Mineiro

Museu Antropológico/Universidade de Goiás

Biblioteca Nacional

Museu de Arte Moderna

1995

EXPOSIÇÕES

Faces da Lua

Taxidermia

Bom Jesus da Lapa

Corpo

Cores e Grafismo

Fotoativa

Fotofagia

Experimentação

Portfólio

ASSESSORIA/APOIO/PATROCÍNIO/CO-PARCEIRA

Grafismo Urbano: Galeria Cândido Mendes/FUNARTE

Bom Jesus da Lapa: Museu da República/FUNARTE

VIII PRÊMIO MARC FERREZ DE FOTOGRAFIA

nº de selecionados: 5

“Os caminhos da fê”: Tiago Santana (CE)

“Notas sobre a história da fotografia”: Cezar Bartholomeu (RJ)

“Velha Guarda - memória viva do samba”: Vantoen Pereira Júnior (RJ)

“A representação da mulher gorda nua na fotografia”: Maria Fernanda Vilela de Magalhães (PR)

“Casulo”: Antônio José Saggese (SP)

PRÊMIO NACIONAL DE FOTOGRAFIA

Categoria FOTÓGRAFO JOVEM : MARLENE BERGAMO

Categoria TEXTO, pelo livro “MÁQUINA E IMAGINÁRIO”: ARLINDO RIBEIRO MACHADO

Categoria ARTE (utilização da fotografia com outras mídias): CÁSSIO VASCONCELLOS

Categoria JORNALISMO: MIGUEL RIO BRANCO

Categoria FOTOGRAFIA APLICADA ROBERTO WOLFENSON

Categoria PUBLICAÇÃO, pela coleção PIRELLI/MASP: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, representando o MASP, LUIS SADAKI HOSSARA (Departamento de Conservação do MASP)

Categoria CONTRIBUIÇÃO À FOTOGRAFIA BRASILEIRA: ZEKA ARAÚJO

CENTRO DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO FOTOGRÁFICA

Assessorias/Intercâmbios/Consultas Técnicas

Fundação Biblioteca Nacional: continuidade na assessoria permanente ao PROFOTO;

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: assessoria semanal ao projeto de recuperação e conservação dos álbuns fotográficos de Augusto Malta;

6a CR/IPHAN/RJ: acompanhamento do trabalho de conservação fotográfica dos técnicos do IPHAN;

Museu de Arte Moderna de São Paulo: consulta e orientação sobre limpeza de cromos;

Museu Paulista: elaboração de parecer técnico para o projeto “Aquisição da coleção Fotográfica Militão de Azevedo”;

Universidade Federal de Sergipe: orientações técnicas

Visitas Técnicas

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro: elaborar ficha de diagnóstico para os álbuns fotográficos e assessoria no uso e aquisição de equipamento fotográfico;

Fundação Biblioteca Nacional: orientar sobre confecção de protótipo de caixa porta-negativos;

Clube da Maior Idade/RJ: orientar na elaboração de projeto de acondicionamento de fotografias;

Museu Histórico Abílio Barreto/Belo Horizonte, MG;

Observatório Nacional/RJ: orientar o projeto de conservação e guarda de negativos de vidro e assessoramento na aquisição de material acessório;

Museu da Marinha - Serviço de Documentação do Arsenal da Marinha: parecer técnico sobre o estado de conservação do acervo fotográfico;

Museu dos Teatros/RJ: diagnosticar e propor tratamento preliminar do acervo fotográfico;

Teatro Dulcina/RJ: diagnosticar condições de posters fotográficos;

Museu da Imagem e do Som de São Paulo: discutir projeto de conservação do acervo do fotógrafo Chico Albuquerque;

Arquivo Público do Estado de São Paulo: conhecer e discutir projeto da área de guarda do novo prédio que abrigará o arquivo fotográfico;

Museu de Arte Moderna de São Paulo: conhecer e prestar assessoria ao projeto de conservação e área de guarda do acervo fotográfico;

Museu do Exército - Setor de Documentação: orientar na elaboração de fichas de diagnósticos e no projeto de conservação do acervo fotográfico.

Oficinas/Treinamentos/Palestras

Oficina “Introdução à Preservação e Conservação Fotográfica”

Período: 26 a 30/06

Local: Laboratório de Estudos e Pesquisa do Centro Histórico de Laguna, Santa Catarina/11a CR/IPHAN/SC

Coordenadora: Sandra Baruki

Assistente: Ana Saramago

Participantes: 14 técnicos de instituições do estado

Treinamento de uma conservadora do Arquivo Fotográfico de Florianópolis/SC

Período: 01 e 02/07

Coordenadora: Sandra Baruki

Assistente: Ana Saramago

Comemorações do Centenário do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG:

Palestras:

→ “Introdução à Preservação e Conservação Fotográfica” e exibição e discussão do vídeo “Negativos de Vidro - Conservação”, por Sandra Baruki;

→ “Elaboração e Administração de Projetos de Conservação Preventiva”, por Solange Zúñiga;

→ “Arquivos Fotográficos - arranjo e descrição”, por Cássia M.Silva;

→ “Reprodução Fotográfica e seus Recursos para a conservação de Arquivos Fotográficos”, por Francisco da Costa.

Ateliê de Conservação e Preservação Fotográfica

Treinamento:

→ Atividades práticas e teóricas para 7 representantes de instituições mantenedoras de acervos fotográficos: Biblioteca Nacional de Colômbia (2 participantes), 11a CR/IPHAN/SC, Arquivo do Estado de São Paulo, Archivo General de la Nación (Colômbia), Museu Histórico Abílio Barreto (MG), Museo de Arte de Lima (Peru).

Oficinas:

→ “Elaboração e Administração de Projetos de Conservação Preventiva”, por Solange Zúñiga;

→ “Arranjo e Descrição de Documentos Fotográficos”, por Cássia M.Silva;

→ “Conservação Preventiva-noções básicas e aplicações práticas”, por Luiz Souza, conservador e professor do CECOR da UFMG.

X Simpósio de História.

Levantamento de 17 anos de atividades de Fotografia na FUNARTE

Concepção e coordenação: Angela Magalhães

Assistente: Andreza Abre

FOTOTH - 23 de julho de 1996